



O FARDO DO HOMEM BRANCO

Southey, historiador do Brasil

MARIA ODILA DA SILVA DIAS

brasíliana

volume 344



MARIA ODILA DA SILVA DIAS, professora da Universidade de São Paulo, Departamento de História, com este *O Fardo do Homem Branco (Southey, historiador do Brasil)*, vem preencher uma inexplicável lacuna na nossa historiografia: um estudo de amplas dimensões da obra de Robert Southey (1774-1843), o grande poeta e escritor inglês que figura entre os fundadores da história do Brasil. Neste livro, a autora analisa os valores ideológicos comuns à literatura de viagens e à presença inglesa no Brasil do século passado, cuja vivência teria sido integrada nas matrizes da historiografia brasileira e, através dos estadistas do Império, ao próprio processo de construção do Estado nacional.

De Maria Odila, pesquisadora das mais competentes, sua bagagem de historiadora impressiona pelo bom gosto e erudição, ao tratar de temas pouco estudados, desde *O Brasil na historiografia romântica inglesa: um estudo de afinidades de visão histórica; Robert Southey e Walter Scott* (1967), monografia de grande agudeza crítica, ao ensaio que dedicou a um dos mais controvertidos capítulos da história das idéias do mundo cultural luso-brasileiro, intitulado *Aspectos da Ilustração no Brasil* (1968), assim como em *A interiorização da Metrópole* (1972), trabalho original de interpretação, em que traça linhas renovadoras da pesquisa do processo de emancipação política e de formação do Estado nacional. Mais recentemente, a atenção dos estudiosos se voltou para a magnífica introdução e notas ao *Diário da Guerra do Paraguai (1866)* de André Rebouças, que deixara de ser incluído na autobiografia do grande engenheiro e abolicionista negro. Maria Odila fez a redescoberta desse importante documento histórico, enriquecendo-o com sua introdução e notas do mais alto interesse, numa publicação que teve o patrocínio do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, 1973.

A contribuição ora incorporada à coleção Brasiliana é sem dúvida do maior estofo. Trata-se de livro de envergadura fora do comum, quer pelo seu conteúdo, quer pela crítica, destinado a figurar entre as obras do gênero como um ponto alto. Um livro, em suma, definitivo, não só sobre o historiador e sua técnica, como também sobre a época em que viveu e atuou. Assim é, de fato, *O Fardo do Homem Branco (Robert Southey, historiador do Brasil)*.

Em sua política de colaborar com a editoração privada, o PROLIVRO da Guanabara recomendou a publicação por esta editora de *O Fardo do Homem Branco* (Robert Southey, *historiador do Brasil*), depois de ouvir o conselho que tem como presidente o prof. Carlos Chagas Filho e se compõe do escritor Francisco de Assis Barbosa, da bibliotecária Consuelo Chermont de Brito e dos professores Mário Camarinha da Silva e Sílvio Elia. A comissão tem como coordenador o prof. Leodegário A. de Azevedo Filho.

O PROLIVRO foi instituído pelo Departamento de Cultura do Estado da Guanabara, em 1973, durante a administração do prof. Eduardo Portella, também vice-presidente do Conselho Estadual de Cultura. O Governador Chagas Freitas encampou a iniciativa, assinou decreto e mandou executá-lo pelo Secretário Fernando de Carvalho Barata.

Além de um anteprojeto para a construção da Biblioteca Central do Estado, como modelo e ponto de irradiação das vinte bibliotecas de bairros, em estudo na Secretaria de Planejamento, o PROLIVRO realizou a EXPOLIVRO 73, e a EXPOLIVRO 74, com a participação de todos os editores brasileiros.

Com o volume *Inter-relacionamento das ciências da linguagem* (coordenação de Eduardo Portella e Mônica Rector), o PROLIVRO iniciou uma nova etapa na sua dinâmica e na divulgação de obras de alto nível. A este livro, reunião de conferências debatidas na Seção de Linguística do último congresso patrocinado pela Sociedade para o Progresso da Ciência (1973), seguiram-se outros do maior interesse em vários campos da cultura.

Destacam-se ainda: *Caminhos críticos do pensamento brasileiro*, em dois volumes, sob a direção de Afrânio Coutinho; *Uma forma provençalêsca na lírica de Camões*, de Emmanuel Pereira Filho, e a edição facsimilar da coleção completa de *Estética*, uma das principais revistas do modernismo, que teve nos anos de 1924 e 1925 a direção de Prudente de Moraes, neto, e Sérgio Buarque de Holanda.

A coleção Brasileira tem assim o privilégio de contar entre os seus títulos mais representativos as obras selecionadas pelo PROLIVRO da Guanabara: *Machado de Assis — a pirâmide e o trapézio*, de Raymundo Faoro, e *O Fardo do Homem Branco* (Southey, *historiador do Brasil*), de Maria Odila Silva Dias.

FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

MARIA ODILA DA SILVA DIAS

(da Universidade de São Paulo)

O FARDO DO HOMEM BRANCO

Southey, historiador do Brasil

(um estudo dos valores ideológicos
do império do comércio livre)

Prefácio de

SÉRGIO BUARQUE DE HOLLANDA

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

SÃO PAULO

Proibida a reprodução,
mesmo parcial, e por
qualquer processo, sem
autorização expressa da
autora e da editora.

Direitos desta edição reservados

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
Rua dos Gusmões, 639
01212 São Paulo, SP

1 9 7 4

Impresso no Brasil

Dedico este livro a
SHOLA, minha filhinha
e
a ODILA e CANDINHO,
meus pais.

AGRADECIMENTOS

Desejo agradecer à *Fundação de Amparo à Pesquisa* do Estado de São Paulo e ao British Council, que me proporcionaram acesso às fontes deste trabalho, e às pessoas amigas que me auxiliaram durante sua elaboração. Em primeiro lugar, agradeço a Sérgio Buarque de Hollanda, meu mestre, a quem devo a honra e o privilégio de ter continuado como sua assistente, depois de ter sido sua aluna no Departamento de História da Faculdade de Filosofia (USP), usufruindo de sua orientação, da generosidade dos seus conhecimentos amplos e inesgotáveis. Agradeço também à Professora Maria Thereza Petrone, que assumiu a orientação quando este trabalho foi apresentado como tese de doutoramento à banca examinadora que o aprovou; a Caio Prado Jr., a quem devo muito; a D. Gilda e Prof. Antônio Cândido de Mello e Sousa, que me estimularam desde o início de minha carreira universitária; a meu amigo Celso Lafer, pela dedicação com que leu a tese, aprovou-a e me levou a publicá-la; a Betty Mindlin Lafer, pelo apoio moral de sempre e pela generosidade com que me auxiliou na redação final do livro.

Meus agradecimentos também ao Prof. Richard M. Morse, pela delicadeza com que me acolheu no Departamento de História, em Yale; ao Prof. Charles R. Boxer, pela solicitude com que me recebeu em Londres, em 1963, e pelas longas prosas sobre assuntos luso-britânicos, com que me incentivou, em New Haven, em 1972; a Bolivar Lamounier, a Pingo, a meus amigos de Yale; a Bertram R. Davis, estudioso de Southey; a Harry de Grey Warter, descendente de Southey, que me presenteou com um autógrafo valioso e reminiscências de família; ao Dr. Rubens Borba de Moraes, que me proporcionou acesso às notas da História de Portugal e aos manuscritos da *História do Brasil*, na *Hispanic Society of America*, em N. York; a José de Barros Pinto, pouco depois falecido, autor do romance *A Jangada* e de outros contos

bonitos, que me auxiliou a traduzir citações e anglicismos; a meus amigos do Departamento de História; a Francisco de Assis Barbosa, que decidiu o encaminhamento do trabalho para publicação, e ao Dr. Américo Jacobina Lacombe, que me proporcionou a honra de incluir este livro na coleção por ele dirigida.

M.O.S.D.

São Paulo, fevereiro de 1974

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i> (Sérgio Buarque de Hollanda)	xiii
<i>Abreviaturas</i>	xxiii
Introdução	1
I — A missão do intelectual	21
II — O refúgio do poeta	39
III — História e teoria civilizadora	51
IV — Novos rumos do passado: revolução industrial e tradicionalismo agrário	81
V — Messianismo cultural e política colonial	109
VI — Catequese e ideologia de influência	139
VII — Extinção do tráfico e da escravidão	159
VIII — Portugal e as guerras peninsulares	175
IX — “Commonwealth” e Império informal: as perspec- tivas de emancipação política do Brasil	193
X — Missão reformadora dos ingleses e formação da comunidade nacional	205
XI — História do Brasil: estilo e conceituação	225
XII — História do Brasil: nexos social e Estado-nação . .	255
Bibliografia	297

PREFÁCIO

(de Sérgio Buarque de Hollanda)

Quando redigia sua *História do Brasil*, confessou Robert Southey a um amigo a íntima certeza de que esse livro não era dos que se destinam a perecer: com o correr dos séculos representaria para os brasileiros aquilo que, para os europeus, é o de Heródoto. Passados hoje mais de cento e cinqüenta anos desde seu primeiro aparecimento, o prognóstico não se verificou e nada diz que deva confirmar-se nos séculos vindouros. É verdade que um autor do porte de Capistrano de Abreu, em artigo escrito para sair em apenso a uma edição póstuma da *História Geral do Brasil* de Francisco Adolfo de Varnhagen, visconde de Porto Seguro, se refere àquele dito do inglês qualificando-o de “assomo de justo orgulho”. Quanto ao sorocabano, diz que a sua obra também há de ser lida daqui a séculos, mas lida por profissionais, que o consultarão como quem consulta um dicionário de arcaísmos: “o povo”, diz mais, “só o conhecerá de tradição”. Parece-lhe inferior à de Southey, como forma, como concepção, como intuição, mas inferior só a essa, acrescenta.

O mal desse tipo de confrontos, principalmente se provocados por algum movimento de irritação, está em que, procurando ferir de viés o alvo, correm grande risco de erro. Pode-se perguntar se aquele “povo”, que só de tradição conhecerá o livro de Varnhagen, conheceria muito melhor o de Southey. A irritação de Capistrano de Abreu, que não o impedirá de prestar elevado tributo ao visconde de Porto Seguro com o anotar copiosa e conscienciosamente sua obra-mestra, teria sido despertada, talvez, pela injustiça, “injustiça flagrante”, escreve, com que, sob a capa de louvores bem estudados, nela trata a contribuição de seu antecessor. Varnhagen não foi um espírito ameno e, como temesse sempre que alguém pudesse fazer sombra aos seus altos méritos, costumava tolerar mal oficiais do mesmo ofício. O que nos resta de sua cor-

responção particular, mostra-o constantemente eriçado contra detratores reais ou imaginários, e ciumento de glórias e gloriolas que não se achassem a seu alcance. Tão solícito quanto Southey em proclamar a perenidade de sua obra, não o faz com elegância, nem discrição: “ela viverá (a obra)”, diz, “e fará eternamente honra ao Brasil e ao reinado de seu Excelso Protetor”. . . “grande serviço desta História”, “grande serviço à nação”. . . Tais coisas são ditas ao imperador em carta onde fala do aparecimento do livro e onde anuncia, certamente porque assim o deseja, que Martius se propusera vertê-lo para o alemão, prelúdio de inúmeras outras traduções que já previa. Começa, na carta, por advertir D. Pedro contra os invejosos, que também pressentia, do universal aplauso ao livro, e termina com uma insinuação transparente: talvez, por alguma “graça espontânea” de Sua Majestade, teria, afinal, de abraçá-lo o nome, “como aconteceu aos Brandt”. E ainda quando não devesse ser extremamente difícil entender ou atender à solicitação, o monarca deixará passarem ainda vinte anos, ou quase, para fazê-lo barão e, depois, visconde (com grandeza) de Porto Seguro.

Para Varnhagen que, em resposta às críticas de d’Avezac, inscreve entre os seus títulos mais ilustres o ter sabido abrir caminho, em meio “ao verdadeiro caos” em que se achava a história de seu país, não seria cômodo ter de admitir que alguém de certo modo o tivesse precedido em tão subida empresa. À obra de Southey, que acabou de imprimir-se trinta e cinco anos antes de começar a impressão da sua, não cabe com certeza honra tamanha. Concorda quanto à importância dos trabalhos do “célebre Southey”, mas não aceita que corresponda ao nome que recebeu. Aquilo positivamente não é história do Brasil, poderia intitular-se com mais verdade *Memórias para escrever-se a História do Brasil e dos países do Prata*, etc. É o que se lê em sua carta a d’Avezac e está repetido quase palavra por palavra na 1.^a edição da *História Geral*. Nesta vêm temperadas as graves reservas que faz ao inglês, com frases assim: “De Southey, injustiça de nossa parte e até ingratição, fora não confessar, como Humboldt, que são preciosísimos os três volumes que nos deixou, pelas muitas notícias que encerram, e das quais algumas não se encontram senão aí, e que praticamente tentamos por vezes indicar com várias remissões a essa obra”. Na segunda edição, fica reduzido à terça parte, e menos, o comentário que lhe merece a obra de Southey, e é significativamente omitida a palavra “ingratição” no passo onde tratava do alto preço dos seus três volumes, pois de outra forma não estaria

confessando uma dívida? No entanto conserva sem mudança o trecho onde estava dito que, pelos defeitos que nele aponta, resulta “a falta de unidade, e de ordem ou nexo, e a cansada repetição de insossas descrições (sobretudo acerca dos índios), que são causa de sua pouca popularidade”.

Quando escreveu Varnhagen essas palavras, os volumes a que aludia só eram acessíveis, no Brasil, aos muito poucos historiadores então familiarizados, entre nós, com o idioma do original. E depois, quando mal e incompletamente traduzidos aqueles três volumes, convertidos agora em seis, puderam afinal atingir um público menos exiguo, tornou-se evidente a severidade do juízo que a seu respeito proferira o sorocabano. Razão tinha este certamente onde apontou algumas omissões, mas essas falhas não o impediram de dar uma obra que se sustenta ainda hoje e que em muitos pontos há de ser lida com bom proveito. Southey tivera como ponto de partida o notável acervo de livros e manuscritos sobre coisas luso-brasileiras que reuniu laboriosamente seu tio materno, o capelão Hill, da comunidade anglicana do Porto e depois de Lisboa, e não se cansaria de enriquecer os próprios conhecimentos durante uma residência relativamente breve em Portugal e através de contactos com informantes versados nessas matérias. Entre estes, Koster e Luccock, que moraram por longo tempo no Brasil; o padre João Ribeiro, um dos “patriotas” pernambucanos de 1817, que esperava poder mudar a opinião nimiamente favorável formada pelo inglês a respeito da ação dos jesuítas no Brasil, o conde dos Arcos, o mais solícito e impiedoso repressor daqueles mesmos patriotas, último vice-rei do Brasil, antes de ir governar a Bahia, o qual lhe mandou de presente a *Gramática* de Anchieta, existente em duplicata no arquivo da cidade do Salvador e, por empréstimo, o *Valeroso Lucideno* de frei Manuel Calado. . . E mais do que esses, o próprio pastor Hill e ainda o comerciante John May, um dos seus amigos mais chegados, a quem, declarado em falência em 1821, procurará socorrer, transferindo-lhe todas as suas economias. Eram alguma coisa essas fontes de informação, mas ainda eram poucas em comparação com o que custou de trabalho ao futuro visconde de Porto Seguro, a longa e diuturna coleta de dados requeridos para a elaboração da *História Geral*. Todavia não há grande exagero em dizer-se de Southey que tirou muito mais do que normalmente seria lícito esperar, de uma bibliografia por força lacunosa, ao passo que Varnhagen retirou tudo quanto lhe foi dado obter do muito que descobriu.

O inglês foi poeta prestigioso em seu tempo, mais, aparentemente, do que qualquer dos que, com ele, formavam na “escola” *lakista*, embora de então para cá tenha perdido muito, em renome, para Wordsworth, e muitíssimo, ultimamente, para seu amigo e concunhado Coleridge. Que um poeta e, mais ainda, “poeta laureado”, como foi, também se entregasse ao mister de historiador, não parecia coisa insólita na época. Hume, o filósofo, escreveu, antes dele, uma alentada história da Inglaterra, que rapidamente se tornou obra clássica, e Schiller, poeta como ele, redigiu uma história da guerra dos Trinta Anos, e outra sobre a insurreição das Províncias Unidas contra o domínio espanhol, além de estudos menores sobre matéria histórica. O inusitado e admirável, no caso de Southey, está em que dirigiu sua atenção para uma remota colônia de que pouca notícia havia entre ingleses de seu tempo e em que ao estudo de sua formação se entregou com um calor e um zelo tanto mais extraordinários quanto não visava com tamanho trabalho a ganhar uma popularidade que, como poeta, já tinha de sobra. Nem escreveu tanto para os ingleses de sua época, mas para os brasileiros de hoje e de amanhã. O livro devia caber em moldura ainda mais larga, onde se incluíssem também Portugal e as colônias portuguesas em seu conjunto, mas dessa parte, que seria a maior, provavelmente, no primitivo e mais ambicioso projeto, só resta atualmente um informe amontoado de notas e esboços. Foi nesse estado que os manuseou Maria Odila da Silva Dias quando preparava o presente estudo, e deviam constituir grave desafio a quem quer que neles buscasse discernir alguma coisa daquela visão “orgânica” da História, que Southey pensou inaugurar justamente com o livro sobre o Brasil. Visão por onde se aproximava muito mais dos antepassados da “escola histórica” alemã, de Herder principalmente, que estava a mão na biblioteca particular de Coleridge, depois incorporada à sua, e ainda de alguns pré-românticos ingleses, do que dos corifeus da Ilustração, como Voltaire, Hume, Gibbon ou Robertson, cujas idéias dominavam sobranceiras ainda o clima intelectual da Grã-Bretanha da primeira década do século XIX.

Os estorvos que, para a média dos leitores ingleses, devia oferecer uma obra excepcionalmente vasta sobre assunto tão mal sabido e de tão escasso interesse, não deixariam descortinar a originalidade da concepção do autor, que não queria abarcar o processo histórico através de generalizações e abstrações, mas procurava captá-lo em seu movimento natural, de sorte que o leitor, por sua vez, também o revivesse, tanto quanto possível, como

quem dele participasse ativamente, em vez de tomar a postura de quem o contempla numa distante condescendência. Diante de matéria tratada com zelo tão prolixo, como devia parecer uma obscura colônia portuguesa dissecada ao longo de três compactos volumes, a novidade de semelhante concepção não tinha voz ou falava tão em surdina que mal se fez sentir no momento em que lhe seria possível, em outras condições, oferecer estímulo fecundo aos historiadores. Não admira se numa resenha de 1824, no *Blackwood's Edinburgh Magazine*, houve quem apresentasse a *História do Brasil* como a “produção mais ilegível dos nossos dias”. Ficara pasmo o resenhador só à vista de “dois ou três fólhos gigantescos (*elephant folios*) acerca de uma só colônia portuguesa. Os coronéis, capitães, bispos, frades mais ínfimos aparecem ali como se tivessem sido outros tantos Cromwells ou Loyolas”. Alguns autores, porém, e dos mais ilustres de seu tempo, não se mostraram tão insensíveis aos recursos que permitiram a Southey sobressair da atmosfera mental dos historiadores da Ilustração. Em estudo que a autora deste livro publicou anteriormente sobre “O Brasil na Historiografia romântica inglesa” salienta-se devidamente a grata surpresa com que Walter Scott acompanhou, através da obra do amigo, as antigas proezas dos aventureiros lusitanos e luso-brasileiros numa obscura colônia da América do Sul: “Vinte vezes vinte vezes obrigado”, escrevia-lhe o criador de Ivanhoé, “pela *História do Brasil*, que foi, neste mês passado, minha distração, meu conforto e uma fonte de saber . . .”, “. . . minha leitura obrigatória de cada dia, depois do almoço até a hora do chá . . .”, “. . . acordou um tipo de sensação que em mim eu já imaginava coisa morta . . .”.

Nesses arrepios de entusiasmo, sua comentadora brasileira vislumbra muito da sedução do exótico, do primitivo, do rude, que fazem parte do universo de Walter Scott, mas ainda sublinha, creio que com razão, a presença de uma afinidade essencial dos dois autores no que respeita à imaginação histórica. Mas nem por isso julgou que a fantasia poética prejudicasse em Southey a sobriedade e o gosto da exatidão, que naturalmente pertencem ao mister do historiador. Alguns o criticaram, como o resenhador de Edimburgo, sem lhe pôr esse defeito, mas tão-somente porque publicou enormes cartapácios sobre coisa tão mofina como parecia uma simples colônia portuguesa. Outros, pelo mesmo motivo, deixariam de lê-lo, sem no entanto precisar admitir que desmerecessem a glória de um poeta laureado. Não se resume a esse valor fiduciário, por assim dizer, a dívida de Southey historiador ao poeta Southey. Registrando o que ouviu da garrulice não raro maledi-

cente de Coleridge, escreveu Keats numa carta que, para o poeta laureado, existiam sereias de carne e osso: seriam sereias de sonho, dos muitos sonhos que sonhava, às vezes até em português, e gostava de comentar. Suspeito também que acreditasse piamente na existência das amazonas antigas à beira do rio-mar. Seja como for, o certo é que o fabuloso dessas imaginações não resistia muito, na obra do historiador, ao meticuloso escrutínio a que este sujeitava todas as informações colhidas, criticando-as e fazendo criticá-las por autoridades competentes, ou aconselhando-se com os entendidos sobre as próprias dúvidas e suspeitas. Pretendia, como historiador, usar uma linguagem condensada e “chá como as colunas dóricas”. Mas é fora de discussão que suas fantasias parecem bem menos rebarbativas do que algumas teorias de Varnhagen, quando este pretendeu ter demonstrado que os tupis (e carijós) não eram outra coisa senão os antigos cários da Ásia Menor transferidos, em épocas imemoriais, para as selvas da América do Sul, ou onde recomenda vivamente a criação de tamanduás, como o remédio mais prático para livrar as nossas lavouras da praga da saúva.

Onde podiam bem afinar o inglês e o sorocabano era, segundo parece, no desamor que votavam ambos às explosões revolucionárias que ameaçavam antigas colônias europeias depois de terem querido engolir a própria Europa. No caso de Varnhagen, sua posição extremamente reacionária tem a ver com um acendrado respeito às hierarquias, confessado a D. Pedro em carta onde pede ao imperador que o não confunda com Herculano, um meio socialista a seu ver, porque “nem quis ser empregado do Estado”. No poeta inglês a mesma posição prende-se à idéia de que os movimentos sediciosos servem só para perturbar o curso espontâneo das mudanças necessárias; estas não se impõem à força, no seu entender, mas devem naturalmente amadurecer, até o ponto em que seja inarredável o seu advento. Ele não se mostra mais favorável do que o historiador brasileiro para com a memória dos Inconfidentes de Minas Gerais, e no entanto chega a estigmatizar como “bárbara” e “ultraje à Humanidade” a sentença que condenou o Tiradentes. É explicável semelhante atitude em um *tory* confesso, do tempo em que os *tories* ainda não se chamavam conservadores. Entretanto, em sua mocidade se deixou empolgar, como tantos outros ingleses da mesma época, pelas primeiras notícias da Revolução Francesa, e chegou a ver nelas um apelo para a ação. Nelas e, mais ainda, nos escritos de Godwin, que na última década do século XVIII se achou transformado, de um momento para outro, em verdadeiro oráculo, temido de muitos e

aplaudido por outros devido às suas audácias generosas. Animados por essa pregação, Southey e Coleridge rumaram certa vez para Bristol com a intenção de se dirigirem à América, onde deviam fundar uma comunidade ideal, ignorante de leis, superstições, propriedade privada, injustiças de qualquer natureza, tudo quanto entravasse a livre iniciativa dos homens, e para ela já tinham reservado o nome nada poético de Pantissocracia. Aconteceu, porém, que, enquanto esperavam a hora de embarcar, o sonho se evaporou de repente, porque verificaram que não tinham dinheiro para fretar o navio.

Desfeito assim o plano, “tão inocente quanto extravagante”, que no entanto serviu para desviar os poetas do caminho da sedição, segundo irá escrever Coleridge muito mais tarde, também não podem eles esperar muito das truculências da Revolução, pois sua fé comum na regeneração social não os levava além da inocente extravagância. Com efeito, a própria utopia que se tinham proposto edificar, mostra como achavam só possível a realização da sociedade justa, por meio da persuasão, nunca pelo apelo à violência. A expedição projetada e malograda às plagas pantissocráticas ficou pois resumida, para Southey, numa das suas retomadas de contato com a terra natal e, em suma, em um mergulho no passado. Bristol, a cidade em que nasceu, sempre fora cidade de mercadores e armadores, governada por uma oligarquia de famílias patrícias como a dos Cannynges que, no século XV, oito vezes lhe deu prefeitos (de um deles, William Cannynges, chamado o Grande, descendia aliás, em linha reta, o estadista George Canning, um dos numes do poeta) e que, já então, não pensava em termos apenas europeus, pois consta que num verão de 1480 deixaram seu porto dois navios sob a proteção da Virgem (*fulcando Maria*) para ir buscar e achar uma ilha misteriosa chamada *Brasyll*. Agora, porém, tendo sido por longo tempo a segunda cidade do Reino, segunda em população, depois de Londres, não se mostrava tão pressurosa como outros portos, Liverpool, por exemplo, sem falar nos grandes centros fabris ou mercantis — Birmingham, Manchester ou, na Escócia, Glasgow, até Edimburgo — em assimilar tudo quanto significava a Revolução Industrial.

Robert Southey, que se ia fazendo cada vez mais um contra-revolucionário e mesmo um antimoderno, parecia bem à altura dessas tradições ancestrais. Ora, o antimodernismo não era necessariamente impopular, na medida em que denunciava, por vezes de modo agressivo, as inovações técnicas tendentes a suprir o trabalho humano, naturalmente à custa dos trabalhadores que levava

ao desemprego, e além disso casava bem com certa sensibilidade romântica. Pode-se, porém, dizer outro tanto de uma aquiescência sistemática à santa ordem estabelecida, santa porque traz a chancela de um venerando passado? A verdade é que essa filosofia de emergência e que tão mal condiz com o espetáculo de um progresso material sem precedentes, só tinha como perdurar na Inglaterra enquanto pairassem dúvidas sobre o futuro da própria nacionalidade. Um ambiente carregado de ansiedade e medo, medo da Revolução, depois medo de Napoleão, explicava algumas cautelas, não raro repressivas, do poder público e dos homens de mais responsabilidade, nostálgicos dos bons e velhos tempos. Fechado, entretanto, o parêntese, já haverá lugar para um novo festival libertário, impaciente com os conformismos acadêmicos e laureados da geração precedente. Assim um Shelley, que não se cansará de admirar o passado “jacobino” e pantissocrata de Southey, dele se despede agora como de um triste renegado. Mais ferino ainda, Lord Byron recorre a uma pobre rima (*Southey — lousy*) para melhor injuriá-lo.

O tempo não dá sempre razão ao radicalismo de reações como essas. Sobre Wordsworth, o amigo e companheiro de Southey, como este, e logo depois deste, também poeta laureado, foi dito que, chegada a velhice, se tornou mais popular do que o Byron morto e sepultado. Igual fortuna faltou a Southey, mas nem isso impede que ainda tenha devotos. Lembro-me de um historiador e notável “brasilianista” norte-americano George Boehrer que, falando no autor da *História do Brasil*, e não sei se também no poeta, tinha o costume de deformar deliberadamente a pronúncia inglesa do nome de Southey, para evitar a ofensiva rima byroniana. E o mesmo ainda faz, se não me engano, seu amigo Manuel S. Cardoso, diretor da biblioteca Oliveira Lima, da Universidade Católica de Washington, D. C., nos Estados Unidos.

Maria Odila da Silva Dias, a autora deste livro, não se filia aos devotos do historiador poeta ou, ao menos, não pretende apontá-lo como um modelo sempre vivo. Julgo conhecê-la o bastante como antiga aluna e, mais tarde, assistente da cadeira de História da Civilização Brasileira na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de S. Paulo, então sob minha responsabilidade, para saber que, com sua curiosidade intelectual constantemente alerta, com seu jamais contentar-se de conhecer ou pesquisar assuntos pela metade, sua formação cultural honesta e discreta, tem todo o necessário para distinguir os caminhos e os descaminhos que podem levar às restaurações postiças e fraudu-

lentas. A idéia de escrever este livro, ela a teve quando estudante ainda e ainda *teen-ager*, e desde então, a meditação e o estudo sobre a obra e a época de Southey parece ter sido um dos pontos de partida de toda uma constelação de estudos, e só me refiro aqui aos publicados, como o trabalho já mencionado sobre “O Brasil na Historiografia Romântica Inglesa, um estudo de afinidades de visão histórica: Southey e Walter Scott”, ou ainda “Aspectos da Ilustração no Brasil”, e também “A interiorização da Metrópole (1808-1853)”. Mas frisar principalmente a atenção que dedicou aos problemas dos fins do século XVIII e da primeira metade do XIX, parece uma limitação forçada de um amplo círculo de interesses, que pode abranger desde sua tentativa de retroversão para o português de um texto do padre Fernão Cardim perdido no original e que existe só em inglês na compilação seiscentista de Samuel Purchas, até a publicação das partes ainda inéditas, inéditas até essa publicação do diário de André Rebouças, relativas à guerra do Paraguai, que anotou minuciosamente. No livro que agora se publica o que sobretudo se teve em vista, e está dito em suas páginas, é fixar um tipo de mentalidade caracterizado pela expressão “o fardo do homem branco” que Kipling celebrizou, e que, marcando o Império Britânico do comércio livre, continuaria presente na fase de formação e consolidação do Estado brasileiro. Ele agiria sobre estadistas empenhados na construção da nacionalidade e até sobre nossos pensadores e historiadores de fins do século passado e inícios do atual. Relendo-o agora, depois de o conhecer ainda em fase de elaboração, e ainda sob a forma de tese de concurso, vem-me à lembrança a constante aversão a reformas mais substanciais que marca singularmente a história do Império brasileiro, e parece estar à base do *festina lente* do Segundo Reinado. Herança, talvez, do espírito da Inglaterra pré-vitoriana, diretamente recebida ou por intermédio da monarquia burguesa de Luís Filipe. Recebida, é verdade e mal ou bem absorvida, num país que ainda não tinha nascido para a Revolução Industrial e que não tinha propriamente uma burguesia.

**O FARDO
DO HOMEM BRANCO**

ABREVIATURAS

- L&C** Southey, Charles Cuthbert, org. *The Life and Correspondence of Robert Southey*. Londres, 1849-50. 6 vols.
- Selections** Warter, J. W., org. *Selections from the Letters of Robert Southey*. Londres, 1856. 4 vols.
- NL** Curry, Kenneth, org. *New Letters of Robert Southey*. Nova York, Columbia University Press, 1965. 2 vols.
- Colloquies** Southey, Robert. *Sir Thomas More: or, Colloquies on the Progress and Prospects of Society*. Londres, John Murray, 1829-31. 2 vols.
- QR** *Quarterly Review*.
- Journals** Cabral, Adolfo, org. *Journals of a Residence in Portugal 1800-1801 and a Visit to France 1838*. Oxford, Clarendon Press, 1960.
- Rev. IHGB** *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*.
- Cintra** Wordsworth, William. "Concerning the Relations of Great Britain, Spain and Portugal" (1809). In: *Prose Works*. Londres, Edward Moxon, 1816. vol. 2, p. 241.

“Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas idéias e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra.” (Sérgio Buarque de Hollanda, *Raízes do Brasil*, p. 3.)

“Les Européens seuls sont capables d'apprendre aux Indiens leur propre histoire, et de voir dans leurs traditions, dans leurs monuments, des idées et des faits qui ne sauraient être découverts et compris par les Indiens eux-mêmes.” — Doctrine of S. Simon (Robert Southey, *Common Place Book*, vol. II, p. 118.)

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar a obra de Robert Southey sobre o Brasil, integrando-a na época e no meio em que foi escrita. Tivemos a intenção de estudar o modo pelo qual os valores do conservadorismo inglês e do humanitarismo autoritário, que caracterizam a política colonial da Inglaterra, na primeira metade do século XIX, tornaram possível uma primeira sistematização das fontes sobre a história colonial brasileira e uma primeira interpretação peculiar das perspectivas que oferecia o Brasil para transformar-se em nação independente, na época da sua separação de Portugal.

A separação política não coincidiria com a consolidação da unidade nacional e, na falta de uma consciência nacional bem definida, não seria muito de esperar, naquela data, que partisse dos ilustrados brasileiros o primeiro ensaio de interpretação histórica, com uma visão orgânica e de conjunto sobre a evolução e as peculiaridades da colonização portuguesa. Em seu exílio na Inglaterra, onde absorveria as forças de maturação política do ambiente

em que vivia, Hipólito da Costa pretendeu realizar a façanha⁽¹⁾, mas sem levar a efeito o projeto. Nas primeiras décadas do século passado, o máximo de visão de conjunto alcançado seria o dicionário geográfico das possessões portuguesas na América, redigido por Aires do Casal⁽²⁾. Entretanto, desde a vinda de D. João VI para o Rio, ansiava-se, nos meios ilustrados, por uma obra que abrangesse toda a história da colonização portuguesa e que viesse completar e atualizar a de Rocha Pita.

Em plena fase de “construção” do Estado, os notáveis do império hão de voltar-se para a tarefa, como expressão da “vontade de ser brasileiros”⁽³⁾; como decorrência da necessidade de definir raízes e circunscrever o próprio “ethos”; como parte, enfim, integrante e crucial, do programa ideológico de construção da nacionalidade⁽⁴⁾. Já então teria o Instituto Histórico de corresponder ao desafio representado pelos três volumes de Robert Southey. A obra de Varnhagen chegaria a ultrapassar a sua como documentação, porém não na amplitude da conceituação, como reconheceria Capistrano de Abreu nos fins do século passado⁽⁵⁾. A parcialidade de Southey, como protestante, e seu chauvinismo anglo-saxão causariam irritação em meio à luta de enraizamento e ao nativismo, exacerbado e xenófobo, que marca o temperamento de determinados setores do império; este seria agravado por assomos de repulsa à tutela da Grã-Bretanha, mormente no dia-a-dia da vida política, como resposta contra a pressão pela extinção do tráfico, que atinga forças vitais da sociedade, tal como era constituída⁽⁶⁾.

(1) "... The Editor of the *Correio Braziliense* announces a History of Brazil by himself and advertizes for materials; the Portuguese he says may be assured that he will not vitiate them thro ignorance of the language as some English and French writer have recently done to whom some Portuguese had communicated valuable manuscripts which they would not entrust to their own countrymen. This fellow is a rogue... His motive is plainly that he means to appropriate as much of its matter as he can, without acknowledging the source..." (Carta ao Rev. Hill, de 24 de abril de 1818. *Fitz Park Museum Mss*, ff 46, 47); cf. *Correio Braziliense*, 17: 300, set. 1816.

(2) Casal, Manuel Aires de. *Corografia brasíllica ou Relação histórico-geográfica do Reino do Brasil composta e dedicada a Sua Majestade Fidelíssima por um presbítero secular do Grão-Priorado do Crato*. Rio de Janeiro, na Impressão Régia, 1817. 2 vols.

(3) Mello e Souza, Antônio Cândido de. *Formação da Literatura Brasileira*. São Paulo, Martins Ed. (s.d.). vol. 2, pp. 112-4.

(4) Id., *ibid.*, vol. 2, p. 11; cf. Campos, Pedro Moacyr. "Esboço da historiografia brasileira nos séculos XIX e XX", apud Glenisson, Jean. *Introdução aos Estudos Históricos*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1961, p. 250.

(5) "... Em resumo, a História Geral de Varnhagen é inferior à História do Brasil de Southey, como forma, como concepção, como intuição, mas é inferior somente a esta..." (*Ensaços e estudos*. Edição da Sociedade Capistrano de Abreu, 1931. vol. 1, pp. 214-5.)

(6) Januário da Cunha Barbosa, em discurso de 1839: "... E deixaremos sempre ao gênio especulador dos estrangeiros o escrever a nossa história, sem aquele acerto que melhor pode conseguir um escritor nacional?..." (*Rev. IHGB*, 1 (1): 15, 1839); Manuel de Araújo Porto Alegre, em seu relatório de 1858: "Southey aglomerou uma

O fato é que a visão implícita na *História do Brasil* de Southey não seria mais européia ou europeizante do que a própria visão dos estadistas fundadores do império. Elaborada na Inglaterra, por um poeta romântico marginalizado e profundamente imbuído dos valores da ideologia conservadora da contra-revolução, sua obra faria com que a história colonial brasileira fosse pela primeira vez integrada no contexto da moderna civilização européia, de um prisma ambíguo de crítica ao capitalismo industrial, a partir de uma perspectiva tradicionalista e agrária e ao mesmo tempo afirmativa, através de uma conceituação evolutiva e organicista da história, da superioridade das tradições e instituições européias a serem implantadas nos trópicos.

Como conservador militante, através de um nacionalismo atuante e integrador de conflitos sociais, Southey estava empenhado no fortalecimento do Estado e na institucionalização de laços sociais paternalistas, que absorvessem no todo da sociedade as novas classes trabalhadoras e as populações nativas das dependências coloniais. Seria precisamente em função de seu prisma anglo-saxônico, preocupado com a regeneração da sociedade inglesa, que via ameaçada pela Revolução industrial, que Southey se voltaria para a história das colônias portuguesas. Foi o que lhe permitiu vislumbrar, nas primeiras décadas do século passado, certas peculiaridades da formação mestiça da sociedade brasileira, oriundas da colonização comercial, e apontar, com raro escrutínio, vícios atávicos nas relações entre a sociedade civil e o Estado nas colônias do Brasil.

A sua obra é ao mesmo tempo uma crítica à colonização de exploração comercial e uma análise do processo de formação do Estado no interior de uma sociedade colonial. Imbuído do ideal agrário dos artesãos de sua terra, como programa de coesão e harmonia social, o historiador é eminentemente crítico do sistema de exploração de metais preciosos e do despotismo fiscal da coroa portuguesa:

série de memórias históricas e documentos e ligou tudo isto como um crítico que desconhece o país, o espírito do povo que descreve e suas tradições locais; algumas vezes peca como Goldsmith (sic) na sua história romana..." (Rev. IHGB, 21: 512, 1858); prospecto da publicação do Compêndio de Abreu e Lima, transcrito por Varnhagen: "... A dignidade do país e a ilustração do povo brasileiro exigiam que uma pena nacional se ocupasse pela primeira vez de escrever a sua História, visto que até agora não possuíamos, além de poucos escritos do século XVI e XVII, senão algumas memórias incompletas ou esquecidas em mãos particulares. Era doloroso ver que a História do Brasil se tivesse tornado uma especulação estrangeira, e que se importassem no Brasil todas as falsidades, que resumbram em cada página dessas produções, empestadas de mau gosto, e recheadas de insultos à inteligência nacional" (Rev. IHGB, 21: 60, 1844).

... Antes tivessem os diamantes permanecido no leito dos riachos das montanhas e pisados pela gente selvagem; antes tivesse o governo português arrecadado aquela receita de outro modo ou prescindido dela, do que ter forjado um sistema que principia e termina no mal ... gerando a iniquidade e a injustiça no seio do governo; a fraude, a calúnia e a prevaricação no povo; a traição, a suspeita, culpa, desgraça e ruína. De nenhum outro rio do mundo se extraiu riqueza maior do que do leito do Jequitinhonha; entretanto, o menor riacho de irrigação dos prados da Savóia e do Piemonte trouxe um bem maior... (7)

Aparentemente seduzido por tendências fisiocratas, favorece o fortalecimento do poder estatal em função da política de reformismo ilustrado, fomentadora de atividades agrícolas. Sua obra veicula os valores da filosofia política de Burke e de Coleridge. A fim de suprir as falhas de nexos moral da sociedade colonial, prevê a necessidade de reformas, capazes de transformar a colônia num futuro Estado centralizado, de poder executivo forte. Como precursor de uma espécie de socialismo cristão e, sobretudo, como historiador de orientação essencialmente intelectualista, Southey deposita grande fé na possibilidade de uma educação estatal:

... O governo pode tentar outros meios que não a imposição das leis pela força; pode alcançar muito mais através do recurso todo-poderoso da educação... (8)

Foi, com isso, levado a realçar a obra missionária dos jesuítas e a exaltar o cooperativismo teocrático das reduções guaranis.

Interessado na transformação da sociedade colonial em futuro Estado-Nação, Southey é crítico do atraso e das superstições católicas dos portugueses. Apesar da mestiçagem e da política de integração étnica que admira nos portugueses, vê na sociedade colonial mil focos de dispersão e de anarquia; os vícios da sociedade escravocrata e do localismo exaltado de potentados rurais; a ausência de laços comunitários que favorecessem a implantação das virtudes da civilização em meio à selvageria da colônia. Contra o isolamento no meio inóspito dos trópicos e o retrocesso a uma selvageria pior que a dos índios, o historiador propõe as vantagens civilizadoras do comércio, diversificando as necessida-

(7) Southey, Robert. *History of Brazil*. Londres, 1819. vol. 3, p. 643.

(8) Id., *ibid.*, vol. 3, p. 149.

des, estimulando o convívio, a vizinhança cordial, as comunicações do interior com o litoral e a integração da colônia na moderna civilização ocidental.

É otimista com relação à vinda da corte portuguesa para o Rio e a fundação do novo império. Atribui ao Estado português a missão modernizadora necessária para ajustar o país aos benefícios civilizadores do comércio inglês. Sob a iniciativa estatal, reformas administrativas e judiciárias viriam garantir a coesão social e o progresso. Southey termina a sua obra com a vinda da corte e a abertura dos portos, vislumbrando perspectivas de reforma, progresso e regeneração, a serem propiciadas pelo comércio inglês. As fábricas de algodão, que contaminavam e corroíam a sociedade na Inglaterra, contribuía paradoxalmente para a regeneração dos sertões dos trópicos brasileiros⁽⁹⁾. Era o seu modo de reconciliar-se com a sociedade em que vivia. Pessimista e cético a respeito das perspectivas que oferecia o capitalismo industrial na Inglaterra, ainda assim apegava-se ao messianismo cultural que justificaria a expansão do império do comércio livre e que identificava o predomínio internacional da Inglaterra no processo universal de aperfeiçoamento da condição humana...

As idéias de Southey sobre a formação da nacionalidade brasileira, ao mesmo tempo em que espelhavam a ideologia conservadora peculiar ao ambiente atribulado da Inglaterra pré-vitoriana, vinham ao encontro da política contemporânea de influência inglesa na consolidação do novo império português. Refletiam as correntes de opinião mais conservadoras sobre a política inglesa com relação a Portugal e ao Brasil contemporâneo e a relutância manifestada na Inglaterra por setores "ultra tories" em reconhecer o novo Império, em virtude do princípio de respeito a compromissos tradicionais com a metrópole portuguesa⁽¹⁰⁾. Esta atitude teria sua contrapartida no interesse dos próprios ingleses em manter o Brasil unido. Motivo pelo qual Canning teria reservas e dúvidas sobre o modo de impor a extinção do tráfico: parecia-lhe perigoso reclamar, à força, uma medida que poderia redundar na destruição da unidade e da própria continuação do novo império, ameaçando sua sobrevivência. "Não se impõe a moral com baionetas"⁽¹¹⁾.

(9) Id., "On Henry Koster's Travels in Brazil", *QR*, 16 (32): 369, jan. 1817.

(10) Webster, Charles K. *The Foreign Policy of Castlereagh, 1815-1822 (Britain and the European Alliances)*. Londres, G. Bell and Sons, 1958; id., *Great Britain and the Independence of Latin America*. Londres, Oxford Univ. Press, 1938; Temperley, Harold. *The Foreign Policy of Canning*. Londres, G. Bell and Sons, 1925.

(11) "Morals were never well taught by the sword", diria igualmente Castlereagh, a respeito da extinção do tráfico de escravos (Klingberg, F. J. *The Anti-Slavery Mo-*

É incontestável a penetração, juntamente com o comércio e os investimentos de capitais ingleses no Brasil no século passado, de padrões culturais e valores ideológicos do mundo anglo-saxônico. A receptividade cultural, senão ideológica à pressão externa inglesa, constitui fenômeno que merece ser mais amplamente estudado⁽¹²⁾.

O presente trabalho foi uma tentativa de contribuição para o estudo do significado ideológico implícito nas imagens e conceitos interpretativos da formação e da situação brasileiras os quais, forjados embora, no exterior, encontrariam no Império do Brasil uma mentalidade elitista e europeizante, curiosamente apta a assimilá-los.

Certos valores fundamentais, implícitos na obra de Southey, o conservadorismo paternalista, a fé na superioridade da cultura européia, senão a prevenção contra as heranças étnicas da escravidão, embora arraigados no imperialismo britânico, também se enraizariam na historiografia brasileira, de modo que, através de sua obra, podemos estudar muitos dos preconceitos dos intelectuais e dos estadistas brasileiros do século passado, com relação ao meio em que viviam. O próprio Varnhagen absorveria de um prisma nativista mais estreito os mesmos ideais contra-revolucionários, a convicção da necessidade de um executivo centralizado, de um Estado autoritário e uma visão crítica da sociedade colonial, igualmente européia.

As afinidades entre a ideologia imperialista dos ingleses e a dos construtores do império, embora paradoxais, não causam estranheza uma vez que a luta pela centralização do poder e pela integração nacional consumir-se-ia nos padrões de uma política intensiva da corte, de colonização interna das outras províncias, sempre sob a égide da pressão diplomática da Grã-Bretanha⁽¹³⁾. Na Inglaterra, em reação contra excessos do liberalismo democrático, a ideologia conservadora propunha o fortalecimento do Estado, visando à coexistência pacífica de todas as classes geradas pela Revolução industrial e a reestruturação do novo im-

vement in England. New Haven, 1926. p. 144; cf. Bethell, Leslie. *The Abolition of the Brazilian Slave Trade (Britain, Brazil and the Slave Question 1807-1869)*. Cambridge Univ. Press, 1970. p. 12). Sobre o receio de Canning de que a abolição no Brasil viesse comprometer a integridade da nova monarquia e comprometer os interesses comerciais ingleses, cf. Bethell, Leslie, op. cit., pp. 54, 62; cf. cap. X, n. 10.

(12) Graham, Richard. *Britain and the onset of Modernization in Brazil, 1850-1914*, Cambridge, 1968, estuda a influência dos valores progressistas e empresariais dos ingleses sobre homens como André Rebouças e Mauá.

(13) Silva Dias, Maria Odila da. "A interiorização da Metrópole". In: Mota, C. G., org. 1822: *Dimensões*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1972.

pério. Nos mesmos moldes conservadores, procuravam os estadistas brasileiros, que enfrentavam a tarefa de construção do Estado e da nacionalidade, suplantar os vícios da escravidão, das contradições sociais e da diversidade étnica, num programa de centralização do poder executivo.

As idéias de Southey sobre as perspectivas de formação de uma futura nacionalidade viriam mesmo atender aos princípios essencialmente conservadores de formação do Estado brasileiro. Vimos como sua obra já encaminhava o estudo da época colonial no sentido das perspectivas de formação da nova nacionalidade. Nem estava longe de confirmar o pessimismo apesar de tudo implícito na "vontade de ser brasileiros" de portugueses europeus, radicados no Brasil empenhados na construção do Império e avessos à integração de um povo mestiço, escravo, marginalizado de si próprio.

Nem todas as sugestões de Southey teriam ampla aceitação entre eles; o seu otimismo quanto à integração dos índios, como mão-de-obra, não pareceria igualmente viável para estadistas e políticos da época. José Clemente Pereira concordava com a conveniência da civilização dos indígenas, defendida por José Bonifácio, mas não achava que pudessem substituir em tempo a falta de braços, que seria iminente depois de efetuada a extinção do tráfico. Entretanto, muitos concordariam amplamente com a previsão que faz sobre os riscos inerentes à escravidão e à presença de africanos.

Homens como Hipólito da Costa⁽¹⁴⁾ e José Bonifácio⁽¹⁵⁾ se alarmavam com a crescente africanização do Brasil, que que-

(14) Em 1817, Hipólito da Costa preocupava-se com a necessidade de abolir o tráfico para não continuar a "sujar a raça com a importação de negros..." (*Correio Braziliense*, 33, jan. 1817). Desde 1814, em sucessivos artigos preocupava-se com a organização de imigração de camponeses e colonos europeus para o Brasil (*Correio Braziliense*, abr. de 1814; nov. 1815; cf. Silva Dias, Maria Odila da. op. cit., pp. 160 ss.

(15) Carta de José Bonifácio de Andrada e Silva para Domingos de Sousa Coutinho, irmão do ministro D. Rodrigo (conde de Linhares), datada de 3 de setembro de 1813, em que se refere às enormes dificuldades e aos esforços inauditos que encontraria um ministro bem intencionado e reformador na corte do Rio, que chama de *Nova Guiné* do Brasil: "... Para levar a cabo a regeneração do Estado português e para a criação genérica do Brasil não servem imposições de mãos sacramentais com que fazem de barbeiros sapateiros; e que nem com pedra tosa de Lioz se podem esculpir Apolos do Belvedere. Lembre-se que tem, qual novo Magalhães, de navegar em barco podre e esburacado, por entre montão de escolhos e arrecifes... Se a moralidade e civilização de qualquer povo se fundam nas instituições políticas e religiosas e na Filosofia, para assim dizer, doméstica, de cada família e de cada indivíduo, como não devia ele encontrar, em vez de homens feitos, uma espécie de *Alarves Brancos*? A nossa religião popular, que é senão um sistema ligado de superstições antissociais e contrárias à letra e ao espírito do Evangelho? Onde estão as nossas leis antigas? Desde o marquês de Pombal, nem os magistrados nem o governo as executam ou respeitam.

Que educação física e científica tem o nosso povo, principalmente no Brasil? A honra era uma quimera, o saber um traste inútil, quando não perigoso, o trabalho

riam ver embranquecido e, se possível, mais próximo das antigas tradições do camponês europeu⁽¹⁶⁾.

Desejavam, como Evaristo da Veiga, João Severiano Maciel da Costa, Caldeira Brant e D. Romualdo de Seixas, substituir o trabalho escravo pelo de camponeses da Europa, livres, talvez pequenos proprietários... Sonhavam com a europeização do Brasil através da imigração de colonos europeus.

Estadistas do império, como o visconde do Uruguai, ou o próprio marquês de Paraná, empenhados na centralização administrativa e no fortalecimento do poder executivo, aceitavam a garantia oferecida pela Inglaterra para assegurar a consolidação do novo império; mais do que isso, pareciam ter absorvido a mesma ideologia humanitarista, autoritária, filantrópica, européia dos ingleses na sua visão ideal do futuro Estado-Nação que estavam empenhados em construir.

Depois de 1850, terminado o processo de consolidação da unidade nacional, estes mesmos valores persistiriam na mentalidade modernizadora das elites promotoras do progresso material do país. Entre nós, o programa de organização do Estado, segundo os padrões autoritários e centralizadores da ideologia conservadora dos europeus, teria um papel paradoxalmente inovador, na medida em que viria sobrepor-se ao localismo anárquico

ativo inútil ou desnecessário, a virtude, sonho de cabeças esquentadas... Amalgamação muito difícil será a liga de tanto metal heterogêneo, como brancos, mulatos, pretos livres e escravos, índios etc. etc., em um só corpo sólido e político. Se agora já pudesse tomar a liberdade de lhe enviar por escrito as idéias que me têm ocorrido sobre novas leis regulativas da escravatura, inimiga política e amoral mais cruel que tem essa Nova China, se com tempo e jeito não se procurar curar esse cancro, adeus um dia do Brasil. O outro objeto que me tem merecido muita meditação e desvelo são os pobres índios, assim gentios como domésticos; para que a raça desgraçada desta mísera gente não desapareça de todo, é mais que tempo que o Governo pense seriamente nisto: a povoação do país, a religião e a humanidade bradam há muito tempo por um sistema sábio, ligado e duradouro..." (*Revista de História*, 37 (55): 224-5). Cf. José Bonifácio de Andrada e Silva. *Representação à Assembléa Geral Constituinte e Legislativa do Império do Brasil sobre a escravatura*. Paris, 1825.

(16) Em ofício de 1.º de fevereiro de 1823 para George Canning, o ministro inglês do Rio, Henry Chamberlain, transcrevia frases de uma entrevista com José Bonifácio a respeito da emancipação gradativa dos escravos. José Bonifácio referia-se à conveniência de um fundo que resgatasse os escravos mulatos. Com o tempo e sobretudo com o auxílio da imigração européia a população do Brasil se tornaria branca: "... By which time, he calculates, that the whole population will have become nearly white, and that with the assistance of the emigrants, who it is hoped will come in shoals from Europe to people and cultivate the temperate parts of this fine country, agriculture will be pushed on with great success, and to a great extent encouraging and supporting (sic) a vaste increase of commerce..." (Webster, C. H. *Great Britain and the Independence of Latin America*, p. 219). O que se repete no ofício de 2 de abril de 1823: "... I wish your cruisers would take every slave ship they fall in with at sea. I want to see no more of them, they are the gangrene of our prosperity. The population we want is a white one, and I soon hope to see arrive here from Europe in shoals the poor, the wretched, the industrious; here they will find plenty, with a fine climate; here they will be happy; such are the colonists we want..." (ibid., p. 222).

da herança colonial e às forças de desagregação do tradicionalismo localista que ameaçavam, não somente a unidade nacional, mas também a continuidade da ordem social, que os estadistas do império se empenhavam em manter intata. O processo de centralização administrativa contribuiria para moderar os surtos de constitucionalismo liberal, limitando a arregimentação espontânea de forças políticas e assim permitindo a continuidade dos privilégios das ordens constituídas.

Certas noções implícitas na obra de Southey transcenderiam os limites de sua época e, através dos positivistas ou dos herdeiros do idealismo historista dos alemães, persistiriam na historiografia brasileira do século XX, presentes na obra de Gilberto Freyre ou de Oliveira Viana. Nossa motivação inicial, ao abordarmos a obra de Southey, foi o interesse pelo estudo das matrizes ideológicas da historiografia e da consciência nacional. Neste livro, entretanto, limitamo-nos a integrar a obra de Southey na ideologia de seu tempo, de preferência a esmiuçar “influências” e a acompanhar o enraizamento dos valores europeizantes na historiografia brasileira.

* * *

Robert Southey ficaria para a posteridade, na literatura inglesa, como o autor do conto infantil dos três ursos, das biografias de Nelson e de Wesley. Foi um homem profundamente enfiado nos problemas de sua época e do meio em que vivia, de onde provinham as raízes do seu interesse pelo império português. Desde o início de sua carreira como escritor, interessou-se pela literatura de viagens e resenhou os primeiros livros ingleses sobre o Brasil, como o de Thomas Lindley; interessou-se pela obra de John Mawe, de Henderson; manteve contatos pessoais com Maria Graham, William May, James Gooden; estimulou e orientou a elaboração do livro de John Luccock e de Henry Koster, pelo qual tinha grande amizade.

Entretanto, nenhum interesse direto pelo meio brasileiro, que não conheceu, pois nunca visitou ou residiu no Brasil, motivaria sua obra. Parece intrigante que, apesar disso, tivesse vislumbrado com grande lucidez alguns aspectos da realidade brasileira que anos mais tarde seriam abordados pelo revisionismo crítico dos fins do século. Além disso, na *História do Brasil*, acenaria para temas como a mestiçagem, a expansão geográfica e a interação com o meio ambiente, que somente Capistrano de

Abreu, Sílvio Romero e Euclides da Cunha arraigariam na historiografia nacional.

Geoffrey Carnall dedicou amplo e pormenorizado estudo à evolução das idéias políticas de Southey. Qualquer indivíduo é sempre impregnado de incoerências, não sendo jamais suficientemente autônomo para tomar posição lógica e coerente ante os grandes temas de seu tempo. Reflete-os em grande parte e é arrastado pelas contingências do meio em que vive. No caso de Southey, ilustrado e romântico, assomam todas as ambigüidades inerentes aos valores ideológicos. Neste livro, procuramos integrar o homem em sua época, ignorando, em parte, motivos, influências e contingências pessoais, sempre aleatórios, e voltamos a atenção sobretudo para aqueles aspectos de seu tempo que o escritor vislumbrou, que contribuiu para definir ou refletiu em sua obra sobre o Brasil.

Jornalista e escritor profissional, dependendo da pena para o ganha-pão diário, Robert Southey viveu de início o drama da perda da criatividade e o destino de poeta frustrado. Traumatizado e politizado pela experiência da Revolução francesa, que marcou o entusiasmo jacobino de sua juventude, em meio à repressão desencadeada em 1793 pela primeira fase da guerra contra a França, e muito consciente, como todos os homens de letras da sua geração, de uma missão especial do intelectual como orientador e guia da sociedade moderna, era homem profundamente preocupado com as questões políticas e sociais de sua época, sobre as quais escrevia para os periódicos e em torno das quais, como se desprende de suas cartas, vivia o seu equilíbrio pessoal.

Em 1796, ainda achava possível reformular todas as bases da sociedade, criar uma sociedade inteiramente nova. Tinha o pensamento polarizado por visões utópicas⁽¹⁷⁾. Southey começou a vida fascinado por comunidades ideais, voltado para o vir-a-ser, obcecado por novos mundos; quis emigrar para os Estados Unidos e fundar uma comunidade utópica na Pennsylvania, a qual se chamaria "pantissocracia"⁽¹⁸⁾; ocupou-se de outros povos e de

(17) Carta de 26 de julho de 1796, *Bodleian Library Mss*, c. 22 f 201 e carta de 8 de dezembro de 1796, *Bodleian Library Mss*, c. 22, f 215; Carnall, Geoffrey. *Robert Southey and his Age (the Development of a Conservative Mind)*. Oxford, Clarendon Press, 1960. p. 46.

(18) *L&C*, vol. 1, p. 211; cf. Park, Mary Catherine. "Joseph Priestley and the Problem of Pantisocracy", *Proceedings of the Delaware County Institute of Science*. Filadélfia, 1947. vol. 11, n.º 1; MacGillivray, J. R. "The Pantisocracy Scheme and its Immediate Background". Separata de *Studies in English*. University College. Toronto, 1931; Curry, Kenneth. "Southey's Madoc". *Philological Quarterly*, 22: 347-69, out. 1943; Kraus, Michael. "America and the Utopian Ideal in 18th Century". *Mississippi Valley Historical Review*, 22: 490, 1936; Baldensperger, Fernand. "1793-4: Climateric Times for Romantic Tendencies in English Ideology". *Journal of the History of Ideas*, 5 (1): 3, jan. 1944.

terras estranhas, sempre motivado por problemas imediatos e inerentes à sociedade inglesa, que transbordava em busca de mercados pelo mundo todo. Anos mais tarde, em 1815, preocupava-o a reforma da ordem existente, a obra de conscientização dos homens, a educação, o modo pelo qual pudessem vir a sentir que todos os seus interesses individuais estavam identificados com “a continuação e a preservação da atual ordem de coisas”. Abandonaria projetos utópicos para preocupar-se com reformas concretas. Em 1796, pensava nos radicais Joseph Gerrald, Thomas Holcroft, e no filósofo anarquista William Godwin, como nos três primeiros homens da Inglaterra e talvez do mundo⁽¹⁹⁾. Já em 1817, substituíra-os por Andrew Bell, que inventou na Índia um novo método de alfabetização das massas⁽²⁰⁾; por Thomas Clarkson, “quaker”, que dedicara a vida ao movimento em prol da extinção do tráfico de escravos; pelo socialista Robert Owen, criador de Nova Lanark⁽²¹⁾. Estava consumada a transição do utopismo revolucionário para o conservadorismo de reformadores filantropos, integrados na ordem constituída. Entre 1796 e 1806, gravitou para a história. A lembrança da época visionária suscitada pela Revolução francesa e vivida em sua juventude o perseguiria sempre:

... in Earth's dark circler once,
the precious gem of Living Light...
O fallen Jerusalem! ...⁽²²⁾

Com a frustração do projeto de emigração dos pantissocratas, foi como se o transpusessem para o futuro, sem perder inteiramente a fé na perspectiva da regeneração social e individual do homem, que para os românticos se coloria de tonalidades apocalípticas:

Blessed hopes! awhile
From man withheld, even to the latter days,
When Christ shall come and all things be fulfill'd...⁽²³⁾

Quis retomar as raízes, perceber a continuidade das tradições da comunidade nacional e do progressivismo moral da humani-

(19) Carta a Thomas Southey, 6 de novembro de 1794. *NL*, vol. 1, p. 85.

(20) Southey, Robert. “On Bell and Lancaster's System of Education”, *QR*, 6 (11): 264-304, ago. 1811.

(21) Carta de 16 de fevereiro de 1817. *L&C*, vol. 4, pp. 242-3.

(22) Southey, Robert. “Waterloo”, *IV*, 10. *Poetical Works*. Londres, Longmans, 1845. vol. 10, p. 95.

(23) *Id.*, “Inscription IV; for the Apartment in Chepstow Castle”. *Poems*, 1797. Apud Frye, Northrop, org. *Romanticism Reconsidered*. Nova York, Columbia University Press, 1964. p. 47.

dade, que opunha ao progresso falso e ilusório da prosperidade material. Em 1810, ano da publicação do primeiro volume da *História do Brasil*, oficializava sua adesão aos "tories"⁽²⁴⁾.

O seu moralismo intransigente, o fato de ter aceito em 1813 o cargo de poeta oficial, tornou-o figura vulnerável em sua época, e muito criticada nas histórias da literatura inglesa. Suas divergências com Byron, os desentendimentos com Coleridge, seu cunhado, as brigas com Shelley, somados à mediocridade de sua obra poética, marcaram-lhe definitivamente a reputação para a posteridade. A adesão aos "tories" cimentaria sua fama de radical apóstata. Tamanhas controvérsias marcaram sua carreira de escritor, que se tornou difícil apreciar-lhe mais objetivamente a figura como homem de seu tempo, na medida em que mesmo seus ensaios de natureza política e social, escritos para a *Quarterly Review*, não refletiriam claramente as suas próprias opiniões. Eram freqüentes, em sua correspondência, queixas contra os editores da *Quarterly*, que torciam e modificavam o que escrevia, quando fugia aos padrões de militância política da revista. Cortavam trechos em que expressava convicções religiosas pouco ortodoxas⁽²⁵⁾; dosavam suas idéias sobre escravidão e abolição gradual⁽²⁶⁾. As concessões impostas pelas contingências do ganhapão marcaram-no como figura mais reacionária, mais diretamente presa de interesses imediatistas, do que o era na verdade. Via-se às vezes compelido a escrever panfletos que não refletiam suas opiniões⁽²⁷⁾. De onde a surpresa salutar, manifestada por homens como Shelley⁽²⁸⁾ e John Stuart Mill, que o visitaram em sua casa, em Keswick, no refúgio dos lagos onde vivia⁽²⁹⁾.

(24) Carnall, Geoffrey, op. cit., p. 101.

(25) Carta para Walter Scott, 27 de janeiro de 1809. *NL*, vol. 1, p. 500; cf. Carnall, Geoffrey, "A Note on Southey's later Religious Opinions". *Philological Quarterly*, 31: 399, 1952.

(26) *NL*, vol. 2, 140 n.

(27) Graham, Walter. "Southey as Tory Reviewer". *Philological Quarterly*, 2: 97, 1923.

(28) "Southey is an advocate of liberty and equality. He looks forward to a state when all shall be perfected, and matter become subjected to the omnipotence of mind, but he is now an advocate for existing establishments" (Ingpen, R. & Peck, W. orgs. *Complete Works of P. B. Shelley*. Londres, 1926-30. vol. 8., p. 223).

(29) "... It seems to me that Southey is altogether out of place in the existing order of society; his attachment to old institutions, and his condemnation of those who administer them, cut him off from sympathy and communion with both halves of mankind... Consequently, he is not liked by the Tories, while the Whigs and Radicals abhor him... it is an ideal torism, an ideal King, Lords and Commons that they venerate; it is old England as opposed to the new, but it is old England as she might be, that the Toryism of Wordsworth, of Coleridge (if he can be called a Tory), of Southey even, and of many others whom I could mention, is *tout bonnement* a reverence for government in the abstract: it means that they are duly sensible that it is good for man to be ruled; to submit both his body and mind to the guidance of a higher intelligence and virtue". (Elliot, H. S. R. org. *The Letters of John Stuart Mill*, Londres, 1910. pp. 12-6).

É vasta a bibliografia sobre Robert Southey. Nos últimos anos, com a publicação de mais dois volumes de sua correspondência⁽³⁰⁾ tem-se dado maior ênfase ao estudo do prosador do que ao do poeta; menos ao do apóstata "tory" do que ao do reformador social⁽³¹⁾. Tentava, em aberta oposição ao liberalismo de sua época, conciliar o ideal racionalista de perfectibilidade da natureza humana, o igualitarismo dos autores de sua juventude, como William Godwin, com a visão coletivista e corporativa do Estado e da Igreja anglicana, a que se apegou depois. Foi o que o levou, juntamente com a ala mais progressista dos conservadores ingleses, a preocupar-se vivamente com a sorte dos artesãos e com a injustiça social; a apaixonar-se pelo socialismo utópico e paternalista de William Owen; a visitar sua comunidade-modelo de Nova Lanark; a atribuir seu malogro apenas à falta de uma fundamentação religiosa⁽³²⁾ e a dedicar tantas páginas às comunidades teocráticas dos jesuítas no Paraguai.

Obcecava-o o problema da integração das massas marginalizadas no corpo social, fossem estas de artesãos desvinculados da terra, ou de negros, libertos e selvagens nas colônias⁽³³⁾. Foi o que o levou a propor para a sociedade inglesa a substituição das leis de assistência estatal aos pobres por um programa intensivo de escolas de educação gratuita⁽³⁴⁾; a lutar por uma legislação trabalhista, em 1818⁽³⁵⁾; a fomentar o movimento de associações de missionários na África, na Índia e na América; e, no caso do Brasil, a exaltar o papel dos jesuítas como colonizadores; a ter fé na fundação de um império contra-revolucionário, nos moldes do reformismo ilustrado de Pombal, onde o despotismo poderia ser corrigido com a volta às tradições aristocráticas das antigas

(30) Curry, Kenneth, org. *New Letters of Robert Southey*. Nova York, Columbia Univ. Press, 1965. 2 vols.

(31) Carnall, Geoffrey, op. cit., p. 101; Haller, William. "Southey's 'Later Radicalism'". *Publications of the Modern Language Association of America*. 1922. p. 282; Curry, Kenneth. "Southey". *The English Romantic Poets and Essayists (a Review of Research and Criticism)*. Nova York, PMLA, 1957. p. 179; Harris, R. W. *Romanticism and the Social Order*. Nova York, Barnes and Noble, 1969. p. 263; Williams, Raymond. *Culture and Society (1780-1950)*. 4. ed. Londres, Penguin Books, 1966. p. 39.

(32) Carta a William Smith, 1817. *L&C*, vol. 4, p. 384; carta de 16 de fevereiro de 1816. *Ibid.*, vol. 4, p. 244; *NL*, vol. 2, pp. 141 e 328; *Colloquies*, vol. 1, p. 141.

(33) *Colloquies*, vol. 1, pp. 131-2.

(34) *L&C*, vol. 3, pp. 342-4; Southey, Robert. "On Bell and Lancaster's System of Education", *QR*, 6 (2): 301; *NL*, vol. 2, p. 11; Carnall, Geoffrey, op. cit., pp. 134-7.

(35) Reivindicava pelo menos um dia semiferiado, para as crianças poderem ir à escola em vez de estudar aos domingos; *NL*, vol. 2, pp. 193, 338; Carnall, Geoffrey, op. cit., pp. 190-1; Thompson, E. P. *The Making of the English Working Classes*. Nova York, Pantheon Books, 1964. p. 344; Colmer, John. *Coleridge (Critic of Society)*. Oxford, Clarendon Press, 1959. p. 149; Hutt, W. H. "The Factory System of the Early 19th Century". In: Hayek, F. A., org. *Capitalism and the Historians*. The Univ. of Chicago Press, 1955. p. 156.

cortes portuguesas e através do qual se pudesse consolidar nas colônias uma nacionalidade coesa.

No panorama da evolução do pensamento político e social inglês, no correr do século XIX, Southey aparece como um pioneiro do reformismo conservador autoritário, paternalista, coletivista, interessado em incorporar ao Estado as novas massas trabalhadoras.

Seria pois um precursor da moderna legislação trabalhista e do sindicalismo de Estado dos fabianos, participando dos primeiros movimentos que conduziram a ambos. Exerceria influência mais direta sobre conservadores reformistas como Michael Sadler, Richard Oastler e Lord Ashley⁽³⁶⁾. É tido como um precursor do socialismo cristão de Charles Kingsley e de anglicanos de tendência socializante, como F. D. Maurice e William Cunningham⁽³⁷⁾.

No que diz respeito à política colonial, participava dos ideais e dos preconceitos do humanitarismo da seita de Wilberforce, que exerceria influência decisiva sobre o "Colonial Office", contribuindo para definir os objetivos da política colonial inglesa na primeira metade do século XIX.

Que pretendia servir de orientador para os políticos e ministros da época, provam-no diversas circunstâncias: o tom dos seus artigos; o oferecimento que fez, em 1806, a Grenville, de toda a sua documentação sobre o Brasil; sua apresentação como eventual secretário, caso seu amigo Charles W. Wynn fosse ministro das relações exteriores⁽³⁸⁾; o fato de ter sido uma espécie de consultor dos círculos oficiais em questões coloniais, em face de seus profundos e amplos conhecimentos históricos e de literatura de viagens, em que se especializou como ensaísta e autor de resenhas. Acompanhou a exploração da África por homens como Mungo Park, Bruce etc., cujos livros resenhou, acrescentando informações inéditas e valiosas, colhidas dos manuscritos portugueses. Ex-pantissocrata, que em sua juventude sonhara emigrar para a Pennsylvania e constituir ali uma comunidade perfeita de intelectuais ilustrados, acompanhou passo a passo a evolução das tentativas da colonização agrícola dos humanitaristas filantropos em Serra Leoa e Bulama, onde tentavam regenerar ex-escravos e

(36) A partir de 1829, correspondia-se com Lord Anthony Ashley Cooper, 7.º conde de Shaftesbury, a respeito da necessidade de legislar, sobre o trabalho nas indústrias: *NL*, vol. 2, p. 338; Carnall, Geoffrey, op. cit., pp. 190, 191, 193; Beer, Max. *A History of British Socialism* (com introdução de R. H. Tawney). Londres, G. Bell and Sons Ltd., 1929. pp. 120-3, 271-9.

(37) Schilling, B. N. *Human Dignity and the Great Victorians*. Londres, 1946. p. 63.

(38) Carta para Charles Wynn, de 3 de janeiro de 1823. *Selections*, vol. 3, p. 373.

libertos, integrando-os pelo trabalho livre na cultura e religião anglicana, nos valores enfim da civilização ocidental⁽³⁹⁾. Interessou-se vivamente pelos problemas do novo império na Índia e pelas sociedades missionárias⁽⁴⁰⁾. Erudito de gabinete, interpretando e traduzindo em termos da cultura herdada do século XVIII, e em pleno processo de readaptação aos modernos valores da sociedade industrial, os dados colhidos dos viajantes e missionários, Southey aparece como ideólogo de novo império e propagandista do messianismo cultural anglo-saxão, que forjaria a coesão moral do novo império "informal", pelo qual os empresários em princípio não queriam responsabilizar-se.

A historiografia atual demonstra amplamente a indiferença e a incoseqüência política dos empresários ingleses com relação à extensão do império que formaram sem planejar e a responsabilidade dos intelectuais de gabinete e dos burocratas de Downing Street⁽⁴¹⁾, os instrumentos mais diretos das forças atávicas, a que Schumpeter faz referência quando relaciona o imperialismo às antigas elites⁽⁴²⁾. Estes teriam contribuído para forjar os valores e a mentalidade imperialista, sistematizando a política que daria forma ao imperialismo britânico, no correr do século passado.

Vivendo em cheio as guerras napoleônicas, Southey acreditava que a paz somente seria consolidada, através da afirmação do predomínio inglês no mundo. A insegurança da guerra somava-se à reação contra a Revolução industrial, de modo que nessa época certos temas gerais, como o expansionismo e a afirmação de poder, polarizavam grupos de tendências políticas diferentes, às vezes opostas⁽⁴³⁾. Grupos influentes manter-se-iam apegados aos símbolos do império; argumentos de ordem intelectual, tais como os dos economistas clássicos, não conseguiriam sobrepor-se ao orgulho nacionalista que eles inspiravam, nem vencer a tradicional política de expansão.

Seriam freqüentes, durante as guerras napoleônicas, defesas do antigo Império britânico, de cunho estritamente conservador,

(39) Curtin, Philip D. *The Image of Africa (British Ideas and Action 1780-1850)*. Madison, The Univ. of Wisconsin Press, 1964. pp. 78, 123, 140, 289 ss.

(40) Pearce, George D. *British Attitudes towards India 1784-1858*. Londres, Oxford Univ. Press, 1961. pp. 60 ss, 120 ss.

(41) Robinson, Ronald & Gallagher, John. *Africa and the Victorians*. Nova York, St. Martin's Press, 1961. pp. 20-1.

(42) Schumpeter, A. *Imperialism and Social Classes*. p. 76; Thornton, A. P. *Doctrines of Imperialism*. Nova York, 1965. p. 189; Arendt, Hanna. *Imperialism and Totalitarianism*. Nova York, Harcourt, Brace & World, 1968. p. 63.

(43) Curtin, Philip D. *The Image of Africa*; Robinson, Ronald & Gallagher, John. *Africa and the Victorians*. Nova York, Anchor Books, 1968; Cairns, H. Allan C. *Prelude to Imperialism (British Reactions to Central African Society, 1840-90)*. Londres, Routledge and Kegan Paul, 1965.

como as de Lord Sheffield⁽⁴⁴⁾. Southey penderia para o lado dos reformadores humanitários; entretanto, partilhava com os liberais da escola de Manchester a mesma fé na superioridade absoluta da civilização inglesa e nos benefícios que derramava pelo mundo⁽⁴⁵⁾. Este imperialismo moral e cultural, subjacente à idéia de uma “missão imperial”, já se definia, em fins do século XVIII, na atuação de homens como Pitt, Sheridan e Burke, em sua reação contra a perda das colônias norte-americanas. Foi o que deu consistência ideológica ao expansionismo defensivo da época das guerras contra Napoleão⁽⁴⁶⁾.

A supremacia naval era, então, fato consumado, assim como o império colonial, o comércio e o domínio sobre o mundo. Após Waterloo, tratava-se de consolidar este poder, única garantia de paz duradoura, de onde a tentativa de racionalizar o poder colonial e de justificar o novo império, com esforços no sentido de reformular a antiga política para fazer face às novas circunstâncias e às novas necessidades. Em seus artigos para a *Annual Review*, de 1803 a 1808, e, de 1809 em diante, para a *Quarterly*, Southey acompanhou a reestruturação administrativa da burocracia do império através da reforma do “Colonial Office”⁽⁴⁷⁾ e da centralização do poder da metrópole contra as autoridades legislativas locais. Procurava-se generalizar, para as demais colônias, o relacionamento da metrópole com as colônias da coroa. Foi o esforço administrativo empreendido por homens como Bathurst e Goulburn, que refletiam diretamente a influência do humanitarismo da seita de Clapham, que marcou a política colonial, durante as primeiras décadas do século XIX, a ponto de chegarem a impor às Antilhas uma medida tão antiliberal (tratava-se afinal da intervenção do Estado nos direitos de propriedade particular) como a extinção do tráfico em 1807 e a abolição da escravidão em 1833⁽⁴⁸⁾. Nos últimos anos, vários autores têm estudado a influência do humanitarismo filantrópico na política de expansão colonial dos ingleses.

A necessidade e a justificativa do império colonial foram sempre apanágio do elitismo “tory”, do poder da aristocracia tra-

(44) Lord Sheffield. *Strictures on the Necessity of Inviolably Maintaining the Navigation and Colonial System of Great Britain*. Londres, 1806; apud Knorr, Klaus E. *British Colonial Theories 1570-1850*. Univ. of Toronto Press, 1956. p. 245.

(45) Potter, Bernard. *Critics of Empire (British Radical Attitudes to Colonialism in Africa, 1895-1914)*. Nova York, Macmillan — St. Martin's Press, 1968. pp. 14-5.

(46) Knorr, Klaus E., op. cit., p. 246.

(47) Burt, Alfred Le Roy. *The British Empire and Commonwealth (from the American Revolution)*. Boston, D. C. Heath, 1956. p. 188.

(48) Porter, Dale H. *The Abolition of the Slave Trade in England (1784-1807)*. Nova York, Archon Books, 1970.

dicional e da burocracia oficial⁽⁴⁹⁾. Argumentos de poder nacional eram estranhos e mesmo avessos às teorias contemporâneas da economia política, para a qual não pareceria necessário governar um povo, a fim de vender produtos e comerciar com eles⁽⁵⁰⁾. Procurariam os economistas clássicos raciocinar em termos universais; eram cosmopolitas, pretendiam construir uma ciência. Para Southey era notória, desde Adam Smith, a tendência da moderna economia política a tudo desnacionalizar⁽⁵¹⁾. Nacionalista ferrenho, opunha-se frontalmente ao internacionalismo, ao cosmopolitismo do comércio livre. Semelhante tendência havia de difundir-se com a relativa segurança das décadas posteriores a 1820 e à *Pax Britannica*, quando inspirou campanhas pacifistas, tornando temporariamente obsoleto o modelo da política internacional da época de Southey, relativa ao equilíbrio de poder do continente, pelo menos até a corrida para a África dos fins do século passado⁽⁵²⁾.

Torna-se difícil integrar num contexto ideológico preciso, tendências difusas como esta, própria da agressividade imperialista dos ingleses nas primeiras décadas do século XIX. Não se tratava propriamente de uma política coerente e teoricamente sustentada em argumentos sistemáticos. Indivíduos das mais diversas opiniões políticas e grupos sociais partilhavam sentimentos de ufanismo e agressividade nacionalista; seria o caso de um "whig" progressista como Macaulay, de um romântico alienado como De Quincey, de um Carlyle e mesmo de radicais utilitaristas como Bentham⁽⁵³⁾.

Para Southey e seus contemporâneos em geral, era ponto pacífico a ineficiência econômica do império, mormente com a administração antiquada, que subsistia sob a forma de monopólios, de exclusivismo comercial, de antigos sistemas fiscais e das leis da navegação. Note-se, entretanto, que Adam Smith, Ricardo e John Stuart Mill também distinguiram entre interesses econômicos e políticos, e aceitavam, ou até mesmo advogavam, como fariam Bentham e James Mill, a necessidade política de manter o império, como questão de prestígio e poder, assim como para servir de válvula de escape para o excesso de população⁽⁵⁴⁾. As

(49) Schumpeter, A., op. cit.; Thornton, A. *The Doctrines of Imperialism*; Robinson, Ronald & Gallagher, John, op. cit.; Arendt, Hanna, op. cit.

(50) Bentham, Jeremy. *Works*. vol. 4, pp. 412-3; Winch, Donald. *Classical Political Economy and Colonies*. Harvard Univ. Press, 1965. p. 29.

(51) "The entire tendency of modern or Malthusian political economy is to denationalize". ((Southey, Robert. *Essays Moral and Political*. Londres, 1832. vol. 2, p. 56).

(52) Knorr, Klaus E., op. cit., p. 171.

(53) Knorr, Klaus E., op. cit., pp. 364 e 375.

(54) "... as defense however, is of much more importance than opulence, the act of navigation is, perhaps, the wisest of all the commercial regulations of England" (Smith, Adam. *Wealth of Nations*, p. 431, apud Knorr, Klaus E., op. cit., p. 78).

colônias ofereciam vasto campo para projetos filantrópicos e reformas humanitárias. Seria o modo de os radicais raciocinarem sobre a Inglaterra. Estudos recentes demonstram como os próprios radicais utilitaristas apegavam-se à tendência de expansão colonial. Não seria, pois, exato afirmar que as primeiras décadas do século XIX se caracterizariam pela apologia da descolonização. Tratava-se mais especificamente da reformulação da antiga política imperial, agora baseada em princípios novos. O zelo cosmopolita e humanitário do reformador social confundia-se com o seu nacionalismo, levando-o à conclusão de que, “sendo o poder político uma fatalidade na vida dos povos, seria afinal melhor se este controle estivesse nas mãos dos próprios ingleses”.

Somente a persistência do mito da tradição liberal tornaria surpreendentes panfletos e discursos enfatizando a missão imperial e uma política necessária de poder, nas primeiras décadas do século XIX. Este mesmo expansionismo defensivo seria levado a cabo por políticos liberais como Palmerston e John Russell, os quais, entre 1841 e 1851, anexariam aos domínios britânicos a Nova Zelândia, a Costa do Ouro, Ladoan, Natal, o Punjab, Sindh e Hong Kong⁽⁵⁵⁾.

Entre 1785 e 1815, apesar de críticas e de argumentos opostos, consumir-se-iam a expansão e a consolidação de um novo império britânico. A falta de uma coerência ideológica levaria Sir John Seely a dizer que este segundo império “fora adquirido por distração”⁽⁵⁶⁾. Seja como for, o lema liberal da Inglaterra pequena e autônoma nunca chegou a penetrar profundamente nenhum dos diferentes grupos que orientaram a política inglesa durante este período. Em 1848, observava Cobden que as classes médias pareciam tão aferradas às colônias como os antigos aristocratas⁽⁵⁷⁾. Este seria simultaneamente um período de reformulação da administração colonial e das teorias políticas e econômicas relativas à nacionalidade e ao império. Nesse cadinho de idéias, sentimentos e valores em transformação é que se integra o pensamento de Robert Southey, que seria precursor e pioneiro, ao levantar problemas e discutir aspectos da política colonial que os reformadores do império ajustariam nas décadas de 1830 e 1840.

(55) Potter, Bernard, *op. cit.*, p. 16.

(56) Seeley, Sir John. *Expansion of England*. Londres, 1883. p. 8.

(57) Morley, John. *The Life of Cobden*, Londres, 1833. p. 322, apud Knorr, Klaus E., *op. cit.*, p. 413.

Do papel e da influência de Robert Southey ficariam alguns resquícios sugestivos, tais como os reflexos das suas opiniões a respeito da colonização ibérica e da política colonial em geral num homem como Herman Merivale, que, em 1848, se apossava do cargo de secretário do "Colonial Office" e fundava uma comissão especial para cuidar do problema da extinção dos nativos da Austrália e Nova Zelândia. Apesar de liberal convicto, manteria em suas funções a continuidade com a tendência até então predominante na política colonial, diretamente vinculada, através de James Stephen, à influência dos humanitaristas da seita de Clapham; Merivale é uma figura representativa dos curiosos vínculos e múltiplas afinidades entre a política colonial dos liberais e a dos humanitaristas conservadores. Em 1846, numa série de conferências feitas em Oxford, iria basear-se em grande parte em argumentos tirados da *História do Brasil* de Southey, para sistematizar um programa de reformas para o Império britânico⁽⁵⁸⁾.

Seria pois neste meio de sementes a germinar e nas sombras da Inglaterra pré-vitoriana que se delinearía o interesse de Robert Southey pelo Império português e a conceituação de sua obra. Achava que a *História do Brasil* serviria de lição para seus conterrâneos, que começavam em seu tempo a ocupar a Austrália e a Nova Zelândia. Sua apreciação dos resultados do empreendimento colonial dos portugueses seria bem mais positiva do que o fariam posteriormente as de ingleses, como Richard Burton⁽⁵⁹⁾, James Stewart, David Livingstone ou Kipling, os quais, na África, não esconderiam o seu preconceito étnico contra colonos atrasados, a quem consideravam mestiços, aos quais os ingleses deviam conceder territórios "onde homens brancos não poderiam sobreviver..."⁽⁶⁰⁾

(58) Merivale, Herman. *Lectures on Colonization and Colonies Delivered before the University of Oxford in 1839, 1840 and 1841*. Londres, Oxford Univ. Press, 1928. p. 134.

(59) Cairns, H. Allan C., op. cit., p. 132 ss. Para exploradores como James Stewart e David Livingstone a degeneração dos colonos portugueses da África era fato consumado e notório; "... they, poor dogs, are dragging on an existence scarcely better than that of the miserable Africans they have made tenfold more wretched than they were before" — escreveria James Stewart no diário de sua viagem à embocadura do Zambeze (Cairns, H. Allan C., op. cit., p. 37); sobre David Livingstone e os portugueses da África: *ibid.*, pp. 126 ss; Duffy, James. *Portuguese Africa*. Harvard Univ. Press, 1968. p. 174.

(60) Cairns, H. Allan C., op. cit., p. 131.

I — A MISSÃO DO INTELECTUAL

Os anos de elaboração da *História do Brasil* (1806-1822) coincidiram com uma fase de grandes transformações na Inglaterra, de expansão da riqueza nacional, de modernização, de consolidação da política internacional, de predomínio comercial no mundo e de industrialização, sendo também período de profunda crise interna. O primeiro volume da obra de Southey foi publicado em 1810, no início de uma época de grande crise, provocada pela guerra e pelo bloqueio continental, que viria estagnar a produção de grandes centros como Birmingham, Lancashire e Nottingham, desencadeando extremo mal-estar e tensão social, assinalada notoriamente nos Midlands e nas áreas de indústria têxtil, pela violência do movimento “ludita” (1812-13)⁽¹⁾. Esta organização secreta de “quebra-máquinas” teria grande repercussão, exacerbando o senso de ameaça e insegurança suscitado pela guerra e provocando o recrudescimento do aparelho repressivo do governo com medidas de segurança, processos e execuções. O segundo volume foi publicado em 1817, em plena fase de depressão econômica, desemprego e falências, provocadas pelo fim da guerra; e o terceiro volume em 1819, em meio às agitações sociais que culminaram com Peterloo... Foram os anos de formação das novas classes trabalhadoras e de transição da Inglaterra aristocrática e semi-rural do século XVIII para o mundo vitoriano.

As guerras napoleônicas aceleraram o processo de concentração das propriedades agrícolas e o de modernização da agricultura, e deram impulso decisivo à Revolução Industrial; mas, ao mesmo tempo, atrasaram e impediram as reformas políticas e sociais que as transformações exigiam. O Ministério Liverpool (1812-1827) herdou as táticas reacionárias e repressivas de Pitt, representando

(1) "... It was a form of direct action which arose in specific conditions, which was often highly organized and under the protection of the local community, and as to which we should be chary of generalization..." (Thompson, E. P. *The Making of the English Working Class*. pp. 62 e 498 ss.)

um prolongamento forçado do antigo regime durante as duas primeiras décadas do século XIX: o governo permanecia aristocrático, inerte, sem meios administrativos ou mesmo policiais de enfrentar, ou sequer de compreender, as novas tensões sociais do seu tempo e as agitações em prol de uma reforma parlamentar.

À insegurança da ameaça de invasão externa somava-se a ameaça de uma guerra civil, de onde o aparato repressivo⁽²⁾ e a ideologia de reação que contribuiu decisivamente para prolongar as peculiaridades do antigo regime, de velhas instituições rurais, inadaptadas ao país, transformado pelo surto de crescimento demográfico e conturbado pela transição da economia de consumo para o capitalismo industrial. Os anos de elaboração da *História do Brasil* foram anos de luta em duas frentes: de um lado, a resistência heróica oposta pelos artesãos à proletarização, a organização das massas trabalhadoras; de outro, a frente enérgica de luta das novas classes empresariais contra os privilégios aristocráticos, em prol da livre competição e pela representação parlamentar. À dureza e às condições desumanas impostas pela nova organização de trabalho e produção, nas áreas industriais e nos grandes centros urbanos, acrescentava-se a miséria ainda maior dos assalariados rurais e de artesãos desempregados. Em meio ao processo de transição e mudança, imposto pelas novas classes médias, industriais, dissidentes, metodistas, irrompiam surtos de violência e revolta, as reivindicações de salários e preços "justos", a resistência contra o liberalismo econômico e a organização do *radicalismo* popular; emergiam, pois, o fenômeno moderno das massas e a sociedade de classes, em que os intelectuais tiveram de tomar seu lugar.

O problema fundamental que se apresentava para os intelectuais da época, era o da marginalização do indivíduo na sociedade e no mundo em que vivia. A modernização, as grandes transformações na sociedade e na vida de todo dia, a partir do século XVIII e durante as primeiras décadas do século XIX, haviam forçosamente de suscitar grande inquietação social e de propor ao pensamento os grandes problemas do homem moderno. A aurora do novo mundo industrial afigurava-se particularmente intensa e torturada. Um redemoinho de mudanças materiais agitava a vida

(2) "...You say that Bonyparty he's been the spoil of all,
And that we have got reason to pray for his downfall;
Now Bonyparty's dead and gone, and it is plainly shown
That we have bigger tyrants in Boneys of our own..."

(Harland, J. *Ballads and Songs of Lancashire* (1865), pp. 259-61; apud Thompson, E. P., op. cit., p. 299). Sobre a repressão contra-revolucionária na Inglaterra: White, R. J. *Waterloo to Peterloo*. Penguin Books, 1957. p. 97 ss.

no campo e na cidade, com a abertura das "turnpikes" e dos grandes canais⁽³⁾, com as novas culturas mais produtivas que os ve-damentos propiciavam⁽⁴⁾, com o rápido crescimento das cidades e as transformações dos hábitos de trabalho impostas pelas invenções técnicas de fiação de algodão, as "jennies", as primeiras máquinas hidráulicas e a vapor. Com isso abriam-se novas perspectivas para o homem comum, impondo-se brutalmente uma visão do mundo estranho e diferente. Acrescia-se a tudo o esforço concomitante — o enorme sacrifício material e moral — de quinze anos de guerra quase ininterrupta. Sob mil premências externas — enfrentar Napoleão, organizar de improviso um novo império colonial —, e também internas, sobretudo com a emergência das massas e a nova consciência das classes trabalhadoras, ainda não enquadradas nos grandes planos de ação e nos poderes de planificação da tecnocracia do porvir, despontavam na Inglaterra os problemas do homem contemporâneo.

Para agravar tensões, as lutas de adaptação das novas classes trabalhadoras à mecanização, suas lutas de sobrevivência, e a nova disciplina de trabalho coletivo⁽⁵⁾ se fariam sob o impacto político da emancipação das colônias norte-americanas, que constituíam o principal mercado consumidor da Inglaterra, e sob o impacto moral, talvez mais profundo, da Revolução Francesa.

Dentro da Inglaterra, a partir de 1794, seguiu-se a repressão contra-revolucionária, com a vigência, entre 1799 a 1824, dos "Combination Acts", que relegariam à clandestinidade clubes radicais e associações jacobinas, como numa verdadeira guerra civil⁽⁶⁾.

Cabia aos intelectuais da geração de Southey enfrentar o problema da sobrevivência no mundo capitalista, tanto quanto ex-

(3) "... England is now intersected in every direction by canals. Excellent as these canals are, rail-roads are found to accomplish the same purpose at less expense. In these the wheels of the carriage move in grooves upon iron bars laid all along the road... It has been recommended by speculative men that they should be universally introduced, and a hope held out that at some future time this will be done, and all carriages drawn along by the action of steam-engines erected at proper distances. If this be at present one of the dreams of philosophy, it is a philosophy by which trade and manufactures would be benefited and money saved, and the dream therefore may probably one day be accomplished..." (Southey, Robert. *Letters from England*. p. 214). Outras descrições dos meios de transporte em seu tempo: *ibid.*, pp. 20, 30-3, 45, 167, 171, 195, 181, 201; cf. Mantoux, Paul. *The Industrial Revolution in the 18th Century*. Londres, Methuen. 1964. p. 112; Ashton, T. S. *The Industrial Revolution*. Nova York, Oxford University Press. p. 59.

(4) Southey, Robert. *Letters from England*, pp. 452-3; cf. Jones, E. L. *Agriculture and Economic Growth in England 1650-1815*. Londres, Methuen, 1969; Jones, E. L. "Agricultural Origins of Industry". *Past and Present*, jul. 1968; Mantoux, Paul, *op. cit.*, p. 136.

(5) Hutt, W. H. "The Factory System of the Early 19th Century". In: Hayek, F. A., org. *Capitalism and the Historians*. University of Chicago Press, 1965. p. 156.

(6) Thompson, E. P., *op. cit.*, p. 198.

pressar, de uma forma ou de outra, a mudança dos valores culturais herdados dos antepassados; deveriam, pois, criar valores novos para o mundo novo que surgia.

O individualismo, a secularização da vida e o tema da liberdade não eram propriamente questões novas. Porém, a intensidade das transformações, a rapidez com que se dissolviam antigos laços comunitários e se desintegrava a velha economia de subsistência; a faina com que se construíam estradas e edifícios novos — tudo havia de criar novas tensões e gerar mais inquietação entre os homens.

before me fled
The night; behind me rose the day; the deep
Was at my feet, and Heaven above my head⁽⁷⁾.

De modo que o tema do desenraizamento e da desintegração da antiga ordem de cousas avultava no pensamento da época. Delineava-se acima de tudo o princípio da conservação da ordem existente; mesmo os radicais preocupavam-se em acertar as cousas, em adaptar a sociedade ao novo funcionamento para evitar uma revolução. Com o liberalismo tomou forma a ideologia conservadora⁽⁸⁾. Alguns queriam reconstruir o passado no futuro

And would that I had lived
In those old times, or till some better age
Slumber'd unborn; for this is a hard race,
An evil generation; nor by day
Nor by night have respite from their cares
And wretchedness . . .⁽⁹⁾

(7) Hutchinson, Thomas, org. "The Triumph of Life". *The Complete Works of Percy Bysshe Shelley*. p. 508; cf. Stuart Mill, John. "The Spirit of the Age". In: *Essays on Politics and Culture*. Nova York, Anchor Books, 1963. pp. 1 ss; "It is felt that men are henceforth to be held together by new ties, and separated by new barriers, for the ancient bonds will now no longer unite, nor the ancient boundaries confine..." (p. 2).

(8) Southey teria sido um dos primeiros comentaristas políticos ingleses a empregar na imprensa o termo "conservador" no seu moderno contexto ideológico. Cf. Halevy, Elie. *The Triumph of Reform*. Londres, 1950. pp. 66-7; Carnall, Geoffrey. *Southey and his Age*. p. 176. Em artigo sobre a reforma parlamentar, escrito em 1816, referia-se à "vix conservatrix" e aos princípios de permanência da natureza, não como muralhas destinadas a parar o fluxo das cousas, mas no sentido de uma força ativa da natureza, independente e muito maior do que os indivíduos; força ativa, atuante, em permanente oposição "às forças destrutivas": o conservadorismo seria um dos aspectos das dualidades que polarizavam o pensamento romântico (Southey, Robert. "Works on England", *QR*, 15 (30): 573, jul. 1816; id., "On Parliamentary Reform", *QR*, 16 (31): 276. Neste mesmo artigo também utilizava, e seria esta a primeira vez, segundo o *Oxford English Dictionary*, o novo sentido do termo *liberal*. Cf. Llorens, Vicente, *Literatura, Historia, Política*, Madri, 1967. p. 56.

(9) "Joan of Arc", VII, pp. 480-5, apud Southey, Robert. *Poetical Works*. vol. 1, p. 121.

Outros, como os economistas clássicos e os reformadores utilitaristas, preferiam projetar-se para frente⁽¹⁰⁾; todos, entretanto, se viam como seres arrebatados pelo turbilhão, num mundo de mudanças.

Dentro do grande tema comum, as reações eram as mais variadas. Num mundo de mobilidade social acelerada, de luta e ascensão para os burgueses, de desenraizamento e empobrecimento para muitos artesãos, de árdua faina de adaptação e disciplina para os novos trabalhadores qualificados, os poetas, os intelectuais elocubravam variações em torno do tema comum dos peregrinos perdidos, viajantes no espaço social desconhecido, novo, prenhe de surpresas e de riscos. A sociedade se lhes afigurava

Fitliest depicted by some sun scorched waste,
Where oft majestic through the tainted noon
The simoom sails, before whose purple pomp
Who falls not prostrate dies! And where, by night
Fast by each precious fountain on green herbs
The lion couches; or hyaena dips

Deep in the lucid stream his bloody jaws;
Or serpent plants his vast moon-glittering bulk,
Caught in whose monstrous twine Behemoth yells,
His bones loud-crashing! ...⁽¹¹⁾

Um dos temas da nova consciência social ou de classe num mundo em rápida e contínua transição é o do viajante em busca da comunidade perdida, seja a comunidade antiga, orgânica e coesa dos conservadores anglicanos, a "mutuality" do cooperativismo paternalista, do jacobinismo igualitário de Robert Owen, ou do novo radicalismo artesanal de início do século XIX.

As transformações econômicas e sociais acarretaram profundas mudanças na vida cultural. A mentalidade modernizadora da ilustração procurava instrumentos para consumir a transformação da natureza e o melhor aproveitamento da produtividade do trabalho e da terra. Exaltavam os potenciais da mentalidade científica, transformadora do homem e do meio ambiente. Ani-

(10) Em artigo de 1835 para a *London and Westminster Review*, John Stuart Mill escrevia um ensaio citando e elaborando o tema de Tocqueville: "A new science of politics is indispensable to a world which has become new..." (*Essays on Politics and Culture*, p. 176).

(11) Coleridge, S. T. "Religious Musings" (1794-6), 265-75. *The Poems of S. T. Coleridge*. Londres, Oxford University Press, 1960. pp. 118-9.

mavam-se as pesquisas empíricas de valor imediatista e pragmático. Buscavam-se novas formas para substituir as tradições e o peso morto da herança ancestral.

A cultura transformava-se em meio da ascensão social. Fundavam-se institutos e associações de estudos, destinados a difundir informações práticas e conhecimentos úteis. Era, segundo Thomas Carlyle, a moda das instituições de “cultura a vapor...”⁽¹²⁾. Havia grande efervescência nas escolas dissidentes das classes médias e dos novos industriais. Incentivavam-se patentes e invenções. As universidades mais modernas e abertas, como a de Edimburgo e Glasgow, especializavam-se em estudos pragmáticos e em pesquisas científicas, educando e difundindo o ânimo empreendedor dos novos investidores e homens de negócio. Sistematizava-se o saber empírico de pequenos comerciantes empreendedores e imaginosos. O progresso material oferecia oportunidades e estimulava a curiosidade “sadia” e o senso prático de homens ávidos de maior lucro e produtividade⁽¹³⁾. O individualismo, a livre iniciativa e o liberalismo açambarcavam as atividades de pesquisa e a ciência aplicada, relegando para plano secundário centros tradicionais como Oxford e Cambridge. Estas antigas universidades anglicanas, estagnadas, apegavam-se a princípios, instituições e valores superados⁽¹⁴⁾. Tinham antes uma função de conveniência e de consagração social das classes aristocráticas ou de formação do clero, desmoralizado e pouco procurado. Em Oxford, Southey, jovem radical e jacobino, consumia a mesada que recebia de seu tio e perdia seu tempo; desadaptado⁽¹⁵⁾ e torturado, por mil inquietações sociais e morais, não sabia se se deixava ordenar ministro anglicano. Em Cambridge, desperdiçava-se o talento literário e filosófico de Coleridge e a veia poética de Wordsworth... jovens poetas formavam-se em meios arcaicos e conservadores e mal se preparavam para suas longas trajetórias de viajantes perdidos e desadaptados no mundo modernizado e ativo, em que deveriam abrir caminho e ganhar a seu modo o pão de cada dia.

(12) Thomas Carlyle referia-se aos “steam-engine intellects”. Apud Williams, Raymond. *Culture and Society*. p. 105.

(13) Southey descreve com ironia e ceticismo a proliferação de sociedades de saber e de estudos “práticos” e comerciais: *Letters from England*. pp. 452-4; cf. Jack, Ian. *English Literature 1815-32*. Oxford, Clarendon Press, 1963. pp. 43 e 422 ss.

(14) Southey comenta a superioridade da universidade de Edimburgo sobre as demais, *Letters from England*. p. 276; cf. Williams, Raymond. *The Long Revolution*. Penguin Books. Londres, 1961. pp. 143 ss.

(15) Haller, William. *The Early Life of Robert Southey 1774-1803*. Nova York, Columbia Univ. Press, 1917. pp. 54-65. O trecho mais significativo do livro refere-se justamente à fase da vida de Southey como estudante em Oxford.

Não faltavam oportunidades comerciais para os que se dedicavam às atividades intelectuais. É bem conhecida a sede de informações de que eram dotados os dissidentes e as classes médias em ascensão. Desde fins do século XVIII, difundia-se a moda das conferências, animadas pela fermentação política da época e pelo interesse crescente que iam merecendo as ciências aplicadas.

Periódicos e revistas ofereciam os melhores meios de renda. Durante muitos anos, os dois grandes pólos da vida política e cultural da Grã-Bretanha seriam a *Edinburgh* e a *Quarterly Review*. Seus diretores rivalizavam em importância social com os primeiros ministros. Eram revistas que arregimentavam, como colaboradores, a nata da intelectualidade inglesa e, se bem que bastante caras, tinham uma circulação ampla para a época, sendo destinadas aos políticos e às classes altas⁽¹⁶⁾. A partir de 1809, a principal fonte de renda de Southey seriam as resenhas para a *Quarterly Review*.

Sobretudo, pagavam extraordinariamente bem. Em carta a Coleridge, Southey comentava, em certa ocasião, que os três volumes da *História do Brasil* não lhe tinham rendido o que ganhava com uma só contribuição para a *Quarterly*. . .⁽¹⁷⁾

No correr do século XVIII se fora constituindo e expandindo um novo público leitor, de classe média. As revistas e os jornais serviam a sua sede de informações e conhecimentos. Novelas e romances seriados satisfaziam a ânsia de distração e sentimentalismo. As relações entre o escritor e os editores mudaram drasticamente. Tornavam-se profissionais⁽¹⁸⁾. Integravam-se no mundo burguês, atendiam a um mercado consumidor a que deveriam adaptar-se. A profissionalização do escritor era para Adam Smith uma decorrência natural do princípio da divisão de funções. Enquanto os muitos trabalhavam, alguns deveriam preparar-lhes a instrução e moldes de pensar, assim como cuidar de suas necessidades de recreação.

Vários fatores condicionaram a revolta dos intelectuais românticos, o seu mal-estar e concomitantemente a sua tentativa de afirmação, a partir de uma consciência clara da posição que ocupavam na sociedade. Coordenadas bem concretas acentua-

(16) Jack, Ian, op. cit., pp. 10 ss.

(17) Carta a John Taylor Coleridge, de 8 de setembro de 1818. *L&C*, vol. 4, pp. 311-2.

(18) Em 1725, Defoe já escrevia: "... Writing... is become a very considerable Branch of the English Commerce. The Booksellers are the Master Manufacturers or Employers. The Several Writers, Authors, Copyers, Sub-Writers and all other operators with Pen and Ink are the workmen employed by the said Master-Manufacturers" (apud Williams, Raymond. *The Long Revolution*. p. 183).

vam-lhes a consciência social despertada em sua juventude pela Revolução Francesa e aguçada pelo processo de industrialização em sua terra. Estavam afastados dos setores produtivos da sociedade, desvinculados das classes produtoras e detentoras do poder político. Era difícil sobreviver numa sociedade progressista e trabalhadora, à margem dos novos setores em expansão da indústria e do comércio. Pesava-lhes sua dependência com relação ao grande público burguês, chegando às vezes a uma revolta declarada⁽¹⁹⁾.

O poder criador e a imaginação poética da primeira geração dos românticos ingleses despontaram em sua adolescência e mocidade identificadas aos sonhos utópicos de novos mundos e de comunidades igualitárias, acalentados nos primeiros anos da Revolução Francesa. Quando soçobraram os sonhos revolucionários, encontraram-se marginalizados na sociedade, revoltados contra as exigências do público e a sede de informações úteis e de invenções de industriais e comerciantes; sentiam-se tão mais decisivamente isolados porque também se romperam seus laços com as classes trabalhadoras e com os artesãos⁽²⁰⁾.

Delineava-se em fins do século XVIII e início do século passado na Inglaterra uma nova cultura popular. Esboçava-se entre artesãos e trabalhadores, em reuniões de taverna, nos clubes secretos, nas associações clandestinas, nas "sunday schools" e principalmente na nova imprensa de panfletos e de jornais baratos (os "sunday" e os "pennyweek papers"), um novo tipo de imprensa e literatura, barato, precário, à margem das grandes inovações técnicas da imprensa comercial, que começava, a partir de 1807, a fazer as primeiras experiências à base do vapor e da montagem logográfica. Eram precariamente impressos e distribuídos de mão em mão, ou lidos em grupos, e representavam principalmente interesses de classe, afirmação de direitos políticos. Divulgavam baladas, notícias de crimes e execuções⁽²¹⁾. Repre-

(19) "The Romantic Artist". In: Williams, Raymond. *Culture and Society*. pp. 53 ss; "The Growth of the Reading Public". In: Williams, Raymond. *The Long Revolution*, pp. 177 ss; Southey manifestava continuamente o seu protesto contra a dependência do escritor para com o grande público, revoltando-se contra quaisquer compromissos com o gosto e os interesses burgueses: "I have had a correspondence with Clarkson concerning the best mode of publishing my Brazilian history; and what he points out as the best plan is little better than the half and half way, and involves a great deal of trouble, and what is worse, a great deal of solicitation. I am a bad trading author and doomed always to be so, but it is not the bookseller's fault: the public do not buy poetry unless it be made fashionable; mine gets reviewed by enemies who are always more active than friends; one reviewer envies me, another hates me, and a third tries his hand upon me as fair game..." (carta a S. T. Coleridge, de 12 de fevereiro de 1808. *L&C*, vol. 3, p. 134).

(20) Thompson, E. P., op. cit., pp. 115 e 175.

(21) "The Growth of the Popular Press". In: Williams, Raymond. *The Long Revolution*. p. 195.

sentavam um esforço inédito de afirmação de novos valores da classe trabalhadora em formação. Como um vulcão prestes a explodir, lançavam os germes de uma nova cultura inteiramente à margem da tradicional⁽²²⁾. Vinham de encontro aos padrões respeitáveis das classes médias e desafiavam-nos, justamente em meio à reação e ao regime repressivo dos anos de guerra e do pós-guerra. Suscitavam pânico e indignação; pareciam forças destrutivas capazes de minar os fundamentos da cultura tradicional e do Estado.

Southey lutou virulentamente contra os veículos da cultura popular dos artesãos. Estes escapavam, por sua clandestinidade, aos tradicionais meios de controle oficial, da imprensa política em geral, através de subsídios aos jornais, do suborno de jornalistas ou simplesmente da taxaço sumária, como era o caso do imposto do selo ou das taxas cobradas sobre anúncios⁽²³⁾. A nova cultura radical, do povo, afirmava valores agressivamente contrários aos da literatura polida das classes médias. William Hazlitt, apesar de seu estilo de ensaísta sofisticado, atacava a cultura de salão e os “poetas do lago”, investindo especialmente contra Southey, por causa do seu empenho em combater a liberdade de imprensa⁽²⁴⁾. Radical de classe média, queria desmascarar a cultura burguesa. William Cobbett, porta-voz espontâneo da cultura popular, voltava-se contra o esforço das associações de classe média no sentido de integrar os pobres. Em seu periódico *Political Register*, investia com passagens sarcásticas contra o empenho dos homens cultos em “make us’ a’ enlightened an fill us with’ antelect!” Achava ótima a idéia de ampliar as mentes, mas sugeria que se procurasse antes encher o estômago do povo com mais pão, toucinho e cerveja. Referia-se com desprezo ao “reverendo Malthus” e aos “feelosophers” (sic) escoceses⁽²⁵⁾.

De onde a violência com que se procurou reprimir a imprensa “indigente”, levantando-se a questão da necessidade de se oporem limites à liberdade de imprensa⁽²⁶⁾. Southey e vários intelectuais da época apoiavam firmemente estas medidas, profundamente imbuídos da convicção de que a imprensa livre repre-

(22) “The Radical Culture”. In: Thompson, E. P., op. cit., pp. 711 ss.

(23) Sobre a restrição à liberdade de imprensa através da taxaço dos jornais, cf. Thompson, E. P., op. cit., p. 699, e White, R. J., op. cit., p. 197; Willams, Raymond, *The Long Revolution*. pp. 208-9, 290.

(24) Thompson, E. P., op. cit., pp. 722-3 e 141; Jack, Ian, op. cit., pp. 260 ss e 433.

(25) Thompson, E. P., op. cit., p. 762.

(26) “On Parliamentary Reform”, *QR*, 6 (3): 213, out. 1816; *Colloquies*, vol. 1, p. 234: “... the supremacy of popular opinion is... the worst evil with which, in the present state of the world, civilized society is threatened...”

sentava um perigo para a sobrevivência da cultura inglesa e de toda ordem existente. Southey teve participação ativa no estado de ânimo que levaria à carta circular de 1816 e aos dois decretos de 1819, que oficializaram a censura, acabando com a liberdade de imprensa na Inglaterra, durante certo período.

Era, na verdade, um fato o abismo que se abriria depois de 1795 entre os intelectuais jacobinos e os artesãos. O novo jacobinismo popular, que seria um aspecto da formação das novas classes trabalhadoras, desenvolver-se-ia, com exceção talvez de William Blake, à margem e independente da participação ou da compreensão dos poetas e intelectuais da época, que nem por isso deixavam de ser sobremodo sensíveis à questão social, ferrenhamente dedicados à causa pública, participantes entusiásticos das questões políticas do seu tempo. A política de repressão, o aprisionamento e a execução de alguns chefes radicais, a partir de 1794, marcaram o ponto de desencontro e a divisão dos caminhos.

Marginalizados das forças produtivas, desvinculados da nova cultura das massas, que principiava a tomar forma, a produção literária dos intelectuais deste período, principalmente a da primeira geração romântica, que é a de Southey, pode ser analisada nos moldes de um profundo isolamento social. Isolamento em certa medida parecido com o das classes trabalhadoras que viviam nesses anos de contra-revolução em um verdadeiro "apartheid" dentro da Inglaterra⁽²⁷⁾; tanto mais quanto guardavam muitas afinidades com os artesãos, afinidades oriundas de suas raízes jacobinas comuns, porém virtualmente separados pelo *status* social. O líder radical Thelwall exerceria simultaneamente grande influência sobre Southey e sobre os tecelões de Spitalfields!

"Intelligentsia" e classes trabalhadoras dissociaram-se em suas origens. Entretanto, embora com armas diferentes, lutavam contra os mesmos alvos: o novo capitalismo industrial, a modernização, as transformações de seu tempo... Artesãos e poetas conservadores tinham em comum a resistência tradicionalista, o mito da aldeia abandonada, o agrarismo utópico⁽²⁸⁾ e a nostalgia dos direitos históricos com que ambos tendiam a procurar argumentação para os direitos sociais... Separava-os o abismo criado

(27) "... In the decades after 1795, there was a profound alienation between classes in Britain, and working people were thrust into a state of apartheid whose effects — in the niceties of social and educational discrimination — can be felt to this day. England differed from other European nations in this, that the flood-tide of counter-revolutionary feeling and discipline coincided with the flood-tide of the Industrial Revolution; as new techniques and forms of industrial organization advanced, so political and social rights receded..." (Thompson, E. P., *op. cit.*, p. 177).

(28) Thompson, E. P., *op. cit.*, pp. 229-31.

pela industrialização e a nova disciplina de trabalho. Distanciava-os o espectro da revolução, da violência e da anarquia social. Em carta de 1799, Southey escrevia sugestivamente a um amigo que compreendera finalmente o risco que havia em dizer às massas: "Até aqui e basta!"⁽²⁹⁾. Apavoravam-se os homens cultos ante o novo fenômeno das massas; a nova cultura que se esboçava parecia ameaçar os valores tradicionais a que se apegavam num estado de insegurança quase mórbido. John-Stuart Mill observaria que, para as novas massas, existia somente o presente⁽³⁰⁾: o passado e toda tradição cultural a que se apegavam os intelectuais pareciam pois ameaçados de dissolução. Oprimidos pela comercialização da profissão; perseguidos pela exigência do grande público, a que desprezavam, pelos editores contra os quais se revoltavam e, de outro lado, pelo novo poder da imprensa popular, converteram-se em guardiões da cultura ameaçada, procurando valorizar-se, em seu isolamento, com a missão preciosa de que se investiam.

Premidos por vínculos e pressões do meio em que viviam e sobretudo pela árdua exigência do ganha-pão, e tomados no turbilhão das grandes transformações do seu tempo, tendiam os românticos a manifestar seu mal-estar através da exaltação da imaginação criadora do poeta, com o que afirmavam a originalidade do poder do artista contra as convenções mecanicistas da sociedade industrial. Voltavam-se para os recessos ocultos do inconsciente; procuravam contato com o sobrenatural, imanente na natureza; buscavam humanizar a Razão, revolucionar os moldes literários, os sentimentos dos homens e, sobretudo, encontrar novas fórmulas de comunicação. O poder criador do poeta aparece como uma revolta e simultaneamente como uma afirmação da marginalização do artista⁽³¹⁾. Dificilmente poderiam sobreviver somente com sua pena e sua imaginação criadora. O público, os editores, a pressão e demanda dos tempos "modernos" favoreciam antes a prosa do que a poesia. A época vitoriana seria essencialmente uma época de prosa⁽³²⁾. A preocupação com a perda do poder criador tornava-se tema recorrente e uma preocupação característica

(29) Carta a Thomas Philip Lamb, de Bristol, 1792. *Selections*, vol. 1, p. 3; cf. Carnall, Geoffrey, op. cit., pp. 37 ss e 141 ss.

(30) "...The wisest men in every age generally surpass in wisdom the wisest of any preceding age, because the wisest men possess and profit by the constantly increasing accumulation of the ideas of all ages: but the multitude (by which I mean the majority of all ranks) have the ideas of their own age, and no others..." (Stuart Mill, John, "The Spirit of the Age". In: *Essays in Politics and Culture*. p. 8).

(31) Williams, Raymond. *Culture and Society*. p. 53.

(32) Jack, Ian, op. cit., p. 423.

dos homens da época⁽³³⁾. O medo de perder a criatividade e a imaginação poética era obsessivo em Coleridge; seria o tema do *Prelúdio* de Wordsworth e a triste realidade da existência de Southey como poeta frustrado.

Revistas e editores exigiam ensaios. O ganha-pão forçava a proliferação de bons prosadores, mas não propriamente de autores de livros, resenhadores, romancistas e poetas afeitos ao gosto do grande público e não propriamente artistas criadores. Antes da lei do "copyright"⁽³⁴⁾, que deu ao escritor o direito de dispor do que escrevia, havia vínculos de dependência e proteção entre o escritor e seus patrões, que os românticos lembravam com nostalgia. A identificação do artista com o meio restrito a que pertencia tornava mais fácil e espontânea a receptividade de suas inspirações; a maior adequação ao meio estimularia talvez a sua criatividade...

À necessidade do sobreviver, somava-se a insegurança social generalizada, nesse período de instabilidade política e social; a reação de medo, ante o que constituía uma ameaça real e concreta de uma revolução iminente das classes trabalhadoras, levaria os intelectuais ao reformismo intelectualista, à fé no poder regenerador da razão, ao messianismo cultural, típico dos poetas que perderam a crença numa renovação revolucionária da sociedade. Iniciada a reação, artistas e poetas nascidos com a Revolução Francesa ficaram marginalizados, embotados num longo período de repressão; logo desistiram de qualquer atuação prática, contentaram-se em revolucionar o pensamento dos homens, em particular das classes mais pobres⁽³⁵⁾.

Crentes no poder da razão, abandonaram o utopismo revolucionário: voltaram às pegadas de seus precursores do século XVIII, os funcionários ilustrados das cortes do despotismo esclarecido. Dedicaram-se alguns à integração paternalista das classes trabalhadoras, que a industrialização parecia marginalizar num perigoso mundo à parte. Idealizaram, como Coleridge, a função

(33) "The struggle between antiquarianism and creativity, in which so many literary men of this period engaged, deserves more careful study than it has yet received..." (Krosber, Karl. *Romantic Narrative Art*. Madison, Univ. of Wisconsin Press, 1960. p. 29; Rodway, Allan. *The Romantic Conflict*. Londres, 1963).

(34) Em carta de 13 de março de 1809, para Richard Heber, queixava-se Southey da lei dos direitos autorais (Chalmondeley, R. H. *The Heber Letters 1783-1832*. Londres, The Batchworth Press, 1950. p. 223). Cf. Rosen, Marvin S. "Authors and Publishers 1750-1830". *Science and Society*, 32 (2): 218, 1968; Collins, A. S. *The Profession of Letters: a Study of the Relations of Author to Patron, Publisher and Public 1780-1832*. Londres, 1928.

(35) "... revolution should take place in mind..." (*Bodleian Library Mss.*, c. 22, f 138, carta de 22 de novembro de 1794).

do Estado, gravitaram para o funcionalismo público, aceitaram pensões e cargos oficiais. Em 1813, Southey tornava-se poeta oficial da corte, sucedendo-o, após sua morte, Wordsworth. Tinham consciência dos problemas sociais. Assalariados da cultura, imaginaram um *status* dignificante para si e exaltaram o papel social da "intelligentsia".

É bem conhecida a participação dos românticos nas lutas políticas de seu tempo. William Blake era amigo de Thomas Paine, tendo sido preso e processado; Wordsworth, Coleridge e Southey gravitaram de atividades jacobinas para um conservadorismo militante e idealista, escrevendo ensaios e panfletos de cunho político. Shelley distribuía panfletos. Wordsworth diria que pensava nos problemas sociais durante as doze horas do dia . . . Byron participou de um movimento de artesãos e morreu na Grécia como voluntário na luta de libertação nacional contra os turcos⁽³⁶⁾. Mais do que a militância política, transformaram o próprio mister intelectual num relacionamento vivo com a sociedade em que viviam. Ora em revolta contra a profissionalização do homem de letras, ora em resposta à insegurança de uma época de transição, atribuíram ao poeta e aos homens de saber o papel de conservadores e guardiões de uma cultura ameaçada, como se coubesse a eles a responsabilidade de manter viva a continuidade da cultura, da memória nacional, que associavam a uma visão orgânica de comunidade ameaçada de desintegração. Raymond Williams analisou a preocupação romântica com o processo social do conhecimento, como se os homens da época quisessem garantir a continuidade e a sobrevivência da cultura, que viam como matriz da solidariedade comunitária, ameaçada pela luta de classes, acirrada pela modernização⁽³⁷⁾. Vencida a primeira fase de luta do homem contra as forças hostis da natureza, a cultura perderia a sua função dominadora e agressiva, para tornar-se um processo de contínua renovação, que se identificava com a sobrevivência da comunidade nacional. Poetas e intelectuais, traumatizados pelas transformações da Revolução Industrial, viam como fator de grande importância para a conservação da ordem social o processo complexo de reavaliação das tradições herdadas dos antepassados. Para Wordsworth "apesar de coisas silenciosamente apagadas do pensamento dos homens, e de outras violentamente destruídas, cabia ao poeta manter unido e coeso, através da paixão e do conhe-

(36) Harris, R. W. *Romanticism and the Social Order*. p. 342.

(37) Williams, Raymond. *Culture and Society*. pp. 48 ss; Bloom, Harold. *Romanticism and Consciousness (Essays in Criticism)*. Nova York, W. W. Norton, 1970.

cimento, o vasto império da sociedade, tal como se espria por toda a terra e através dos tempos..."⁽³⁸⁾. Coleridge reservava aos intelectuais uma participação importante na burocracia do Estado moderno; a "clerisy" atuaria juntamente com os partidos políticos, a alta corte de justiça etc.⁽³⁹⁾. Shelley também concebia a missão dos poetas como a dos verdadeiros fundadores da sociedade civil, sedimentada pela imaginação criadora, que estimulava o progresso moral da humanidade. Seriam os futuros legisladores e profetas da sociedade, constituindo um "quarto estado" dentro da comunidade nacional⁽⁴⁰⁾. Com a mesma ênfase escreveria Carlyle seu ensaio sobre o homem de letras como herói nacional, a que estava reservado papel de destaque por ser "a alma de tudo" e o mestre que ensina aos homens os deveres sociais. A consideração social para com os intelectuais seria o melhor sintoma do estado em que se encontrava uma sociedade. Criticava Carlyle a falta de organicidade dos homens de letras enquanto classe, ou corporação...⁽⁴¹⁾

Um certo moralismo atuante seria parte do contexto integral da época. Do refúgio na inspiração poética, como reação contra o mecanicismo dos economistas e do materialismo do meio ambiente em que viviam, para a militância regeneradora, o messianismo cultural e o reformismo intelectualista seria apenas um passo na trajetória das suas carreiras literárias. Foi processo muitas vezes repetido e peculiar a uma geração de intelectuais eminentemente politizados e ansiosos por alguma forma de participação nas questões políticas e sociais do seu tempo. No caso de Robert Southey, apesar de certo talento inovador como poeta, faltava-lhe a imaginação criadora. As circunstâncias fariam dele antes de tudo o historiador moralista, o ensaísta político, o reformador social de tendência autoritária e ao mesmo tempo socializante ou corporativista. De sua trajetória política diria William Haller que,

(38) Williams, Raymond. *Culture and Society*. pp. 38, 74-5; Abrams, M. H. *Natural Supernaturalism (Tradition and Revolution in Romantic Literature)*. Nova York, W. W. Norton, 1972. pp. 68 e 117 (sobre a missão do poeta e o poder da imaginação).

(39) Colmer, John. *Coleridge, Critic of Society*. pp. 135 ss, 158, 160, 173.

(40) Ein seu ensaio *Defense of Poetry*, Shelley escrevia "... we want the creative faculty to imagine that which we know; we want the generous impulse to act that which we imagine; we want the poetry of life: our calculations have outrun conception; we have eaten more than we can digest. ... Poetry, and the Principle of Self, of which Money is the visible incarnation, are the God and Mammon of the World..." (apud Macintyre & Ewing, orgs. *English Prose of the Romantic Poetry*. p. 270).

(41) "... Meanwhile since it is the spiritual always that determines the material, this same Man-of-Letters Hero must be regarded as our most important modern person. He, such as he may be, is the soul of all. What he teaches, the whole world will do and make. The world's manner of dealing with him is the most significant feature of the world's general position" (Carlyle, Thomas. "On Heroes, Hero-Worship and the Heroic in History". *Works*, Londres, 1896. vol. 7, p. 147).

apesar de defender com exagero posições bem reacionárias e de direita, teria quase chegado a ser de esquerda⁽⁴²⁾.

É considerado um exemplo bem típico do seu tempo.

Como escritor profissional vivia escravizado à necessidade de fazer resenhas, que se tornaram seu ganha-pão. Walter Scott apresentava-o como o mais consumado homem de letras de seu tempo, no sentido de depender inteiramente da pena para viver⁽⁴³⁾. Em artigo de 1817 para a *Quarterly Review*, lamentava o fato de ter que subordinar a atividade literária à luta pelo pão de cada dia⁽⁴⁴⁾.

Ganhava a vida escrevendo para os periódicos, editando romances medievais, antologias, dependente da demanda do grande público e dos preços dos editores, contra os quais viveu sempre em aberta rebelião: "As for the Booksellers, I am disposed to distinguish between Longman and Tradesman nature (setting human nature out of the question) . . ."⁽⁴⁵⁾ Em suas cartas descrevia a intensidade da sua rotina de trabalho em Keswick, entremeando algumas páginas de poesia antes do café da manhã; as longas laudas de resenha e negócios no correr da manhã e as horas da tarde dedicadas à pesquisa histórica e às leituras de erudito. Ainda em carta de 1828 referia-se à tenacidade do seu ritmo de trabalho: "O cavalo continua pacientemente a trabalhar no moinho, dando voltas e voltas sem nunca ver o fim dos seus labores. . ."⁽⁴⁶⁾

Não deixou de ter patronos e pensões oficiais. Entre 1796 e 1807, recebia um auxílio anual de 160 libras de um amigo aristocrata e alto funcionário do governo, que conseguiria para ele uma pensão oficial a partir de 1807. Embora reforçada depois de 1813 pelos proventos do cargo de poeta oficial da corte, estas pensões

(42) Haller, William. "Southey's Later Radicalism". *Publications of the Modern Language Association of America*. Nova York, 1922. p. 179.

(43) "I have not yet seen Southey in the Gazette as a Laureate. He is a real poet, such as we read of in former times, with every atom of his soul and every moment of his time dedicated to literature pursuits, in which he differs from almost all those who have divided public attention with him. Your Lordship's habits of society, for example, and my own professional and official avocations, must necessarily connect us much more with our respective classes in the usual routine of pleasure or business. . . But Southey's ideas are all poetical, and his whole soul dedicated to the pursuit of literature. In this respect, as well as in many others, he is a most striking and interesting character. . ." (Lockhart, John Gibson. *Memoirs of the Life of Sir Walter Scott*. Boston, 1861. vol. 3, p. 303).

(44) "The Rise and Progress of Popular Disaffection", *QR*, 16 (32): 538, jan. 1817.

(45) Carta de 12 de fevereiro, para S. T. Coleridge. *L&C*, vol. 3, p. 134; sua correspondência particular está saturada de referências pouco elogiosas aos editores e de queixas pessoais. De William Gifford, dizia Southey que tinha o coração chelo de bondade para todos, menos para escritores, "que via como o pescador vê as enguias. . . ou como Isaac Walton via as lesmas, sapos e minhocas. . ." (*NL*, vol. 2, p. 489; cf. *NL*, vol. 2, pp. 26, 59, 126; carta para Charles Wynn, 15 de dezembro de 1815. *L&C*, vol. 4, pp. 144-5 etc.

(46) *NL*, vol. 2, p. 328 (carta de outubro de 1828).

não o tornaram independente do mercado comercial e do mundo dos editores⁽⁴⁷⁾. A prolixidade quase ímpar que caracteriza a sua obra, infundável coleção de volumes e volumes, notas e manuscritos, deve-se em parte às necessidades de sobrevivência. De outro lado, provinha da sua revolta contra o profissionalismo literário, o que faria com que se atribuísse a missão de rever e resguardar valores e informações do passado... A noção do dever cultural superaria a imaginação criadora do poeta: tinha sua missão a cumprir em prol de uma igreja e de um Estado nacional anglicano idealizados⁽⁴⁸⁾, lutar contra o liberalismo, a industrialização, o espírito materialista e especulativo que dominava a época; propor medidas e reavivar valores, a fim de que não soçobrasse a civilização inglesa, ameaçada de desintegração por terríveis forças atuantes. A seriedade com que aceitou o cargo de poeta laureado a partir de 1813 e dele se desincumbiu, seria de outro modo incompatível com a vivência de intelectual experimentado nas lides do grande público. O empenho, a extrema meticulosidade e o enorme esforço de trabalho despendido em sua obra sobre o Brasil é outro aspecto da seriedade e do moralismo quixotesco com que enfrentava o papel de intelectual.

Ao iniciar a obra, achava que o esforço seria amplamente retribuído pelo interesse do governo e sobretudo de comerciantes particulares ligados ao Brasil. Julgava-se em posição ideal como inglês "naturalizado português"⁽⁴⁹⁾ para ensaiar o esforço pioneiro de sistematizar a mais crua, desconexa e negligenciada das histórias⁽⁵⁰⁾. Desde o início recusava-se a fazer qualquer concessão

(47) Seu maior desejo, escrevia em carta para Charles Wynn, de 15 de dezembro de 1815, era livrar-se dos editores. Tinha então 41 anos, preparava o segundo volume da *História do Brasil* e a perspectiva ainda lhe parecia bem remota: *NL*, vol. 2, p. 127.

(48) Carta para John May, de 4 de março de 1821. *L&C*, vol. 5, pp. 63-4.

(49) Em carta de 3 de junho de 1815 para Henry Koster, Southey considerava a hipótese de sua obra ser traduzida para o português e reconhecia que muitas passagens deveriam ser suprimidas. Ainda assim: "... the general tone of the work is much in favour of the Portuguese, for the long attention which I have given to their history and the whole of their literature has given me a sort of intellectual naturalization among them; — and when the needful castrations were made, neither the Government, nor the people, would have cause to be offended with the disposition of the writer..." (Leão Filho, Joaquim de Souza, org. "Cartas de Robert Southey a Theodore e Henry Koster (1804-1819)", *Rev. IHGB*, 178: 46). Dizia-se metade espanhol e metade português; "não sabia se ainda restava algum espaço para ser inglês..." (sic) (*L&C*, vol. 4, p. 305, carta de 12 de abril de 1818). Em carta de 5 de maio de 1807, referia-se ao "... true and zealous love which I feel for Portuguese literature, in which I am now as well versed as in that of my own country, and into which (whenever the reign of priestcraft is at an end) I hope to be one day adopted"; (*L&C*, vol. 3, p. 89).

(50) Em 27 de novembro de 1818, escrevia para Henry Koster: "... The end of my long labour is at last fairly in view, there is a great pleasure in completing anything, more specially a work of such extent and difficulty as this, wick I verily believe to be the most laborious history in our language... But I am far from re-

ao grande público, irritando-se com os conselhos e sugestões do Thomas Clarkson⁽⁵¹⁾. Despenderia na obra um esforço colossal, colhendo material inédito e reescrevendo pelo menos três vezes cada um dos volumes⁽⁵²⁾. Em 1811 comentava o sacrifício material que lhe custava o ter que gastar metade de seu tempo num trabalho não remunerado⁽⁵³⁾. Teria de fato um prejuízo considerável com a edição da obra, mormente por causa de uma cláusula da lei de direitos autorais que o obrigava a distribuir exemplares pelas bibliotecas públicas⁽⁵⁴⁾. O fato de ter publicado os três volumes com tantos anos de intervalo entre o primeiro e o último teria dificultado a venda⁽⁵⁵⁾.

gretting that so much time and labour has been bestowed upon a subject for which few English readers (such as readers now are) can be expected to feel much interest. No other person could have brought the same industry and the same advantages to the task: — an Englishman would have wanted the wide scope of Portuguese knowledge and the Portuguese feeling to which so many years converseance with Portuguese literature has given me; and on the other hand, a native of Portugal or Brazil would have been shackled by many prejudices or political considerations, and his ignorance on some points would have counter-balanced his superior knowledge on others. What I have done is in many parts very imperfect; it is nevertheless even now a great achievement; as long as I live I shall carefully correct and enlarge it from whatever documents, written or printed, may come to my hands and, centuries hence, when Brazil shall have become the great and prosperous country which one day it must be, I shall be regarded there as the first person who ever attempted to give a consistent form to its crude, unconnected and neglected history..." (Leão Filho, Joaquim de Souza, org. "Cartas de Robert Southey a Theodore e Henry Koster", *Rev. IHGB*, 178: 56).

(51) Carta de 12 de fevereiro de 1808, para S. T. Coleridge. *L&C*, vol. 3, p. 134.

(52) Carta de 31 de março de 1809. *L&C*, vol. 3, pp. 226-27; o trabalho que tinha com a história da Guerra Peninsular, escrevia Southey em 1822, era nada comparado ao da História do Brasil (carta ao Rev. Hill, 17 de dezembro de 1822. *Selections*, vol. 3, p. 358). Em 1814, referia-se ao árduo esforço que lhe estava custando o segundo volume (carta a James Hogg, de 24 de dezembro de 1814. *NL*, vol. 2, p. 113). E em 1818: "... The concluding volume of Brazil has cost me exceeding great labour being drawn for the greater part from manuscript documents; it will be found, I think, more curious and diversified than either of the former, and when it is off my hands, as it will now very soon be, I shall feel that I have accomplished a great work..." (carta a Wade Browne, de 31 de dezembro de 1818. *NL*, vol. 2, p. 193). O terceiro volume continha mais informações inéditas do que jamais encontrara em obras do mesmo gênero, escrevia para Henry Koster... (Leão Filho, Joaquim de Souza, org. "Cartas de Robert Southey a Theodore e Henry Koster", *Rev. IHGB*, 178: 54): "... The end of my long labours is at last fairly in view, there is a great pleasure in completing anything, more especially a work of such extent and difficulty as this, wich I verily believe to be the most laborious history in our language..." (carta de 17 de novembro de 1818 para Henry Koster. *Ibid.*, 58).

(53) Carta ao Rev. Hill, de 11 de fevereiro de 1811. *Fitz Park Museum Mss*, f 78.

(54) "... and upon the abominable copy-right laws, by which the Public Libraries take from us eleven copies of every book and tell us it is for our own advantage! This is a tax of more than 70 £ upon my history of Brazil..." (carta a Wade Browne, de 31 de dezembro de 1818. *British Museum Add. Mss*, 15 seção f 1, 2).

(55) "... I should expect that the third volume of "Brazil" will get up with the second, as soon as it is reviewed, and thereby brought to the notice of persons who may not see or not regard the advertisements. But as to the first volume, my copies must, by the death of the first possessors or other chances, have fallen into the possession of persons who care nothing about books or have got into the hands of booksellers as odd volumes, — a necessary evil arising from the lapse of time between the first and last publication. I must not, however, regret, that so long a time elapsed, because some of the most important materials for the last volume did not come to

Escrevendo “três fólhos elefantes sobre uma única colônia portuguesa”⁽⁵⁶⁾, pretendia fornecer dados para a maior eficiência da tutela paternal e civilizadora da presença inglesa no Brasil, assim como indicar à futura nação independente os rumos mais seguros a seguir⁽⁵⁷⁾. Poeta frustrado, recolhido em seu refúgio de trabalho, levaria a sério a intenção de tornar-se o Heródoto da América do Sul, transpondo os valores de reação contra a Revolução Industrial da Inglaterra para uma filosofia da história e uma teoria civilizadora dos trópicos sul-americanos, que sob certos aspectos seria notoriamente crítica da obra civilizadora dos portugueses.

light till that volume was half through the press; so that, had the work appeared earlier it must have been much more imperfect...” (Carta aos editores Longman & Co., 28 de janeiro de 1820. *Selections*, vol. 3, p. 137).

(56) *Blackwood's Edinburgh Review*, p. 23, fev. 1824.

(57) Em 1819, congratulava-se com o término da sua obra: “... I have the satisfaction of knowing, now the task is so nearly completed, that there does not exist, in this or in any other language, so full an account of any country, from the earliest times of its rise, progress, geography, the manner of its aborigines, and its actual state at the point of time, when the writer concludes, as I shall have prepared of Brazil; a country of which less was known than of any other (Central Africa alone excepted) which will soon be of the greatest commercial importance to Great Britain and is in a fair way of becoming the greatest country of the New World, having, I think, as much to hope as Yankee-land, and less to fear...” (carta para G. Bedford, de 5 de maio de 1819. *Selections*, vol. 3, p. 130).

II — O REFÚGIO DO POETA

O período de elaboração dos três volumes da *História do Brasil*, entre 1806 e 1822, marca os anos de maturidade de Robert Southey como escritor. Em Keswick, no distrito dos Lagos, ao norte da Inglaterra, onde se instalara com a família de Coleridge, desde 1803, pareciam-lhe pavorosamente remotos os sertões dos trópicos sobre os quais escrevia. Em 1805, a instabilidade da situação política no continente e a febre amarela o impediriam de sair da Grã-Bretanha para completar as pesquisas sobre a história de Portugal, iniciadas em 1800, durante um ano de permanência em Lisboa⁽¹⁾. Em 1807, desistia de antemão do cargo de cônsul junto à corte de D. João VI⁽²⁾: o atraso da terra e o clima quente amedrontavam-no.

Keswick representava um refúgio para a instabilidade interior e as frustrações que lhe abalavam a sensibilidade quase doentia. Poeta frustrado, tornava-se historiador, colecionava livros, manuscritos. Apegava-se à idealização da missão cultural dos intelectuais, a qual deveria transpor para o presente e o futuro as lições do passado. Sentia-se mais inclinado a moralizar e repreender do que a revolver a alma em transe de criatividade. Fugia “daquele sentimento momentâneo que vem e se esvai como um choque elétrico, súbito e transitório...”⁽³⁾ Escrever poesia era incompatível com o controle e o estoicismo “de que todos nós necessitamos para enfrentar a vida”⁽⁴⁾. Nele o ato de compor e fazer poemas despertava paixão, agitava-lhe o íntimo, e o excitava “além do desejável”⁽⁵⁾.

(1) Carta para John Rickman, de 15 de outubro de 1804. *NL*, vol. 1, p. 362; sobre a estada em Portugal, vide *Journals*, e Cabral, Adolfo de Pinheiro, *Southey e Portugal (1774-1801; aspectos de uma biografia literária)*. Lisboa, P. Fernandes, 1959.

(2) *NL*, vol. 2, p. 429.

(3) *Journals*, p. 6.

(4) *L&C*, vol. 4, p. 242.

(5) *L&C*, vol. 4, pp. 16-17.

O impacto causado em sua vida pela Revolução francesa; a crise de fé, seguida de uma nova religiosidade; a maneira de pensar e sentir historicamente o mundo e a sociedade, que emergiria com a frustração dos sonhos de utopismo revolucionário, são experiências comuns à época. A volta às raízes, a atração pelos temas, metáforas e arquétipos de crítica do homem dividido e alienado de si mesmo; os mitos da queda e redenção, assim como a busca de leis iguais às das ciências naturais, regendo o devir do homem e da sociedade, num mundo mecânico e racional, são aspectos diferentes do temperamento e da mentalidade do romantismo. A tentativa de traduzir subjetivamente a ânsia de totalidade e harmonia, marcou a militância e a inquietação dos intelectuais da época, que transferiram a luta política para o plano estético.

Descrente da viabilidade de revoluções exteriores, dedicava-se, através da poesia, a revolucionar a alma e os sentimentos dos homens. William Blake, mais do que qualquer outro, traduziria a militância social e política de seu tempo na sua criatividade poética⁽⁶⁾. Da mesma maneira Shelley e Keats estavam convencidos da necessidade primordial de uma revolução moral que prepararia o íntimo dos homens para a revolução social que esperavam ver consumada. Regenerar as almas, os sentimentos, e redimir valores morais, sem os quais toda revolução política estaria fadada ao malogro, eram preocupações bem objetivas e conscientes dos românticos. Através das *Lyrical Ballads*, pretendiam Coleridge e Wordsworth regenerar os antigos valores e sentimentos de camponeses e artesãos, embrutecidos pela modernização e pela nova disciplina de trabalho da Inglaterra moderna. Estavam os românticos empenhados em uma revolução estética e poética: através da experiência interior, pretendiam chegar aos valores morais que era preciso semear ou regenerar na psique do homem comum. De onde a tendência subjetiva e autobiográfica, presente no *Prelúdio* de Wordsworth, que exprime a experiência inicial de exploração dos subterrâneos do "self". Era a experiência subjetiva equivalente às grandes transformações e ao desenraizamento do mundo moderno, traduzindo-se em metáforas de viagens, peregrinação e de volta às raízes primárias do ser.

A Traveller I am,
And all my tale is of myself. . .
. . . And thou, o honor'd Friend!

(6) Bronowski, Jacob. *A Man Without a Mask*. Londres, Pelican, 1954; Erdman, D. V. Blake: *Prophet against Empire*. Princeton, 1954; Fisher, Peter F. *The Valley of Vision: William Blake as prophet and revolutionary*. University of Toronto Press, 1961.

Who in my thoughts art ever at my side,
Uphold, as heretofore, my fainting steps. . . (7)

A mesma busca, no plano do pensamento social, levaria a uma visão dinâmica do homem, da natureza e da sociedade e, pois, à concepção histórica e imaginativa do processo evolutivo. O tema narrativo, projetando a preocupação com a continuidade num plano estritamente formal, parece ser um elo comum aos dois tipos de abordagem peculiar aos românticos. O tema narrativo, ou seja, histórico, está igualmente presente na experiência subjetiva de criação poética⁽⁸⁾, no pensamento filosófico, e na prosa dos historiadores: um querer reatar fios com o passado, reproduzir os mitos de ascensão e queda, reviver, pois, a tradição judaico-cristã do passado europeu, que encontra sua expressão consumada na visão do processo orgânico e evolutivo da história e na consciência humanística do historicismo racionalista alemão⁽⁹⁾.

Em sua obra, Southey evitava sistematicamente qualquer subjetividade, fugindo das trilhas por onde enveredavam seus companheiros. Obcecava-o o medo de enlouquecer⁽¹⁰⁾. Atraíam-no enormemente os fenômenos fantásticos do inconsciente e do sobrenatural⁽¹¹⁾. Mas não seria capaz de exprimi-los poeticamente. A poesia era, no entanto, para ele, a forma mais elevada de expressão literária, a única que permitia ao homem libertar-se das pressões do mundo, através da revelação de seus sentimentos mais profundos e significativos: . . . "é o sal da terra; através dela damos expressão e recebemos sentimentos que as práticas do mundo não admitem e nem deixam que se viva"⁽¹²⁾. A poética revestia-se de uma importância nova na sociedade contemporânea, passando a ter a missão de preservar valores vitais e morais, que estavam em processo de extinção. Os românticos em crise humanística consciente

(7) Wordsworth, William. "The Prelude", III, 196-201. In: Hutchinson, Thomas, org., & Selincourt, Ernest de, rev. *Poetical Works*. Oxford University Press, 1969. p. 510.

(8) Kroeber, Karl. *Romantic Narrative Art*. Madison, The University of Wisconsin Press, 1960. p. 3.

(9) Abrams, M. H. *Natural Supernaturalism (Tradition and Revolution in Romantic Literature)*. Nova York, W. W. Norton, 1971.

(10) Carta de fevereiro de 1816. *NL*, vol. 2, pp. 134, 138, 186, 413, 422, 426 etc.

(11) "... How strangely does the mind act upon the body and the body again upon the mind, and how little can those men have reflected upon themselves and their own structure who disbelieve anything merely because it is above their understanding..." (carta de agosto de 1827. *NL*, vol. 2, p. 137).

(12) "... And who can tell in our heart-chilling and heart-hardening society, how much more selfish, how much more debased, how much worse we should have been, in all moral and intellectual respects, had it not been for the unnoticed and unsuspected influence of this preservative? Even much of that poetry, which is in its composition worthless, or absolutely bad, contributes to this good" (*Colloquies*, vol. 2, p. 307).

lutavam contra o materialismo mecanicista que permeava o mundo em que viviam.

Também Southey era poeta militante. Em *Thalaba*, quis fazer a alegoria da trindade do mal e dos sistemas que oprimiam a humanidade: a influência do clero e a concentração da riqueza e do poder nas mãos de uma minoria reduzida. Entretanto, passada a experiência de frustração em face da Revolução francesa, desencantou-se até mesmo do poder da poesia de “preservar a mente dos homens do extermínio!”⁽¹³⁾. Mil dúvidas o atormentavam em meio ao processo de perda da criatividade poética: “será que os sistemas estabelecidos são passíveis de alegoria? Será que *Thalaba* pode desvendá-los nos reinos onde governam os mágicos? A guerra pode ser apenas um vasto esporte ou sacrifício de gladiadores... Será que se pode demonstrar como os extremos de riqueza e miséria podem ser simultaneamente fatais à virtude, à felicidade e ao mesmo tempo necessários aos poderes do Dom Daniel? Não acho que isso possa ser feito de modo adequado à poesia”⁽¹⁴⁾.

Seus contemporâneos, como Wordsworth e Coleridge, não o tinham como grande poeta⁽¹⁵⁾; De Quincey, que o visitou em 1807, o descrevia como bibliófilo e estudioso erudito⁽¹⁶⁾.

Desde 1797, o próprio Southey já vacilava em sua atividade poética. Em 1802, estava mais empenhado em trabalhos de historiador do que na criatividade de poeta⁽¹⁷⁾. Em 1803, dizia-se desencantado de *Kehama*: “escrever história era uma fonte de prazer maior, mais sossegada e mais contínua...” Referia-se a “uma crescente perda de poder criador...”⁽¹⁸⁾. Em 1810, ainda voltava ao assunto, comentando que preferia escrever história do que compor poemas⁽¹⁹⁾. Em 1815, mostrava-se bem consciente

(13) Warter, J. W., org. *Southey's Common-Place Book*. Londres, Longmans, 1849-51. vol. 4, pp. 182-3 (a obra é uma compilação póstuma dos manuscritos e notas esparsas deixadas por Southey).

(14) *Ibid.*, vol. 4, p. 186.

(15) Tese inédita de Warren Upton Ober, “Lake Poet and Laureate: Southey's Significance to his own Generation”. *Biblioteca do Congresso*, microfilme 58-7926, p. 226.

(16) “Southey, like Gibbon, was a miscellaneous scholar; he, like Gibbon, of vast historical research; he, like Gibbon, signally industrious, and patient, and elaborate in collecting the materials for his historical works. Like Gibbon, he had dedicated a life of competent ease, in a pecuniary sense, to literature; like Gibbon, he had gathered to the shores of a beautiful lake, remote from great capitals, a large, or, at least, sufficient library; (in each case I believe, the library ranged, as to numerical amount, between seven and ten thousand;) and like Gibbon, he was the most accomplished litterateur amongst the erudite scholars of his time and the most of an erudite scholar amongst the accomplished litterateurs”. (De Quincey, Thomas. *Reminiscences of the English Lake Poets*. Londres, J. M. Dent, 1961. p. 195).

(17) Carta de fevereiro de 1797. *L&C*, vol. 1, p. 303; carta para John Rickman, datada de 24 de agosto de 1803. *NL*, vol. 1, p. 283.

(18) Carta para Grosvenor Bedford, de 12 de junho de 1803. *L&C*, vol. 2, pp. 215-16.

(19) Carta de 26 de março de 1810. *L&C*, vol. 3, pp. 283-84.

de que teria maior sucesso e fama como historiador do que como poeta⁽²⁰⁾. Apesar de aceitar a posição de poeta laureado, identificando-a com a responsabilidade moral da missão de intelectual, que tanto acalentava, em 1818, reconhecia-se frustrado como poeta, em carta escrita para sua segunda mulher. Para a posteridade, seu lugar estaria entre historiadores e não entre poetas⁽²¹⁾.

Aos 22 anos, lançara um poema de vanguarda, *Joan of Arc* (1794), precursor da revolta contra o estilo clássico, introduzindo as primeiras inovações na poesia romântica e ocupando-se, em poemas soltos, da vida quotidiana das classes populares; antes de Wordsworth e de Walter Scott, voltara-se para as baladas⁽²²⁾. É considerado um precursor das *Lyrical Ballads* (1798). Entretanto, a curiosidade informativa e a erudição logo passaram a tomar o primeiro plano em suas atividades. Com prolixidade rara e incansável, colhia notas para os futuros poemas e dados para seus estudos históricos. Acreditava, no limiar do mundo moderno, na necessidade de regenerar a cultura, de conservar antigos valores esquecidos, de guardar para a posteridade a experiência do passado. Acreditava que o homem podia aprender com as lições da história; tratava de armazenar dados e informações, arregimentando forças para uma campanha tenaz de oposição aos utilitaristas⁽²³⁾. Sentir-se-ia na sombra de Coleridge e de Wordsworth. Mesmo como prosador, apesar do rompante natural de afirmação e do tom polêmico que o caracterizava, reconhecia suas limitações. Não tinha o mesmo pendor para o pensamento lógico e rigoroso e para os estudos filosóficos de Coleridge: "... O tipo de composição a que sempre me dediquei me propiciou uma rapidez de sentimentos, a combinação súbita de idéias, mas não foram favoráveis à dedução sistemática e aos arranjos metódicos"⁽²⁴⁾. Valorizava seu estilo conciso e objetivo, preocupando-se muito com a forma da narrativa, que deveria ser simples, informativa, fluente e cheia de vida⁽²⁵⁾.

(20) Cartas de 20 de maio de 1815. *L&C*, vol. 3, p. 111; carta de 8 de janeiro de 1816. *L&C*, vol. 3, pp. 147-8.

(21) Carta de 17 de junho de 1818. Dowden, Edward, org. *The Correspondence of Robert Southey with Caroline Bowles*. Londres, Longmans, 1881. p. 10; carta de 20 de fevereiro de 1820. *L&C*, vol. 5, pp. 20-21.

(22) Raimond, Jean. *Robert Southey (L'homme et son temps; l'oeuvre; le rôle)*. Paris, Didier, 1968. p. 207.

(23) Stuart Mill, John. *On Bentham and Coleridge*. Introdução de F. R. Leavis. Nova York, Harper Torchbooks, 1962. pp. 40, 108-9.

(24) Carta para John Rickman, de 9 de janeiro de 1800. *L&C*, vol. 2, pp. 45-6. Voltava ao assunto em carta para Miss Barker, datada de 29 de janeiro de 1810 (*Selections*, vol. 2, p. 188).

(25) "... You will find my style plain and short, and of condensed meaning; plain as a Doric building, and, I trust of eternal durability..." The notes will drain out all quaintness..." (carta de 21 de fevereiro de 1801, para Charles Wynn. *Jour-*

Em Coleridge criticava o modo pesado e dispersivo de expor as idéias. Ele mesmo costumava ir direto ao assunto, como cão de caça sobre a presa, enquanto o amigo farejava indefinidamente em torno dela⁽²⁶⁾. Diante de Wordsworth, reconhecia-lhe a superioridade de estilo polêmico e o rigor com que divulgava seus princípios filosóficos no panfleto sobre Portugal e a Espanha⁽²⁷⁾.

O acaso, num momento difícil de sua vida, presenteava-o com o refúgio na atividade de pesquisador. Estava adoentado e deprimido em 1799, quando lhe ocorreu ir a Lisboa a fim de estudar a literatura espanhola e portuguesa, então em moda⁽²⁸⁾, e visitar seu tio, capelão da feitoria inglesa em Lisboa, que seria uma figura decisiva em sua carreira intelectual. Curioso, colecionador de manuscritos e livros raros, encontrou no sobrinho, cujos estudos em Oxford custeara, o realizador de seus sonhos de curioso e bibliógrafo. “Nos últimos vinte e sete anos, nenhuma outra pessoa teve tamanho interesse por minhas atividades: na infância ele foi um pai para mim, como não serei para os meus filhos...”⁽²⁹⁾

Em Lisboa, através de relações com os ilustrados portugueses e brasileiros do círculo de Dom Rodrigo de Sousa Coutinho, o tio abriria caminho para Southey, orientando-o para as publicações da Real Academia de Lisboa (que editara os antigos cronistas e as ordenações)⁽³⁰⁾, facilitando-lhe o acesso à Biblioteca Pública,

nals, p. 149): “My style is not likely to be infected by the mannerism of any English writer — because my reading is exclusively foreign. I prefer the sober stateliness of Lord Bacon and the mighty strength of Milton and Jeremy Taylor to our later writers. They cut their sentences into epigrams. Johnson’s, I utterly disapprove — and would have mine a well of English undefiled — understandable even to a minuteness of meaning by an unlearned reader. Gibbon’s is French and God knows I hold nothing with France but the principles which she professes and abuses. Hume I think wants a character of style. A little individuality there should be...” (carta a Charles Wynn, de 3 de abril de 1801. *Journals*, p. 162); “... *Me judice*, I am a good poet, but a better historian, because though I read other poets and am humbled, I read other historians with a very different feeling. They who have talents want industry or virtue; they who have industry want talents ... Now I know myself to be free from those staminal defects, and feel that where the subject deserves it I write with a poet’s feeling, without the slightest affectation of style or ornament, going always straight forward to the meaning by the shortest road. My golden rule is to relate *everything* as briefly, as perspicuously as rememberably as possible...” (carta a William Taylor, de 9 de março de 1805. Robberds, J. W., org. *Memoirs of the Life and Writings of William Taylor of Norwich*. Londres, John Murray, 1843. vol. 2, p. 78).

(26) Carta de 29 de janeiro de 1810 para Miss Barker. *Selections*, vol. 2, p. 88.

(27) Carta de 9 de novembro de 1808, para Grosvenor Bedford. *L&C*, vol. 3, p. 182.

(28) Walter, Félix. *La littérature portugaise en Angleterre à l’époque romantique*. Paris, 1927; Cabral, Adolfo de Pinheiro. *Southey e Portugal*. pp. 433 ss.

(29) Carta inédita para o general William Peachy, de 31 de outubro de 1827. *British Museum Add. Mss*, 28603 f. 76.

(30) Carta para Charles Watkin Williams Wynn, de 1.º de outubro de 1800. *Journals*, p. 119. Também carta para John Rickman, datada de 30 de janeiro de 1801. *NL*, vol. 1. p. 240.

formada das ruínas dos conventos dos jesuítas⁽³¹⁾ e do Convento de São Bento, onde se encontravam desde 1757 os arquivos da Torre do Tombo. Por intermédio de um médico ilustrado, interessado no jovem pesquisador estrangeiro, Southey conseguia levar para casa os documentos públicos. O tio também o apresenta ao desembargador Antônio Ribeiro dos Santos, seu vizinho e diretor da Biblioteca, que tinha uma bela coleção particular de duplicatas das bibliotecas jesuíticas⁽³²⁾.

Após doze meses de pesquisa, Southey voltou para a Inglaterra com o material e o plano de uma vasta obra sobre a história da metrópole e do império português. Encontrava uma atividade onde poderia aproveitar construtivamente as falhas de poeta; a maneira forçada de compor poemas como “artesão”, a partir de fichas de informações, anotadas de livro de viagens, de cronistas medievais ou da própria observação da natureza, transformava-se em qualidades preciosas para o pesquisador.

Como poeta, atrapalhava-o a mania meticulosa do pormenor característico e descritivo. Talvez mesmo por isso, a experiência dos arquivos teria despertado nele o amor da pesquisa, do armazenar dados e garimpar nos documentos. Quando começou a interessar-se pela história dos impérios espanhol e português, logo se deu conta das falhas de William Robertson como historiador, pois parecia ter lido apenas o absolutamente necessário, sem dar largas ao prazer da pesquisa: “. . . em sã consciência, creio que se o pudesse, a minha ocupação exclusiva seria a história; o prazer da pesquisa é tão eternamente novo! O maior risco que corro é o de não saber parar: posso escrever volumes e volumes muito divertidos com o título de “adenda” . . .⁽³³⁾ Anos mais tarde, erudito consumado, comprazia-se em descrever o trabalho paciente do estudioso artesão a destrinchar informações dos mais estranhos textos⁽³⁴⁾.

Como se não bastasse a experiência de um ano de pesquisa nos arquivos de Lisboa e o material continuamente acumulado e renovado, nos anos que se seguiram a sua volta à Inglaterra, em

(31) The Public Library here is magnificently established — the books well arranged, with ample catalogues, a librarian to every department and free access to all — without a cloak (?) . . . The ruin of the Jesuits gave rise to this foundation. Their libraries were all brought to Lisbon, and the books remained as shovelled out of the carts for many years. They are not yet wholly arranged. English writers are very few — scarcely any. But for what regards the Peninsula, for church and monastic history, and the laborious and valuable compilations of the last two centuries, a more complete collection does not probably exist (Carta para William Taylor, de 26 de novembro de 1800. Robberds, J. W., org., op. cit., vol. 1, p. 358. Também transcrita em *Journals*, p. 139).

(32) Carta a John May, de 16 de dezembro de 1800. *Journals*, p. 144.

(33) Carta a John Rickman, de 12 de janeiro de 1803. *NL*, vol. 1, p. 302.

(34) Southey, Robert. *The Doctor*. Londres, 1930. p. 75.

1806, recebia pacotes e pacotes de manuscritos preciosos, que o tio lhe enviava, na iminência de deixar Lisboa, ameaçada pela invasão francesa. Continham informações preciosas, secretas e inéditas, sobre as preciosas minas de ouro no interior do Brasil, sobre a população e o estágio de desenvolvimento da América portuguesa no século XVIII. A conselho do tio, ofereceu-os ao governo, que os rejeitou por não corresponderem à área do Pacífico ou do Prata, de estratégia no momento⁽³⁵⁾. Estimulado pela onda de interesse que suscitava o Brasil, então na moda, Southey sentiu-se inclinado a escrever a obra⁽³⁶⁾. A curiosidade do pesquisador e a vivência da obra colonizadora dos portugueses no Oriente, de que se vinha ocupando desde 1802, além do interesse despertado pela emigração da corte e pela política inglesa de abertura dos portos, levaram-no a empreender a *História do Brasil*.

A época e as facilidades de acesso à documentação, que as guerras peninsulares proporcionariam, facilitavam-lhe o caminho. Partilhava a paixão do tio, colecionador e bibliógrafo: a sua vasta correspondência pessoal testemunha uma luta incessante em busca de manuscritos e livros raros, aproveitando a invasão e ocupação de Portugal, a dissolução de bibliotecas públicas e particulares⁽³⁷⁾.

(35) "... My uncle, in two letters, one written the day after the other, has urged me to lose no time in settling about and getting ready that part of my *Magnum opus* which relates to Brazil; — and, in consequence of the inquiries relative to that country which were made at Lisbon by the mysterious embassy, instructed me to offer to Government such information as his papers, in my possession, contained; which he believes to be more than any other person in Europe possesses except the Abbé du Boys, much of whose information is derived from them.

Accordingly, I wrote to Wynn, who in return informs me of Lord Grenville's reply: "that my materials relate to the wrong side of South America, for their present views, but that he very much recommends me to postpone the rest of my History, and set immediately to work upon this, in consequence of the present bias of the public mind. "Government", he adds, "has no wish to keep this sort of information private, and would rather encourage me in publishing it". (carta a John Rickman, de 29 de dezembro de 1806. *Selections*, vol. 1, pp. 401-2). Em carta de 1.º de fevereiro de 1807. Southey reiterava a Miss Barker comentários sobre a atitude do governo: "... which was not a very wise answer, for it related to the state of the interior which would show him how far schemes of conquest are feasible (he may as well think of conquering the moon and making his Majesty the man of it) and it would also show him the whole detail of the Brazilian mines and teach him the necessity of putting those endless resources in security for France. But no matter; the answer suits me better than a more politic one would have done, for, God knows! I have no wish to draw up memorials for statesmen. The way to instruct them is through the people: truth gets at them in that way in about fifty years. (*Selections*, vol. 1, p. 409).

(36) Carta inédita a Charles Danver, de 28 de dezembro de 1806: "... My Uncle writes to urge me to hasten with all possible expedition that portion of my work which relates to Brazil, the times being as he truly says, South America mad..." (*British Museum Add Mss*, 30928 ff 75, 6). De fato, em carta para Miss Anna Seward, quando de uma visita a Londres em abril de 1808, comentava Southey: "General Whitelock (comandante de uma expedição contra o Prata) and Mar-mion divided the public attention while I was in London..." *NL*, vol. 1, p. 470.

(37) Em carta de 12 de setembro de 1808, escrevia Southey para o tio: "Everything we want will now be turning out at Lisbon and I verily believe, as mere matter of speculation, it would answer to go over and buy books to make an auction of in London..." (*Selections*, vol. 2, p. 88). Em carta inédita, de 15 de outubro de 1809, comentava com o tio a conveniência de conseguir tudo o que precisassem antes de

Em 1821, comentava, em carta ao tio, que a expulsão dos franciscanos de Mafra, ordenada pelas cortes revolucionárias, levaria provavelmente à venda dos arquivos e papéis velhos da Ordem e que convinha estar atento.⁽³⁸⁾

Mantinha contatos com os principais colecionadores particulares de livros raros portugueses e espanhóis. Em 1802, conhecia Richard e Reginald Heber, futuro bispo de Calcutá, entabulando com ele correspondência e troca de livros⁽³⁹⁾. Visitou a biblioteca de Sir William Holland⁽⁴⁰⁾, de Charles Frere; as coleções do Museu Britânico. Através do tio, manteve contatos com Sir Charles Stuart, embaixador em Lisboa e também colecionador de raridades⁽⁴¹⁾. Southey também usufruiu das coleções particulares de documentos adquiridos dos comerciantes portugueses do Brasil, como James Gooden⁽⁴²⁾ e William May, que era irmão de um seu amigo⁽⁴³⁾. Através deste conseguiria exemplares de *O Patriota*,

os franceses conquistarem novamente Lisboa (*Fitz Park Museum Mss*, ff 47, 8). Em 8 de abril de 1810, estranhava como se estava tornando difícil comprar livros e manuscritos em Lisboa (*Fitz Park Museum Mss*, ff 53, 4). Em carta também inédita de 5 de janeiro de 1814 congratulava-se com o tio, que tinha conseguido, finalmente, alguém em Lisboa que fornecia livros. Seria o seu antigo vizinho, o desembargador Antônio Ribeiro, a que Southey se refere no parágrafo anterior desta mesma carta? (*Fitz Park Museum Mss*, ff 112, 3).

(38) Carta ao reverendo Herbert Hill, de 2 de julho de 1821. *Selections*, vol. 3, p. 261.

(39) Chalmondeley, R. H. *The Heber Letters 1783-1832*. pp. 160, 183, 194 etc.; *NL*, vol. 1, p. 297.

(40) "I hope I shall meet with Lord Holland at H. House. He must have Spanish documents in his possession, which I want for my great work. The whole business will be settled when I get to London" (carta a Charles Wynn, de 16 de julho de 1813. *Selections*, vol. 2, p. 326). Southey, em carta posterior a esta, descreve Holland House e a biblioteca. (*NL*, vol. 2, p. 33).

(41) *L&C*, vol. 3, p. 88 (carta de 1807 em que se refere às coleções do Museu Britânico). A primeira referência a Sir Charles Stuart aparece em carta inédita para o tio, de 12 de maio de 1811: "Your friend Mr. Stuart was ingenious enough to send the Valeroso Lucideno by the Post, and it reached Longman with a charge of sixteen guineas for postage..." (*Fitz Park Museum Mss*, f 91). V. também *Fitz Park Museum Add. Mss*, carta de 27 de maio de 1814, f 32; carta de 14 de julho de 1814: "James Gooden... tells me, which you may tell Sir Charles Stuart, that there is a copy of Gil Vicente in the Library at Gottingen..." (*Fitz Park Museum Mss*, ff 34, 5) etc.

(42) Em carta de 10 de julho de 1814, para seu irmão Thomas, Southey conta da inesperada visita de James Gooden, que fora comerciante em Lisboa, "... who collected books and manuscripts in Brazil for the purpose of lending them to me. He came from Penrith purposely to see me and I made him stay over the next day, showing him all my treasures, which none but those who know something about Portugal and its history and literature can properly estimate..." (*NL*, vol. 2, p. 102). James Gooden, segundo carta de Southey para o tio, fora educado na Alemanha, onde tomara gosto pelas letras, apesar de suas atividades mercantis. Morava em Londres e tinha sua loja em Swinthus Lane. Southey tomara conhecimento dele em 1812, quando ele se manifestara em resposta a um anúncio, que Southey pusera em circulação pedindo dados e manuscritos de comerciantes ingleses residentes ou viajantes no Brasil (carta para o Rev. Hill de 1.º de fevereiro de 1812. *Fitz Park Museum Mss*, f 90). Nesta carta Southey faz uma relação sumária dos livros e manuscritos de Gooden, entre os quais Jaboatão, a vida do Pe. João de Almeida etc.

(43) William May era irmão mais moço de John May, que Southey conheceu em Lisboa, em 1796, e de quem se tornou grande amigo para o resto da vida. A família negociava com vinho em Lisboa; mais tarde, John May transferiu parte dos negócios para o Brasil, onde abriu falência em 1821, ocasião em que Southey pôs

A Nova Gazeta do Rio, o livro de Ayres do Casal, assim como outras publicações da imprensa régia do Rio. Henry Koster, de Pernambuco, lhe enviaria cópia de um manuscrito precioso sobre a Revolução dos Mascates em 1711; completaria a lista dos Governadores Gerais de Rocha Pitta⁽⁴⁴⁾ e estabeleceria um contato entre Southey e o Padre João Ribeiro⁽⁴⁵⁾. O conde dos Arcos, a seu turno, lhe enviava emprestada, em 1816, a gramática de Anchieta retirada da própria biblioteca pública da Bahia!⁽⁴⁶⁾ Em 1822 podia orgulhar-se da sua própria coleção, de cerca de sete mil volumes: "Heber veio me visitar e passando em revista meus livros espanhóis e portugueses disse que, à exceção da sua própria, era a melhor coleção que já vira; muito melhor que a de Mur-

a sua disposição todas as economias que tinha (L&C, vol. 5, p. 102). William Henry May veio para o Brasil em 1808 (cf. *Registro de Estrangeiros 1808-1821*. Rio, Arquivo Nacional, 1960, vol. 2, p. 288, onde vem registrada uma viagem ao Prata, e uma ida à Bahia, em 1-XII-1819); voltou para Falmouth em 10-VIII-1826 (ibid., vol. 3, p. 312). Southey mantinha contato com William May através de seu irmão John, enviando-lhe questionários sobre a vida e os costumes locais e pedindo livros, tais como a *Nova Gazeta*, do Rio, Simão de Vasconcelos, a *Arte da Gramática* do padre Luís Figueira etc. (cf. cartas: 16 de novembro de 1809. *Selections*, vol. 2, p. 179; 5 de dezembro de 1810. *Selections*, pp. 205-6). Maria Graham morou durante algum tempo na Glória, próxima dos May, que lhe arrumaram depois uma casa em Botafogo. De volta à Inglaterra, visitou os filhos do casal May, que estavam sendo educados pelo tio em Salisbury. (*Diário de uma viagem ao Brasil*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1956, p. 285, e também pp. 175, 244, 246, 251, 285, 308, 309, 356, 362, 382). Southey transcreveu o diário de viagem de William May para São Paulo e o sul do Brasil. O manuscrito pertence atualmente à coleção do Dr. José Mindlin.

(44) Leão Filho, Joaquim de Souza, org. "Cartas de Robert Southey a Theodore e Henry Koster entre 1804 e 1819", *Rev. IHGB*, 178, 1943. O livro de viagem de Henry Koster, que é dedicado a Southey, foi também por ele resenhado na *QR*, 16 (32): 344-87, jan. 1817. Southey viajou com Koster para os Países-Baixos em 1815. Era amigo de sua família desde os tempos de sua estada em Lisboa, onde os Koster eram comerciantes. V. carta para John Rickman, 6 de maio de 1816. *NL*, vol. 2, p. 139. Koster iniciou uma tradução do seu livro para o português. Southey a seu turno estimulou-o a publicar seu livro sobre o Brasil. "... Henry and his travels in that country. The book has no pretensions to what we called fine writing, and is the better, for it, being like the better class of our old travellers, the plain and faithful narrative of an attentive and accurate observer. The state of society which he describes is exceedingly curious and such as will always make his book valuable. His sister Charlotte (the deaf sister) has made some excellent drawings of Brazilian costumes from dresses etc., which he brought home and from his descriptions, aided by her own knowledge of Portuguese fashions..." (carta a William Peachy, inédita, de 6 de junho de 1816. *British Museum Add. Mss*, 28603, ff 21, 2).

(45) "Farther account have arrived from H. Koster, completing the history of the insurrection in Pernambuco. P. Joam Ribeiro it seems destroyed himself. This unhappy man had promised me, unsolicited, a manuscript concerning the last trouble in that captaincy, containing the popular side of the story in opposition to that which Koster brought over; — and at my desire he was to have given me in detail his reasons for believing that the suppression of the Jesuits was a politic measure as far as it concerned Brazil. He understood English and was very interested in the progress of my work. I sent him the first volume about two years ago and the second was on the way to him, when came to this miserable end..." (carta inédita ao Reverendo Hill, de 6 de outubro de 1817. *Fitz Park Museum Mss*, ff 143-4).

(46) Sobre a permuta e correspondência com o conde dos Arcos: carta para o Rev. Hill, de 6 de dezembro de 1811 (*Fitz Park Museum Mss*, ff 12, 3) e de 21 de agosto de 1812, também inédita (*Fitz Park Museum Mss*, f 96); carta para Thomas Southey de 22 de maio de 1812, falando de sua decepção ao constatar que não eram manuscritos (*British Museum Mss*, 47890, ff 1, 2); carta para Henry Koster de 3 de junho de 1815 (*Rev. IHGB*, 178: 47, 1943).

doch”⁽⁴⁷⁾. A coleção particular de Southey em Keswich, cujo catálogo foi transcrito e publicado por Joaquim de Sousa Leão⁽⁴⁸⁾, foi laboriosamente colecionada com auxílio do tio através de compra e permuta de livros em Lisboa, Madri, na Itália e na Holanda. Para sua época, Southey teve de fato acesso a uma documentação ampla e preciosa, de onde o valor de sua obra, rigorosamente crítica, pacientemente elaborada, como ensaio pioneiro de sistematização de dados, então inteiramente inéditos, sobre a formação da sociedade colonial brasileira.

Poeta frustrado, companheiro de Wordsworth, de Coleridge, contemporâneo de William Blake, acabaria consolando-se com a eventual reputação de “historiógrafo dos Tupinambás” e de futuro Heródoto da América do Sul⁽⁴⁹⁾. Grande admirador da enciclopédia histórica de Pierre Bayle⁽⁵⁰⁾, aprofundou os primórdios da moderna crítica histórica, transferindo as energias poéticas para o manejo e o cotejo analítico das fontes. Mais do que pura erudição e aproveitamento de pormenores descritivos, tinha um estilo literário renovador e cheio de vida, um método minucioso de apego a pormenores, a linguagem pictórica e panorâmica de revivência empática da história, que pretendia humanizar. Preocupava-se em reconstruir a atmosfera “moral”, o ser e sentir de épocas longínquas, evoluindo para a nova concepção romântica e imaginativa da história. Poeta militante, obcecado com temas sociais e com a regeneração do materialismo que ameaçava a sociedade de seu tempo, foi como militante e ideólogo que se voltou para a história.

(47) Carta ao Rev. Hill, de 31 de agosto de 1822. *Selections*, vol. 3, p. 325.

(48) *A Catalogue of the Library of the Late Robert Southey ... which will be sold by auction by S. L. Sotheby and Co.*, 1844, p. 1-208. Cf. Leão Filho, Joaquim de Souza, org. “Correspondência de Robert Southey com Theodore e Henry Koster”, *Rev. IHGB*, 178: 91.

(49) Carta de 20 de junho de 1819, a C. H. Townshend. *L&C*, vol. 3, p. 352-3; carta de 27 de janeiro de 1823, a G. C. Bedford. *Ibid.*, vol. 3, p. 132.

(50) Southey, Robert. “Life of the French Revolutionists”, *QR*, 7 (14): 412-3. jun. 1812.

III — HISTÓRIA E TEORIA CIVILIZADORA

Southey partilhava com seus contemporâneos um modo peculiar de sentir a história. Abordaria o passado com a sensibilidade de poeta. Coleridge procurou definir princípios e construir um sistema filosófico racional que abarcasse uma visão culturalista do progresso da humanidade. Costumava irritar-se contra a falta de poder de abstração e de sistematização de Southey, que no entanto parecia acatar e respeitar os valores sistematizados por Coleridge, na medida em que reagia contra o cosmopolitismo materialista, o racionalismo mecanicista e a psicologia associativa dos pensadores do século XVIII. Contra o novo sistema de produção, oporia seu interesse pela justiça social, pela distribuição igualitária de rendas e pelos problemas referentes ao consumo do artesanato. Entretanto, não argumentaria com dados econômicos e sim culturais⁽¹⁾. Os "lakistas" militavam em prol da regeneração de certos princípios de moralidade universal, a cuja ausência atribuíam a crise contemporânea da Inglaterra; o aparente progresso material dos ingleses esconderia um processo de desintegração da cultura, e, portanto, da própria seiva vivificadora da sociedade⁽²⁾.

Culturalistas, voltavam-se para a sensibilidade, os costumes, as tradições dos homens do passado; imbuídos de uma profunda religiosidade, embora pouco ortodoxa, queriam, através de um conceito dinâmico e vitalista da natureza e do ser, conciliar o

(1) Para Southey tratava-se de saber se um progresso moral acompanhava necessariamente a prosperidade material da sociedade: "... that the moral culture of the species keeps pace with the increase of its material powers. Has it been so?..." (*Colloquies*, vol. 1, p. 206). Este seria o tema de suas *Letters from England*, (1806). Era a preocupação fundamental da escola "lakista". Coleridge achava importante distinguir entre "civilização" e "cultura": "... that a nation can never be a too cultivated, but may easily become an over-civilized race". (*Church and State*, vol. 1; cf. Cobban, Alfred. *Edmund Burke and the Revolt against the 18th Century*. Londres, George Allen & Unwin, 1960; Williams, Raymond. *Culture and Society*, p. 76. Wordsworth retomaria a mesma argumentação na introdução às *Lyrical Ballads* (1798) e em seu panfleto sobre Portugal: "Concerning the Relations of Great Britain, Spain and Portugal". Cf. *Cintra*.

(2) Southey, Robert. *Letters from England*. pp. 147, 154, 210-12; *Cintra*, p. 154.

livre arbítrio dos homens com a ordem divina; as contingências particulares e individuais, com o princípio da ética universal⁽³⁾. Pretendiam superar o desenraizamento do homem na sociedade contemporânea. Queriam regenerar-se, e também ao mundo, através das idéias e da moral. Costumes antigos e tradições históricas pareciam um caminho seguro na busca da antiga ligação entre o homem e Deus, que se lhes desvendava como um processo orgânico de evolução da natureza humana.

Parecia-lhes que o problema central da condição humana em seu tempo era uma exorbitância de valores materiais, ou seja, de interesses comerciais, capitalistas.

Uma nação pode avançar durante algum tempo nessa direção com aparente sucesso:

Com zelo e encorajamento pode-se alcançar grande conforto; mas o camponês e o artesão continuam escravos em seu pensamento. . .⁽⁴⁾

Para Coleridge, tudo se resumiria nos poderes racionais dos homens; toda a história consistiria num processo de evolução de idéias, num lento e gradativo processo de conscientização da razão humana. Entretanto, no que se referia ao ser humano, valores abstratos e universais confundiam-se com as particularidades de sua vivência⁽⁵⁾. A natureza, como o homem, não se constituía por um simples mecanismo de causa e efeito: Coleridge, com Schelling, procurou definir um processo dinâmico de oposição de dualidades. Para Coleridge, uma energia divina amoldava as múltiplas e caóticas tendências individuais numa ordem universal. Inspirava-se na metáfora da vegetação, para definir a sua visão de um processo orgânico de devir e germinar. Ao progresso unilinear do racionalismo ilustrado, opunha um processo orgânico de evolução da história com o desdobrar-se da providência divina, lento e gradativo. Contra as abstrações e a crença em "utopias filosóficas", lembrava o processo histórico e a limitação dos poderes racionais do homem. Não punha em dúvida o princípio universal, ontológico, de progresso e aperfeiçoamento moral. Queria chamar atenção para as peculiaridades desse processo de crescimento, que no correr do tempo, dependendo de múltiplas circunstâncias, tanto

(3) Calleo, David P. *Coleridge and the Idea of the Modern State*. p. 68.

(4) Cintra, p. 154.

(5) Barfield, Owen. *What Coleridge Thought*. Middletown, Wesleyan Univ. Press, 1971. p. 160; cf. Manson, Richard. *The Theory of Knowledge of Gian Battista Vico*. Nova York, Archon Books, 1969.

poderia implicar progresso como retrocessos: um evoluir cíclico, em espiral⁽⁶⁾. O homem dificilmente poderia moldar o seu próprio destino através da razão e de um ato de vontade: uma sociedade não saltaria de um só lance os múltiplos obstáculos à perfectibilidade da natureza humana. O processo histórico subentendia a continuidade das tradições, dos valores culturais; abarcava simultaneamente a ascensão e a decadência de grandes nações, que ele representava sob um prisma organicista, como se fossem plantas⁽⁷⁾ ou animais⁽⁸⁾.

O livre arbítrio e as limitações da condição humana, segundo a tradição cristã, seriam o tema por excelência de Kant e do historicismo alemão; seriam um dos principais temas filosóficos do mundo contemporâneo. Coleridge parecia dirigir-se, como Hegel, da história de estágios mentais para o conceito da história como processo em si de evolução da razão e da consciência do homem.

Através de Coleridge, Southey tomaria conhecimento da filosofia alemã. Em 1797, estudava alemão e posteriormente leria Herder⁽⁹⁾, Schiller⁽¹⁰⁾, Lessing⁽¹¹⁾ e sobretudo Kant. Em 1814, estava interessado em comprar a biblioteca de Coleridge; queria ficar com Lessing e todos os seus livros de filosofia da história. Entretanto, não tinha grande inclinação para o pensamento abstrato. O livre arbítrio não passava para ele de uma questão intuitiva de fé. Discordava de Kant, quando este pretendia que os homens se guiavam pela própria razão e não por instinto religioso⁽¹²⁾. A vivência da Revolução Francesa despertaria nele o ceticismo com

(6) Potter, G. R. "Coleridge and the Idea of Evolution". *Publications of the Modern Language Association of America*, 40, 1925.

(7) Southey, Robert. *History of Brazil*. vol. 2, pp. 58, 374 etc.; cf. Rousseau, G. S. *Organic Form (The Life of an Idea)*. Londres, Routledge and Kegan Paul, 1972.

(8) "... an inherent principle of change and decay and dissolution in political institutions and empires, as there is in the microcosm of man..." (Southey, Robert. "Moral and Political State of the British Empire", *QR*, 44 (31): 267, jan. 1831; id., "On Thomas Southey's Chronological History of the West Indies", *QR*, 38 (75): 274, jul. 1828.

(9) Aprendendo alemão: carta a Mrs. Southey, 9 de maio de 1799. *British Museum Add. Mss*, 47888 ff 1, 2; carta a William Taylor, de 15 de abril de 1799. Robberds, J. W., org. *Memoirs of the Life and Writings of William Taylor*. Londres, John Murray, 1843, vol. 1, p. 275; carta de março de 1797. *NL*, vol. 1, p. 122; comentários de Coleridge sobre Herder, em cartas para Southey, de 30 de setembro de 1799 (Griggs, Earl Leslie, org. *Collected Letters of Samuel Taylor Coleridge*. Oxford, Carendon Press, 1965. vol. 1, p. 535) e de 2 de setembro de 1801 (*ibid.*, vol. 2, pp. 961-2). Em 1813, Southey queria ficar com os livros de Coleridge, referentes à filosofia da história (*NL*, vol. 2, p. 89). Cf. Stokoe, F. W. *German Influence in the Romantic Period 1788-1818*. Cambridge Univ. Press, 1926. pp. 92 ss; Dockhorn, Klaus. *Der Deutsche Historismus in England*. Göttingen, 1950.

(10) Robberds, J. W., op. cit., vol. 1, p. 108.

(11) *NL*, vol. 1, p. 220 e vol. 2, p. 89; carta a Charles Danvers, de 9 de dezembro de 1813. *British Museum Add. Mss*, 47890 ff 17, 18.

(12) *Selections*, vol. 2, pp. 296-7; *Colloquies*, vol. 2, p. 315; cf. Wellek, René. *Emmanuel Kant in England 1793-1838*. Princeton Univ. Press, 1931. pp. 57 ss.

relação ao poder racional dos homens, bem próprio do tradicionalismo cristão: a crença no pecado original, no princípio do mal, como inerente à condição humana e à luta do homem pela redenção.

Light at the first was given to human kind
 And law was written in the human heart
 If they forsake the Light, perverse of mind,
 And wilfully prefer the evil part,
 Then to their own devices are they left
 By their own choice of Heaven's support bereft... (13)

Em Kant, admirava a visão da história como o desenrolar de um plano racional: “no curso da história da humanidade parece revelar-se um desenvolvimento firme e contínuo, embora vagaroso, de certas predisposições da natureza humana; embora os homens não atuem exclusivamente sob a lei do instinto, como os animais brutos, nem segundo a lei de um plano preconcebido, como o dos “filósofos” racionais, cosmopolitas, a grande corrente das ações humanas flui segundo uma tendência regular, reforçando este desenvolvimento: indivíduos e nações, ao cumprir seus objetivos peculiares e freqüentemente contraditórios, seguem a orientação de um objetivo natural e assim promovem um processo “inconsciente”, que mesmo que se tornasse consciente seria pouco levado em conta pelos indivíduos”... (14)

A grande inovação da filosofia romântica alemã seria precisamente a assimilação das tradições cristãs ao processo metafísico. A tendência da época era a de negar ou diminuir o papel de Deus, deixando, como agentes primários, o homem e a natureza, o sujeito e o objeto... Fichte, Schelling e Hegel partiam de um princípio indiferenciado inerente ao dualismo sujeito-objeto, que criaria, por si, através do seu próprio inter-relacionamento, o mundo fenomenológico da experiência individual assim como a história da humanidade, dispensando interferências diretas de uma vontade superior e transcendente (15).

Filósofos alemães e poetas românticos absorveriam o tema cristão do progressismo moral, elaborando sob prisma histórico a oposição do bem e do mal como princípio inerente à natureza

(13) Southey, Robert. “Waterloo”, 2.^a parte, IV, 8. *Poetical Works*. vol. 10, p. 92.

(14) *Colloques*, vol. 2, p. 316.

(15) Abrams, M. H. *Natural Supernaturalism (Tradition and Revolt in Romantic Literature)*. p. 91.

humana⁽¹⁶⁾. A história da humanidade seria a luta contra o princípio do mal, que subentendia a alienação do homem, da natureza e de Deus. Para Coleridge, o processo histórico e a luta pela regeneração confundiam-se: “A Trindade é a idéia e a Encarnação, que subentende a queda, é o fato histórico”⁽¹⁷⁾. A história conciliava o particular e o geral, refletia o processo existencial de individuação, a volta do homem à unidade perdida. Deste modo, Coleridge procurava no Antigo Testamento e nas tradições cristãs os verdadeiros “elementos da ciência política”. Tinha uma visão essencialmente ética da história, em que procurava relacionar a fé, a vontade e o entendimento finito do homem com a razão universal, entrevendo “a luz que ilumina cada homem que vem ao mundo, como parte intrínseca e representativa da vontade absoluta e das idéias, ou verdades, da razão pura”⁽¹⁸⁾. Para Southey a ética de Coleridge era “firme como uma pedra; todos os outros sistemas éticos foram construídos sobre areia”...⁽¹⁹⁾. Não elaboraria com a mesma sofisticação princípios filosóficos e elucubrações éticas. Não se preocupou com filosofar sobre a história; entretanto, como historiador, teria o seu método peculiar, suas convicções, sua ideologia derivada do mesmo sistema de valores, que aceitava, implicitamente.

Acreditava numa ordem moral absoluta a dirigir os destinos da humanidade⁽²⁰⁾. Acreditava igualmente no livre-arbítrio dos homens: “Percebo claramente o predomínio do bem e o progresso da verdade, do conhecimento e do bem-estar da humanidade, mas sou de opinião que esta tendência não é uma necessidade dominante, pois o que é, nunca é necessariamente o melhor, já que, a meu ver, isto interferiria com o livre arbítrio, em que se fundamentam todas as nossas virtudes e, aliás, o grande plano da Revelação...”⁽²¹⁾ No entanto, mantinha um ceticismo cristão, um certo pessimismo “naturalista”, com relação à condição humana. Como

(16) Abrams, M. H., op. cit., p. 125.

(17) Barfield, Owen, op. cit., p. 147.

(18) “... the faith of the finite will and understanding to the reason, the light that lighteth every man that cometh into the world, as one with, and representative of, the absolute will, and to the ideas or truths of the pure reason”. (In: Barfield, Owen, op. cit., p. 151).

(19) Carta a Thomas Southey, de 11 de fevereiro de 1810. *Selections*, vol. 2, p. 195.

(20) *L&C*, vol. 3, p. 231: além disso, achava que a natureza humana “... seek more ardently after ideal good than after palpable and perishable realities” (*Colloquies*, vol. 1, p. 45). Em carta para John Rickman, de 30 de novembro de 1813, reiterava Southey suas convicções: “... I think as you do that in the moral government of the world and of the universe, general results are those which are contemplated, — and that to these, individuals, species, and nations will sometimes be sacrificed. The belief that good is stronger than evil sets all right for individuals also in a future state (*Selections*, vol. 2, p. 388).

(21) Carta a Sharon Turner, 2 de abril de 1816. *L&C*, vol. 4, p. 155.

Coleridge, via o processo histórico como a luta essencialmente ética dos princípios destrutivos (o mal) e dos princípios de progressão e de perfectibilidade da natureza humana (o bem). Através deste prisma moralista procurava reagir construtivamente contra as transformações de seu tempo. A esse respeito, mais uma vez, parecia refletir os princípios de conservação e de permanência, em oposição ao princípio de renovação e progresso, definido por Coleridge e que seria o próprio cerne da tradição política, fundamentalmente conservadora dos ingleses⁽²²⁾: a tendência à conciliação e aos compromissos, a capacidade de absorver inovações sem rupturas com o passado e de adaptar-se sub-repticiamente às mudanças; era como se, através da história, encontrasse uma ideologia “tradicionalista” de modernização. Como Burke, estava empenhado em manter o elo entre os valores morais e culturais do passado e do futuro: “Sempre procurei descobrir na história passada os acontecimentos que mais se assemelhavam aos do presente. Busquei sempre que possível historiadores contemporâneos, memórias e panfletos. . . . Armado com o conhecimento duplo da história e do pensamento, o homem dificilmente poderá errar no seu juízo do alcance de qualquer futuro acontecimento nacional” . . .⁽²³⁾

Ao discernir um plano universal de progresso da condição humana, Southey não excluía a eventual decadência ou o sacrifício de povos, nações e indivíduos. “Estou plenamente convencido de que um melhoramento gradativo está se processando no mundo desde as suas origens e há de continuar, até que a natureza humana tenha atingido toda a perfeição moral de que é capaz. A minha crença provém do conhecimento, é inferida de toda a história da humanidade”⁽²⁴⁾. Entretanto, aceitava que indivíduos, espécies e nações pudessem às vezes “ser sacrificados no processo geral de governo moral dos homens”⁽²⁵⁾. O princípio do mal, inerente à natureza humana, tinha que ver com o pecado original, embora no plano universal sempre preponderasse o bem⁽²⁶⁾.

Southey endossava implicitamente a revolta de Coleridge e dos filósofos alemães contra o cartesianismo e a filosofia experimental. Discípulo de Kant, Coleridge aceitava o imperativo ca-

(22) Calleo, David P., op. cit., p. 6.

(23) Coleridge, S. T. *Biographia Literaria*. Londres, J. M. Dent., 1947. p. 106. (Everyman's Library).

(24) Carta do Dr. Gooch, de 30 de novembro de 1814. *L&C*, vol. 4, pp. 88-89.

(25) Carta a John Rickman, de 30 de novembro de 1815. *Selections*, vol. 2, p. 338.

(26) *Selections*, vol. 2, p. 358. Cf. poema “Waterloo”, *Poetical Works*, vol. 10.

tegórico e procurava na religião um sistema ético⁽²⁷⁾. Para ele, o cristianismo não era uma teoria nem uma especulação, mas um processo vivo inerente ao ser humano. Curioso é que a formulação de sua revolta ética contra a filosofia utilitarista e a ideologia materialista partiria inicialmente do poeta e não do filósofo, sendo decisiva a influência de Wordsworth e sua colaboração nas *Lyrical Ballads*.

Burke iniciara a revolta contra o cartesianismo, a razão abstrata e o “jusnaturalismo” dos revolucionários franceses. Para Wordsworth e Coleridge, a crise que ameaçava a existência da sociedade inglesa fundamentava-se em erros metafísicos⁽²⁸⁾, era fundamentalmente uma crise advinda da decadência da cultura e dos valores morais. Num processo intensivo de prosperidade material, os ingleses teriam perdido contato com os valores intrínsecos da natureza humana, o que implicava perder contato com Deus. Seria preciso despertar novamente a sensibilidade e a compreensão dos homens para certas verdades universais próprias da condição humana. Contra o materialismo pragmático dos utilitaristas e dos economistas clássicos, apelavam para os imperativos morais. Contra o fatalismo científico da moderna economia política, recorriam a valores morais e apregoavam a urgência de uma regeneração religiosa e filosófica. Para Coleridge, caberia ao Estado combater os excessos do espírito capitalista e da iniciativa privada, apelando para deveres sociais, com o que idealizava um “welfare State”⁽²⁹⁾. Politicamente Coleridge idealizaria um Estado moralista, abarcando não apenas a Igreja, como instituição, mas também a “intelligentsia”, incumbida de exercer a influência sadia de valores religiosos, morais, voltados para o desenvolvimento não apenas do bem-estar material, mas para a realização de todas as potencialidades do homem como ser moral e racional⁽³⁰⁾, que o mundo moderno parecia atrofiar.

Em sua teoria do conhecimento, Coleridge fazia uma distinção básica entre a compreensão, a *fantasia*, os sentidos e a *razão* humana, como parte integrante da própria racionalidade universal. Em outro plano, Coleridge opunha a tendência geral de sua época para a “coisificação”, que renegava as potencialidades dos seres humanos⁽³¹⁾. Wordsworth, ao elaborar seu pensamento social,

(27) Willey, Basil. *The English Moralists*. p. 306.

(28) *Selections*, vol. 4, p. 215. Carta a G. Bedford, de 12 de novembro de 1820.

(29) Calleo, David P., op. cit., pp. 20-1.

(30) Willey, Basil, op. cit., pp. 302-3 e 311.

(31) Coleridge, nos *Lay Sermons on the existing Distresses and Discontents* (p. 218), procura distinguir entre coisas e gente; cf. Sanders, Charles Richard. *Coleridge*

também atribuiria a crise de seu tempo à lamentável confusão entre princípios morais e “coisas materiais”, ou seja, à confusão entre princípios e valores essenciais com circunstâncias contingenciais, de meros interesses materiais. Coleridge, através de um sistema de pensamento organicista e essencialmente “dialético”, da natureza e do homem, aspirava à unidade última e primeira do homem com a natureza, do homem com seu criador, do “self” e do “alter”.

A alienação que se associa a Hegel e o problema da marginalização do homem no mundo contemporâneo eram o grande tema da época. Em 1767, Adam Ferguson, em sua *História da Sociedade Civil*, chamava a atenção para o alto preço que custavam à natureza humana a divisão de trabalho e a especialização de funções na economia moderna: o isolamento, os conflitos, a alienação de si, das tradições, da história. A cobiça e o espírito de lucro, que eram as forças motrizes da prosperidade material, destruíam as afeições, a comunidade, os laços sociais entre os indivíduos. Ferguson confrontava a integridade, a harmonia e a coesão da comunidade antiga com o individualismo da moderna sociedade comercial⁽³²⁾.

Do mesmo modo, tinha Coleridge como núcleo de suas especulações filosóficas a “noção do todo como unidade viva, o sentido de Deus em tudo e de tudo em Deus, a fé numa energia divina, espiritual, como fundamento da existência”. Horrorizava-o a perspectiva de vir a perder a visão da totalidade e de enxergar o universo apenas como um amontoado de partes, “um empilhado imenso de pequenas cousas”⁽³³⁾.

Acreditava e tinha esperanças na possibilidade de uma regeneração cultural da sociedade moderna. Idealista moral, tinha fé no poder atuante das idéias, na missão regeneradora da intelectualidade, através da instituição corporativa do Estado-Nação: “toda nação reflete em seus costumes e na opinião pública os ideais teóricos e práticos das suas classes dominantes”...⁽³⁴⁾ Enquanto acompanhadas pela ascendência de valores intelectuais e morais,

and the Broad Church Movement. Durham, Duke Univ. Press, 1942. p. 68; cf. William Wordsworth, em seu panfleto sobre a convenção de Cintra: “... Service... in things rather than in men; that is, men being secondary to things...” (*Prose Works*. p. 142)

(32) Ferguson, Adam. *Essay on Civil Society*. Dublin, 1762; cf. Whitney, Lois. *Primitivism and the Idea of Progress (in English Popular Literature of the 18th Century)*. Baltimore. The John Hopkins Press, 1934. pp. 201-2.

(33) Cf. Poema de Coleridge *The Ancient Mariner*; e também Calleo, David, op. cit., p. 33.

(34) Cobban, Alfred, op. cit.; Whitney, Lois, op. cit., p. 202.

“as relações comerciais podem chegar ao extremo desejável; o contrário porém é desastroso e mais cedo ou mais tarde acarreta a decadência do país inteiro; esta é a mais profunda das verdades reveladas aos homens pela pesquisa histórica: infelizmente, é uma verdade que uma nação próspera e comercial aceita com relutância, sem dar muita fé”...⁽³⁵⁾

Esta oposição entre valores morais e materiais era de certa forma neutralizada, na “comunidade nacional” de Burke⁽³⁶⁾. Coleridge e Southey viam o Estado-Nação como intermediário no processo dinâmico entre o homem e a ordem universal. Revoluções e reformas em geral somente refletiam reivindicações particulares de um grupo social. O Estado seria bem mais. Era uma entidade histórica: “os homens não se prendem uns aos outros por tratados e lacres. São levados a associar-se por afinidades, concordâncias, simpatias...”⁽³⁷⁾ Daí as enormes responsabilidades que atribui Coleridge à “clerisy”, como uma das partes componentes do Estado, juntamente com o poder judiciário, o parlamento, o poder executivo. A “intelligentsia” (que era a sua aceção da Igreja, como instituição) desempenharia no processo de modernização o papel de baluarte das tradições e da experiência histórica.

Os “lakistas” procuravam reinterpretar as conjeturas sociológicas e a filosofia da história dos pensadores do século XVIII. Não aceitavam o princípio mecanicista de um progresso meramente tecnológico, advindo da divisão de funções, do sistema de propriedades, das leis de demanda e de oferta. Voltavam-se para os valores morais, que estavam nas origens da sociedade e do Estado.

A tendência ao pensamento histórico e indutivo já existia no século XVIII, em pensadores como Hume, Burke, Priestley, Adam Ferguson, que também se opunham ao racionalismo abstrato, ao jusnaturalismo, à psicologia associacionista e à filosofia utilitarista. Através dos fatos e de pormenores aleatórios, o historiador podia reconstituir a evolução da cultura dentro do grande processo orgânico de crescimento, o qual, a cada momento, podia tomar qualquer direção, crescer, fenecer, decair, estagnar, evoluir, independente de desígnios preestabelecidos: “o conhecimento huma-

(35) Barfield, Owen, op. cit., p. 168.

(36) Cobban, Alfred, op. cit.

(37) Burke, Edmund. “Letters on a Regicide Peace”. *Works*, vol. 5, p. 317; Whitney, Lois, op. cit., p. 202.

no, escrevia Adam Ferguson, em 1792, começa e acaba com particularidades”, de modo que o historiador deveria colecionar fatos e tentar reconstruir a natureza humana, “tal como é ou tem sido, independentemente de qualquer fórmula ideal de perfeição ou erro”⁽³⁸⁾. Em vez de um contrato social da razão abstrata ou da vontade, entreviam, nas origens das sociedades, potencialidades morais e sementes aleatórias de vir-a-ser. Era o princípio do conceito organicista das ciências sociais que Karl Mannheim associou à ideologia conservadora. Para Adam Ferguson, as sociedades se constituíam por uma questão de instinto natural e não através de especulações racionais⁽³⁹⁾.

Southey teria uma concepção essencialmente intuitiva e sensível da história, o que lhe permitiria, aliás, desenvolver um método imaginativo de revivência empática do passado.

O *sentimento* que nos une a outras eras e através do qual nos transportamos para o passado, não são menos úteis e influentes do que as esperanças que nos transportam para o futuro. Preferia ser um elo na antiga cadeia de ouro do que um anel, do qual procedesse uma nova cadeia de seres de metal inferior...⁽⁴⁰⁾

Seja como historiador, ou como reformador social, prezava acima de tudo a continuidade da vivência histórica do homem em sociedade. Toda e qualquer mudança tinha o seu preço: qualquer revolução imposta pela lucidez precária do homem abalava o devir natural das sociedades. E era preço tão mais alto quanto mais atingisse os valores morais e culturais vigentes, como fora o caso da Reforma, do movimento puritano de Cromwell (1640) e, em seu tempo, da Revolução Francesa.

Entrevia princípios dinâmicos de permanência e de progresso no devir natural da história. Não admitia no entanto mutações violentas. Chegava mesmo, no momento de exaltação ideológica, quando via a ordem existente ameaçada, a dizer que embora a morte fosse contingência da natureza humana desde a expulsão do paraíso, não o era necessariamente para as sociedades:

(38) Ferguson, Adam. *Principles of Moral and Political Science*. Edimburgo, 1792. vol. 1, p. 279; Whitney, Lois, op. cit., pp. 146-7.

(39) "... Like the winds that come one knows not whence, and blow whither soever they list, the forms of society are derived from an obscure and distant origin; they arise before the date of philosophy, from the instinct, not from the speculations of men..." (Ferguson, Adam. *Essay on Civil Society*. pp. 182-3; Whitney, Lois, op. cit., p. 202).

(40) Southey, Robert. *Life of Wesley*. p. 473.

É um erro julgar que haja um princípio imanente de mudança, decadência e dissolução das instituições políticas e dos impérios como existe no microcosmo dos homens⁽⁴¹⁾.

Os homens eram seres mortais, mas as instituições sociais, produtos de experiência histórica, poderiam ser perenes... Por outro lado, não perdia de vista os inúmeros exemplos registrados pela história de nações antigamente prósperas e depois decaídas em servidão ou devassadas pela opressão. Sob o ponto de vista global e universal, a natureza humana continuaria sempre se aperfeiçoando: "... e avançando para aquele estágio melhor das cousas que a filosofia nos ensina a esperar e a religião a procurar"⁽⁴²⁾.

Empire and Nations rise, decay and fall
But still the Good survives and perseveres thro'all⁽⁴³⁾.

As nações viviam em contínuo processo de mudança, seja por pressões externas ou por um processo interno de decadência⁽⁴⁴⁾.

Negava o princípio de um progresso unilinear, substituindo-o pela idéia de uma evolução em espiral. Após a desilusão com o utopismo revolucionário e em sua crítica à industrialização, a par do conformismo cético, inerente à tradição do mundo pré-industrial, tinha o pessimismo próprio da ideologia conservadora. Parecia-lhe óbvio que em seu tempo havia grande prosperidade material; ao passo que certas classes progrediam, outras pelo contrário pioravam muito de condição, como os artesãos e pequenos proprietários rurais. Não via nenhum progresso amplo e generalizado. "... Grande parte das pessoas estão tão atrasadas como há três séculos atrás; em todas as épocas as paixões primitivas são as mesmas..."⁽⁴⁵⁾ A regressão também faria parte do processo histórico. Era o que demonstraria em sua obra sobre a colonização dos europeus do Novo Mundo, onde estudaria o retrocesso dos espanhóis no Paraguai⁽⁴⁶⁾, em confronto com o dos portugueses de Belém e São Luís⁽⁴⁷⁾.

Para Coleridge o processo histórico também se afigurava como procedendo em meandros:

-
- (41) Id., "Moral and Political State of the British Empire", *QR*, 267.
 (42) Id., "Lives of the French Revolutionists", *QR*, 7 (14): 437, jun. 1812.
 (43) Id., "Waterloo", 2.^a parte, IV. *Poetical Works*, vol. 10, p. 91.
 (44) *Colloquies*, vol. 2, p. 105.
 (45) Id., "Lives of the French Revolutionists", *QR*, p. 416.
 (46) Id., *History of Brazil*, vol. 3, p. 430.
 (47) Id., *History of Brazil*, vol. 2, p. 450.

O progresso das espécies não é, nem pode ser, como uma estrada romana em linha reta. É mais apropriadamente comparado ao curso de um rio que, tanto nas curvas menores como nas maiores, é freqüentemente forçado a retroceder às origens, em virtude de obstáculos que não podem ser evitados ou superados de outro modo; entretanto é acompanhado de um impulso que garante o progresso a seguir; está ganhando forças a cada hora, ou conquistando em segredo alguma dificuldade, por um trabalho, que contribui para fazer com que siga o seu curso; do mesmo modo, às vezes, corre em linha ininterrupta, outras, reto como uma estrada romana, com a qual comecei a comparação... (48)

O princípio ideológico de regeneração moral, que era uma reação contra a Revolução industrial, implicava o apelo a valores chãos, ao terra-a-terra, aos usos consagrados pelo tempo, a costumes e tradições essencialmente conservadores. Na cadeia do devir, assim como o presente, também o passado conduzia ao futuro. Não seria possível desprezar a herança cultural de um povo, romper bruscamente com um processo de acumulação de conhecimento que fazia parte intrínseca da vivência humana.

A sua teoria da civilização partia do pressuposto da necessidade do domínio da natureza pelo homem através do trabalho manual e da agricultura, com a qual o homem supria as suas necessidades; porém os laços comunitários que sedimentavam o progresso da civilização, assim como o patriotismo, o apego ao solo, o gregarismo, os laços de lealdade, a confraternização provinham de um sentimento básico de religiosidade. A coesão social seria fundamentalmente um produto do trabalho de subsistência do homem e da consciência de valores morais ou religiosos. No contato direto com a natureza, através da agricultura de subsistência, o homem poderia manter as virtudes morais, os princípios de aperfeiçoamento e progresso. A religião seria o ponto de partida de um processo de perfectibilidade moral: de onde Southey criticar a colonização comercial escravocrata; quanto aos selvagens, estudava-os a partir das suas crenças religiosas e criticava William Robertson por desprezar esse princípio dinâmico, fundamental no devir das sociedades. Daria grande importância ao poder civilizador da religião na obra colonizadora.

Wordsworth, sem perder de vista a ordem moral do universo, queria contemplar o homem na diversidade da sua interação com

(48) Id., *Church and State*. pp. 38-9; Sanders, Charles Richard, op. cit., p. 56.

a natureza e o meio ambiente, voltando-se, como poeta, para a cor local, o dia-a-dia, os pequenos pormenores, a descrição de costumes e de antigas tradições.

... seeing little so worthy or sublime
 In what the historian's pen so much delights
 To blazon — power and energy detached
 From moral purpose...⁽⁴⁹⁾

Aceitava como parte da evolução cultural o relativismo histórico e tentava apreciar cada época no que tinha de peculiar, sem perder de vista o processo global, universal, de valores absolutos. De onde a preocupação intelectualista do historiador, em traçar, através dos costumes, o estado mental de cada uma das diferentes épocas da história. Para Coleridge, os princípios da moral universal, ou seja, da razão, distinguiram-se do "Volksgeist", que era mais pertinente à faculdade humana da "fantasia"⁽⁵⁰⁾.

Coleridge discordava da separação cartesiana da natureza física e moral dos homens. Através das *Lyrical Ballads*, ele e Wordsworth propunham-se a reformar a sociedade através da sensibilidade dos homens. "Sou de opinião que o pensamento mais profundo só é atingido pelo homem de sentimentos profundos..."⁽⁵¹⁾ Era o princípio vitalista da filosofia romântica da volta à natureza através das forças mentais. O culto da natureza não se confundia em nada com o primitivismo; pelo contrário, a fim de superar a marginalização do indivíduo na sociedade moderna, tinham como ideal a volta à natureza, através do poder da imaginação, da razão e da cultura, que eram atributos essencialmente humanos. Deveria o homem conquistar a natureza sem se submeter ou ser vencido pelos instrumentos de que lançava mão em sua conquista, ou seja, sem se deixar absorver pela prosperidade material, que de início o levava à civilização. Em sua luta pela sobrevivência, chegava o homem a conquistar a natureza, mas, nessa luta de sobrevivência, seria preciso evitar a perda da sua participação na energia vital da própria natureza.

(49) "The Prelude", XIII, 40-45. *Poetical Works of William Wordsworth*. Londres, Oxford University Press, 1969. p. 579; *Cintra*, p. 116. No mesmo sentido, o poema "Autumn", "On History" ou "Waterloo" de Southey: "Look were thou wilt, the history of man is but a thorny maze without a plan..." (2.ª parte, II, 19. *Poetical Works*, vol. 10, p. 73).

(50) Sobre a diferença entre fantasia e imaginação: Coleridge, S. T. *Biographia Literaria*, pp. 42-3; Wells, G. A. "Herder's and Coleridge's Evaluation of the Historical Approach", *Modern Language Review*, 48: 167-75, 1953.

(51) Coleridge, S. T. *Biographia Literaria*, pp. 42, 156, 231-2.

Por outro lado, para Coleridge, seria também através da natureza que o homem participava do princípio universal, que é Deus. Ao contrário, porém, da natureza, o homem é um ser consciente. Possui a imaginação primária, “a força viva e o agente precípua de toda a percepção humana”. Através do livre arbítrio exerceria, como ser racional, a própria vontade. A relação do homem para com a natureza é a “repetição na mente finita do ato eterno de criação no infinito Eu sou”⁽⁵²⁾. Para Coleridge seria fundamental a distinção entre a vontade dos homens e a natureza. Contra qualquer determinismo materialista, afirmava o livre arbítrio e a vontade dos homens, não apenas como um elo na cadeia de causa e efeito, mas como uma entidade autônoma, que não está sujeita, como a natureza, a causas ou a mecanismos condicionados pelo tempo e pelo espaço. A sua função é aceitar e executar a vontade de Deus, tal como pode ser discernida pela razão; tratar-se-ia de identificar a liberdade do homem com a vontade de Deus. . .

A reação filosófica, em oposição ao pensamento experimental, levaria a um outro conceito das relações do homem com a natureza. Tratava-se de ponto crucial para se entender o contexto da conceituação da *História do Brasil* de Southey, que absorvia da mentalidade romântica dos “lakistas”, assim como do historicismo alemão, os valores que o levavam em sua obra a criticar a colonização puramente comercial e fiscal dos portugueses. Na integração do homem com a natureza do novo mundo, Southey vislumbrava o processo de afirmação da cultura, se bem que irremediavelmente limitado pelas circunstâncias históricas e pelo estágio mental em que se encontravam os portugueses: por isso nem sempre seria um processo de plena afirmação das potencialidades humanas, sendo muitas vezes, pelo contrário, um processo de regressão à barbárie.

Para Southey, a conquista da natureza fazia parte intrínseca do processo de perfectibilidade da condição humana: a natureza selvagem deveria ser transformada em jardim e o paraíso teria de ser reconquistado pelo homem, como parte da luta contra o princípio do mal⁽⁵³⁾.

Para Coleridge e os românticos em geral, através da cultura, o homem poderia chegar à natureza, participando novamente da sua energia vital, que provinha de Deus: “a natureza que você injeta nos seres animais é indigna de nostalgia ou de respeito”.

(52) Coleridge, S. T., *ibid.*, pp. 145-6.

(53) *Colloques*, vol. 2, pp. 206, 412,

Para Schiller, através da arte e da estética é que se daria a volta à antiga idade de ouro ou à Arcádia; através do triunfo da cultura é que se processaria a ascensão aos campos eliseos. Também para ele, a conquista da natureza pela cultura e pelo poder racional dos homens fazia parte da luta contra o mal. A meta do homem, através da imaginação e da arte, era superior à rusticidade da natureza, que se circunscrevia ao finito, enquanto o homem aspirava ao infinito, a transcender o "Ding an sich", como diriam Kant e Fichte, em luta permanente contra a natureza e a realidade exterior ao sujeito.

Descrentes de milênios políticos, Fichte, Schiller, Coleridge e Wordsworth concentravam-se na vivência da luta do homem contra o princípio do mal e sonhavam um apocalipse a ser alcançado através do conhecimento. Os românticos exaltavam no homem as potencialidades cognitivas que lhe permitiriam vencer a natureza e unir-se a Deus. A tese desse supernaturalismo transcendente como princípio básico do pensamento romântico foi exposta por H. M. Abrams no seu estudo da visão de progresso circular, cíclico, de volta à infância como um dos arquétipos da poesia romântica. A volta à infância subentenderia a capacidade de transcendê-la pelo poder da razão e do conhecimento⁽⁵⁴⁾.

O tema do surto vitalista de conquista e poder, de afirmação da cultura e das potencialidades humanas prestava-se igualmente à "Machtpolitik" do saber, e do poeta, e à ideologia colonialista de afirmação do poder anglo-saxão e do messianismo cultural, peculiar às primeiras décadas do século XIX.

Era o que refletiria o próprio processo histórico, nem sempre um progresso unilinear, evoluindo, como círculos em espiral, através do tempo, de lutas e sofrimentos, mas sempre como um "porvir" de afirmação da consciência e da razão humana. Para Schelling tratava-se da história da conscientização do homem; para Hegel, "a história pormenorizada do porvir do conhecimento e da educação, do poder racional do homem até chegar à ciência..." Para Coleridge, seria o processo evolutivo das potencialidades ideais, cristãs, do homem. Traços, enfim, de um idealismo moral militante, que visava à regeneração do homem moderno, alienado e desenraizado da sua natureza interior, ideal este a ser realizado pelos poetas, pela "intelligentsia", pelo Estado, pela educação, que defendia em termos desse ideal e pela missão civilizadora dos europeus, respeitadas as forças históricas de crescimento

(54) Abrams, M. H., *op. cit.*, p. 46.

orgânico das colônias que fundavam como sementes de futuras comunidades nacionais.

Este moralismo atuante deveria ser realizado, segundo Wordsworth, através dos sentimentos e da imaginação dos homens. Os contemporâneos de Southey diagnosticavam uma crise iminente dos verdadeiros valores humanos, provocados pela industrialização, pela Revolução Francesa e pelo jusnaturalismo das constituições improvisadas, em esquemas racionais. Era o que denunciava Wordsworth, ao diagnosticar a crise da Inglaterra: deixassem seus compatriotas de tentar medir, pelas mesmas dimensões, cousas entre si incomensuráveis: a alma, as necessidades de conforto material, as forças mecânicas, os princípios morais. Através da poesia queria inculcar nos homens, por intermédio dos sentimentos, a antiga sabedoria perdida:

enquanto as artes mecânicas, as manufaturas, a agricultura, o comércio e todos produtos do conhecimento que se limitam aos objetos definidos e tangíveis vêm ganhando cores mais vivas, todos os dias, com auxílio da filosofia experimental, o esplendor da imaginação vem fenecendo: a sensibilidade que antigamente era uma dádiva generosa da natureza rude, foi expulsa do seu amplo domínio de patriotismo e religião com armas de escárnio e por intermédio de uma sombra que se intitula bom senso: cálculos de presunçosa conveniência — rastejando o seu caminho de alcance parcial e temporário — sobrepuseram-se aos ditames da consciência suprema e infalível, que tudo abarca: um decoro circunspecto e sem vida expulsou a graciosa negligência e a dignidade confiante da virtude...⁽⁵⁵⁾

Acima de tudo, propunha-se alcançar para o homem comum que vivia do trabalho manual a conjunção da paz e do estímulo. “Não só de pão vive o homem; não se aquece somente com vestimentas...”⁽⁵⁶⁾

Em contraposição à filosofia mecanicista, absorveria, na visão de um surto de vitalismo orgânico, a idéia tradicional da hierarquia dos seres:

a espécie mais alta não exclui a mais baixa; pelo contrário, esta é necessariamente incluída; o intelecto não exclui os sentidos que incorpora a si; o sensível ao animal; e o animal, tudo

(55) *Cintra*, p. 154.

(56) *Cintra*, p. 155.

o que é vida, mesmo nos mínimos graus. A sabedoria é a raiz oculta de que brota a prudência; e estas, ao se unirem, alimentam e sustentam “a flor brilhante e consumada — a Felicidade Nacional —, o fim, a coroa, o ornamento notório de tudo o mais... (57)

Este conceito de organicidade, tomado de empréstimo às ciências naturais que substituíra a antiga idéia de incubação, abarcava a preocupação global de método da teoria do conhecimento de Coleridge, ou seja, a sua preocupação em conciliar a diversidade e os particularismos com a uniformidade de princípios gerais; “multiplicidade e unidade”, diria ele⁽⁵⁸⁾. Através do vitalismo organicista, puderam os românticos voltar-se contra a idéia do progresso unilinear e da filosofia empírica do século XVIII. Sem abandonar a visão de um princípio moral absoluto, aceitavam o relativismo histórico, atentavam para os pormenores da vida, do ser, da paisagem, num processo contínuo de crescimento e de vir-a-ser. Contra o progresso necessário vislumbrariam o devir histórico, orientado por um destino moral, porém sujeito às eventualidades do meio ambiente, às limitações do “Volksgeist”, ao espírito de uma determinada época.

O processo histórico não refletia, estritamente, nem a vontade do homem, nem o fatalismo providencial: “Cada passo em movimento da multidão, mesmo no que se convencionou chamar de épocas ilustradas, é feito de um modo igualmente cego com relação ao futuro; e as nações tropeçam nas instituições, que são de fato o resultado de atos humanos, mas nunca uma criação deliberada...”(59) Àquela altura, o conceito organicista da história não se libertara ainda da imagem tradicional da grande cadeia de seres, contínua e hierárquica, e subentendia, apesar do seu conteúdo aleatório, senão a rigidez, pelo menos a idéia básica de uma continuidade de evoluir. Southey impressionava-se especialmente com este aspecto de continuidade do processo histórico, que é uma das características da ideologia conservadora da história.

Fundamentalmente, Southey e os “lakistas” eram descrentes do processo causal mecanicista e necessário da filosofia materialista

(57) *Cintra*, p. 171.

(58) Coleridge, S. T. *Biographia Literaria*. pp. 136, 153-6.

(59) “... Every step and every movement of the multitude, even in what are termed enlightened ages, are made with equal blindness to the future; and nations stumble upon establishments, which are indeed the result of human actions, but not the execution of any design...” (Ferguson, Adam. *Essay on the History of Civil Society*. Dublin, 1762. pp. 182-3; Whitney, Lois, op. cit., p. 153).

ou associacionista de Helvetius, Locke e dos utilitaristas em geral. Também se opunham à história conjectural e generalizadora do século XVIII: buscavam valores morais e universais e não associações causais e mecânicas. No caso de Southey esta busca ideológica se exprimiria mais como uma busca de estilo e forma, do que através de especulações abstratas sobre a filosofia da história.

Voltaram-se por isso para uma história narrativa e factual, para a consulta das fontes originais, dos testemunhos imediatos dos cronistas e viajantes. Coleridge criticava historiadores cuja presunção os impedia de descer às minúcias dos fatos simples, rudes, crus, “que eram em si os mais importantes de todos”⁽⁶⁰⁾. De onde se depreendem as raízes ideológicas ou filosóficas da nova historiografia romântica.

Os historiadores românticos, descrentes de saltos milagrosos e revoluções súbitas, queriam assimilar o passado ao presente, superando deste modo a irremediável marginalização do homem na sociedade contemporânea. O confronto do presente com a experiência do passado seria imprescindível para a sobrevivência das tradições e dos valores culturais, pelos quais lutavam⁽⁶¹⁾. A preocupação de Southey com a continuidade do dever histórico seria um aspecto da reação contra as mudanças de seu tempo. Buscava no passado o fio de uma evolução lenta, progressiva, que não implicasse rupturas e desenraizamento. É sugestiva, sob o ponto de vista da definição da sua mentalidade conservadora, a sua admiração por Clarendon, cuja história da revolução de 1640 tinha como tema fundamental o princípio da continuidade histórica. Era em termos de uma ruptura violenta com o passado que analisava a história de Cromwell e do “longo parlamento”, procurando conciliar a experiência individual e os fatos contingentes. Numa perspectiva mais ampla e generalizadora, Clarendon fixaria o modelo preliminar da narrativa factual na historiografia inglesa. “Nenhum historiador antigo ou moderno deve ser mais detidamente esmiuçado...”⁽⁶²⁾ Southey delinearía a sua própria visão, essencialmente conservadora, de dever orgânico, como o equilíbrio de princípios destrutivos e conservadores da sociedade.

Para superar vícios e distorções decorrentes das teorias filosóficas e psicológicas, de utilitaristas e pensadores racionalistas contemporâneos, buscava a história narrativa e factual através da qual se pudesse recriar, reviver o espírito, a mentalidade, os costumes

(60) Coleridge, S. T. *Biographia Literaria*, p. 105.

(61) Coleridge, S. T. *Statesman's Manual*, pp. 424-5; Sanders, Charles Richard, op. cit., p. 54.

(62) “Life of Cromwell”, *QR*, 25 (50): 293, jun. 1821.

de cada época, "tal como existia por si". Para isso evidentemente teria o historiador que exercer um critério próprio de escolher os fatos certos, de usar o "tato filosófico para fatos que fossem realmente importantes"⁽⁶³⁾.

O estilo formal de narrativa cronológica e factual seria na tradição da historiografia inglesa um modo de expressar humildade diante da complexidade do devir histórico. A visão organicista implicava uma noção mais diversificada e complexa do processo histórico, do que o simples desenrolar da Providência divina (o fatalismo bíblico dos cronistas medievais de Santo Agostinho), ou do causalismo mecanicista e do devir retilíneo, racional, da historiografia filosófica da Ilustração. O conceito de devir orgânico levava em conta instintos, sentimentos, forças irracionais; implicava a imagem de um crescimento vegetativo autônomo, conciliando, nos fins do século XVIII, a idéia da semente de geração espontânea com a Providência divina. "A natureza humana é intrincada; os fatos sociais são da maior complexidade possível; por conseguinte, nenhuma projeção simplista ou orientação de poder pode ser apropriada à natureza do homem ou à interpretação das suas relações. . ." ⁽⁶⁴⁾ A história abrangeria a interação de valores universais com circunstâncias particulares; um sistema ou ordem universal absoluta com o crescimento vegetativo, acumulativo, as contingências de circunstâncias e fatores múltiplos do meio ambiente; mais o livre arbítrio dos homens que, ao contrário dos animais, seriam, apesar de tudo, capazes de moldar o seu próprio destino.

Para Wordsworth seria dever fundamental do historiador estudar e respeitar a diversidade cultural⁽⁶⁵⁾. Para Coleridge os princípios universais somente se revestiam de sentido através da diversidade de pormenores. Aqui se define a ideologia nacionalista do século XIX. Era o que Walter Scott procurava exprimir em sua obra: "o grau de diversidade nacional entre os diferentes países é apenas um exemplo da variedade geral que a natureza parece ter adotado, como princípio de todas as suas obras; tão ansiosa de evitar algo remotamente parecido com a uniformidade absoluta, como os estadistas modernos em impô-la. . ." ⁽⁶⁶⁾ Wordsworth, em seu panfleto sobre Portugal e Espanha, exaltava os princípios inerentes ao nacionalismo do sé-

(63) Sanders, Charles Richard, op. cit., p. 55; Preyer, Charles. *Bentham, Coleridge and the Philosophy of History*. p. 18 ss.

(64) Burke, Edmund. "Reflections on the Revolution in France". *Works*. vol. 3, p. 312.

(65) *Cintra*, p. 53.

(66) Apud Schenk, H. G. *The Mind of European Romanticism (an Essay in Cultural History)*. Londres, Constable, 1966. p. 15.

culo passado, chegando a prever, senão a propalar, a unificação da Itália e da Alemanha: "Hoje em dia, o homem que não se emociona com as nações cuja honra foi ofendida deve ter pouca simpatia pela honra de seu próprio país; e se lhe falta a sensibilidade para o todo que circunscribe o particular, ele não tem e nem pode ter consideração social pelas comunidades menores que o seu país inclui. . ." (67) Era o princípio do "Volksgeist", elaborado por Herder, para o qual toda nação se definia pela cultura histórica, pelas tradições e pelos costumes, pela religião, pelo espírito de cada época, de cada povo e língua. . . (68)

Penetrar no colorido local e no espírito de uma outra época exaltava no historiador a consciência de valores morais e absolutos que regiam o processo mais amplo e progressivo de aperfeiçoamento da condição humana. O historiador, bem consciente das limitações culturais, das superstições, das circunstâncias que paralisavam e eventualmente impulsionavam o progresso do homem, em determinada época e local, atribuiria a si, ao contrário de Ranke e dos historiadores positivistas dos fins do século, a tarefa de julgar e marcar as etapas do progresso da humanidade. Imbuído da necessária empatia imaginativa, para que pudesse penetrar no mundo diferente de seres exóticos e de ser, ainda assim, capaz de julgá-los com visão moral e espírito filosófico:

Uma grande vantagem advinda do escrutínio dos historiadores originais de uma época é o aprender deles em que medida o espírito da época influi sobre a comunidade: escritores posteriores incorrem no perigo de exagerar ou de diminuir esta influência quando se examina com cuidado e minuciosamente qualquer período da história; o resultado natural e justo desse tipo de estudo deve ser o de nos tornar mais tolerantes para com os indivíduos e menos tolerantes para com instituições e costumes, que corrompem a disposição e pervertem a consciência dos homens. . . (69)

Como poetas, Coleridge e Wordsworth queriam apreender no dia-a-dia do homem comum e na diversidade da cor local, os

(67) Cintra, pp. 157-8.

(68) Barnard, F. M. *Herder's Social and Political Thought (from Enlightenment to Nationalism)*. Oxford, Clarendon Press, 1965; Droz, Jacques. *Le Romantisme Allemand et l'état. (Résistance et collaboration dans l'Allemagne napoléonienne)*. Paris, Payot, 1966.

(69) Southey, Robert. "On Thomas Southey's Chronological History of the West Indies", 210; cf. Beer, Samuel H. "Causal Explanation and Imaginative re-enactment". *Theory and History*, 3 (1): 6, 1963.

valores universais do homem. Coleridge chegaria a observar que uma idéia pode ser verdade sem nunca ter sido fato histórico⁽⁷⁰⁾.

Poeta descrente de milênios políticos, Wordsworth quis, através da poesia, revolucionar a mente dos homens, reabilitando a sua sensibilidade e certos valores universais, absolutos, que as contingências da sociedade tinham desvirtuado. Com este objetivo em mente, chamava atenção para a grandeza de pequenos costumes rústicos de camponeses e para os valores heróicos da vida comum. Nos pequenos fatos quotidianos entrevia “a alma da sensibilidade no coração do homem”, que transcendia de muito a trivialidade de meros contingentes históricos; pequenos fatos humanos, em si insignificantes, ascendiam a Deus e transcendiam limites imediatos, circunstanciais, descerrando as leis da moral universal e do homem “progressivamente mais humano”⁽⁷¹⁾.

Em 1798, no prefácio às *Lyrical Ballads*, Wordsworth explicitava a sua intenção de demonstrar “as leis primárias da nossa natureza” através do escrutínio da linguagem banal, usada no dia-a-dia pelo homem comum, devidamente colorida pela imaginação do poeta. A sua intenção se revestia de um sentido social importante, dado o fato de a industrialização e o crescimento urbano tenderem a confundir os poderes de discriminação do pensamento do homem, reduzindo-o a um torpor selvagem⁽⁷²⁾: voltava-se para “as existências interiores, individuais; as ocorrências externas e palpáveis da vida quotidiana em cada aldeia, em cada vila; a curiosidade compassiva e as aclamações contagiosas das multidões nas ruas das cidades e dentro dos teatros; uma procissão, uma dança campestre; uma caçada, uma corrida de cavalos; uma inundação, um incêndio. . . tudo bem parece demonstrar que as paixões dos homens (ou seja, a alma e a sensibilidade de seus corações), incontestavelmente, transcendem as aparências exteriores”. Raramente os atos e as manifestações concretas exprimiriam toda a intensidade e a dignidade dos sentimentos dos indivíduos⁽⁷³⁾.

Southey, como historiador, endossava a mesma atitude de empatia imaginativa. Através da forma e do estilo de narrativa procurava exprimir e incorporar certos princípios filosóficos: pretendia reviver a história através dos sentimentos e da imaginação, reconstruindo a vida de outros tempos “como pulsara no coração

(70) Coleridge, S. T. *The Constitution of Church and State*. Londres, 1829; Willey, Basil. *Nineteenth Century Studies*. p. 53.

(71) *Cintra*, p. 162.

(72) Wordsworth, William. “Preface to the *Lyrical Ballads*”. *The Poetical Works*. Londres, 1969. pp. 734-5.

(73) *Cintra*, p. 169.

dos homens de antigamente”, em quadros de realismo pictórico, profundamente humanizados⁽⁷⁴⁾. “Escrever a história, tal como deve ser escrita, requer um poder de transmigração intelectual de que poucas pessoas são dotadas. Se o historiador quer tratar com justiça os indivíduos cujos atos registra, deve voltar à sua época e, pondo-se onde eles estiveram, tentar, enquanto possível, ver as cousas, como lhes pareciam aos seus próprios olhos, segundo a visão que tinham deles mesmos, à mesma luz, sob o mesmo ponto de vista e através dos mesmos recursos. . .”⁽⁷⁵⁾

Este o motivo porque buscava principalmente os testemunhos diretos de cronistas e viajantes: “diários e livros de viagens adquirem com o tempo mais valor; são os subsídios da história e preservam a memória de muitas cousas, que o historiador deixa de lado, por considerar pouco importante ou trivial, mas que se transformam em objetos de curiosidade quando se tornam obsoletos e antigos. . .”⁽⁷⁶⁾ Não se cansava de ressaltar a importância das cartas e dos relatórios jesuíticos como documentação para a história da colonização ibérica na América do Sul⁽⁷⁷⁾. Referia-se com frequência ao sentido amplo em que concebia a história, chamando a atenção para a importância da análise crítica das pequenas anedotas, que forneciam preciosos subsídios para a história social e mental de uma época. Desprezava a visão generalizadora e vaga de historiadores que pretendiam apreciar por alto as inter-relações morais e geográficas dos homens. “Os que andam muito alto enxergam pouco — os que descrevem viagens não devem viajar em balões pelos ares”⁽⁷⁸⁾. Não menosprezaria o excesso de credulidade dos cronistas. “Crédulos inegavelmente eles o foram e tanto melhor que assim fossem; pode-se pensar qualquer cousa sobre a velha questão das superstições e do ateísmo, mas é preferível que historiadores e viajantes acreditem demais do que de menos; é melhor que respeitem exageros e falsidades do que suprimam fatos, por acharem que não são verdadeiros; que deixem o leitor exercer seu próprio critério em vez de procurar decidir no seu lugar”⁽⁷⁹⁾. Ao resenhar uma história anônima da Jamaica, escrita em 1809

(74) Southey, Robert. “On the History of Dissenters”, *QR*, 10 (19): 91, out. 1813.

(75) Id., “Evelyn’s Memoirs”, *QR*, 19 (37): 12; cf. carta para o Reverendo Hill, de 10 de maio de 1819. *Fitz Park Museum Mss*, ff 52-3.

(76) “. . . taking history in its widest acceptance. . .” (Southey, Robert. “Dobrizhoffer’s Account of the Abipones”, *QR*, 26 (52): 273, jan. 1822.

(77) *NL*, vol. 1, p. 157.

(78) Southey, Robert. “On Skinner’s Present State of Peru”. *Annual Review*, 4: 50, 1806.

(79) Id., “An Account of Jamaica and its Inhabitants”. *Annual Review*, 7: 153, 1809.

para a *Annual Review*, comentava Southey que as “pequenas peculiaridades e diferentes matizes da vida e dos costumes” eram temas mais condizentes com a tarefa do historiador do que esquemas gerais de traços mais nítidos, “com os quais provavelmente o historiador convencional se contentaria”⁽⁸⁰⁾. A seu ver, deveria o verdadeiro historiador “descer aos mínimos pormenores, aproveitando em suas descrições fatos, anedotas e notícias da vivência quotidiana desde que fossem extorquidos de fontes autênticas”.

As baladas rústicas, os testemunhos da vida popular lançados na moda por William Percy e Thomas Gray e continuados pelo *Minstrelsy of the Scottish Border* (1808) de Walter Scott, assim como a proliferação de reedições de antigos cronistas e romances medievais, contribuía para transformar a historiografia. Constituía a partir de Vico, de Blackwell e Lowther material importante para o historiador, preocupado em estudar as origens remotas dos antigos povos europeus, bíblicos, gregos, germânicos e nórdicos⁽⁸¹⁾. Este gênero de documentação, como o demonstraria a crítica de Ossian, traria importantes inovações formais na historiografia romântica: “uma cousa, sobretudo, hei de tentar ao escrever a história”, escrevia Southey em 1800, “entrelaçar tanto quanto possível na narrativa os estilos e os maneirismos da época, de sorte a aproximar-me, nesse ponto, mais dos velhos cronistas do que dos historiadores modernos”⁽⁸²⁾. Em 1804, ao resenhar o cronista medieval Froissart, escreveria: “estamos começando a fazer justiça aos historiadores de antigamente. . .”⁽⁸³⁾ Southey teria muitas afinidades com Walter Scott, Carlyle e Michelet, que integraram a narrativa romântica na historiografia dos inícios do século XIX⁽⁸⁴⁾.

Voltava-se contra a tendência dos historiadores do século XVIII de desprezar fatos em favor de teorias, de preferir generalizações e de especular com hipóteses abstratas. Em um de seus artigos, Southey reproduzia uma frase de Rousseau — “Tant pis pour les faits” —, reprovando em princípio esta disposição de espírito⁽⁸⁵⁾. O historiador que se atinha aos fatos, a não ser que forjasse dados, dificilmente poderia iludir os leitores. Southey pretendia ir contra teorias abstratas preestabelecidas; queria ater-se às

(80) Ibid.

(81) Carta a William Taylor, de 26 de março de 1800. *Journals*, p. 69.

(82) Neff, Emery. *The Poetry of History*. Nova York, Columbia University Press, 1961, p. 21.

(83) Id., “Johnes’ Translation of Froissart”. *Annual Review*, 3: 190, 1805.

(84) Peardon, Thomas. *The Transition in English Historical Writings (1750-1830)*. Nova York, Columbia University Press, 1933; Curly, Maria Odila Dias. “O Brasil na historiografia romântica inglesa: um estudo de afinidades de visão histórica: Robert Southey e Walter Scott”. *Anais do Museu Paulista*, 21: 7-108, 1967.

(85) Southey, Robert. “On Parliamentary Reform”, *QR*, 16 (31): 236, out. 1816.

minúcias dos fatos, reviver as sementes de que evoluíam comunidades nacionais, recriar a história social e mental dos homens “tal como se fora desenrolando através dos tempos”. É a orientação que se propõe na *História do Brasil*. Através de uma confrontação rigorosa de cronistas e de documentos inéditos, procurou superar a falta de vivência local, de “native raciness” e de conhecimento topográfico⁽⁸⁶⁾, com relação ao Brasil. Orgulhava-se de um talento especial em extrair pérolas de textos parciais, confusos; de saber aproveitar, como documentos, lendas e fantasias que, “se existem, é porque um dia foram crenças. . .”⁽⁸⁷⁾ Sementes culturais, implantadas na religião e nos costumes e de que dependia a formação do nexo social.

A preocupação com o pormenor concreto e visual, com a história factual, era pois uma reação contra as generalizações da Ilustração. Aliás, toda a preocupação com inovações de estilo prendia-se diretamente a uma conceituação filosófica diferente, ou seja, à consciência do processo histórico como devir orgânico. Querendo recriar imaginativamente a vida e os costumes de épocas passadas, Southey voltou-se para fontes primárias e testemunhos imediatos, através dos quais queria chegar ao crescimento orgânico, vegetativo, de uma sociedade nos trópicos: o estilo do historiador está intimamente relacionado com a interpretação dos fatos.

Southey queria reconstruir e perceber uma continuidade no processo histórico, e a tradição da narrativa, própria da historiografia inglesa do século XVIII, era o campo no qual poderia trazer inovações⁽⁸⁸⁾. Era de opinião que a história requeria antes a forma do que a interpretação racional. Em sua correspondência, ao escrever sobre a conceituação da *História do Brasil*, dava grande ênfase à clareza, à concisão e à simplicidade do estilo. Queria evitar os maneirismos de Hume e as generalizações de Robertson; através da própria narrativa, pretendia chegar com mais veracidade ao processo de devir orgânico da história.

Pretendia inovar e corrigir a forma e o estilo de Hume, com o qual partilhava, no entanto, a mesma aversão pelo pensamento sistemático, o mesmo ceticismo realista, que levavam à rejeição pelo historiador de esquemas explicativos referentes a causas gerais, leis e princípios, preferindo ater-se ao destrinchar de fatos contin-

(86) Carta para Henry Koster, 3 de junho de 1815 (Leão Filho, Joaquim de Souza, org. “Cartas de Robert Southey a Theodore e Henry Koster”, *Rev. IHGB*, 178: 46.

(87) Southey, Robert, “Life of Cromwell”, *QR*, 25 (50): 283, jul. 1821.

(88) Braudy, Leo, *Narrative Form in History and Fiction*. Princeton University Press, 1970. p. 85. cf. Lawrence, L. Bongie. *David Hume, Prophet of Counter-revolution*. Oxford, Clarendon Press, 1965.

gentes, individuais, únicos. Southey teria diversas afinidades com o conservadorismo de Hume: a veneração pela continuidade das instituições civis, pela formação progressiva da ordem social e das leis do Estado, o apego a pormenores, a tendência biográfica a traçar o “caráter moral” dos personagens históricos, exemplificativos das limitações e das peculiaridades do espírito de cada época. “As alternativas concernentes ao justo equilíbrio entre dois extremos são muito difíceis de serem decididas; é difícil encontrar palavras apropriadas para exprimir o meio termo nesses casos; o bem e o mal estão tão confundidos, que tornam nossos sentimentos incertos e duvidosos”⁽⁸⁹⁾.

Southey, juntamente com Walter Scott e Carlyle, herdaria o estilo narrativo da historiografia e da ficção do século XVIII. Preocupavam-se, como Hume, em tornar a “narrativa divertida”⁽⁹⁰⁾, em procurar um estilo simples, evitando termos obsoletos ou modernos demais que deturpassem a revivência imaginativa, a comunicação direta com o passado, o esforço criativo, empático, que tornava possível ao historiador reencarnar-se nos personagens de outros tempos⁽⁹¹⁾.

O verdadeiro historiador deveria ser dotado de alguns requisitos essenciais; deveria ter o dom de reproduzir com fidelidade os costumes de outros tempos, um estilo apto a reviver a atmosfera e o clima de outras épocas, assim como a capacidade de comunicar vida, de ressuscitar uma realidade extinta e, pois, de impressionar e prender os leitores: “. . . Uma narrativa circunstancial, cheia de vida, fiel aos fatos e aos documentos, sabendo selecionar o característico e chegar aos valores mais profundos e que, ainda assim, divertisse o leitor como um romance”⁽⁹²⁾.

A inter-relação estreita entre o estilo e a interpretação é fenômeno importante a ser estudado em qualquer análise da historiografia, quando se pretende esclarecer uma certa visão ideológica do passado. É o que procuramos analisar em um trabalho anterior (São Paulo, 1965), sobre as afinidades de estilo e visão da história de Southey e Walter Scott. Num trabalho recente, Leo Braudy analisa a contribuição da narrativa de ficção dos romances de Fielding para a historiografia inglesa da Ilustração (1970)⁽⁹³⁾.

(89) Southey, Robert. “On Barante”. *Foreign Review*, 1: 3-4, 1828; Curly, Maria Odila Dias, op. cit., p. 15.

(90) Curly, Maria Odila Dias, op. cit., 10 ss.

(91) Southey, Robert. “On Barante”. *Foreign Review*, 1: 3-4, 1828.

(92) Braudy, Leo, op. cit., p. 143.

(93) “What a master of composition Fielding was! Upon my word, I think the Oedipus Tyrannus, the Alchemist, and Tom Jones the three most perfect plots ever planned. . .” (Coleridge, S. T. *Table Talk*. In: Coburn, Kathleen, org. *Inquiring Spirit*, p. 181.

Em meados do século XVIII, Fielding criticava o convencionalismo formal dos historiadores. Como Hume, voltou-se para a crônica dos costumes com um sentido novo da realidade sociológica, exaltando a importância dos fatos e da descrição de pormenores e assim abrindo uma perspectiva que seria de importância decisiva para a historiografia contemporânea. Em seu romance *Joseph Andrews*, voltava-se expressamente contra os grandes esquemas explicativos e as generalizações abstratas sobre a natureza humana. "Um romance que segue um padrão facilmente perceptível, falsifica o mundo tanto como o historiador, que segue uma teoria, ou o indivíduo que aplica uma regra simplista à complexidade da vida." Fielding criticava a historiografia convencional por não explorar devidamente os recursos literários da narrativa cronológica, circunstancial e pormenorizada, seguro de que esta poderia conduzir a uma visão mais completa do passado do que teorias forjadas pelo pensamento abstrato. A ficção do século XVIII traria para a historiografia um padrão de narrativa puramente estético; nesse sentido, Southey e Walter Scott prendiam-se diretamente à obra de Fielding. Querendo conciliar um sistema filosófico de especulações dedutivas, com o rigor crítico e o apego aos fatos dos "eruditos", Gibbon, por sua vez, também daria a sua obra histórica uma forma essencialmente estética e literária. Coleridge impressionava-se com a habilidade com que o autor de *Tom Jones* manipulava o seu argumento, jogando com as múltiplas possibilidades inerentes ao devir de cada momento⁽⁹⁴⁾. Chamava atenção para o cuidado com que o romancista evitava o perigo de distorção da realidade através de interpretações monolíticas que nivelassem em paradigmas rígidos a extrema variabilidade do ser humano. Southey, a seu turno, também se voltaria contra as generalizações de historiadores e filósofos utilitaristas sobre a condição humana: "... Eles tentam reduzir virtudes e vícios a uma questão de constituição uniforme dos homens. Em suma, procuram não fazer distinção entre os homens ou entre a espécie humana e a dos brutos" ...⁽⁹⁵⁾

Ao voltar-se para a revivência imaginativa de hábitos e costumes, para os pormenores da vida quotidiana do passado, a narrativa histórica deixou de explicar o vir-a-ser pelo ser e passou a explicar o ser pelo vir-a-ser⁽⁹⁶⁾, dando à realidade uma conotação

(94) Leo Braudy, op. cit., p. 260.

(95) "Rise and Progress of Popular Disaffection", *QR*, 16 (32): 525, jan. 1817.

(96) Cassirer, Ernst. *The Philosophy of the Enlightenment*. Boston, Beacon Press, 1951. p. 226.

essencialmente dinâmica e histórica. O devir orgânico seria antes a arte da vida do que um encadear de causalidades mecânicas, dedutivas: “a vida também pode ser qualificada entre as artes; e os inumeráveis incidentes devem ser considerados não como meras contingências mas como os diversos membros de uma estátua bonita ou de um poema nobre”⁽⁹⁷⁾.

Em sua obra sobre a colonização portuguesa, Southey faz constantes referências aos pequenos incidentes que, no curso da história, acabavam por gerar grandes resultados⁽⁹⁸⁾. O modo pelo qual o historiador do Brasil descreve o processo de formação da sociedade na América Portuguesa reflete muito da “epistemologia contingencial” de Hume, Fielding, Gibbon e William Robertson.

Esta maneira de dar vida à diversidade humana é própria de uma visão conservadora, e por conseqüência, factual, da história. Gibbon também buscava uma forma de narrativa histórica e factual que evitasse as distorções de princípios gerais e dos sistemas metafísicos. Preferia o acaso, as contingências, as múltiplas alternativas, à rigidez de explicações transcendentais. Tinha como axioma que o historiador, apegado a princípios gerais, desprezava fatos e pormenores e que somente estes conduziram à verdade⁽⁹⁹⁾. Respeitava antes os fatos “que por si mesmos geravam um sistema do que os fatos descobertos a partir de um sistema preconcebido”. . .⁽¹⁰⁰⁾ Partia, como Fielding, para o contingencial, buscando uma ordem e um sistema através da própria narrativa, que usava como instrumento de interpretação. Para ele a história seria a integração de episódios e personagens, ou seja, de caracteres biográficos, no contexto da sua circunstancialidade histórica, como uma obra artística. O historiador daria forma à história através de um equilíbrio a ser alcançado na própria narrativa, ao sumariar as circunstâncias específicas de situações e momentos passados, devidamente ordenados pelo juízo do historiador. Em vez de um padrão racional tratava-se de uma ordem ou de um padrão estético. “O historiador sem os fatos torna-se estéril e fútil; os fatos sem o historiador tornam-se inermes e sem sentido”⁽¹⁰¹⁾.

(97) Fielding, Henry. *Tom Jones*, cap. 4; cf. Braudy, Leo. op. cit., p. 197.

(98) Southey, Robert. *History of Brazil*, vol. 1, Introdução; pp. 301-2.

(99) Momigliano, Arnaldo. “Gibbon's Contribution to Historical Method”. In: *Studies in Historiography*. Londres, Weidenfeld and Nicolson [s.d.] pp. 40 ss.

(100) “Déferez plutôt aux faits qui viennent d'eux mêmes vous former un système qu'à ceux que vous découvrez après avoir conçu ce système”. (Gibbon, Edward. *Essay sur l'étude de la Littérature*. p. 240; cf. Braudy, Leo, op. cit., p. 221).

(101) Carr, Edward Hallett. *What is History*. Londres, Macmillan, 1961. pp. 24 ss; Braudy, Leo, op. cit., p. 219.

Southey aspirava superar a obra de Gibbon⁽¹⁰²⁾, a quem admirava acima de todos os historiadores. “Gibbon deve ser lido. É o elo que liga a história antiga com a história moderna”⁽¹⁰³⁾.

De fato, a sua contribuição para a historiografia romântica consistiria em superar certa rigidez formal e o distanciamento do historiador que critica suas fontes sem “participar” imaginativamente delas. Não representaria um rompimento mas uma continuação do estilo narrativo de Gibbon. Este, como Fielding, procurava definir, através dos personagens históricos, o jogo de causas impessoais, fazendo uma história personalizada e humana, concentrada na interação do indivíduo com sua época, na qual, freqüentemente, o elemento biográfico preponderava sobre a preocupação em analisar o processo histórico global⁽¹⁰⁴⁾. Foi o que sucedeu na obra histórica de Southey, que também se preocuparia em analisar os personagens no contexto das circunstâncias e do meio em que viviam: “A estimativa do mérito pessoal é sempre relativa às faculdades comuns de toda natureza humana. Os esforços e as aspirações do gênio e das virtudes humanas, seja na ação ou na vida intelectual, não são medidos pela sua elevação real, mas pela altura relativa a que ascendem, acima do nível comum à sua época e país; e uma certa altura, que passaria despercebida entre gigantes, é ressaltada e sobressai entre pigmeus”. Em geral, os historiadores românticos também eram de opinião que o melhor modo de interpretar o processo histórico seria atentar para “a ordem natural da narrativa num sentido global, e recriar a vida, colorindo de emoções os fatos, a fim de que, atingindo a sensibilidade, ficassem gravados na memória do leitor”⁽¹⁰⁵⁾. Tinham uma visão da história como um processo globalizante, um devir orgânico total, integrando os mais variados aspectos das atividades e da natureza humana. Não poderia a história ser artificialmente dividida em um setor político, constitucional, civil, militar, eclesiástico, literário, moral, comercial. A propósito da obra de Hume, lembra Southey: “a narrativa que procede de acordo com o fluxo do tempo e dos acontecimentos, e registra os fatos tal como são,

(102) Carta para Charles Wynn, de 21 de fevereiro de 1801. *Journals*, p. 149.

(103) Referindo-se à história de Portugal, escrevia Southey, em carta de 30 de abril de 1801: “... If the work have but half the success of Gibbon's, or of Roscoe's, its profits will be important. I know that it shall be of more permanent reputation...” (ibid., p. 166); carta a Henry Herbert Southey, 25 de agosto de 1800. (ibid., p. 108).

(104) Gibbon, Edward. *Decline and Fall of the Roman Empire*. p. 364; Braudy, Leo, op. cit., p. 247.

(105) “... in what new manner you might honourably distinguish yourself? It is by becoming the historian of manners, fixing the tale of your story in what distant period best pleases you and making it characteristic of the manners, and what is more difficult, the habits of feeling and thought prevalent at that time, and in that scene...” (carta a Miss Barker, 10 de outubro de 1801. *Selections*, vol. 1, p. 173).

entremeados com as múltiplas tendências da sociedade, é lida com mais prazer e lembrada com maior proveito. A inter-relação de fatos civis, judiciários, militares, literários, dos costumes, da religião, a mútua conexão entre eles, a influência e interdependência de uns e outros, é mais bem apreendida pelo historiador, se ele está à altura da tarefa a que se propõe, quando ele segue a ordem natural da narrativa; apresentados nesta ordem, os fatos parecem ao leitor em seu devido lugar, alcance e proporção. . .”(106) Southey aceitava a tendência indutiva de Hume e queria dar forma à profusão caótica de pequenos pormenores e fatos através da narrativa, que os moldaria num contexto organicista, global, abarcando diretamente a própria energia vital.

O estilo narrativo circunstanciado adaptava-se ao conservadorismo cético e pessimista do historiador e não era de modo algum incompatível com a preocupação crítica e a “ciência” da história. Queria interpretar o processo de devir através da história factual e era de opinião que a melhor maneira de explorar as grandes transições da história — “as lições próprias de uma ciência histórica e política” — seria o estudo dos fatos e dos pormenores. Através do dia-a-dia, queria captar as leis de desenvolvimento e decadência das nações, os “vícios que acarretam as revoluções” e a “marcha dos eventos humanos, na qual o que acontece uma vez recorre perpetuamente em ciclos repetitivos”(107). A obra de Southey não seria tanto uma ruptura com a ilustração, mais um elo de transição para a historiografia romântica, como o seria a obra de Walter Scott com relação à de Carlyle ou a de Chateaubriand para Michelet.

Como vimos, tinha uma visão da história ao mesmo tempo providencial e historicista; acreditava num processo autônomo, orgânico e contínuo de formação das sociedades, que, no entanto, estaria necessariamente preso a certos valores cristãos, que tinha como absolutos. A conciliação incerta do livre arbítrio e das forças históricas do vir-a-ser também se refletiria em sua fé no messianismo cultural dos anglo-saxões e no seu interesse pelo processo de colonização e de formação das comunidades nacionais. História e teoria civilizadora confundiam-se na ambigüidade dos seus valores ideológicos.

(106) Southey, Robert. “Hallam’s Constitutional History of England”, *QR*, 37 (73): 194-5, jan. 1828.

(107) “Coxe’s Life of Marlborough”, *QR*, 23 (45): 1, maio 1825.

IV — NOVOS MUNDOS DO PASSADO: REVOLUÇÃO INDUSTRIAL E TRADICIONALISMO AGRÁRIO

Apesar da aura de comércio livre associada à política exterior dos ingleses nesse período, Robert Southey projetaria na conceituação e na motivação da *História do Brasil*, muitos dos problemas vinculados aos valores da ideologia conservadora inglesa, que predominava sobre a efervescência liberal, nesta fase atribuída das guerras napoleônicas, dos “luditas”, de Peterloo e da formação de um novo Império britânico, de que era porta-voz atuante e ilustrado. Tinha em vista a formação histórica de uma comunidade orgânica e nacional e propunha para a Inglaterra um programa de reformas sociais e políticas, que deveria agir contra as forças de desintegração, com as quais a Revolução industrial parecia ameaçar a sobrevivência da sociedade inglesa, nas primeiras décadas do século passado.

Robert Southey, antiliberal e anticapitalista, visava o fortalecimento do Estado, dentro dos moldes tradicionais, coletivistas, do antigo sistema anglicano; previa a reforma e a reestruturação da Igreja, a interferência, segundo Laud, do estado “teocrático” na vida econômica e social da nação. Assim como Coleridge, julgava necessária a preservação das tradições agrárias, e o poder político da aristocracia rural⁽¹⁾. Mas voltava-se sobretudo para a nostalgia dos antigos camponeses, desenraizados dos “commonfields” e de seus “tenures” pelos vedamentos, que consumavam então a revolução capitalista da agricultura⁽²⁾. Southey reviveu os sonhos

(1) Southey, Robert. “On Parliamentary Reform”, *QR*, 16 (31): 255-8; *Colloques*, vol. 2, pp. 121-2, 126, 140; Carnall, Geoffrey. *Robert Southey and his Age*. p. 188; Calleo, David P. *Coleridge and the Idea of the Modern State*. p. 25.

(2) Southey, Robert. *Letters from England*. Londres, The Cresset Press, 1951. pp. 25, 368-9. V. também *L&C*, vol. 3, p. 296 (carta de 25 de janeiro de 1811, para John Rickman): “... The evil which I wish to see remedied is the aggregation of

de volta ao passado de artesãos desenraizados e empregados em fábricas, nesta primeira fase da Revolução industrial, tendo grandes afinidades com o radicalismo de Blake, Cobbett e Hazlitt.

Este programa regenerador da sociedade inglesa, conservador, histórico, no sentido de buscar soluções no passado e procurar resguardar o que restava das tradições nacionais em meio ao artifício de paisagens demasiado modernas⁽³⁾, refletir-se-ia sobre a visão que os ingleses tinham das colônias e dos novos mundos exóticos. Face ao pessimismo suscitado pela explosão demográfica e crises sucessivas de falência e desemprego, que marcavam o período e que se expressam na obra de Malthus, alguns indivíduos, tidos pelos radicais como reacionários, passaram a considerar como solução para a questão social, o planejamento e a organização sistemática da emigração e da colonização. As colônias de povoamento seriam uma maneira de os ingleses voltarem às raízes tradicionais, agrárias, às velhas instituições minadas por crises sociais e pela fermentação jacobina; de recriar sociedades eminentemente conservadoras, à imagem da antiga Inglaterra: comunidades orgânicas e coesas, cimentadas pela agricultura e pelos laços de religião. Southey incorporava este conceito conservador e organicista da comunidade social em suas sugestões relativas à redefinição da política colonial inglesa, em termos condizentes com a orientação do humanitarismo autoritário de "Exeter Hall". Com os reformadores radicais, também tinha em mente colônias de povoamento, porém, estatais; não partilhava do movimento de Gilbert Wakefield no sentido de promover empreendimentos particulares e favorecer a ascensão das classes médias ao *Colonial office* e à política colonial de modo genérico.

O Estado, juntamente com a Igreja nacional, estariam à testa dos novos empreendimentos, mantendo-os sob sua vigilância; estes viriam solucionar o problema dos excedentes sociais causados pela Revolução industrial e flutuações do mercado consumidor, realizando, ao mesmo tempo, a grande missão civilizadora dos ingleses, de consolidação do seu poderio internacional. Para Southey, após vinte e cinco anos de luta contra Napoleão, as forças de agres-

landed property, which gives to such man as — the command of whole counties... This is a worse evil than that which our mortmain statutes were enacted to remedy, for it is gradually rooting out the yeomanry of the country and dwindling the gentry into complete political insignificance..."

(3) O tema do seu livro são as transformações da paisagem e dos costumes e a sua gradativa uniformização. Southey, Robert. *Letters from England*, pp. 261, 267, 368, 367, 83, 169, 221, 231, 50, 71, 203; *Colloquies*, vol. 2, pp. 173-4; cf. Bezanson, Ann. "The Early Use of the Term Industrial Revolution". *Quarterly Journal of Economics*, 36: 343, 1922.

sividade nacional pareciam freqüentemente mais vigorosas do que os ideais burgueses de convivência pacífica e de equilíbrio político no continente. Deste modo, traduziria o seu chauvinismo cultural na definição dos deveres do messianismo civilizador que atribuía à Inglaterra, de modo que a sua filosofia da história, ideológica e militante, confundia o processo histórico com um processo civilizador; seria, ao mesmo tempo, uma visão da continuidade do processo evolutivo do passado e uma teoria da civilização e da cultura. Atribuía ao Estado um papel decisivo na integração dos marginais e das classes trabalhadoras e também das populações nativas, semibárbaras ou selvagens, no que dizia respeito à política colonial.

História e ideologia confundiam-se na obra de Southey. Karl Mannheim, em seu ensaio sobre o pensamento conservador, deixou bem claro como a ideologia conservadora se distinguia do puro tradicionalismo, definindo-a como um diálogo entre o presente e o passado, no qual as lições da história servem como balizas para um programa de ação, melhor dizendo, de “retradicionalização”⁽⁴⁾. Tratava-se de ressaltar a continuidade do processo histórico, que era evolutivo; de tornar viável a sobrevivência da comunidade orgânica, em sua essência, apesar das forças de transformação em curso, cultivando forças opostas, de permanência, a fim de manter a integridade das tradições, ante um processo de modernização que ameaçava o país⁽⁵⁾. Southey referia-se à luta dos princípios destrutivos contra as forças de conservação, como inerentes à marcha da história⁽⁶⁾, refletindo os mesmos princípios de permanência e de transformação explicitados por Coleridge em sua *Autobiografia*. As raízes de sua preocupação com o processo de formação das sociedades e com a história da colonização refletiam sua maneira de pensar sobre os problemas que afligiam a sociedade inglesa de sua época; a sua filosofia da história provinha da reação contra a revolução de independência dos Estados Unidos, a Revolução francesa e a Revolução industrial. O conteúdo valorativo e ideológico era ressaltado e intensificado, quando tratava da formação das sociedades coloniais, pelo seu empenho em se definir uma política colonial para o novo Império britânico que se formara no decorrer dos anos de guerra, e que aliás coincidiam com os de elaboração da *História do Brasil*. Como histo-

(4) Mannheim, Karl. “On Conservative Thought”. In: *Essays on Sociology and Social Psychology*. Londres, 1953. pp. 98 e 115-6.

(5) Southey, Robert. *Letters from England*. pp. 362-3 e 95, 130, 210-1, 213, 367-8, 450.

(6) Id., *Life of Wesley*. p. 169. Carnall, Geoffrey, op. cit., p. 175.

riador, seu partidarismo definia-se à medida que a crítica da colonização portuguesa correspondia a temas e interesses de grande atualidade no momento em que escrevia.

Viajantes, eruditos e estadistas, ideólogos do imperialismo e da ocidentalização do mundo projetaram sempre em suas informações a imagem da sociedade em que viviam e sempre colheram observações de acordo com a sua bagagem cultural, européia e europeizante. Muito tem sido escrito sobre o emergir da ideologia no limiar do mundo moderno, quando se faz sentir a necessidade de forjar novos valores e modelos conceituais, visto que os antigos não correspondem mais à realidade política e social do presente⁽⁷⁾.

Southey era um historiador militante e seu próprio estilo literário refletiria o afã da luta em que estava empenhado. Essencialmente cristão e moralista, participava do drama do desenraizamento dos românticos e como o faziam muitos de seus contemporâneos, tentaria reincorporar antigos valores ao mundo de transição e mudança, onde ficariam deslocados⁽⁸⁾. Nesse sentido, Southey participou da gênese da história culturalista, orgânica e evolutiva do século XIX. Retomou, num momento de transição e mudança, os conceitos de civilização e cultura do século XVIII, recolhidos de historiadores, viajantes e filósofos, forjando com eles um conceito do processo histórico, senão dinâmico, menos unilinear e mais evolutivo⁽⁹⁾.

A sua maneira organicista de conceber a sociedade vinha de uma reação instintiva em oposição à visão apocalíptica das transformações súbitas da "idade das revoluções" em que vivia⁽¹⁰⁾; como antídoto à sensação da desintegração iminente elaborou uma

(7) Adorno, Theodor. *Prismas. La crítica de la cultura y la sociedad*. Barcelona. Ariel, 1962. p. 30; Geertz, Clifford. "Ideology as a Cultural System". In: Apter, David E., org. *Ideology and Discontent*. Nova York. The Free Press, 1964. p. 64; Lichtheim, George. "The Concept of Ideology". *Theory and History*, 4 (2): 164, 1965.

(8) Southey, Robert. *Letters from England*: "Bad as the feudal times were, they were far less injurious than these commercial ones to the kindly and generous feelings of human nature, and far, far more favourable to the principles of honour and integrity". *Colloquies*, vol. 1, p. 69; vol. 2, p. 221. V. Hegel, Charles Herbert. "Medieval Modern Contrasts Used for a Social Purpose in the Works of William Cobbett, Robert Southey, A. Welby Pugin, Thomas Carlyle, John Ruskin and W. Morris". Tese inédita de doutoramento, Michigan State University, 1955, microfilme, *Biblioteca do Congresso*, 55-1666; Lowith, Karl. *From Hegel to Nietzsche (the Revolution in 19th Century Thought)*. Nova York, Anchor Books, 1967.

(9) Peardon, Thomas. *The Transition in English Historical Writings (1750-1830)*. Nova York, Columbia University Press, 1933; Meinecke, F. *La Génesis del historicismo*; Preyer, Robert. *Bentham, Coleridge and the Science of History*. Bochumlangendreeer, 1958.

(10) Carta para William Smith, em 1817. *L&C*, vol. 4, p. 383; "A new principle, a novum organum has been introduced, the most powerful that has ever yet been wielded by man. If it was first *Mitrum* that governed the world and then

ideologia de poder do Estado, afirmada através da conservação dos valores culturais tradicionais; do papel integrador da religião e, sobretudo, da educação gratuita nacional⁽¹¹⁾. Voltava-se para os precedentes da história e queria cultivar as continuidades... A modernização, a que assistia em seu tempo, não lhe parecia trazer benefícios para a sociedade. Ao progresso material opunha uma revolta humanística: o conceito da Cultura, ameaçada de extinção. Em 1806, publicava um dos primeiros livros de intuição crítica sobre a Revolução industrial⁽¹²⁾. Southey fazia distinção entre o todo da sociedade e os empresários⁽¹³⁾. O acúmulo de capitais nas mãos de uns poucos levava ao empobrecimento das classes mais baixas. A saúde e a estabilidade da nação dependeriam da atenção do governo para com o progresso moral e a instrução dos pobres⁽¹⁴⁾. O progresso não se estendia a todas as classes sociais. "A grande massa do povo continua em todos os países tão atrasada como há três séculos atrás..."⁽¹⁵⁾ Aliás, a prosperidade de alguns custava o sacrifício de muitos que regrediam e viviam nas piores condições de vida material e moral...⁽¹⁶⁾ Com todas as suas forças, polemizou contra os economistas clássicos, os filósofos utilitaristas, contra os ideólogos do capitalismo e do mundo burguês. Voltou-se, em reação essencialmente humanística, contra a idéia do homem como ser econômico, exaltando-lhe sobretudo o "ethos", isto é, o lado moral e religioso. Para ele, o homem "não viera ao mundo apenas para vestir algo-dão..."⁽¹⁷⁾ Temeroso das mudanças rápidas e drásticas demais,

Nitrum, both have had their day!... gunpowder as well as the triple crown; Steam will govern the world next ... and shake it too before its empire is established" (*Colloquies*, vol. 1, p. 199). "A morbid change has been effected in the great body of the populace". ("Inquiry into the Poor Law", *QR*, 9: 320, dez. 1812).

(11) Southey, Robert. "On Bell and Lancaster's System of Education", *QR*, 6 (2): 264, ago. 1811; carta a Neville White, de 28 de fevereiro de 1812. *Selections*, vol. 2, pp. 253-4; *L&C*, vol. 3, p. 344.

(12) Southey, Robert. *Letters from England by D. Manuel Alvarez Espriella. Translated from the Spanish*. Londres, Longman, 1807; cf. Introdução de Jack Simmons à reedição de 1951.

(13) Southey, Robert. *Letters from England*. p. 209: "... but to talk of English happiness is like talking of Spartan freedom, the Helots are over worked. In no other country can such riches be acquired by commerce, but it is the one who grows rich by the labour of the hundred".

(14) *L&C*, vol. 3, pp. 336-40; *Selections*, vol. 2, p. 259.

(15) *L&C*, vol. 4, pp. 247-8; "The question is whether revolution, whether this endemic moral malady of this distempered age, can be averted till time be gained for educating the populace and improving their condition" (Southey, Robert. "On the Rise and Progress of Popular Disaffection", *QR*, 16, (32): 552, jan. 1817).

(16) Southey, Robert. "On the Life of French Revolutionists", *QR*, 7 (14): 416, jun. 1812: "... with whatever epithets we may flatter ourselves by dignifying the age in which we live, the great mass of the people in every country are nearly as unimproved as they were three centuries ago". O progresso material era privilégio apenas de algumas classes sociais, às custas de outras que, pelo contrário, regrediam. (Id., "On Burnet's History of His own Times", *QR*, 29 (57): 213, abr. 1823).

(17) Id., "On the Emigration Report", *QR*, 37 (74): 573, mar. 1828.

em seu pessimismo, via o processo histórico como uma lenta evolução cíclica. “Qualquer acontecimento pode se repetir; as paixões dos homens são sempre as mesmas; apesar de sermos progressivos, freqüentemente, temos que passar pelas mesmas experiências vividas pelos nossos ancestrais. . .”⁽¹⁸⁾

Sucediam-se as nações através da história, em fases de decadência e apogeu. O que importava, afinal de contas, era saber que o bem preponderava sobre o mal, no plano geral da providência divina⁽¹⁹⁾. Este seria um indício sugestivo da ambigüidade de sua atitude de revolta romântica contra os sintomas de um fenômeno — a Revolução industrial — cujo verdadeiro alcance não chegou a realizar. Southey, apesar de tudo, partilhava um sentido ético e moralista, profundamente conservador, inerente à visão do mundo de todos os seus contemporâneos e ao próprio liberalismo contra o qual se revoltava.

Desistira de sonhar comunidades utópicas para estudar o problema da mestiçagem e da integração das populações nativas em colônias de povoamento, de preferência agrárias. Tinha fé nas lições da história, de onde esperava extrair as leis da ciência política. “O tempo vai passando, os costumes se modificam, as instituições se transformam; algumas amadurecem no curso da idade e outras decaem; mas os grandes princípios da política e da ética, da moral pública e particular, são fixos e imutáveis, fixos como a ordem do universo, imutáveis como o Criador. . .” Entretanto, para Southey, existiam leis de moral que regiam o desenvolvimento das sociedades, como havia leis físicas e biológicas determinando a matéria e os organismos da natureza: “Assim como as estações se vinculam entre si numa ordem inexorável, as ações dos homens acarretam conseqüências infalíveis; as árvores dão frutos, segundo a própria espécie; do mesmo modo o vício e a virtude trazem o bem e o mal . . . comunidades meramente temporais têm sempre que prestar contas de si”⁽²⁰⁾.

Desprezava teorias que se baseassem no princípio abstrato de direitos naturais e no individualismo “anárquico” dos burgueses liberais; a seu ver, das sociedades onde imperava o *laissez-faire*

(18) Id., “On the History of Dissenters”, *QR*, 20 (9): 102, out. 1813.

(19) “. . . mournful as human history is, there has always been more goodness among mankind, than historians have given it credit for . . . We must take in this world the evil with the good, and happy are they who perceive how greatly the good preponderates. . .” (id., “On the History of Dissenters”, 92); cf. Weiss, John. “Adam Smith and the Philosophy of Anti-History. In: V. White, Hayden. *The Uses of History*. Detroit, 1968. p. 15.

(20) Southey, Robert. “On the Means of Improving the Poor”, *QR*, 19: 87 e 91, abr. 1818.

e onde a livre iniciativa não conhecia peias, irrompiam forças centrífugas, germes de desintegração. Aos *direitos*, opunha os *deveres* sociais. Tanto na sociedade da Inglaterra em processo de industrialização, como nas fronteiras de civilização do Novo Mundo, a sua visão orgânica percebia o homem solto e perdido de si mesmo. Em ambas, corroíam-se os laços comunitários e como feras os homens se voltavam contra seus semelhantes. Nas sociedades, enfim, que desprezavam o papel de equilíbrio e conservação do Estado, grassavam as raízes do retrocesso e da volta à barbárie e à selvageria: “em todas as épocas as paixões do homem bruto são sempre as mesmas. . .”⁽²¹⁾; daí o prisma orgânico, que permitiria ao historiador do Brasil estudar as vicissitudes da colonização portuguesa, tendo em vista a formação da sociedade, como etapas progressivas de crescimento de uma nova nacionalidade.

Buscava, nas fases de transição da história, as forças de coesão e continuidade: via nos camponeses o repositório das tradições culturais da pátria; vislumbrava o poder integrador e civilizador da religião como a mais ativa das forças de conservação do corpo social e enquadrava os seus valores orgânicos na necessidade de um Estado nacional centralizado e bastante forte para agir sobre os indivíduos. “O sistema político da Inglaterra consiste na união do Estado e da Igreja; são os dois pilares sobre os quais repousa o templo da nossa prosperidade; devem permanecer ou desmoronar juntos, pois a queda de um acarretaria a ruína do outro. . .”⁽²²⁾

Entrevia muitos paralelos entre o colono europeu que não deitara raízes nos novos mundos e uma sociedade inglesa que também perdera suas raízes, onde a Revolução industrial, o liberalismo, o espírito capitalista, tinham rompido os antigos laços de coesão e respeito às tradições. . .⁽²³⁾ Os radicais, herdeiros do jacobinismo francês, pareciam empenhados em fazer experiências

(21) Id., “On the Lives of the French Revolutionists”, *QR*, 15 (14): 416, jun. 1812.

(22) Id., “On Bell and Lancaster’s System of Education”, *QR*, 6 (11): 289, ago. 1811.

(23) “All persons say how differently this season was observed in their fathers’ days, and speak of old ceremonies and old festivities as things which are obsolete. The cause is obvious. In large towns the population is continually shifting; a new settler neither continues the customs of his own province in a place where they would be strange, nor adopts those which he finds, because they are strange to him, and thus all local differences are wearing out. In the country, estates are purchased by new men, by the manufacturing and mercantile aristocracy who have no family customs to keep up, and by planters from the West Indies, and adventurers from the East, who have no feeling connected with times and seasons which they have so long ceased to observe” (id., *Letters from England*. p. 363).

com a sociedade, como se esta não fosse um organismo autônomo, vital; como se o passado não existisse como força atuante. Era o que pretendiam os utilitaristas e os economistas políticos em sua ânsia de fazer "tábula rasa" das tradições históricas e dos resquícios de costumes e instituições antigas.

A inquietação tomara conta dos homens e não parecia haver limites para sua sede eufórica de novidades. Tinham a ilusão de poder reconstruir a sociedade, criar um mundo inteiramente novo. A modernização e as mudanças provocadas pela prosperidade material somavam-se às idealizações utópicas de comunidades perfeitas e às tentativas de racionalização mecanicista dos cientistas sociais. Ao interessar-se pela história colonial, comparava os malefícios ocasionados pelas grandes revoluções dentro das sociedades constituídas, à anarquia própria de sociedades em elaboração: "a pressão da atmosfera não é mais necessária para a vida animal do homem do que as restrições, a lei e a ordem o são para o seu ser moral"⁽²⁴⁾.

Traçava paralelos entre as sociedades coloniais constituídas pelo puro espírito do lucro e da competição comercial e a sociedade inglesa de seu tempo, que lhe parecia em plena crise, ameaçada de desintegração. O tema dos primeiros conquistadores e bucaneiros, tão representativo do tipo social dos novos empresários, proliferava na literatura das classes médias da época⁽²⁵⁾, aparecia com frequência nos romances de Walter Scott, nos poemas de Byron, de Wordsworth, assim como nas obras de Robert Southey. Tanto numa como noutra sociedade dissolviam-se os antigos laços comunitários, a anarquia política e o despotismo eram ameaças iminentes. Southey comparava o despotismo próprio dos primeiros conquistadores da América, que desconheciam qualquer lei ou coerção do Estado, aos excessos e desmandos de autoridade dos fanáticos da época de Cromwell, da Revolução francesa ou de qualquer sociedade em processo revolucionário: repetia-se a experiência dos déspotas orientais, dos imperadores romanos...⁽²⁶⁾ A imprevidência, a cobiça, a obsessão do lucro e do *laissez-faire* que caracterizavam a formação das colônias do Novo Mundo passavam em seu tempo a minar a sociedade inglesa nas suas bases. Na própria Inglaterra, através dos "vedamentos" o antigo sistema

(24) Id., *The Expedition of Orsua: and the Crimes of Aguirre*. Londres, Longman, 1821, p. 2.

(25) Mannheim, K., op. cit., p. 139; v. também Fairchild, H. N. *The Noble Savage*, p. 57.

(26) Southey, Robert. *The Expedition of Orsua*, p. 2.

de propriedade era substituído por grandes plantações comerciais, próprias das colônias americanas⁽²⁷⁾. Até mesmo as fábricas que transformavam a paisagem rural inglesa, assemelhavam-se a empresas coloniais. Ao avistar uma fábrica, do alto de um morro em Keswick, Southey comparava-a a um "engenho do Brasil" (sic) . . . De fato, nos primeiros tempos da Revolução industrial, tendiam as fábricas a concentrar-se em grandes aglomerações de atividades complementares, dadas as contingências de abastecimento e de recrutamento da mão-de-obra de mulheres e crianças, tornando-se mais lucrativo juntar estabelecimentos têxteis, siderúrgicos, minas de carvão e grandes propriedades agrícolas⁽²⁸⁾.

Southey traçava inúmeros paralelos entre a sua época e a experiência da colonização da América. Comparava a desvalorização monetária provocada pelo surto industrial e guerras napoleônicas à inflação de meados do século XVI, desencadeada pela descoberta do ouro e da prata nas colônias espanholas; a imprevidência perdulária dos caçadores de castor no Canadá à dos novos empresários ingleses⁽²⁹⁾. Como colônos emigrados para novos mundos, os ingleses, em processo de rápida industrialização, deslocavam-se de seus rincões natais. Não diferia muito em alcance o desvincular-se de valores culturais: raramente, em seus dias, um inglês vivia onde tinha nascido ou era enterrado no túmulo de seus pais⁽³⁰⁾; este desenraizamento era agravado pelas tendências liberais, que concentravam riquezas nas mãos de uns poucos, aumentando assustadoramente o número dos pobres⁽³¹⁾. A miséria e os desníveis sociais geravam as forças de desintegração da sociedade⁽³²⁾ e que esperança de sobrevivência poderia ter uma sociedade em guerra, quando não podia confiar na lealdade, nem recrutar para a luta de defesa da Pátria as classes trabalhadoras?⁽³³⁾ Southey comparava as classes trabalhadoras, marginalizadas da so-

(27) "But England is not a new country to which it might be applicable; nor shall we be so barbarous as to apply it to the garden of civilized society, unless, indeed, the ruin of this nation, beyond redemption, is ordained as the proper consequence or just punishment of its manifold sins, and therefore our rulers are still further to be demented and their hearts still to be hardened more and more..." (id., "On the Corn Laws", *QR*, 51 (101): 249, mar. 1834).

(28) Ashton, T. S. *The Industrial Revolution*, p. 112.

(29) Southey, Robert. "On the Emigration Report", 573.

(30) *Colloquies*, vol. 2, p. 169.

(31) "Wealth flows into the country, but how does it circulate there? Not equally and healthfully through the whole system; it sprouts into wens and tumours, and collects in aneurisms which starve and palsy the extremities.... But the number of the poor, and the sufferings of the poor, have continued to increase: the price of everything which they consume has always been advancing, and the price of labour, the only commodity which they have to dispose of, remains the same." (id., *Letters from England*, pp. 209 e 210; *Colloquies*, vol. 2, pp. 161-70).

(32) *Colloquies*, vol. 1, p. 106.

(33) Id., *Letters from England*, p. 146.

cidade às populações nativas, a selvagens e escravos que de uma forma ou de outra, eram porções da população também não integradas no corpo social.

Voltava-se radicalmente contra o otimismo de prosperidade de sua época, de transição para a “pax britannica” e a “smugness” do mundo vitoriano. . . Obcecava-o o papel da estrutura de poder do Estado, que o liberalismo da época pretendia nocivo e que lhe parecia, ao contrário, uma força-chave essencial para manter a cultura e a continuidade do processo histórico, nos momentos críticos de mudança e transformação. Ao analisar as forças de desintegração da sociedade inglesa, veio a redefinir e ampliar as atribuições do Estado Nacional, a quem caberia a responsabilidade do equilíbrio social, devendo neutralizar, contrapondo-se a eles, os facciosismos políticos, sociais e, sobretudo, os sectarismos religiosos, que a seu ver eram de longe os mais perigosos. Para Southey, os dissidentes de 1640 estavam na origem da atual crise da sociedade inglesa: “O último jacobita teria sido o primeiro jacobino. . .”⁽³⁴⁾ Em sucessivos artigos procurou analisar o papel histórico da Igreja anglicana contra as pressões centrífugas dos dissidentes⁽³⁵⁾. Seria, com Coleridge, um dos precursores de um movimento em prol da reforma da Igreja anglicana⁽³⁶⁾, que sonhava transformada em uma Igreja “católica”, eclética, universal, ou melhor, em uma organização que abarcasse todas as diferentes seitas. . .

Em 1812, escreveu um livro biográfico sobre Nelson e em 1821 outro sobre a vida de Wesley. Parece bastante sintomático que suas duas principais obras em prosa abarcassem os dois grandes pólos de estabilidade desse período agitado da Inglaterra. O poderio naval, a força internacional, reafirmada nos anos de guerra, os fundamentos do novo Império britânico de um lado, e, de outro, o movimento de renascimento religioso, a história dos metodistas, que exerceriam profundo impacto não somente sobre a Igreja anglicana, mas sobre toda a mentalidade política da contra-revolução; seriam fatores decisivos na reação dos românticos contra o racionalismo mecanicista dos utilitaristas e viriam incen-

(34) Id., “On the Rise and Progress of Popular Disaffection”, *QR*, 16 (32): 332, jan. 1817.

(35) Id., “On the History of Dissenters”, *QR*, 10 (19): 90 ss, out. 1813; id., “Progress of Infidelity”, *QR*, 28 (56): 493, out. 1822 etc.; id., *The Book of the Church*. Londres, John Murray, 1826.

(36) Carnall, Geoffrey, op. cit., pp. 215 ss; id., “A Note on Southey’s Later Religious Opinions”. *Philological Quarterly*, 21: 399, out. 1952; Sanders, S. R. *Coleridge and the Broad Church Movement*. Durham, 1942; Reardon, Bernard M. G. *Religious Thought in the 19th Century*. Cambridge University Press. 1965.

tivar o humanitarismo filantrópico, a campanha da abolição do tráfico e da escravidão dentro da própria Inglaterra; agiriam como força reacionária decisiva no disciplinar das novas massas trabalhadoras...⁽³⁷⁾ Southey aparece, pois, como um dos ideólogos do nacionalismo conservador britânico, nas primeiras décadas do século XIX⁽³⁸⁾, nacionalismo definido havia muito pela posição insular e pelas revoluções do século XVII⁽³⁹⁾ mas que exigiria redefinições ante o trauma produzido pelas mudanças dos fins do século XVIII. Os "lakistas" eram especialmente nacionalistas, conservadores, culturalistas, evolucionistas; tinham grandes afinidades com o historicismo alemão. Eram porém mais paroquianos do que seus contemporâneos filósofos e poetas alemães, ainda presos nessa época ao cosmopolitismo herdado das cortes do século XVIII. Southey, nacionalista, conservador, particularista, militou em aberta oposição ao otimismo cosmopolita, burguês, de Cobden e dos empresários ingleses em geral, em sua luta pela revogação da lei dos cereais, em prol do comércio livre e pela reforma das leis de navegação e de todo e qualquer resquício mercantilista⁽⁴⁰⁾.

Como eminente figura literária de sua época, personagem destacada no mundo das letras, Southey é a imagem do pessimismo com que se encarava a evolução do mundo moderno. No parlamento, os políticos ingleses se congratulavam com a produtividade do trabalho infantil. Para Southey, a Inglaterra estava condenada à decadência: "... (infelizmente), os que confundem a riqueza com a prosperidade nacional e obcecados com o lucro perdem de vista a sua virtude e felicidade, são lamentavelmente ignorantes de tudo aquilo em que deve fundamentar-se o poder das nações e a segurança dos governos. E se passam a depender da indústria dormem sobre um barril de pólvora..."⁽⁴¹⁾ Southey tinha uma visão apocalítica da iminência de revoltas sociais e de guerra civil. Em 1806, esperava para logo o ajuste de contas das multidões na miséria. "Ela virá e sob a forma mais pavorosa..."⁽⁴²⁾ Em 1812, achava que a Inglaterra não sobreviveria às guerras na-

(37) Halevy, Elie. *Histoire du peuple anglais*. Paris, Hachette, 1930. vol. 3, p. 49; Hobsbawm, Eric. "Methodism and the Threat of Revolution". *History Today*, fev. 1957; Thompson, E. P. *The Making of the English Working Classes*. pp. 355 ss e 367.

(38) Cobban, Alfred. *In Search of Humanity (the Role of the Enlightenment in Modern History)*. Londres, 1969. pp. 194-5, 201, 2, 4, 210; Hertz, Frederick. *Nationality in History and Politics*. Londres, Routledge and Kegan Paul, 1951. p. 363; Kohn, Hans. *Nationalism, its Meaning and History*. Princeton, 1955; id., "The Genesis of English Nationalism". *Journal of the History of Ideas*, 1 (1), jan. 1940.

(39) Id., *ibid.*, p. 38.

(40) Thornton, A. P. *Doctrines of Imperialism*. Nova York, Wiley, 1965. p. 363.

(41) Southey, Robert. "On the Rise and Progress of Popular Disaffection", *QR*, 16 (32): 542, jan. 1817.

(42) Id., *Letters from England*. p. 375.

poleônicas⁽⁴³⁾. Em 1819, ano em que publicou o terceiro volume da *História do Brasil*, comentava em carta para um amigo: "Não resta dúvida nenhuma de que vivemos um dos períodos críticos da sociedade civilizada; e há grande perigo da sua dissolução"⁽⁴⁴⁾.

Obcecado antes com os males sociais oriundos da Revolução industrial, do que com a consolidação do monopólio inglês de produtos industriais no mundo, Southey vinculava a questão social interna à expansão do Império, passando a entrever a emigração sistemática como uma perspectiva para aliviar tensões internas e evitar a revolução que parecia iminente⁽⁴⁵⁾.

Bernard Semmel, em seu livro *Imperialism and Social Reform*, se refere ao fato de as duas questões já parecerem vinculadas entre os pensadores ingleses muito antes do darwinismo social ou dos imperialistas socializantes de fins do século XIX⁽⁴⁶⁾. Southey foi um precursor da futura *commonwealth* e do imperialismo inglês das últimas décadas do século passado. Atribui-se a Southey a sugestão inicial do "programa das novas inglaterra" de Benjamim Disraeli, cujo sucesso político devia-se justamente ao fato de apoiar a fundação de colônias de povoamento, como eventual alternativa para a reforma social⁽⁴⁷⁾. Já em 1812, ao analisar a questão social a propósito da reforma da lei dos indigentes, Southey atribuía o aumento do pauperismo à industrialização, que gerava perigoso desequilíbrio na sociedade⁽⁴⁸⁾. Impunha-se uma reforma radical das classes trabalhadoras. "É o povo e não o governo que precisa de reformas..."⁽⁴⁹⁾

Rebatendo Malthus, a respeito do aumento da população, Southey propunha a emigração sistemática para as colônias. "Já é tempo de a Inglaterra tornar-se uma colmeia de nações e lançar

(43) *L&C*, vol. 3, p. 344.

(44) Carta de novembro de 1819. *NL*, vol. 2, p. 207.

(45) Num artigo sobre a questão da reforma do parlamento em 1816, escrevia Southey: "We are treading upon gunpowder, and if we suffer the insane or the desperate to scatter fire-brands —, it will be but a miserable consolation to know that the explosion by which we perish, will bury them also in the ruin which they produce..." *QR*, 16 (31): 249, out. 1816; *L&C*, vol. 3, p. 217, 9 fev. 1809; *ibid.*, vol. 4, pp. 202, 205, 210, 382-3; *NL*, vol. 2, 128, 181; Carnall, Geoffrey, *op. cit.*, pp. 117 e 181-2).

(46) Semmel, Bernard, *Imperialism and Social Reform (English Social-Imperial Thought 1895-1914)*. Nova York, Anchor Books, 1968. p. 19.

(47) *Ibid.*, p. 14; Winter, Robbin. "Myths of the Little England Era". *American Historical Review*, 68, 1961.

(48) Para Southey, a aplicação dos princípios de Malthus provocaria a "bellum servile" que ameaçava a Inglaterra: "You have had your turn at the table long enough, gentlemen... and if those who have no places are to starve we will have a scramble for it at last". (*QR*, 8 (16): 327, dez. 1812; cf. Fericelli, Jean. "Malthus, theoricien de la croissance". *Revue d'Histoire Economique et Sociale*, (1/3), 1966.

(49) *L&C*, vol. 3, p. 384.

seus enxames pelo mundo..."⁽⁵⁰⁾ Em lugar de encaminhar indigentes para novas fábricas, achava melhor ocupá-los na marinha e nas forças navais, onde serviriam para aumentar o poderio nacional. Justamente nos anos em que elaborava a *História do Brasil*, a importância da expansão colonial tornar-se-ia mais evidente, à medida que parecia prestes a explodir, através dos motins de trabalhadores e da organização dos "luditas", a revolta dos pobres e a guerra civil⁽⁵¹⁾.

Southey voltar-se-ia para o recurso da expansão colonial; mesmo que a Inglaterra viesse a sucumbir "... os mares serão nossos; nossas leis, língua e instituições, assim como nossa bíblia podem ser transportadas para qualquer parte do mundo selvagem ou desabitado"⁽⁵²⁾. Em 1812, o alto Canadá precisava de gente e tornava-se ponto estratégico de afirmação de poder contra os Estados Unidos⁽⁵³⁾. Southey também apregoava a emigração para o Surinam, o Cabo, Austrália, Ásia⁽⁵⁴⁾. Conservador e nacionalista, vinculava a questão social da Inglaterra em processo de industrialização à reformulação de uma política colonial para os domínios ingleses sendo este um aspecto importante para se apreender a mentalidade do historiador do Brasil, assim como as raízes da motivação e conceituação da sua obra.

Em plena revolução burguesa, quando em França se identificava a palavra *nação* com o Terceiro Estado, não deve causar surpresa a identificação das massas trabalhadoras com selvagens no âmago da civilização, pois, de fato, àquela época, elas ainda não se caracterizavam como um grupo de cidadãos dotados de plenos direitos políticos e sociais. Adam Ferguson referia-se aos trabalhadores e pobres como a ilotas⁽⁵⁵⁾; este é o ângulo através do qual Southey desenvolveria suas preocupações de reforma social.

O nacionalismo não era apenas a vontade de poder e conquista de terras estranhas. Era sobretudo a vontade de superar barreiras internas, envolvendo e neutralizando no todo orgânico do Estado as tensões e conflitos sociais internos⁽⁵⁶⁾. Para Southey,

(50) Southey, Robert. "Inquiry into the Poor Laws", *QR*, 8 (16): 353, dez. 1812.

(51) *NL*, vol. 2, p. 45 (carta para o general William Peachy, de 22 de janeiro de 1813); Carnall, Geoffrey, op. cit., pp. 104 ss, 117, 137, 153 ss.

(52) Southey, Robert. "Inquiry into the Poor Laws", 356.

(53) Burt, Alfred Le Roy. *The British Empire and Commonwealth (from the American Revolution)*. Boston, D. C., Heath, 1956. pp. 226-7.

(54) Southey, Robert. "Inquiry into the Poor Laws", 353.

(55) Hill, Christopher. "Pottage for Freeborn Englishmen". In: Feinstein, C. H., org. *Socialism, Capitalism and Economic Growth*. Cambridge, 1967. p. 349.

(56) Temperley, Harold. *The Foreign Policy of Canning, 1822-7*. Londres, G. Bells, 1825. p. 39: "Efface the line of separation which divides the inhabitants of the British islands into two classes, and strengthen the line of demarcation which separates British from foreign influence...", diria Canning.

o problema dos operários dentro da sociedade industrial confundia-se com o dos servos da Idade Média ou com o dos escravos nas sociedades coloniais. Da mesma forma que as populações indígenas, as massas trabalhadoras deviam ser integradas e aculturadas. Como pensador político e reformador social, acreditava no poder de integração da cultura, neutralizadora dos conflitos sociais. Esboçou um plano de educação gratuita, a cargo do Estado, e imaginou este processo de aculturação imposto através de escolas paroquiais. Em artigo sobre o pauperismo e a necessidade de reformar as leis de assistência aos indigentes, escrito em 1818, Southey evocava o trabalho realizado nas reduções jesuíticas⁽⁵⁷⁾, a respeito dos deveres do Estado no campo da educação e o modo pelo qual deveriam amoldar-se as mentes das massas trabalhadoras a fim de garantir a ordem social⁽⁵⁸⁾. Em 1825, escrevendo sobre o movimento missionário, Southey lembrava a existência de terreno fértil de atividade para os missionários dentro da própria Inglaterra, entre o povo de Londres e não apenas entre populações indígenas em colônias remotas. Dos pobres e miseráveis ingleses diria que na verdade "... nunca foram convertidos. O mundo ainda não conheceu um país de cristãos"⁽⁵⁹⁾. Southey frequentemente fazia comparações entre os operários ingleses e os escravos nas minas de ouro do Brasil⁽⁶⁰⁾. Era uma metáfora usada por seus contemporâneos. Os radicais também argumentavam com paralelos entre os escravos das Antilhas e os operários ingleses. Em panfleto revolucionário, escrito em 1831, diria G. Edmonds: "I now speak the thoughts of my unrepresented fellow millions, the wild English, the free-born slaves of the 19th century..."⁽⁶¹⁾ Na falta de negros, contentavam-se os abolicionistas em fazer demonstrações com limpadores de chaminés...⁽⁶²⁾

Vimos que James Mill comparava o operário ao escravo⁽⁶³⁾; a respeito da campanha da abolição do tráfico, muitos ingleses lembravam-se da necessidade de um movimento paralelo

(57) Southey, Robert. "On the Means of Improving the Poor", *QR*, 19 (37): 94, abr. 1818.

(58) "It is because men are powerfully acted upon by sympathy, whether for evil or for good; because opinions are as infectious as diseases and both the one and the other fine subject enough to seize on in large cities and those subjects in a state which prepares them to receive the mental or bodily affection..." (Southey, Robert. *Life of Wesley*. p. 263).

(59) *Id.*, *ibid.*, p. 178.

(60) *Id.*, *Letters from England*. p. 211; *Colloquies*, vol. 1, pp. 168-9.

(61) Thompson, E. P., *op. cit.*, p. 828; v. também pp. 201, 222, 347, 322, 395.

(62) Williams, Eric. *Capitalism and Slavery*. Nova York, Capricorn Books, 1966. p. 190.

(63) Halevy, Elie. *The Growth of Philosophical Radicalism*. Boston. The Beacon Press, 1966. p. 346.

para os “escravos das fábricas inglesas”. Era o caso de Southey, Charles Kingsley ou Charles Dickens; Carlyle chegaria a opor-se à propaganda humanitária pela abolição do tráfico e da escravidão africana: não tinham direito os ingleses de gastar tempo e dinheiro com a situação dos “niggers” da Jamaica, enquanto na Inglaterra os trabalhadores continuavam a sofrer a opressão da disciplina de trabalho nas fábricas⁽⁶⁴⁾.

Tratava-se de uma atitude sugestiva da ideologia paternalista de que Southey participava e que caracterizava o pensamento social inglês; conduziria à tendência conservadora de redimir integrando, de que resultaria a ênfase no papel do Estado e do poderio nacional. Vimos o pessimismo com que encarava o futuro da Inglaterra. A livre competição alimentava a industrialização, que ele via como fenômeno mórbido, fomentador da anarquia, pois desvinculava o indivíduo das instituições sociais. Southey era sobretudo pessimista quanto à possibilidade de interromper-se este processo destrutivo da sociedade contemporânea. Mais felizes seriam os brasileiros, no integrar os selvagens e no absorver a população escrava, do que os ingleses em suas tentativas de superar as forças de desintegração, representadas pelos sectarismos políticos e religiosos, que minavam a ordem social. Na Inglaterra, existia uma categoria da população desconhecida nos demais países da Europa, criada na sujeira e corrupção das grandes cidades e distritos manufatureiros, abandonada à própria depravação:

Esta gente é herege, como os selvagens (é vergonhoso para nós que assim o sejam!), porque vivem largados, sem nenhuma cultura moral, sem a necessária instrução, sem nenhum aprendizado que os humanize e redima, soltos, como selvagens, no próprio cerne da mais culta sociedade...⁽⁶⁵⁾

A esse respeito os portugueses pareciam muito menos corrompidos e mais capazes de lutar em defesa da sua pátria⁽⁶⁶⁾.

Dentre as forças de desintegração da sociedade inglesa, assinalava, de um lado, o aumento crescente do pauperismo, a corrupção acarretada pela miséria⁽⁶⁷⁾ e de outro, a arregimentação da opinião pública: o movimento radical e a organização das massas trabalhadoras em sindicatos e organizações operárias no molde

(64) Carlyle, Thomas. *English and other Critical Essays*. Nova York. Everyman's Library, 1964. p. 303.

(65) Southey, Robert. *Colloquies*, vol. 2, pp. 16-7, 43-4, 72-3.

(66) Id., "The Portuguese Observer", *QR*, 4 (7): 21, ago. 1810.

(67) Id., "Inquiry into the Poor Laws", *QR*, 8 (16): 339, out. 1812.

dos "quakers" e dos metodistas. "Antes eram apenas levantes de multidões, desgovernadas; agora (escrevia em 1812) são as massas organizadas em partidos, comitês secretos com tesourarias e o, mais..."⁽⁶⁸⁾

Mais do que um fenômeno econômico de organização de produção, a Revolução industrial era para Southey um fenômeno moral. Multiplicava o número dos pobres, abandonava-os sem instrução, fomentava a miséria. A sujeira e a miséria das aglomerações urbanas geravam doenças e males físicos. O estado de ignorância estimulava males de natureza moral, talvez piores...

Com o trabalho infantil e o aumento das aglomerações industriais, a educação e a assistência religiosa eram inteiramente abandonadas, originando-se então o processo crescente de brutificação do homem e a desagregação dos laços da nacionalidade.

As potencialidades de sua natureza elevam os homens à estatura de seres superiores, como os anjos. Porém, abandonados a seus próprios recursos individuais, ignorantes, depravados, mal se distinguem dos animais...⁽⁶⁹⁾

O seu pessimismo provinha em parte dos argumentos comuns na época sobre o alcance do excedente demográfico. Opunha-se às linhas de raciocínio de Malthus. O aumento desmesurado da população, em relação à produção de gêneros alimentícios, não era, a seu ver, uma lei da natureza, mas o resultado de circunstâncias históricas, de instituições sociais viciadas que precisavam ser reformadas⁽⁷⁰⁾.

De qualquer modo, para Southey a industrialização vinha lentamente minando os fundamentos da sociedade; acarretava crises cíclicas incontroláveis, multiplicava artificialmente o número de desempregados, fazia com que crescessem as hordas de indigentes. Também discordava de Malthus, como porta-voz do capitalismo agrário; para Southey, os "vedamentos", as grandes propriedades, a extinção de pequenos proprietários, arrendatários e camponeses eram outra fonte de miséria. Como Defoe, não via sentido em instalar-se na Inglaterra o tipo de grandes plantações, próprio de colônias novas, de sociedades desarraigadas e sem tradições⁽⁷¹⁾.

(68) Id., "Inquiry into the Poor Laws", 345.

(69) Id., "Inquiry into the Poor Laws", 340.

(70) *Colloquies*, vol. 1, p. 28; *L&C*, vol. 3, p. 231.

(71) Southey, Robert. "On the Corn Laws", *QR*, 51 (101): 249, mar. 1834.

Atualmente, lembrava Southey, assistia-se na Inglaterra ao processo “de ascensão da indústria e de declínio de tudo mais...”⁽⁷²⁾ Julgava iminente uma revolução, o “dia de reparação”, um desenlace apocalíptico. No primeiro livro que escreveu sobre a Inglaterra contemporânea, Southey procurou demonstrar como a prosperidade material não era necessariamente um progresso; destruía o nexos social e gerava desequilíbrios, que conduziriam eventualmente a um retrocesso, à regressão da civilização para estágios bárbaros. Liberais e economistas clássicos pareciam ignorar uma verdade fundamental de sua época, a de que vantagens estatísticas podem ser ao mesmo tempo uma perda, um retrocesso moral. “Não obstante seus pecados individuais, não eram os pobres os responsáveis pela própria depravação. Ela advinha da miséria e de instituições viciadas...”⁽⁷³⁾ De fato, com a Revolução industrial, entrevia Southey um processo de regressão da civilização da Inglaterra. Arrancando e deslocando gente do campo, subtraindo camponeses e artesãos às aldeias em que nasceram e atirando-os nos grandes centros urbanos, cortavam-se as raízes das populações sedentárias e criava-se o nomadismo de sociedades primitivas no âmago da civilização moderna. Em artigo de 1818, comparava Southey os efeitos imediatos da urbanização e da Revolução industrial da Inglaterra à opressão do sistema político na Turquia, onde também se verificava o mesmo processo de regressão de populações sedentárias e civilizadas ao nomadismo dos bárbaros⁽⁷⁴⁾.

Para Southey não poderia haver felicidade nem bem-estar social senão “in a settled state of things”⁽⁷⁵⁾. No limiar do mundo contemporâneo, horrorizava-o a perda de raízes, a mudança, as revoluções. Tradicionalista, identificava cultura e civilização com o trabalho do tempo e das inter-relações humanas sedimentadas em costumes ancestrais... “Nations can never take too many precautions against being rebarbarized...”⁽⁷⁶⁾ A estranheza diante da população mestiça e escrava também faria com que homens como José Bonifácio, Varnhagen, Feijó ou Bernardo de Vasconcellos idealizassem a missão integradora e neutralizadora de conflitos sociais do Estado na obra de construção do Império e da nacionalidade brasileira.

(72) Id., *Letters from England*, p. 95.

(73) Id., “On Dymond’s Essay on the Principles of Morality”, *QR*, 44. (87): 97, jan. 1831.

(74) Id., “On the Means of Improving the Poor”, *QR*, 19 (37): 90, abr. 1818.

(75) Warter, J. W., org. *Southey’s Commonplace Book*, vol. 2, p. 663.

(76) Southey, Robert. *Letters from England*, pp. 210-1.

Com relação à crise social inglesa, ganhavam sentido novo para Southey as porções do mundo ainda inexploradas.

Antes de Wakefield e dos reformadores radicais, Southey já denunciava a campanha parlamentar de Wilmot Horton para a organização sistemática da emigração que apoiaria de coração. Era solução tida como reacionária entre radicais como William Cobbett, para quem os pobres tinham o direito de encontrar meios de vida na terra em que nasciam⁽⁷⁷⁾. Somente em 1840, com a criação do "Board of Colonial Land and Emigration commissioners" para a Austrália, seria oficializada na Inglaterra uma política sistemática de colonização⁽⁷⁸⁾. O pessimismo de Southey com relação ao futuro da sociedade inglesa, levava-o a valorizar as possibilidades dos novos mundos. Era chegada a vez dos novos mundos regenerarem a Europa⁽⁷⁹⁾. Discernia sintomas de progresso no Brasil, nos Estados Unidos, no Canadá, na Nova Holanda, em geral no mundo inteiro, porém a Inglaterra estaria regredindo⁽⁸⁰⁾. Renegando a civilização e o progresso material, voltou-se Southey para o conceito da história cultural, reelaborando os estágios de civilização definidos pelos filósofos escoceses e por Condorcet. Movia-o a crença na cultura como seiva e força regeneradora das sociedades. Contra os males da Revolução industrial, apegava-se a um movimento em prol da reforma da Igreja de Estado e do poder integrador da religião; como os socialistas cristãos via a religião como força atuante capaz de arregimentar todas as classes sociais em nome do progresso e da justiça social⁽⁸¹⁾.

Aqui se delinea o sentido ideológico da história culturalista. As lições da história talvez levassem os homens a corrigir o processo de desintegração das sociedades, lançado pela Revolução industrial. É sugestivo que o próprio Canning enfatizasse nessa época a força da nacionalidade baseada em fatos históricos e não em teorias e abstrações⁽⁸²⁾.

É importante para se entender a conceituação da *História do Brasil* a relação entre a experiência colonizadora que Southey pregava para a Inglaterra e a sua filosofia culturalista do processo histórico. Via a colonização e a expansão do poderio britânico como um fenômeno essencialmente cultural: a transposição de

(77) Thompson, E. P., op. cit., pp. 760-1.

(78) Curtin, Philip D. *The Image of Africa*. p. 441.

(79) *Colloquies*, vol. 1, pp. 235-6.

(80) Warter, J. W., org., op. cit., vol. 2, p. 664.

(81) Cobban, Alfred, op. cit., p. 207.

(82) Temperley, Harold, op. cit., p. 42.

valores e o germinar de toda a herança do passado que se desintegrava na Europa. Simultaneamente, entrevia na missão civilizadora dos ingleses, que abrangia todo o Império do Comércio Livre — e não apenas, colônias de povoamento —, uma resposta ao desafio imposto pela ameaça de revolução social e de destruição da civilização e da cultura tradicional. Em sua teoria colonizadora, Southey expressava um surto de nacionalismo exacerbado. O entusiasmo pela colonização, a visão cultural e intelectualista da história, mais a preocupação com o processo evolutivo de continuidade histórica, seriam manifestações do seu nacionalismo. Fundar colônias seria plantar as sementes de futuras nacionalidades, que germinariam em crescimento orgânico através do tempo. De onde a conceituação evolutiva, ética, da influência de valores culturais, na formação das sociedades coloniais, somar-se, para o historiador do Brasil, à idéia de nacionalidade, o que o levaria a estudar o processo de formação de sociedades coloniais, tendo em vista a perspectiva de formação de uma futura nação. Foi o caminho que seguiu em sua interpretação crítica da experiência colonizadora dos portugueses.

Nas raízes da motivação do historiador do Brasil, encontrava-se o tema da alienação do indivíduo, desprendidos os laços da comunidade social. À selva dos grandes centros industriais opunha a selva da natureza tropical.

Preocupou-se muito em estudar a perda de raízes das classes trabalhadoras. Não entrevia nexos morais nas relações entre o assalariado e seu patrão, tal como existira nos tempos do feudalismo⁽⁸³⁾. Na sociedade moderna tinham-se extinguido os laços feudais de mútua dependência e respeito. O camponês, o pequeno proprietário e os arrendatários não tinham sido, como eram os assalariados de seu tempo, homens perdidos dentro de uma sociedade caótica. Traço marcante no seu pensamento é pois a nostalgia do agrarismo tradicional, subjacente à oposição entre camponeses e assalariados das aglomerações industriais, ou colonos das fronteiras do Novo Mundo.

Ante a imagem do aventureiro errante em paisagens inóspitas de mundos desconhecidos, ante a inquietação, talvez pior, de seus contemporâneos na Inglaterra, que desafiavam todas as tradições, procurando afirmar direitos abstratos e reconstruir a sociedade, como os economistas clássicos, sobre fundamentos de uma falsa

(83) Southey, Robert. "Inquiry into the Poor Laws", *QR*, 8 (16): 338, dez. 1812.

razão⁽⁸⁴⁾, Southey idealizava a estabilidade da vinculação ao solo e o acónchego de uma antiga Inglaterra agrária e patriarcal.

Felizes os que crescem sob as instituições de seus ancestrais e partilham como irmãos dos sentimentos de fraternidade com seus compatriotas! A torre da igreja de sua aldeia natal é o centro da paisagem, para o qual voltam os olhos com frequência, no qual se demoram com maior prazer. Gostam de ouvir os sinos nos domingos e andam alegres no caminho da igreja, que seus pais já percorriam. Não se sentem amargurados com instituições florescentes que condenam e querem subverter; não procuram compensação para as vantagens de que são excluídos por seu próprio erro, consolando-se com teimosia no orgulho intelectual. Seus modos são suaves e ensolarados e seus caminhos agradáveis e cheios de paz...⁽⁸⁵⁾

Os humanitaristas filantropos voltavam-se, sobretudo, contra a dissolução dos costumes. Entretanto, o que alarmava conservadores como Southey era a aniquilação dos laços sociais e dos antigos valores da Inglaterra agrária. Numa sociedade nova, puramente capitalista, onde as antigas instituições deveriam ceder lugar ao individualismo, à iniciativa privada e à cobiça do maior lucro, "os princípios destrutivos ameaçavam a própria existência da sociedade"⁽⁸⁶⁾. Daí mil e um paralelos entre a experiência colonizadora dos europeus e o processo de desintegração do Estado e da herança do passado no seio da sociedade inglesa. Impressionava-o em particular o precedente da aventura da separação das colônias norte-americanas, que, por se emanciparem prematuramente da Mãe-pátria, antes de terem os elementos firmes de consolidação da própria nacionalidade, tinham de enfrentar os riscos, que levavam de um extremo de anarquia a um extremo de despotismo: "as forças da arbitrariedade são as mais fáceis de se estabelecerem sobre as ruínas de uma liberdade corrompida pela licenciosidade"⁽⁸⁷⁾. Ao analisar o prisma através do qual os homens da Nova Inglaterra viam as

... (84) Southey faz críticas à obra de Adam Smith: "That book considers man as a manufacturing animal... it estimates his importance not by the sum of goodness and of knowledge, which he possesses, not by the virtues and charities, which should flow towards him and emanate from him, not by the happiness of which he may be the source and centre, not by the duties to which he is called, not by the immortal destinies for which he is created — but by the gain which can be extracted from him, or of which he can be made the instrument" (id., "Inquiry into the Poor Laws", 337).

(85) Id., "On the History of Dissenters", 139.

(86) Id., *Letters from England*, p. 127; *Colloquies*, vol. 1, p. 108.

(87) Warton, J. W., org., op. cit., vol. 1, p. 508 (referindo-se à guerra da Independência das colônias norte-americanas).

peculiaridades de anarquia e dispersão moral nas zonas novas do oeste, Southey vislumbrava outros paralelos com as forças de desintegração da sociedade inglesa, definindo melhor seu pessimismo com relação à improvisação de Estados e constituições.

O prisma apocalítico com que analisava a época revolucionária de seu tempo conduziu-o ao estudo da formação das sociedades coloniais; objetando às transformações de erradicação, buscava o processo evolutivo da história. Este interesse pela história provinha da reação ante os que pretendiam fazer "tabula rasa" das heranças e valores do passado. A sensibilidade para o processo evolutivo da cultura e para o suceder dos estágios históricos explicam a sua curiosidade inesgotável de informações sobre o estado selvagem⁽⁸⁸⁾, e o trauma exercido sobre as populações nativas ao contacto com a civilização européia; a intuição do processo orgânico de integração e formação de uma comunidade nacional; não se prendia apenas à experiência contemporânea de expansão do Império britânico, prendia-se antes e diretamente à experiência das transformações internas da Inglaterra e ao processo contemporâneo de destruição da antiga cultura cãmponesa; prendia-se ao fato de ser testemunho consciente das vicissitudes humanas envolvidas na lenta substituição da economia de subsistência pela economia de mercado e da diversidade de cultura dentro da própria sociedade em que vivia. E. P. Thompson, em seu estudo sobre a formação das classes trabalhadoras inglesas, refere-se à importância do fenômeno de aculturação inerente à nova organização da produção; em seu livro, estuda a desvinculação cultural dos assalariados rurais e artesãos empregados nas fábricas de algodão; analisa o processo de transição e substituição de valores como um longo e doloroso processo de aculturação⁽⁸⁹⁾. A política repressiva do governo teria contribuído para marginalizar as classes trabalhadoras, tornando mais difícil a mudança dos seus valores culturais. A imigração de irlandeses católicos para as fábricas inglesas seria outro fator de diversificação no cadinho da sociedade em transformação; onde coexistiam, em contrastes flagrantes, períodos históricos heterogêneos e diversos tipos de cultura. A sensibilidade romântica, conservadora ou radical, se apegaria ao fenômeno do deslocamento dos assalariados e artesãos das zonas rurais⁽⁹⁰⁾.

A implantação da economia de mercado capitalista acarretava transformações na rotina dos artesãos e na cultura popular, a

(88) Id., "On Dobrizhoffer's Account of the Abipones" (trad. por Sara Cole-ridge), *QR*, 26 (52): 277, jan. 1822.

(89) Thompson, E. P., *op. cit.*, p. 487.

(90) Southey, Robert. "On the Emigration Report", 541.

abolição de festas e feriados, a extinção de costumes típicos locais, próprios da diversidade de uma cultura essencialmente rural. O novo fanatismo religioso de metodistas e dissidentes viria, oportunamente, substituir antigas superstições de bruxaria e feitiços, impondo novos hábitos de disciplina e moral, exigidos pelo trabalho industrial. A estrutura familiar e os clãs das antigas aldeias se foram desintegrando sob as novas exigências de recrutamento de mão-de-obra de crianças e mulheres, sobretudo, depois de 1834, quando foi reformada a lei de assistência aos pobres, que até então os mantinha presos às respectivas paróquias. A partir desta data intensificou-se a mobilidade e o deslocamento das populações, que deixavam os seus rincões natais pelos centros industriais; acelerou-se o processo de uniformização, contra o qual se levantou um protesto de cunho nitidamente "nacionalista", envolvendo políticos, intelectuais e poetas conservadores, reformistas, paternalistas, assim como o próprio âmago do radicalismo popular, onde se organizou, ao lado da atividade de conscientização política, um autêntico movimento de arregimentação e resistência cultural contra estas transformações. Este espírito consciente de reação manifestava-se através de publicações evocativas de tradições folclóricas e costumes regionais, que proliferavam na imprensa desse período⁽⁹¹⁾.

Para Southey, somente a autoridade do Estado poderia resguardar a cultura, a continuidade com o passado, a coesão, enfim, de uma comunidade orgânica. Herdava de Burke o conceito da coletividade maior que o indivíduo, da "experiência articulada" e da importância da história na consolidação de qualquer sociedade⁽⁹²⁾. A nação não corresponderia apenas à delimitação de territórios e fronteiras, nem a uma agregação momentânea de indivíduos; era uma idéia de continuidade que se estendia no tempo assim como no espaço. "Não é apenas a escolha arbitrária de um momento; é a eleição e o poder deliberativo de várias épocas e gerações."⁽⁹³⁾ Era este o prisma que norteava as idéias do historiador do Brasil sobre a política colonial inglesa, a formação das sociedades coloniais e as perspectivas de se transformarem em nação. "Não se fabricam nações do dia para a noite." Southey criticava violentamente a tendência generalizada de se improvisarem constituições, como Locke o fizera para a Carolina⁽⁹⁴⁾ e

(91) Neff, Emery. *The Poetry of History*. Nova York, Columbia University Press, 1961. p. 93.

(92) Cobban, Alfred, op. cit., pp. 97 ss; Williams, Raymond. *Culture and Society*, pp. 8-9.

(93) *L&C*, vol. 4, p. 184; Williams, Raymond, op. cit., p. 30.

(94) Southey, Robert. "On the History and Present State of America", *QR*, 2 (4): 329, nov. 1809.

Bentham para a Colômbia⁽⁹⁵⁾. Em seus artigos, voltou-se contra a fantasia de se fazer à pressa nações e Estados. Para ele, e mais uma vez retomava argumento de Burke — uma constituição “era na verdade algo dez mil vezes melhor do que a deliberação; era feita de circunstâncias peculiares, de temperamentos e disposições, dos costumes de moral cívica e social de um povo, que somente se revelavam no correr de longo tempo”⁽⁹⁶⁾.

Neste estado de espírito é que opunha e distinguia as novas sociedades coloniais das do Velho Mundo. Era sua maneira de estabelecer o confronto às vezes nostálgico das antigas relações feudais com as do Novo Mundo capitalista e de argumentar contra os excessos do liberalismo e do comércio livre⁽⁹⁷⁾. Em colônias longínquas, a ausência da autoridade do Estado não era menos nociva mas era pelo menos mais explicável. Reivindicava a necessidade de interferência do Estado na sociedade inglesa e era partidário de colônias de iniciativa estatal⁽⁹⁸⁾. Entretanto a falta de tradições e do passado feudal distinguia profundamente o tipo de sociedade, criava um abismo entre colônias e metrópoles. Somente a força dos sentimentos religiosos, da cultura transplantada e a vinculação ao solo através da agricultura e com a assistência do Estado poderiam consolidar a formação de uma nacionalidade.

Isso o levaria, como ideólogo do novo poder britânico, a formular uma teoria de colonização nacionalista, orgânica, agrária, culturalista, como Burke, de certa forma, já o sugeria:

Não pensem que decretos oficiais, instruções e cláusulas de suspensão mantêm unida a grande contextura desse conjunto misterioso (o Império). Estas coisas não constituem um governo. São instrumentos inermes, ferramentas passivas; é o espírito da comunhão inglesa que lhes dá vida e eficiência. É o espírito da constituição inglesa, que, permeando essa poderosa massa, impregna, alimenta, reúne, revigora e vivifica cada parcela do Império até o seu membro mais insignificante...⁽⁹⁹⁾

A política colonial dos ingleses deveria ser dirigida no sentido de plantar as sementes de novas nacionalidades, que se manteriam fiéis aos valores morais e culturais, inerentes às tradições da me-

(95) Halevy, Elie. *The Rise of Philosophical Radicalism*. p. 298.

(96) Burke, Edmund. “Reform of Representation in the House of Commons”. *Works*, vol. 6, p. 147; Williams, Raymond, op. cit., p. 30.

(97) *Colloquies*, vol. 1, p. 161.

(98) *Colloquies*, vol. 1, p. 110.

(99) Burke, Edmund. “Speech on Conciliation with America”, 22 mar. 1779, apud Bennett, George. *The Concept of Empire*. pp. 42-3.

trópole, que herdariam. As colônias tendiam natural e inexoravelmente, mais dia, menos dia, a se separarem das metrópoles. A separação das colônias norte-americanas deixara os ingleses céticos e relutantes, quanto a assumirem novas responsabilidades de conquista e administração⁽¹⁰⁰⁾. Os desequilíbrios e os excessos de empreendimentos puramente capitalistas, as conseqüências funestas da falta de previdência, levavam fatalmente a enormes despesas administrativas, a cometer crimes contra a natureza humana, como registrava a lenda negra dos povos ibéricos e, finalmente, à perda das colônias. Por isso, apesar dos princípios do liberalismo econômico de Adam Smith, que marcava a época, Southey idealizava colônias agrárias de povoamento. A idéia o fascinava; vendo a Inglaterra conturbada por crises cíclicas e o sistema industrial corroendo os fundamentos da sociedade⁽¹⁰¹⁾, previa inúmeras vantagens em deslocar os miseráveis e os desempregados ingleses para lugares distantes, onde o capitalismo e os “vedamentos” não tinham consumado o desenraizamento do camponês. Entrevia a possibilidade de criar colônias, onde se pudesse voltar ao Estado antigo, patriarcal e agrário⁽¹⁰²⁾. Imaginava nas colônias o estabelecimento de sociedades essencialmente tradicionais.

Nisso Southey refletia uma das raízes atávicas do imperialismo inglês do século XIX, princípio da colonização do alto Canadá, Nova Zelândia e Austrália⁽¹⁰³⁾. Tinha entretanto, em mente, empreendimentos patrocinados pelas paróquias anglicanas, de sólida assistência religiosa, destinados a fixar pequenos proprietários à terra e a manter vivas as tradições da língua, da cultura e da religião inglesas. Superada a fase natural de dependência e tutela, pela qual passavam todas as comunidades em seu processo lento de crescimento orgânico⁽¹⁰⁴⁾, tais empreendimentos, dotados em seu tempo e hora dos princípios de “self-government”, ainda assim, continuariam ingleses, e, como tal, fiéis às tradições herdadas da metrópole. Os ingleses poderiam sempre confiar na lealdade desse gênero de comunidades, que dariam maior segurança e solidez ao seu poderio internacional.

Ao idealizar esse tipo de colonização, Southey também dava vazão à nostalgia com que encarava o movimento artesão, ao mito da idade do ouro perdida e ao sonho de volta à terra do camponês desenraizado.

(100) Burt, Alfred Le Roy. op. cit., pp. 25, 56.

(101) *Colloquies*, vol. 1, p. 188.

(102) *Colloquies*, vol. 1, p. 86.

(103) Thornton, A. P., op. cit.

(104) “...a necessary and natural progression...” (Warter, J. W., org., op. cit., vol. 3, p. 508).

Apesar de ater-se ao elitismo rural das tradições políticas inglesas, Southey voltou-se contra os economistas agrários, que defendiam e procuravam incentivar a revolução capitalista na agricultura. Escreveu contra o absenteísmo, os “vedamentos”, as grandes propriedades. Elaborou o tema, que tinha como fundamental, dos pequenos camponeses e arrendatários expulsos de suas terras. Atemorizava-o a miséria no meio rural, que ele diagnosticava com razão ser pior do que a dos trabalhadores nas indústrias⁽¹⁰⁵⁾. Lamentava a falta de assistência religiosa e de missionários entre a nova população de assalariados do campo.

Não se cansava de assinalar a importância vital do camponês na guerra contra Napoleão⁽¹⁰⁶⁾. O tradicionalismo agrário constituía o núcleo fundamental da ideologia contra-revolucionária. Pertence a Southey um dos documentos mais valiosos de descrição dos costumes remanescentes do antigo “husbandman”, categoria social então já quase extinta na Inglaterra e que ele ainda pôde observar, dado o fato de estar radicado no distrito dos lagos, em Cumberland, onde a revolução agrária ocorreu tardiamente⁽¹⁰⁷⁾.

Southey via nos camponeses os guardiães da cultura e das tradições inglesas. Atribuía, pois, ao rompimento dos antigos laços de vassalagem e respeito mútuo de proprietários e arrendatários, a principal fonte das forças de desintegração que ameaçavam com uma guerra civil a continuidade do poderio britânico e o desfecho da luta de sobrevivência que os ingleses travavam contra Napoleão.

Em dois longos ensaios sobre as leis de assistência aos pobres, Southey preconizava a imposição pelo Estado de medidas referentes à conservação da antiga estrutura agrária como única solução para interromper o processo de industrialização. Opondo-se às inovações capitalistas, propunha uma campanha intensiva de formação de escolas paroquiais, o emprego do excedente de mão-de-obra em

(105) Hobsbawn, Eric J. *The Age of Revolutions*. p. 244; Thompson, E. P., op. cit., p. 221; Ashton, T. S. “The Standard of Life of the Workers in England, 1790-1830”. In: Hayek, F. A., org. *Capitalism and the Historians*. p. 123. Hobsbawn, Eric J. “The British Standard of Living, 1790-1850”. *Economic History Review*, 10, ago. 1957.

(106) “The tendency of the present system is to convert peasantry into poor; our policy should be to reverse this and to convert poor into peasantry, to increase them, and to enlighten them; for their numbers are the strength and their knowledge is the security of states...” (Southey, Robert. *Letters from England*. p. 379).

(107) “... a description of a yoman’s house in the West Riding of Yorkshire a hundred years ago”, *The Doctor* (newly edited and abridged from John Wood Warter’s edition (1848), by Maurice H. Fitzgerald. Londres, G. Bell and Sons, 1930. pp. 26 ss.

obras públicas e o patrocínio de colônias de povoamento na Austrália e Nova Zelândia.

O agrarismo tradicional transformado em política sistemática do Estado seria o cerne de toda sua argumentação em prol de uma política colonial. O pessimismo com relação às perspectivas da própria Inglaterra, de um lado, e o cuidado em afirmar o poderio internacional dos ingleses, de outro, explicam suas preocupações. Era a idéia da *Justiça Agrária* de Thomas Paine e do socialismo agrário de William Spence. Nisso Southey explorou temas comuns à época e tinha muitas afinidades com o próprio Gilbert Wakefield.

Ao elaborar seus argumentos com temas históricos, chegaria a definir uma “teoria” civilizadora implícita na sua filosofia da história: a identificação do processo civilizador com o cristianismo; das instituições religiosas com a cultura e o Estado, veículo de sua conservação; as colônias de povoamento, as novas terras ocupadas pacificamente e não por meio de conquista; a organização da agricultura e a consolidação do domínio do homem sobre a natureza, prevendo a necessidade de um plano de povoamento concentrado e não disperso e o modo de arraigar os homens à terra através de laços orgânicos de coesão comunitária. Cada um de seus preceitos subentendia uma crítica à colonização portuguesa: evitar a dispersão, as guerras de conquista, desenvolver sobretudo a agricultura de subsistência e não a comercial... evitar os males da colonização de exploração comercial e os danos da escravidão. Seriam mais felizes os colonos que encontrassem terras despovoadas e pudessem livremente deslocar-se de sua terra natal com suas tradições e valores culturais, preservando-os dos males das revoluções contemporâneas, do jacobinismo francês, da Revolução industrial, que seriam cuidadosamente evitados no seio das novas comunidades. Southey escreveu os primeiros artigos nos periódicos ingleses sobre as colônias de povoamento de Nova Gales do Sul, Austrália, Nova Zelândia e Islândia.

A colonização tinha, pois, que ver com as raízes do processo histórico — envolvendo as tradições e a cultura inglesa. Tinha como objetivo a preservação dos valores ameaçados pela Revolução industrial — a reconstituição da antiga sociedade inglesa agrária e patriarcal. O bom colono deslocava-se com seus familiares, pretendendo fincar no amanhã da terra as raízes de gerações futuras⁽¹⁰⁸⁾. Servindo-lhe de modelo havia o exemplo dos colonos da Nova Inglaterra.

(108) Southey, Robert. *Life of Wesley*. p. 264.

As novas conquistas de Trinidad, Cabo, Ceilão, Egito e a importância crescente da Índia, infundiam aos homens da geração de Southey o problema da ascendência e domínio sobre outras culturas, de convívio com elas, com populações estranhas, nativas e com instituições administrativas de colônias conquistadas dos espanhóis, franceses e holandeses. Dois problemas centrais se impunham: a reestruturação do mecanismo do poder, sem grandes despesas, aproveitando, adaptando e assimilando as instituições locais, e a garantia e consolidação do poderio britânico — abrir portos, firmar interesses. Para os tradicionalistas, assim como para o humanitarismo autoritário, impunha-se a missão de expandir e implantar os valores cristãos e a cultura anglo-saxônica. Daí os movimentos de associações filantrópicas e a proliferação do movimento missionário, diretamente relacionado com o renascimento religioso, com as forças de reação contra a Revolução francesa e a Revolução industrial, e com a crise de consciência dos homens no limiar do mundo contemporâneo.

Para Southey, tratava-se de travar uma luta em duas frentes: contra o capitalismo agrário e industrial, e as forças de desintegração de dentro da própria Inglaterra⁽¹⁰⁹⁾, de um lado, e de outro, a luta pelo domínio no mundo e pela afirmação do novo Império. Procurava colher lições da história colonial, esmiuçar valores de integração, mestiçagem, reavaliar a experiência dos europeus nos trópicos, regenerar-se da escravidão.

Os valores do historiador do Brasil refletem, pois, a nostalgia romântica de um passado perdido. Southey projetava nas colônias comerciais as características contemporâneas da sociedade inglesa. Delineava-se a filosofia orgânica e conservadora de formação da sociedade, a exaltação do fator religioso e de consolidação do Estado, como corporação orgânica e autoritária. Incorporava à missão colonizadora o princípio dinâmico do processo de evolução histórica: lançava mão de expressões peculiares, tais como: crescer, germinar, maturar, nas quais ia implícito o conceito do Império britânico, como uma totalidade, onde, em meio aos princípios fundamentais de um conservadorismo exacerbado, escapavam alguns traços mais liberais. . . Não advogava a descolonização nem o comércio livre como fariam os liberais das classes médias, porta-vozes dos interesses do comércio e da indústria. Aceitava e endossava as colônias da coroa, a mudança de instituições locais e sua substituição por leis inglesas. Compreendia e

(109) *Colloquies*, vol. 1, pp. 216-7 e vol. 2, p. 186.

apoiava a preocupação do governo com a centralização administrativa e o fortalecimento do poder executivo com relação aos legislativos locais; apoiava a política de nomeação pela coroa de governadores com atribuições militares⁽¹¹⁰⁾. Eram para ele medidas necessárias ao combate à infiltração do jacobinismo francês. Em meio a essas circunstâncias, aumentava a importância da missão civilizadora do Estado: proteger, orientar paternalmente o crescimento de sociedades coloniais, que se transformariam em nações independentes. Colonizar seria plantar as sementes de futuras nações que deveriam crescer e frutificar, sob a tutela responsável e paternal da metrópole, o que subentendia o mais alto nível de civilização. A missão civilizadora, o princípio autoritário de responsabilidade e tutela (a “trusteeship” de Burke e da política colonial dos fins do século XVIII), implicavam obviamente na superioridade cultural da autoridade central. Era da esfera do Estado manter uma administração centralizada e uma assistência religiosa condigna para moldar os princípios orgânicos do futuro Estado e contrabalançar as múltiplas forças naturais de dispersão e desagregação, inerentes à situação de desenraizamento dos primeiros colonos e agravadas pelos obstáculos naturais de ocupação e conquista de uma natureza selvagem e hostil.

Elaborada a partir dessas idéias, a conceituação da *História do Brasil* refletiria os princípios de centralização administrativa do novo Império britânico; princípios que, de uma forma ou de outra, também norteavam portugueses e brasileiros, fundadores do Império, preocupados com a imagem do Estado forte, com a necessidade de centralização e de fortalecimento do poder executivo, para vencer os resquícios da herança colonial. Muitos desses princípios teriam que ver com os valores inerentes à organização das modernas colônias de povoamento.

(110) Burt, Alfred Le Roy, op. cit., pp. 147 ss e 249 ss.

V — MESSIANISMO CULTURAL E POLÍTICA COLONIAL

A questão do Império assume papel importante tanto na obra poética como na prosa de Southey. Não parece proceder a afirmação de que os românticos em geral, e os "lakistas", em especial, mostraram-se completamente alheios às colônias⁽¹⁾ e aos interesses de expansão do Império britânico. Pelo contrário, ocuparam-se vivamente da questão, inclusive projetando na expansão colonial certo impulso vitalista do poder, bem característico dos românticos; acontece que se opunham terminantemente aos valores dos economistas clássicos e das novas classes médias.

Em 1814, ao terminar a guerra contra Napoleão, Southey definia o alcance da missão que cabia aos ingleses; o momento era de incontestável domínio inglês no mundo. Buscava-se através dos tratados de paz fixar alianças no Continente e definir as fórmulas diplomáticas do novo equilíbrio europeu. Como poeta romântico, Southey procurava dar forma e expressão aos arroubos nacionalistas típicos da época. Apesar de jacobino renegado e de revolucionário frustrado e calejado pela experiência de anos a fio de guerra e repressão, acreditava firmemente num processo gradativo de aperfeiçoamento da humanidade e no melhoramento progressivo da condição humana.

Voltava-se, em sua religiosidade, para um cristianismo ideal "que ainda não chegara a concretizar-se entre os homens"⁽²⁾. Identificava o processo histórico com a providência divina; o progresso da humanidade com o processo humanizador, de plena realização das potencialidades do homem e este com a expansão do cristianismo. Nenhum tema da história, parecia-lhe tão fascinante, quanto a expansão do cristianismo desde a queda do Império ro-

(1) Não parecem pois proceder as afirmações de Klaus E. Knorr, *British Colonial Theories*, p. 396.

(2) "They had been Papists formerly, and now were Protestants, but they had never been Christians..." (Southey, Robert. *Life of Wesley*. p. 177).

mano até seus dias. Vislumbrava o dia da fusão de seitas e igrejas numa só instituição universal⁽³⁾. O ímpeto integrador, para não dizer autoritário ou de poder, manifestar-se-ia em todos os assuntos que lhe interessavam e que lhe pareciam de importância vital para a sobrevivência da sociedade moderna; afinal os seus valores de regeneração cristã expressavam uma filosofia da história e uma teoria de poder nacional.

Southey identificava a Inglaterra com este processo civilizador. Via-a num ápice crítico de civilização — "... an age of climaterics" —, a que nenhum povo chegara ainda. Arcavam, pois, os ingleses com um fardo de vanguarda de civilização; cabia-lhes uma missão regeneradora e civilizadora, a responsabilidade enfim pelos destinos do resto do mundo. A seu ver o futuro da humanidade dependeria da Inglaterra⁽⁴⁾.

Trances de messianismo cultural são bastante comuns em seu tempo, como sobejariam no correr de todo o século passado, de consumação do imperialismo europeu.

... É um prazer acreditar que em nenhuma época da história foi tão rápido o processo de aperfeiçoamento dos homens, como no presente e que jamais houve tamanha disposição de promovê-lo, da parte dos que retêm o poder. Essa disposição é prejudicada, na verdade, por muita fraqueza e superstição e somente Deus sabe quantas forças perturbam este trabalho. Mas muito tem sido feito e mais ainda será feito no futuro e nada pode ser mais importante, do que orientar essa boa disposição... basta-nos, portanto, saber o que deve ser feito; o resto está nas mãos de Deus, que sabe quando e como pode melhor realizá-lo...⁽⁵⁾

Em 1839, no mesmo estado de espírito, referia-se Herman Merivale ao sentimento instintivo dos ingleses, de que o destino da nação e da cultura "não se resume a esta estreita ilha que ocupamos; o espírito da Inglaterra é volátil e não é fixo..."⁽⁶⁾

(3) "... I am never weary of repeating that faith is an appetite of the mind: our establishment starves it, the Catholics gorge it even to surfeiting and sickness. The most practicable (I fear the only practicable) remedy is by setting up a new system, an Eclectic Church combining all that is good in each, yet so philosophically framed, that as the world grew wiser it would be adapted for a Catholic, i.e. — a universal faith..." (Carta para Thomas Southey, 23 de janeiro de 1811. *NL*, vol. 2, p. 6.

(4) Carta a John Rickman, de 23 de dezembro de 1803. *L&C*, vol. 2, pp. 243-4. *Selections*, vol. 4, p. 89.

(5) Merivale, Herman. *Lectures on Colonization and Colonies*. Londres, 1842. p. 134.

Para Southey, a missão regeneradora consiste na colonização, na conquista da natureza, na aculturação e integração de povos selvagens, decaídos e degenerados. Era amplo e vasto o surto vitalista de afirmação de poder do homem e da cultura sobre a natureza:

... se este nosso mundo fosse bem cultivado e se dele se extirpassem as ervas daninhas, poderia ser transformado num verdadeiro jardim do Éden! O mal ficaria praticamente reduzido ao sofrimento físico e à morte; o primeiro destes iria decrescendo continuamente e a morte, embora sempre uma coisa horrível, poderia eventualmente transformar-se em esperança e alegria... (7)

Em sua obra, apesar de endossar alguns chavões liberais, Southey refletia de forma nítida o messianismo próprio do renascimento religioso de fins do século XVIII — de John Newton, de Wesley, Whitefield e Wilberforce —, vinculado ao nacionalismo histórico e ao fortalecimento do Estado. Parecia-lhe uma falha indigna da natureza humana que a maior parte do mundo fosse constituída por desertos e recantos selvagens. Caberia à Inglaterra estender àqueles ermos a sabedoria da civilização.

Queen of the Seas! enlarge thyself;
 Redundant as thou art of life and powers,
 Be thou the hive of nations,
 And send thy swarms abroad!
 Send them like Greece of old
 With arts and science to enrich
 The uncultivated earth... (8)

No poema *Waterloo*, inspirado nas ruínas do campo de batalha, que visitou em 1816, com o viajante Henry Koster, Southey projetava para o futuro a visão apocalíptica da missão colonizadora e do poder inglês:

A landscape followed, such as might compare
 With Flemish fields for well regulated toil,
 The wonder working hand had everywhere
 Subdued all circumstances of stubborn soil;

(7) *Selections*, vol. 4, p. 89.

(8) Southey, Robert. *Essays Moral and Political*. Londres, 1832. vol. 1, p. 18.

In fen and moor reclaimed, rich gardens smiled,
And populous hamlets rose amid the wild... (9)

A moda da literatura de viagens, o interesse dos periódicos e sua curiosidade pessoal coincidiam paradoxalmente com um momento crítico do pensamento inglês, notadamente marcado pela introversão. O chauvinismo e o sentimento de superioridade cultural são as características predominantes da época. O próprio Southey não se eximia desse provincianismo patriótico, reconhecendo como natural e sadia a predileção de seus compatriotas pela sua história e sua terra natal. O interesse, portanto, para com os povos estranhos, em terras distantes, era um aspecto da busca de si mesmo e da afirmação de valores anglo-saxões. Na verdade tratava-se de atitude que não divergia em essência do "cosmopolitismo" europeu do século XVIII, tal como o expressava Montesquieu: "Se eu viesse a tomar conhecimento de algo útil para mim, porém nocivo a meus familiares, eu o afastaria da minha cabeça. Se soubesse de algo útil a meus familiares e nocivo ao meu país, tentaria esquecê-lo. Se soubesse algo de útil para meu país e prejudicial à Europa, ou útil à Europa e prejudicial à natureza humana, eu o teria como algo de criminoso..." Entretanto, a maior parte dos europeus estava convencida da aplicação universal de seus valores.

Interessado na pragmática colonizadora, Southey enveredaria pelos primórdios da antropologia, desenvolvendo o interesse do século XVIII por uma história geral da civilização. A sua filosofia moralista e cristã queria apreender o processo evolutivo de aperfeiçoamento moral dos homens, o desafio da natureza e o poder ilimitado da cultura. Já evidenciava esta atitude em 1800. Tratava-se de um desafio. Caberia à Inglaterra, a missão de estender àqueles ermos as bênçãos da civilização. Era, simultaneamente, a oportunidade de um imeo esforço de regeneração humanitária e uma via de salvação para a própria sociedade inglesa.

Não tinha nenhuma tendência para idealizar povos e terras selvagens, onde, a seu ver, grassavam as forças do mal e às quais se referia como a "...those dark corners of the earth, full of cruel habitations..."; de seu prisma moralista e cristão, tudo remontava ao mito da queda e da expulsão do Paraíso, tema característico dos românticos. Através dos viajantes, vislumbrava desertos a serem conquistados, o repto da natureza a ser humanizada e trabalhada pelos homens.

(9) Id., "Waterloo", IV, 35. *Poetical Works*. vol. 10. p. 98.

A part, how small, of this terraqueous globe,
 Is tenanted by man! the rest a waste,
 Rocks, deserts, frozen seas, and burning sands,
 Wild haunts of monsters, prisons, stings and death,
 Such is earth's melancholy map!(10)

Não idealizava a exuberância da natureza tropical, que associava às forças do mal e da degenerescência da espécie: "... There are countries in which their prosperity having been destroyed by violence and tyranny, or by long misrule, agriculture is ruined, and earth being neglected infects the air, and brings forth disease and death..."(11) Preferia jardins, hortas, campos semeados de trigo e verduras(12). Entre os povos selvagens, via claramente sintomas de decadência, e os remanescentes de uma antiga idade do ouro perdida. Também não idealizava povos selvagens. Tinha um fascínio especial pelo estudo dos povos primitivos, sobre os quais, em 1791 escrevia: "quase nada é conhecido". Em seus estudos procuraria desmitificar o "bom selvagem" e o "estado natural"(13). A selvageria não seria condição mais "natural" do homem do que a civilização. "São ambos igualmente indignos das origens e do destino dos homens..."(14) Para Southey, os africanos eram povos decaídos. Apresentavam resquícios de uma antiga civilização — cortes, palácios, governos organizados; "mas tinham sucumbido a uma segunda infância da sociedade..."(15) Pretendia reunir todo o material que pudesse a fim de especular sobre a condição dos negros: "É notável que em todas as nossas descobertas, nunca tenhamos topado com um povo em estado de progressão, salvo os mexicanos e peruanos. A gente do Taiti também é uma raça degenerada, como o demonstra a sua própria mitologia..."(16) Comprazia-se em moralizar sobre a depravação sexual dos polinésios. Previa para dentro de algumas gerações

(10) Young, Arthur, apud Southey, Robert. "Mackenzie's Travels in Iceland", *QR*, 7 (13): 48, mar. 1812.

(11) *Colloquies*, vol. 1, p. 160.

(12) *NL*, vol. 1, pp. 216-7; Southey, Robert. "Land's Description of the Feroe Islands", *QR*, 1 (8): 341, nov. 1810.

(13) Carta para Charles Wynn, 28 de setembro de 1803. *Selections*, vol. 1, p. 238: "O selvagem é um animal degenerado..." Carta para John Rickman, 15 de janeiro de 1806. *L&C*, vol. 3, pp. 16-7; carta para John May, de 26 de junho de 1797. *L&C*, vol. 1, p. 317.

(14) *L&C*, vol. 1, p. 317; "as for the state of nature, the phrase, as applied to man, is stark naked nonsense" — carta para John Rickman, 15 de janeiro de 1806. *L&C*, vol. 3, pp. 16-7.

(15) Carta para Charles Wynn, de 28 de setembro de 1803. *Selections*, vol. 1, p. 238.

(16) Carta para John Rickman, de 23 de dezembro de 1803. *L&C*, vol. 2, pp. 243-4.

a extinção de toda a raça: “Eles se abandonaram à sua própria luxúria. Podemos nos aventuar a dizer que Deus os abandonou. . .”(17) É verdade que via todos os selvagens, inclusive os da América do Sul, como povos decaídos.

Being left to animal sense degenerate
Mere creatures, they had sunk below the
beasts'estate. . .(18)

Os valores do imperialismo cultural europeu passavam então a substituir a antiga admiração pelas grandes culturas do Oriente. Southey não tinha nenhuma admiração pelos orientais, que via como povos escravizados, sob o jugo de férreos despotismos. O sistema de castas na Índia evidenciava um estado de “depravação geral que perpassa todas as classes. . .”(19) Investia, com a mesma intolerância dos missionários, contra as superstições dos hindus, que atrasavam o advento da civilização ocidental. Batendo na mesma tecla de Wilberforce, dos humanistas filantropicos, escrevia contra o infanticídio, o “suttee”, e o culto da vaca, que atrasava o progresso da agricultura na Índia(20). Também arremetia-se contra as atrocidades de Mahratas e muçulmanos, se bem que achasse a religião muçulmana superior às outras: “a religião muçulmana, que é contrária ao sistema de castas, mostra-se em tudo superior à dos brâmanes”, porém teria a desvantagem de representar um obstáculo à expansão do cristianismo. Em artigo de 1809, escrevia sobre os maus costumes de Moca e pretendia demonstrar como a religião do Corão levava necessariamente à degradação moral. Desde 1799, previa a conquista e a destruição da civilização árabe como um grande passo para o aperfeiçoamento geral da humanidade. “Bagdá e Córdoba tiveram seu período de grandeza e sua literatura; tudo mais na história de sua religião consiste na mais brutal ignorância e ferocidade. Estão hoje em estado de ruína com a população a extinguir-se.”(21)

(17) Southey, Robert. “Burney’s Chronological History of the Voyages and Discoveries in the South Sea or Pacific Ocean”. *Annual Review*, 5: 26, 1807.

(18) Southey, Robert. “Tale of Paraguay”, II, 22. *Poetical Works*. vol. 7, p. 42.

(19) Gay, Peter. *The Enlightenment*. vol. 2; *NL*, vol. 1, pp. 16-7.

(20) Southey, Robert. “Forbes’ Oriental Memoirs”, *QR*, 12 (23): 196, out. 1814; id., “Tennant’s Indian Recreations”. *Annual Review*, 3: 66, 1805; id., “On Buchanan’s Journey from Madras through Mysore, Canara and Malabar”. *Annual Review*, 6: 50, 1808. Sobre as religiões orientais como obstáculo ao cristianismo, cf. *L&C*, vol. 2, pp. 96 e 98: *Selections*, vol. 1, p. 336.

(21) Southey, Robert. “On Lord Valentia’s Travels”, *QR*, 2 (3): 88, ago. 1809; *Selections*, vol. 1, p. 77.

Sabia reconhecer a diversidade mas não tinha nenhum senso de relativismo cultural. A respeito, por exemplo, dos hindus, diria Southey, que no sentido literal da palavra, era óbvio que tinham uma alta civilização; porém não queria nem se propunha a apreciá-la! Somente interessa a missão dos ingleses no mundo e a consolidação do Império para Southey, que concebia em termos de missão civilizadora e religiosa. Para ele, o problema se propunha da forma mais direta possível: como seria possível elevar os hindus aos padrões da civilização europeia?(22) Nesse sentido, parecia-lhe inviável a colonização através de uma campanha particular de interesses comerciais, como a da Companhia das Índias Orientais. Preferiria a colonização, através da ocupação da terra por emigrantes ingleses, a introdução de métodos europeus de agricultura, dos hábitos ocidentais de disciplina de trabalho e de moral, sob a iniciativa estatal. No caso da Índia tudo isso parecia, porém, inviável. Restava, como único recurso, a conversão religiosa, por meio da atividade missionária; seria o único modo de destruir o sistema de castas, que constituía o principal obstáculo ao advento da civilização e do progresso(23).

O clima e a natureza tropical também podiam constituir-se em grande obstáculo para a obra colonizadora. Southey impressionava-se com a dificuldade que tinham os ingleses em aclimatar-se a regiões quentes. Na Índia, nove de cada dez colonos morriam temporaneamente. Nas Antilhas, o clima parecia ainda mais destrutivo para os ingleses que aos espanhóis e franceses. Lembrava Southey o caso do bucaneiro inglês que saíra de Porto Rico e desistira da sua conquista por causa do clima insalubre(24).

Este era um assunto que o impressionava particularmente. Southey tinha traços hipocondríacos e não se desvencilhava de um horror subjetivo aos trópicos(25), apesar do fascínio e da curiosidade que estes lhe inspiravam, como erudito. Em novembro de 1806, pensara por um momento em acompanhar a emigração da corte portuguesa para o Brasil e pleiteara um cargo diplomático junto a Lord Melville. Mas logo desistiu; não se sentia com coragem de levar a família para um lugar sem conforto e sem as mínimas amenidades da vida civilizada.

(22) Carta para Thomas Southey. *Selections*, vol. 1, pp. 284 e 299.

(23) Carta a Thomas Southey. *Selections*, vol. 2, p. 285.

(24) "Collin's Account of New South Wales" apud Knorr, Klaus E., *British Colonial Theories*, p. 247.

(25) Southey, Robert. "On Lord Valentia's Travels, Voyages and Discoveries in India, Ceylon, etc.," *QR*, 2 (3): 88, ago. 1809; "On Thomas Southey's Chronological History of the West Indies", *QR*, 38 (75): 213, jul. 1828.

...Pessoalmente, não sou feito de material muito duradouro. Um clima mais quente do que o nosso seria certamente desejável para quem, como eu, tem mais chance de herdar a tuberculose do que qualquer outro tipo de herança; entretanto as doenças a que os europeus estão sujeitos num clima totalmente diferente do nosso, como é o caso da América do Sul, somadas à ignorância dos médicos nativos e à falta de experiência dos nossos, que ali possam residir, não compensam de modo algum as vantagens do sol tropical⁽²⁶⁾.

Já em 1804, deixara de voltar a Portugal por causa de uma epidemia de febre amarela. Quando seu irmão mais moço, que pertencia à marinha inglesa, foi enviado às Antilhas, Southey mostrara-se vivamente preocupado em lhe dar conselhos para que cuidasse da sua saúde nos trópicos: "Aconselhei-o a não tomar bebidas alcoólicas, a ingerir menos carne, a comer muita fruta e muita especiaria..."⁽²⁷⁾ Além disso, escreveu para John King, um amigo médico, pedindo mais instruções sobre a saúde do europeu nos trópicos e sobre o tratamento da febre amarela⁽²⁸⁾. Em uma de suas resenhas, comentava Southey como a dificuldade de adaptação dos ingleses provinha da rigidez dos hábitos, que relutavam sempre em mudar⁽²⁹⁾.

Seja como for, a Índia, as Antilhas, a América do Sul e a África pareciam lugares inóspitos, insalubres, avessos ao organismo europeu. Dos viajantes e cronistas aprendera que o melhor modo de sobreviver nos climas quentes era a abstinência, a frugalidade e os hábitos sedentários⁽³⁰⁾. Em sua juventude, sonhara imigrar para climas quentes, para Portugal, Egito, ou mesmo as Antilhas! Mais tarde, em 1794, quando voltou a pensar mais seriamente no assunto, escolheria a Pensilvânia em vez de Kentucky; é pois, uma região de clima temperado, onde não havia escravidão... Entretanto, seria inicialmente um entusiasta dos

(26) *L&C*, vol. 3, p. 340; carta para Charles Wynn, de 25 de novembro de 1806. *NL*, vol. 1, p. 428.

(27) Carta para Thomas Southey, de 31 de dezembro de 1801, às vésperas de sua partida para as Antilhas, contendo recomendações e uma dieta para os trópicos: "... For God's sake adapt your mode of living to the climate you are going to, and abstain almost wholly from wine and spirits... Spice is the stimulous given by nature to hot countries, and eaten in whatever quantities, can do no harm. But the natives of all hot countries invariably abstain from spirits as deadly. Eat fruits plentifully, provided they do not produce flux..." (*L&C*, vol. 2, p. 245).

(28) Carta para Thomas Southey, de 5 de março de 1804. *NL*, vol. 1, p. 354. Cf. Southey, Robert. *History of Brazil*. vol. 1, pp. 327-30.

(29) *NL*, vol. 1, p. 413.

(30) Southey, Robert. "On Johnson's The Oriental Voyager". *Annual Review*, 6: 68, 1808.

projetos de colonização agrária e de trabalho livre nos trópicos, como o de Wädstrom em Serra Leoa, o de Philip Beaver em Bulama, entre os rios Gâmbia e Gosanda. Fracassadas estas tentativas, começaria com certa relutância a rever suas idéias sobre as perspectivas de colônias tropicais de povoamento...⁽³¹⁾

O ideal de civilização e de regeneração cultural da África e das Antilhas seria um dos principais projetos do humanitarismo filantrópico; não poderiam os ingleses contentar-se em extinguir o tráfico; seria preciso eliminar todos os vestígios da escravidão, incutindo nos africanos a língua, a religião, a moral e a disciplina de trabalho dos anglo-saxões. Em artigo de 1808, para a *Annual Review*, Soutney atribuía o fracasso do empreendimento de Philip Beaver à sua má organização. Considerava-o um dos maiores benfeitores da humanidade em seu tempo. Já em 1829, explicava o fracasso de seu empreendimento colonizador em função da total inviabilidade de qualquer empreendimento de colonização da África por homens brancos:

... As divisões geográficas impostas pela natureza são permanentes; em nosso tempo, Estados e constituições se fazem e desfazem a qualquer momento; está na moda improvisá-los. Porém, a cor nos mapas não pode ser mudada e o que é negro tem de permanecer negro...⁽³²⁾

Com relação à África, já em 1808, Southey estava convencido de que somente a colonização indireta seria viável, através da obra de missionários, da fundação de escolas e da mestiçagem. A colonização européia na África parecia-lhe contra a natureza. Os colonos brancos morriam prematuramente ou degeneravam para o estado selvagem. Com o passar dos anos, foram-se tornando mais sombrias as suas perspectivas para o Continente africano. Revoltava-se mesmo contra o envio de novas expedições exploradoras. Referia-se à África como ao continente "maldito"; a seu ver, os ingleses já sabiam o suficiente para concluir que não havia mais nada no continente "digno de ser conhecido"... Em 1828, a sua atitude era um misto de impulso humanitário e de horror. Era drástico o seu imperialismo cultural; desprezava os africanos, não queria ver mais vidas brancas desperdiçadas; limi-

(31) Id., "Report of the Committee of the African Institution". *Annual Review*, 7: 149, 1809.

(32) Id., "On Thomas Southey's Chronological History of the West Indies", 235; *Colloquies*, vol. 2, p. 288.

tava-se a sugerir a fundação de escolas para educar os negros a fim de que pudessem cuidar de si próprios, segundo a língua, a religião e os interesses da grande metrópole civilizadora:

... os produtos de utilidade comercial são poucos e em sua maior parte confinados ao litoral; dois terços do interior são um deserto desnudo e inóspito, sobre o qual andam bandos dispersos de ladrões desesperados...⁽³³⁾

Seria por intermédio de negros e mulatos instruídos na civilização europeia que se faria a aculturação da África, por meio da mestiçagem no local ou do deslocamento de mulatos e libertos das Antilhas. Parecia inútil a Southey arriscar recursos, material humano e conhecimentos em uma luta improfícua contra o clima e a própria natureza: “somente quando existir na África um Estado negro e cristão é que o país poderá se abrir para a civilização e o cristianismo”⁽³⁴⁾.

Desanimado com o clima tropical Southey lembraria aos ingleses o precedente dos portugueses, recomendando a mestiçagem como política colonial a ser sistemática e conscientemente adotada na Índia, na África e nas Antilhas. Desaconselhava a emigração europeia para estas regiões; os missionários se encarregariam de transmitir a religião e a cultura, a Igreja deveria abrir episcopados, o Estado deveria organizar escolas e fomentar a mestiçagem de modo que, após duas gerações, os ingleses seriam mestiços, usufruindo de todos os privilégios da sua civilização e, mesmo, com o tempo, do “self-government”. Através da mestiçagem, a política colonial da Inglaterra se empenharia na libertação de escravos, na regeneração dos selvagens e na formação de futuras nacionalidades.

Southey foi de certa forma um precursor do “imperialismo liberal” do século XIX; formulou em termos nacionalistas, o princípio da *commonwealth* e aceitava a longo prazo a gerência das administrações locais pelos nativos, devidamente treinados nas escolas inglesas. Dava, porém, um realce especial à possibilidade da miscigenação.

Qualquer benefício permanente a ser conferido pela Europa aos hindus há de ser transmitido, através de filhos nascidos na própria Índia —, deve ser criada uma raça nativa de anglo-

(33) Id., “Memoirs of the Life and Travels of John Ledyard”, *QR*, 37 (75): 112, jul. 1828.

(34) Id., “Life and Services of Captain Philip Beaver”, *QR*, 41 (72): 392, 1829.

asiáticos, cuja língua materna será o inglês e cuja religião, a religião da Inglaterra... (35)

Southey escreveu inúmeros artigos defendendo o princípio do casamento de europeus com mulheres hindus: os mestiços seriam a base da supremacia inglesa na Índia⁽³⁶⁾. Rebatia os que condenavam a experiência portuguesa como deletéria e que sustentavam a tese de que a mestiçagem acabara rebaixando os portugueses ao nível dos nativos e que os casamentos mistos tenderiam a aculturar os colonizadores ao invés de civilizar os nativos! Em artigo escrito em 1807, Southey recusava-se peremptoriamente a acreditar que a degeneração dos portugueses de Macau pudesse ser causada por casamentos mistos. Em boa hora, percebera Albuquerque as vantagens de assegurar o Império português através da criação de uma raça mista, a qual, “falando a língua e professando a religião dos pais seria para todos os fins *portuguesa*”⁽³⁷⁾. A raça mista de fato sobrevivera ao Império e continuava a falar o português”. Provavelmente, continuaria na Índia quando os ingleses já lá não estivessem mais...⁽³⁸⁾ A ela a casa de Bragança devia a maior parte dos descobrimentos e as regiões mais valiosas do Império português. Em vez de serem prejudiciais à expansão colonial elas contribuía decisivamente para o seu dinamismo.

Southey não teria em conceito muito alto os mulatos e mestiços. Preocupava-se porém em explicitar que o seu baixo nível moral e cultural provinha das circunstâncias da sociedade em que viviam e não da raça. Em 1809, escrevia para um conhecido, fazendo perguntas sobre a situação das camadas mestiças da população em torno do Rio de Janeiro; queria saber se ainda havia mestiçagem entre os índios e os brancos nos arredores da nova corte... “existirá entre a população mestiça a animalesca obliquidade da natureza, que os jesuítas assinalaram como característica dos mamalucos?”

... A má disposição das mulas provinha de um defeito físico. De antemão, sabia que não era esse o caso dos mestiços. Quaisquer empecilhos que houvessem para o seu progresso teriam causas facilmente removíveis... Os mamalucos seriam piores

(35) *Colloquies*, vol. 1, p. 160; id., “On Thomas Southey’s Chronological History of the West Indies”, 321.

(36) Id., “On William Tennant’s Indian Recreations”. *Annual Review*, 3: 666, 1805.

(37) Id., “On Lord Valentia’s Travels”, 88.

(38) Id., “On J. Jonhson’s The Oriental Traveler”. *Annual Review*, 6: 68, 1807.

que os mulatos, mas por uma questão moral e não racial, pois aprenderam o pior de ambas as raças...⁽³⁹⁾

Por outro lado, não podia aceitar a tese de que os mestiços geravam conflitos sociais. No Haiti, a revolta se dera justamente por falta de uma população intermediária de mulatos; a iniciativa do levante provinha dos escravos e do elevado número de negros. A seu ver, cometera Luís XIV grave erro, procurando acabar com os mulatos. A melhor política para a região teria sido seguir o curso da natureza, ou seja a miscigenação, pois através “da raça mestiça a mente europeia se imprimia sobre a constituição africana...” O governo francês em vez de proibir, deveria ter estimulado a proliferação dos mulatos, que eram sem dúvida mais indicados a trabalhar sob o sol dos trópicos do que os colonos europeus, “sobretudo se fossem educados no gosto das demandas artificiais, que incentivam o trabalho, e, nos princípios morais e religiosos, que são a salvaguarda da sociedade”⁽⁴⁰⁾.

O conflito social e as tensões de castas e classes eram peculiares e inerentes a toda sociedade colonial escravocrata. Tinham porém suas raízes na instituição da escravidão e não na índole dos mulatos. O único antídoto possível seria justamente a absorção física e moral da população escrava na cultura nacional.

Southey tinha uma teoria cristã e religiosa do progresso moral da humanidade, em contraposição às filosofias de progresso secular de Condorcet e, posteriormente, de Hegel ou de Marx.

Na verdade, a sua visão histórica estaria simultaneamente impregnada dos princípios cristãos do renascimento religioso, dos fins do século XVIII, e dos frutos da filosofia ilustrada, isto é, de progressivismo e perfectibilidade da natureza humana. Homem de extensas e amplas leituras, em terrenos ainda por desbravar, enveredava, apesar de suas prevenções, pelo caminho clássico das comparações conjecturais e hipotéticas, o que implicava em modelos abstratos de crescimento e em teorias civilizadoras. Conservadores como Southey ou reformadores radicais utilitaristas, refletiam a mesma teoria do progresso e de “estágios” da civilização que implicavam em idênticos valores de imperialismo cultural. Ambos justificavam a missão civilizadora com a superioridade da cultura inglesa, e com esse fim baseavam-se na filosofia do progresso dos escoceses ilustrados do século XVIII, o que implicava no direito

(39) *Selections*, vol. 1, 177; Southey, Robert. *History of Brazil*. vol. 1, pp. 327-30, 372 etc.

(40) *Id.*, “On Thomas Southey’s Chronological History of the West Indies”, 239.

de destruir civilizações e culturas atrasadas, que eram obstáculos ao progresso de outros povos. Tratar-se-ia para eles de um dever humanitário de destruição. Southey, por exemplo, defenderia o governador George Barlow, da Companhia das Índias Orientais, das acusações de violência despótica contra os nativos (se bem que não se mostrasse muito convicto da causa em questão), e, em 1820, declarava-se abertamente um entusiasta da obra de Warren Hastings na Índia!⁽⁴¹⁾

Vimos como o chauvinismo do início do século XIX vinha substituindo a admiração dos ilustrados do século XVIII pelas culturas orientais. Já Adam Smith tinha a civilização chinesa como modelo de uma sociedade estagnada, opinião aliás também veiculada por Southey. Para os economistas clássicos, os Estados Unidos seriam o modelo da sociedade progressista. Os conservadores atinham-se sobretudo ao modelo de colonização cultural dos gregos. A visão orgânica e evolutiva da história subentendia as etapas gradativas de um mesmo processo para todos os povos. Radicais utilitaristas, como James Mill, acreditavam na aplicação universal dos princípios de Bentham, conformando-se com a teoria do progresso e de estágios da civilização dos filósofos escoceses, e estavam certos de que trariam grandes benefícios para os hindus ao impor-lhes os princípios anglo-saxões do radicalismo utilitarista⁽⁴²⁾. Do mesmo modo, os humanitaristas filantrópicos, de orientação religiosa e conservadora, empenhavam-se em converter e transformar as culturas locais, segundo os seus próprios valores ocidentais. Tanto em um como no outro caso estava implícito o princípio da responsabilidade moral que teriam os povos mais adiantados pela sorte dos mais atrasados. Para Southey parecia óbvio que as populações selvagens eram “passíveis de conversão” e que cederiam naturalmente a uma religião ou a uma civilização superior. Bentham e James Mill também estavam seguros de que cederiam aos princípios mais racionais de uma civilização superior. Ambos se arrogavam o direito do governo e tutela, por motivos humanitários.

No fundo, Southey não divergiria tanto quanto gostaria dos princípios civilizadores dos ideólogos utilitaristas e radicais, reformadores do novo império e da colonização inglesa “the shallow,

(41) “...having a vague knowledge of the leading facts of Hasting’s life, but a great admiration of his talents, and of all that I have heard of him in his private character, and believing moreover that he had been vilely persecuted...” (carta a Charles Wynn, de 16 de agosto de 1820. *Selections*, vol. 3, p. 203).

(42) Stokes, Eric. *The English Utilitarians and India*; Bearce, George. *British Attitudes Towards India*; Forbes, Duncan. “James Mill and India”. *Cambridge Journal*, 19: 22. Hindus and the low state of civilization in which they remain...” (*History of British*. Em sua *História da Índia*, constatava James Mill: “... the ignorance of the India, vol. 2, p. 88; cf. Winch, Donald. *Classical Political Economy*, p. 162).

the selfish and the sensual”⁽⁴³⁾. Os seus valores, é certo, eram basicamente opostos. Apesar dos seus valores religiosos e morais, Southey absorvera alguns dos princípios fisiocratas, assim como o princípio da divisão natural do trabalho de Adam Smith. Considerava as atividades agrárias como imprescindíveis para a sedentarização de povos primitivos. Além da conversão religiosa, preocupava-se também com a formação social, com a relação entre o povoamento, a agricultura e o sistema de destruição de terras. É curiosa a ambigüidade de suas opiniões. Escrevia sobre a necessidade de uma reforma agrária entre os hindus. Queria fomentar entre os nativos as técnicas européias de cultivo da terra, porém não através da grande propriedade capitalista⁽⁴⁴⁾. Como Adam Smith e os filósofos do século XVIII, achava que o estímulo que levava ao progresso da civilização, provinha do intercâmbio comercial livre e dos contactos entre povos diferentes. Criticava o exclusivismo comercial da colonização ibérica. Em 1803, lamentava o fato de os portugueses terem acabado com o comércio muçulmano, que era o grande fator de civilização no Mar Vermelho. Em 1828, ainda se referia aos efeitos sociais humanizadores do comércio livre entre as várias nações do mundo⁽⁴⁵⁾. Endossava, pois, os argumentos de David Hume e Turgot, que Adam Smith expressava de forma bem clara:

Os colonos levam consigo ao partirem um conhecimento da agricultura e das demais artes úteis bem superior ao existente entre nações selvagens e bárbaras. Levam consigo o hábito da disciplina, noções de governo regular e um sistema de leis, assim como da administração sistemática da justiça⁽⁴⁶⁾.

Era o que levaria Southey a exaltar o papel civilizador dos comerciantes ingleses no Brasil. Seriam sobremodo sutis as nuances de relacionamento entre o conceito do processo civilizador e o de formação de mercados consumidores. Southey parece implicitamente endossar as relações entre colônias agrícolas e metrópoles industrializadas de Adam Smith. Ao ressaltar os inconvenientes de uma população dispersa através de um imenso território e a conseqüente

(43) Southey, Robert. “Transactions of the Missionary Society in the South Sea Islands”, *QR*, 2 (3): 55, ago. 1809.

(44) Id., “On William Tennant’s Indian Recreations”, 658-9; id., “Report of the Committee of the African Institution”. *Annual Review*, 7: 127 ss, 1809; id., “Life and Services of Captain Philip Beaver”, 392.

(45) Carta de 18 de novembro de 1803. *L&C*, vol. 2, pp. 235-6; Southey, Robert. “On Thomas Southey’s Chronological History of the West Indies”, 212.

(46) Smith, Adam. *Wealth of Nations*. p. 532; cf. Winch, Donald, op. cit., pp. 165-6.

falta de mercado consumidor, o estado de semibarbarie, a falta de lei, de governo e religião, comparava o Brasil com a Escócia que se modernizava, mudando drasticamente nos últimos cinquenta anos⁽⁴⁷⁾. De modo que as fábricas de algodão inglesas teriam o seu papel na regeneração da moral e dos costumes, contribuindo para acelerar o advento de civilização na América do Sul. Esta afirmação de Southey lembrava sugestivamente outra observação feita na mesma época por Sydney Smith, sobre os europeus da Nova Holanda:

... Introduzir a civilização européia num país deserto como a Nova Holanda equivale a uma bênção importante e duradoura para o mundo todo... Mal o selvagem fica consciente de sua nudez e já os teares estão prontos para vesti-lo...⁽⁴⁸⁾

Imperialista convicto, Southey aceitaria como "natural" a extinção das culturas e das populações nativas como etapa necessária na evolução do processo histórico de difusão do cristianismo, da civilização européia e do poder inglês.

Como poeta e escritor este seria um dos temas centrais de sua obra. Escreveu vários poemas épicos, sobre o México, os hindus, muçulmanos, reduções dos jesuítas no Paraguai e sobre a luta dos puritanos da Nova Inglaterra contra os selvagens. Para ele, as culturas selvagens traziam em seu bojo as sementes da própria destruição: em algumas gerações, os polinésios desapareceriam da face da terra "que poluíam" e isto não em consequência de terremotos ou de pestilência, nem por obra de inimigos externos ou por causa da aridez da terra improdutiva; mas por força da depravação de seus costumes. Assim também aconteceria com os hindus, pois a poligamia conduziria à extinção da espécie⁽⁴⁹⁾.

Que as feras cedessem lugar ao homem e os selvagens aos povos civilizados parecia-lhe uma ordem da natureza. Vislumbravam-se em germen os precedentes do darwinismo social de cinquenta anos depois. Southey esperava que nas ilhas do Pacífico os selvagens mais passíveis de serem educados fossem logo integrados à civilização e englobados na *raça superior*; os mais

(47) Southey, Robert. "Koster's Travels in Brazil", *QR*, 16 (32): 369, jan. 1817.

(48) "Collin's Account of New South Wales", apud Knorr, Klaus E., op. cit., p. 247.

(49) Southey, Robert. "Burney's Chronological History of the Voyages and Discoveries". *Annual Review*, 6: 26, 1806; "... Manners must have previously become so universally depraved that no man knew his own children and human nature had thus been deprived of one its best affections..." (id., "On Buchanan's Journey...", 51, 58).

teimosos seriam exterminados pelo álcool e pela sua própria ferocidade. Era sob este mesmo aspecto que visualizava a questão dos massacres e o destino dos selvagens norte-americanos. Como poeta, interessou-se muito por um desses episódios — a guerra do rei Felipe — na Nova Inglaterra. O tema — "... despertava reflexões sóbrias sobre a instabilidade dos impérios, o destino peculiar da raça aborígine e os decretos inescrutáveis de Deus..."⁽⁵⁰⁾ Seria um assunto glorioso para os poetas da América; talvez mesmo superior ao do *Araucana* de Ercilla⁽⁵¹⁾.

Southey escreveu três poemas épicos sobre a extinção dos selvagens americanos e o advento do cristianismo e da civilização européia. Em 1804, publicou o poema *Madoc*, que se passa no México no século XIV, baseado na lenda de um príncipe de Gales, que aportou ao continente americano e empenhou-se na luta contra os rituais bárbaros dos astecas. É uma exaltação da filosofia humanitária de justificação da conquista por motivos morais e religiosos e do movimento de conversão ao cristianismo. No poema *Tale of Paraguay* (1814) Southey exalta a obra missionária dos jesuítas entre os selvagens, e aceita com fatalismo o drástico processo de extinção dos guaranis⁽⁵²⁾.

Outro poema sobre a extinção dos selvagens e sua conversão religiosa, *A Tale of New England* (1818), tem como tema a obra missionária dos "quakers" da Nova Inglaterra e ficou incompleto. Southey aprovava a usurpação das terras dos nativos pelos colonos brancos. Acreditava que em nenhum outro recanto do mundo o processo de extermínio dos selvagens dera-se com tão pouca violência como nas colônias da costa leste dos Estados Unidos. Não poderia Southey adivinhar a violência que caracterizaria o processo de destruição dos selvagens na América do Norte, entre 1830 e 1840, com o desbravamento e o gradativo deslocamento da fronteira para Oeste⁽⁵³⁾. Southey integra-se na linha geral da literatura de apologia do advento da civilização, própria dos norte-americanos do século XIX, para os quais o crescimento da po-

(50) "The better and more teachable natives would connect themselves with their civilized neighbours; and their children be exalted into the higher race, the more obstinate would be cut off by spirituous liquors, their own vices and their own ferocity. This is the order of nature; beasts give place to man, savages to civilized man..." (id. "Transactions of the Missionary Society". *Annual Review*, 3: 623, 1806; id., "On the History and Present State of America", *QR*, 2 (4): 323, nov. 1809).

(51) Em 1814, um autor anônimo enviou-lhe um poema "O missionário", para resenhar "... It is Ercilla's groundwork, with a new story made to fit the leading facts..." (carta de 29 de janeiro de 1814. *L&C*, vol. 4, pp. 59-60).

(52) Southey, Robert. "Tale of Paraguay", IV, 48. *Poetical Works*. vol. 7, p. 93; v. também, *Poetical Works*, vol. 4, p. 94.

(53) Pearce, Roy Harvey. *The Savages of America (a Study of the Indian and the Idea of Civilization)*. Baltimore, The Johns Hopkins Press, 1965. p. 109.

pulação e a marcha do progresso no Novo Mundo eram fatos indiscutíveis como as leis da ciência natural. Em 1821, seria nomeado membro honorário da sociedade histórica de Massachusetts⁽⁵⁴⁾. As publicações de interesse indianista das sociedades históricas da costa leste dos Estados Unidos e as do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro abordariam este assunto sob o mesmo ângulo ambíguo; voltavam-se com interesse para o estudo das “peculiaridades”, senão da inferioridade natural dos selvagens. Interessavam-se, como Southey, por tudo que viesse ilustrar a índole selvagem, fosse no estado primitivo e natural ou em fase de declínio e degeneração, sob a influência deletéria dos conquistadores europeus. Em sua obra, Varnhagen também procuraria justificar a extinção dos selvagens, argumentando a favor dos portugueses com a belicosidade sanguínea dos indígenas, como se estivessem de per si e mesmo sem a colonização européia, fadados à destruição.

Para Southey, os selvagens das Antilhas também estavam envolvidos em um processo inevitável de extinção, que seria apenas acelerado, como o de toda nação americana, pela presença dos europeus. Não seria possível “com um material humano desse calibre e em tais circunstâncias...” que se impusessem a colonos ingleses ou franceses e conseguissem manter a sua própria soberania; a instabilidade de seu caráter nativo os condenava⁽⁵⁵⁾. Preocupado com o problema da integração das populações nativas, Southey analisou longamente o precedente português da mestiçagem, como arma colonizadora. Via, assim como Varnhagen, com certo fatalismo moralista, o problema da extinção dos selvagens, que considerava inevitável. Este tema central na obra poética e em prosa de Robert Southey passaria a ser amplamente veiculado depois de 1830, com os massacres das povoações nativas de Nova Zelândia, tornando-se assunto de grande atualidade para os ingleses, sobretudo, quando em 1837, foi fundado o comitê dos aborígenes de que participava Herman Merivale, um de seus fundadores. Nessa época, Merivale voltava a disseminar opiniões emitidas por Southey, inspirando-se especialmente em suas páginas sobre as reduções jesuíticas. Impressionava-o como solução ideal, no processo de aculturação, o princípio de uma fase transitória de tutela e dependência paternalista sobre os selvagens;

(54) Carta ao Rev. Hill de 5 de agosto de 1821. *Fitz Park Museum Mss*, ff 64-5.

(55) Southey, Robert. “On Thomas Southey’s Chronological History of the West Indies”, 233 e 232: “. . . The Caribs, like the other native islanders, were a people ripe for destruction; their greater courage and more adventurous spirit delayed their extinction for some generations, but could not finally avert it; and their destruction, like that of every American nation, was facilitated by their international enmity”.

um estado de semi-servidão provisória seria o melhor modo de resguardá-los do contacto nocivo dos colonos brancos. Merivale, assim como o fizera Southey em seus artigos a partir de 1812, propunha a intervenção do Estado nas colônias da Austrália e Nova Zelândia; que se proboesse às assembleias legislativas locais qualquer poder de decisão relativa à política indigenista e à adoção de um estado de tutela semelhante ao adotado nas colônias portuguesas que propiciasse aos selvagens um estágio de transição que não lhes fosse fatal.

As idéias de Southey sobre a superioridade da civilização europeia e o processo de aculturação das populações indígenas são essenciais para o entendimento de suas opiniões como historiador do Brasil. O fatalismo com que encarava a extinção das culturas indígenas das colônias, embora com ressaibos precursores do darwinismo social do século XIX, não pode, entretanto, ser confundido com racismo. Tratava-se de um romântico culturalista, anglo-saxão, profundamente identificado com o movimento humanitário em prol da abolição do tráfico e da colonização europeia regeneradora, com mão-de-obra livre. O seu fatalismo com relação à extinção dos selvagens corresponderia à fé num processo histórico evolutivo da razão e do conhecimento humano. Demorava-se em esmiuçar as diferentes etapas e os diversos estágios de civilização entre selvagens e bárbaros. Apesar do moralismo religioso e do ceticismo contra-revolucionário, continuaria apegado às idéias da Ilustração. Tinha fé na ocidentalização; encarava o progresso sob prisma humanitário, embora acarretasse — como aliás toda e qualquer mudança ou revolução —, o seu ônus e preço: desculpava a extinção dos selvagens a pretexto do progressivismo moral e do processo de aperfeiçoamento da condição humana.

A diversidade cultural, a cor local, o espírito das diferentes épocas, o nacionalismo, não implicavam necessariamente no relativismo cultural. Pelo contrário, eram perfeitamente compatíveis com princípios universais e com a hierarquia de aperfeiçoamento progressivo de determinados valores morais através dos tempos e das nações, assim como com a superioridade da cultura anglo-saxônica. Na história seria preciso discernir bons e maus períodos, boas e más nações, segundo se identificassem ou não com os valores eternos inerentes à razão humana. Coleridge nesse ponto divergia inteiramente de Herder:

sob dois pontos de vista, tenho respeito pelo homem; primeiro de tudo como cidadão, como parte e componente da nação; e em segundo lugar, como cristão. Se os homens não são nem

uma, nem outra coisa, e se se constituem em mera agregação de bípedes individuais, que não conhecem uma unidade nacional, nem acreditam comigo em Cristo, não tenho por eles mais simpatia pessoal do que para com a terra e a poeira sob meus pés...⁽⁵⁶⁾

Com menos ênfase, porém no mesmo sentido, Walter Scott também concitava seus compatriotas: “permanecemos como a natureza nos fez — ingleses, irlandeses, escoceses —, com um pouco da marca dos nossos diferentes países, em cada um de nós! Não nos tornaríamos melhores cidadãos se nos parecêssemos uns aos outros como “shillings” bem polidos”⁽⁵⁷⁾.

O nacionalismo despertado pela guerra à França acabaria sobrepondo-se inteiramente ao cosmopolitismo dos jacobinos ingleses, da última década do século XVIII. Agiria como fator de reconciliação dos ingleses adeptos da Revolução francesa com sua própria pátria e exarcebaria um sentimento ufanista da missão civilizadora das leis, da língua e da religião inglesa: “. . . Afinal, e apesar de tudo, os ingleses são os primeiros e os únicos. Por causa de Bonaparte tornei-me antifrancês; e rememoro as figuras de Alfredo, dos dois Bacon, de Hartley, de Newton e Shakespeare com mais orgulho patriótico do que nunca antes”⁽⁵⁸⁾.

A diversidade cultural e a cor local eram perfeitamente compatíveis com o messianismo civilizador e a superioridade cultural dos ingleses no início do século passado, à medida que a Inglaterra identificava-se mais do que os outros países com o processo universal de progresso moral e aperfeiçoamento da humanidade. Wordsworth, no mesmo panfleto em que criticava violentamente o seu governo por renegar valores humanos essenciais, referia-se a “esta ilha abençoada e altamente favorecida, que habitamos...”⁽⁵⁹⁾. Ao escrever contra a convenção de Cintra, tinha intenção de esclarecer e ilustrar os ingleses a fim de que pudessem melhor desempenhar o seu papel de benfeitores “da parte menos favorecida da terra...”; é um refrão que não se discute e que coexiste com qualquer crítica às falhas internas de procedimento político. Com relação a Portugal e Espanha, adotava um tom paternal de superioridade: “deveríamos ter tentado erguer os portu-

(56) Coleridge, S. T. *Table Talk*, vol. 5, p. 395; Calleo, David. *Coleridge and the Idea of the Modern State*, p. 127. V. também Wells, G. A. “Herder’s and Coleridge’s Evaluations of the Historical Approach”. *Modern Language Review*, 48: 167 ss, 1953.

(57) Schenk, H. G. *The Mind of European Romanticism*, p. 15.

(58) Carta a John Rickman, de janeiro de 1800. *L&C*, vol. 2, p. 43.

(59) *Cintra*, p. 39.

gueses em seu próprio conceito, escondendo deles a superioridade de nossas forças. . .”(60) Lutavam os portugueses pela independência e liberdade, bênçãos já alcançadas e peculiares ao solo britânico:

A própria natureza, cercando com o mar o país que habitamos, proclamou para o mundo que esta nação poderosa será sempre senhora de si mesma, e que esta terra foi escolhida como morada de uma independência imortal. . .(61)

Wordsworth preferia o aconchego da paisagem inglesa às explorações de mundos exóticos:

Then back to Earth, the dear green Earth: —
Whole ages if I here should roam,
The world for my remarks and me
Would not a whit the better be;
I've left my heart at home. . .(62)

Para ele o monte Skiddaw, junto à sua casa, no distrito dos lagos, tinha mais atrativos que o Parnaso:

What was the great Parnassus' self to Thee
Mount Skiddaw? In his natural sovereignty
Our British hill is nobler far; he shrouds
His double front among Atlantic clouds,
And pours forth streams more sweet than Castaly. . .(63)

Era uma disposição de espírito entranhada na época e de que o diário do viajante James Bruce é outro testemunho curioso. Chegava finalmente às cabeceiras do Nilo e, em vez de saborear o gosto da vitória alcançada, sentir-se-ia sucumbir, após anos de luta e muito sacrifício, numa crise profunda; sentiria um grande vazio dentro de si, a saudade das montanhas da Escócia, sua terra natal. Somente venceria este estado de espírito ao perceber que com seu trabalho podia oferecer vastas extensões de terras novas e desconhecidas “para honra do meu país — depô-las ao pé do meu Soberano, como servo, que sou. . .”

(60) *Cintra*, p. 86.

(61) *Cintra*, p. 103.

(62) Wordsworth, William. “Peter Bell”, 50-55. *Poetical Works*. p. 189.

(63) Apud Blackstone, Bernard. *The Lost Travellers (a Romantic Theme with Variations)*. p. 190.

O Nilo parecia-lhe muito inferior aos rios escoceses: veio-lhe à lembrança o Tweed, o Clyde e o Annan:

Em beleza, nada inferiores ao Nilo e preferíveis quanto ao cultivo das terras através das quais corriam; eram superiores, infinitamente superiores ao Nilo na qualidade e nas virtudes dos seus habitantes e na beleza dos seus rebanhos; em redor, um aglomerado de pastos pacíficos, sem nenhuma ameaça de violência, da parte do homem ou de feras selvagens... Eu tinha visto as cabeceiras do Reno e do Ródano e as fontes ainda mais magníficas do Saone; em minha dor, dei de atribuir a busca das fontes do Nilo a um esforço violento de uma fantasia descontrolada:

What's Hecuba to him or he to Hecuba,
That he should weep for her?... (64).

Byron, em suas andanças pelo mundo, seria tomado pelos mesmos sentimentos. No poema sobre o Taiti, lembraria as montanhas e os vales da Escócia, que reencontraria na Grécia:

Fortune! take back these cultured lands,
Take back this name of splendid sound!
I hate the touch of servile hands,
I hate the slaves that crying around.
Place me among the rocks I love,
Which sound to Ocean's wildest roar;
I ask but this — again to rove
Through scenes my youth had known before (65).

Voltavam-se os ingleses para a sua própria terra natal:

Their sea-green isle, their guilt-won paradise (66)

em que vislumbrariam novos mundos interiorizados:

... more and more
Drawn towards the center whence those sighs creep forth
To awe the lightness of humanity.

(64) Bruce, James. *Travels to Discover The Source of the Nile*. Londres, 1797; Renwick, W. L. *English Literature 1789-1815*. Oxford, Clarendon Press, 1963, pp. 48-9.

(65) "Hours of Idleness". *The Poetical Works of Lord Byron*. Londres, Oxford University Press, 1945. p. 44.

(66) "The Island". *The Poetical Works of Lord Byron*. p. 354.

Or shutting up thyself within thyself,
 There let me see thee sink into a mood
 Of gentler thought, protracted till thine eyes
 Be calm as water when the winds are gone,
 And no one can tell whither?⁽⁶⁷⁾

Revalorizavam as próprias tradições folclóricas, e os costumes antigos do seu passado nacional:

For one long-cherish'd ballad's simple stave,
 Rung from the rock, or mingled with the wave,
 Or from the bubbling streamlet's grassy side,
 Or gathering mountain echoes as they glide,
 Hath greater power o'er each true heart and ear,
 Than all the columns Conquest's minions rear;
 Invites, when hieroglyphics are a theme
 For sage's labours or the student's dream;
 Attracts, when History's volumes are a toil —
 The first, the freshest bud of Feeling's soil. . .⁽⁶⁸⁾

Em artigo para a *Quarterly Review*, sobre um determinado cronista inglês da época de Ricardo II, Southey lembrava sugestivamente que se tratava de um homem feliz e privilegiado em primeiro lugar pelo fato de ter sido “europeu e não nativo de qualquer região degenerada do mundo”; de ter “nascido inglês e não súdito de um governo despótico e de um Estado fraco. . .”; além do que, “tivera a sorte de pertencer a uma família antiga, honrada, opulenta, de viver no campo, usufruindo simultaneamente os prazeres da vida rural, das vantagens culturais e sociais, que a metrópole proporcionava”. Acima de tudo, tivera o privilégio de ser educado nos sentimentos de lealdade à constituição e nos princípios sadios da Igreja anglicana. . .⁽⁶⁹⁾

Como estrangeiro, Southey se considerava em posição ideal para escrever a história da grande colônia portuguesa em vias de se transformar em nação.

O historiador do Brasil enredou-se nos documentos com a intensidade de um convívio pessoal a ponto de saber com realismo, pormenores sobre as mudanças de temperatura na Bahia e no Maranhão: “quando, no decurso de uma hora, todo o céu se

(67) “Ode to Lycoris”, 38-45. Wordsworth, William. *Poetical Works*. p. 390.

(68) “The Island”, *The Poetical Works of Lord Byron*. p. 358

(69) Southey, Robert. “Evelyn Memoirs”, *QR*, 19 (37): 1, 2, abr. 1818.

carregava de nuvens e começava a chover torrencialmente. . .”(70) Entretanto, nunca deixaria de manifestar estranheza e prevenção contra o mundo exótico sobre o qual escrevia. Em Keswick, no norte da Inglaterra, provaria o chá-mate do Paraguai e teria em suas mãos, folheando com familiaridade, livros impressos nas reduções jesuíticas(71). Mas nunca deixaria de ser “um inglês escrevendo sobre o Brasil” e de surpreender-se ele mesmo com sua atividade de historiador das colônias portuguesas:

... No estado em que se encontrava, após dezesseis anos de obstinada dedicação, Manuel Félix de Lima, aos sessenta e seis anos de idade, encontrou um consolo melancólico escrevendo sobre os serviços prestados à Coroa portuguesa e sobre suas queixas, longe de imaginar, que as mesmas páginas que o distraíam nas horas de desalento chegariam um dia até as montanhas de Cumberland e que delas seriam extraídos dados sobre suas aventuras e que seriam aproveitadas por um inglês, escrevendo a *História do Brasil*(72).

O tema da colonização prestava-se a todas as tendências peculiares ao pensamento romântico. A expansão colonial atendia a um surto de energia vitalista e de afirmação do poder nacional; fundamentalmente, para Southey, o messianismo civilizador dos colonos europeus correspondia a valores morais que transcendiam o pragmatismo de especulações mercantis. A experiência colonizadora refletia por um lado o eterno conflito das dualidades opostas, a luta do bem e do mal, o tema do desenraizamento, o lento e progressivo devir orgânico; o processo de vir-a-ser, a transição e formação ao vivo das comunidades sociais; a afirmação da cultura contra a selvageria e o domínio da natureza bruta pelo homem. Shelley, em carta para Elizabeth Hitchener, previa a realização de “um milênio cristão”, “quando o leão descansaria ao lado do carneiro”(73).

O impulso romântico de força vital refletir-se-ia na imagem contemporânea dos Estados Unidos, jovem nação cujo destino seria regenerar antigas nações decadentes, com a missão de elevar a seu ponto culminante a carreira da humanidade, absolvendo os homens da maldição que os oprimia, fazendo renascer um povo estagnado e distribuindo bênçãos pelo mundo. O tema coloniza-

(70) Id., *History of Brazil*. vol. 1, p. 655, n. 129.

(71) Id., *History of Brazil*. vol. 3, p. 607.

(72) Id., *History of Brazil*. vol. 3, p. 343.

(73) Abrams, M. H. *Natural Supernaturalism*. p. 325.

dor, assim como a formação de novas nacionalidades, vinha de encontro ao idealismo moral dos pensadores, que viam a história como o dever de consciência e da razão humana.

A atividade de escritor e jornalista, que levaria Southey a tratar de assuntos coloniais, coincidiria com a frustração dos sonhos revolucionários da juventude jacobina. “Até hoje (escrevia para Rickman) seus pensamentos tinham estado mais ocupados com a possibilidade de estabelecer um tipo diferente de sociedade do que com planos de reformar a ordem existente. . .”(74)

Jack Simmons e Geoffrey Carnall preocuparam-se em analisar mais a fundo a crise de identidade provocada no jovem poeta pelo conflito entre o seu “status” de inglês e o apoio à Revolução francesa e aos jacobinos do Continente. A guerra intensificaria esta divisão interior. Porém, desde 1800, quando de sua segunda estada em Portugal, já se mostrava bem consciente dos privilégios da Inglaterra, orgulhoso de sua nacionalidade e seguro da superioridade da cultura inglesa. Para Southey, em seu primeiro contato com o país estranho, em Charneca, no interior de Portugal, os portugueses se lhe afiguravam “mais selvagens”(75). Em 1801, quando de uma incursão pela Irlanda, constataria o mesmo dos irlandeses(76). Em Portugal, impressionou-o a falta de um governo organizado e definido, pois deparou com “uma espécie de anarquia institucionalizada”(77). Sentiria ao mesmo tempo repulsa e fascínio pelos rituais católicos — as procissões, as imagens de santos, a consagração; revoltava-se contra as superstições grotescas e primitivas “próprias de um outro estágio de civilização. . .” Tivessem os radicais de oposição na Inglaterra presenciado a violência, a fúria arbitrária, o desprezo da justiça e da dignidade humana, nas cortes de justiça estrangeiras, como ele as presenciara em Portugal, “. . . nunca se queixariam de ter nascido na Inglaterra. Em vão procuramos precedentes estrangeiros, antigos ou modernos, para qualquer corte judiciária do Império britânico, pois aqui elas oferecem princípios de moral e justiça política mais bem definidos, mais humanos e mais eficientes do que qualquer outro país da Europa. . .”(78).

Esta disposição de ânimo teria muito a ver com a experiência de marginalização dos jacobinos ingleses, com a desilusão causada

(74) Carta a John Rickman, janeiro de 1800. *L&C*, vol. 2, p. 43.

(75) *Journals*, p. 57.

(76) Carta a Edith Southey, outubro de 1801. *L&C*, vol. 2, p. 63.

(77) *Journals*, p. 13.

(78) Southey, Robert. “J. F. Cruz’s Deveres dos juizes”. *Critical Review*, 3. sér., 4: 484, Appendix, 1805.

pela Revolução francesa e com a repressão policial na Inglaterra. Este estado de exaltação jacobina levaria, por um lado, à descoberta dos subterrâneos do homem, do inconsciente, à força interior, à criatividade da poesia romântica, à tradução de metáforas políticas numa linguagem subjetiva, à ênfase no poder revolucionário da imaginação e das palavras; mas também levaria, por outro lado, a um chauvinismo exaltado, ao messianismo cultural com relação à civilização anglo-saxônica. Seriam expressões diferentes da mesma fé no poder espiritual, de regeneração cultural, contra o materialismo ateu dos revolucionários franceses e em aberto desafio aos padrões de prosperidade, modernização e lucro dos empresários da Revolução industrial. O idealismo moral impregnava o mundo dos românticos. Para os poetas, traduzir-se-ia no poder da imaginação e para os filósofos na força do pensamento e no poder da cultura. Ao reagirem contra as inovações de sua época, apegavam-se a um impulso de força vitalista, de afirmação da consciência do homem contra a natureza, à exaltação da cultura contra o primitivismo. Afinal, “era na cabeça e no espírito dos homens que as revoluções deviam ser consumadas”⁽⁷⁹⁾.

Southey, entretanto, não idealizava a motivação dos colonos europeus em contacto com populações primitivas. Revoltava-se como historiador moralista contra os crimes e horrores registrados nos anais da história colonial, contra a cobiça de ouro dos conquistadores espanhóis, a dureza e a mesquinhez dos crimes dos portugueses; investia contra as atrocidades cometidas pelos holandeses; e responsabilizava os franceses e ingleses pela colonização das Antilhas lamentavelmente criminosa e destrutiva. Estudava a introdução das doenças venéreas entre as tribos do Novo Mundo e do Pacífico. Também não endossava a motivação capitalista das classes médias inglesas em sua própria época e o novo impulso colonizador, que levaria ao massacre das populações indígenas da Nova Zelândia⁽⁸⁰⁾.

Contra os interesses capitalistas exaltava valores morais, o princípio religioso, a obra missionária. Para Southey, a colonização era um grande capítulo na história da educação da humanidade; tendia a analisar a obra colonizadora sob um prisma essencialmente moral.

(79) “Havia na Inglaterra homens desorientados e iludidos, que não se competravam de que as revoluções deviam ser feitas na cabeça dos homens...” *Bodleian Library*, c. 22, f 138 — carta de 22 de novembro de 1794; cf. Carnall, *Geoffrey Robert Southey and his Age*, p. 34).

(80) *L&C*, vol. 1, p. 317.

Southey comprazia-se em ressaltar a maleabilidade cultural dos selvagens africanos e orientais, que oferecia campo profícuo para a educação européia. Não faltariam referências arrogantes à ascendência da raça branca, à raça "superior", à superioridade dos anglo-saxões⁽⁸¹⁾. Southey descartava, porém, qualquer determinismo geográfico, climático ou racial. Assim como os indivíduos, eram as sociedades passíveis de reforma e regeneração. Todos os males poderiam ser corrigidos, pois nunca provinham da natureza física e sim de circunstâncias históricas e da natureza moral do homem. Se às vezes, ao referir-se às causas morais e físicas da formação do "caráter nacional"⁽⁸²⁾, aparece como um precursor de Gobineau⁽⁸³⁾, é porque não descarta inteiramente a influência do meio ambiente:

... existe uma espécie de selvageria que se adquire vivendo na floresta: temos um exemplo na própria Inglaterra. O nosso carneiro de montanha assemelha-se muito às feras de caça e, da mesma forma, florestas e ermos selvagens alteram a natureza física e moral dos homens...⁽⁸⁴⁾

Era o que constatava a respeito dos pioneiros do oeste americano⁽⁸⁵⁾. As sociedades em geral eram estruturadas de acordo com os recursos físicos disponíveis, o ambiente geográfico, o número de habitantes. Endossava Montesquieu⁽⁸⁶⁾. Referia-se de passagem à teoria de Malthus para renegá-la inteiramente. Não acreditava em vícios e em males próprios da cor, da raça ou clima. "A mesma causa provoca os mesmos efeitos, seja no norte ou no sul da

(81) Southey, Robert. "On the History and Present State of America", 323 e 329: "... There is scarcely any mixture of Indian blood: in this, the Anglo-americans differ from all other white men and the difference is greatly to their honour".

(82) "There is however, both in the physical and intellectual features of the Americans, a trace of savage character not produced by crossing the breed, but by the circumstance of society and of external nature..." (id., "On the History and Present State of America, 330-1).

(83) Gosset, Thomas F. *Race: The History of an Idea in America*. Nova York, Schocken Books, 1968. p. 112.

(84) Southey, Robert. "On the History and Present State of America", 332.

(85) "...With all the infinite and marvelous varieties of individual expression, there is, nevertheless, a national countenance produced not merely by moral causes, which we can trace, but also by physical ones, the operations of which are inscrutable. Everyone knows how different the Scotch physiognomy is from the English, the Spanish from the Italian, the French from the Flemish. Our meaning was that, in America, the wild, hardy and lawless habits of the back settlers and pioneers of civilization induce a resemblance to the worst part of the Indian Character; other causes, less tangible, but no less certain, impress upon the American countenance the same cast as that of the original inhabitants. And any one who looks at the portrait of Washington may see an example of this, so striking, that it has frequently been observed. This is a subject upon which Humboldt could bring the stores of science and history and philosophy to bear, with a power of mind and a range of intellect peculiar to himself..." (id., "Timothy Dwight's Travels in New England", *QR*, 30 (59): 12, out. 1823).

(86) Id., *Life of Wesley*. p. 178.

África”⁽⁸⁷⁾. Apoiava as afirmações de Helvetius, no sentido de que os vícios humanos provinham da educação e não da raça. Os ilustrados em geral partiam desse princípio⁽⁸⁸⁾. Todos os povos, em qualquer recanto do mundo, poderiam ser educados e civilizados desde que fossem fixados ao solo e treinados nas boas técnicas da agricultura, que desenvolvia o sentimento comunitário e o patriotismo⁽⁸⁹⁾. A religião desenvolvia os sentimentos de afeição e de amor, que os selvagens embrutecidos desconheciam. Os humanitaristas do renascimento religioso da segunda metade do século XVIII e os filósofos ilustrados exaltavam a perfectibilidade dos homens: os humanitaristas através da religiosidade e dos sentimentos e os filósofos através da razão. O princípio fundamental comum às tendências é o mesmo: a idéia de que a educação tudo pode, idéia que é inerente ao igualitarismo cristão. Referindo-se à degeneração de costumes dos polinésios, comentava Southey que mesmo entre aquela gente tão desumana — “o senso do certo e do errado não se apagará inteiramente...”⁽⁹⁰⁾

Se a obra de colonização devia ser encarada como fundamentalmente cultural, o princípio básico seria evidentemente a maleabilidade dos seres humanos, a sua identidade moral: “... as diferenças de clima não têm o poder de alterar o princípio geral; as mesmas causas produzem sempre os mesmos efeitos”. A crença numa identidade básica e comum da moral humana subentende o igualitarismo, o sentido dinâmico de evolução, a perfectibilidade, que a sua teoria da civilização tentava explicitar. Southey somente divergia dos filósofos ilustrados quando opunha ressalvas à identificação do progresso da humanidade com a moderna sociedade capitalista.

O progressivismo moral é a base teórica de seu pensamento como reformador social. Para Southey, a principal vantagem que oferece a consulta dos cronistas, era perceber o modo pelo qual o espírito da época agia sobre a comunidade: “... O benefício natural e justo desse gênero de leituras é o de nos tornar mais

(87) Id., “Barrow’s Travels in Southern Africa”. *Annual Review*, 3: 27, 1805.

(88) *NL*, vol. 1, p. 116; “I do not think you rightly understood my opinions upon the Orientals. To climate I attribute very little, even referring the sensuality usually attributed to it, to the effect of polygamy. However, the more the subject engages my thoughts — and as yet I have only thoughts about it, — the more it convinces me that every fact may be warped to suit a system, and that every system must be erroneous. The evidence of facts (and Lord Grenville risks another campaign for the sake of obtaining it) proves that, under the same climate, the same religion, and the same government, the state of society has been very different...” (carta para John Rickman, 3 de fevereiro de 1800. *Selections*, vol. 1, p. 91).

(89) Southey, Robert. “On Koster’s Travels in Brazil”, 366.

(90) Id., “Burney and Mariner’s Account of the Tonga Islands”, *QR*, 17 (33): 14, abr. 1817.

tolerantes com relação aos indivíduos e menos tolerantes com relação às instituições e costumes, que corrompem o ânimo e pervertem a consciência dos homens”⁽⁹¹⁾. Os males que impediam o progresso da natureza humana podiam ser extirpados, provinham de circunstâncias históricas e de instituições sociais.

Quando leis justas e salutareas forem impostas aos habitantes das Canárias, logo se transformarão em gente trabalhadora e inteligente. A sujeira e a preguiça não são naturais no homem como o são nos patos e burros; é que o homem, como todos os animais, degenera, quando se vê oprimido.⁽⁹²⁾

Para Southey há uma nítida conotação ética implícita no advento da civilização e no processo de aculturação, que viria libertar os selvagens dos “vícios”, impostos por suas instituições tribais. Southey não atribui as diferenças de estágios culturais à diversidade de clima. A sua rejeição de qualquer forma de determinismo climático também teria uma finalidade ética: “de todos os sofistas, os mais perniciosos são os que pretendem regular a moral pelos graus de latitude”. Para Southey, os crimes dos polinésios podiam ser facilmente explicados, sem que se atentasse contra Deus;

São meros selvagens; basta instruir e convertê-los, estabelecer entre eles um bom governo e uma boa disciplina religiosa e sua depravação estará remediada... que os que duvidam da eficiência da educação e da religião olhem bem para o que é a Escócia de hoje em dia e lembrem-se do que era há dois séculos atrás. Hoje em dia, os escoceses são sem dúvida nenhuma uma gente pacífica, ordeira e sadia; há dois séculos eram tão turbulentos, ferozes e brutos como são hoje os irlandeses selvagens...⁽⁹³⁾

Da mesma maneira, a depravação dos pioneiros do oeste norte-americano não provinha do cruzamento de raças, mas das circunstâncias da sociedade e do meio ambiente⁽⁹⁴⁾. Através da conversão, os missionários elevavam os selvagens ao mesmo nível dos outros povos civilizados⁽⁹⁵⁾.

(91) Id., “On Thomas Southey’s Chronological History of the West Indies”, 216.

(92) Id., “On Barrow’s Cochinchina”. *Annual Review*, 5: 4, 1807.

(93) Id., “Landt’s Description of the Feroe Island”, *QR*, 4 (8): 333, nov. 1810.

(94) “... Not produced by breeding but by the circumstance of society and of external nature...” (id., “On the History and Present State of America”, 331).

(95) Id., “Church of England Missionary Society”, *QR*, 32 (63): 35, jun. 1825.

Southey opunha-se ao argumento usado pelos escravocratas "boers", holandeses do Cabo, e pelos ingleses de Barbados, segundo os quais os negros eram uma raça inferior. Ao contrário, eram os africanos perfeitamente civilizáveis, dependendo apenas de um esforço no sentido de sua educação. Revoltava-se igualmente contra o determinismo de Guizot, para o qual os selvagens estavam fatal e "naturalmente" condenados à extinção. Entre eles, muitos poderiam ser integrados entre a gente civilizada e elevados ao nível de uma raça superior, através da educação⁽⁹⁶⁾. Anos mais tarde, Livingstone também exaltava o senso de responsabilidade e de tutela humanitária dos missionários, com referência ao "atraso" e não propriamente "à inferioridade" dos africanos. Nessa época, não era a questão da superioridade dos colonizadores que estava sendo discutida, porém a de suas obrigações⁽⁹⁷⁾.

Tinha um otimismo exaltado com relação às perspectivas da reforma e transformação dos homens, das sociedades e da natureza, especialmente realçado pela febre humanitária de abolição do tráfico e de regeneração dos escravos, em que concentraria os resquícios dos seus ideais revolucionários, após a frustração do impacto causado pela Revolução francesa. Apesar do seu reacionarismo político, tudo lhe parecia passível de reforma e melhoramento. Mesmo o mais árido deserto teria as plantas adequadas à sua esterilidade, as quais, bem cultivadas, sistematicamente tratadas, talvez atraíssem a chuva e tudo se transformaria...

Em 1816, vislumbrava a África redimida da escravidão e finalmente colonizada pelo homem livre:

Ministrant there to health and public good,
The busy axe was heard on every side,
Opening new channels, that the noxious wood
With wind and sunshine might be purified.
And that wise government, the general friend,
Might every where its eye and arm extend...⁽⁹⁸⁾

Com o mesmo otimismo ufanista, visualizava as Antilhas e as ilhas polinésias redimidas da escravidão e da matança dos selvagens e regeneradas pelos ingleses:

(96) Id., "Percival's Cape of Good Hope". *Annual Review*, 3: 38, 1805; id., "On Thomas Southey's Chronological History of the West Indies", 196; id., "Transactions of the Missionary Society", *Annual Review*, 3: 623, 1805.

(97) Cairns, H. Allan C. *Prelude to Imperialism*, p. 20.

(98) *NL*, vol. 1, pp. 216-7; Southey, Robert. "The Poet's Pilgrimage to Waterloo", 2. pt., IV, 47. *Poetical Works*, vol. 10, p. 101.

...darken'd no more with blind idolatry
 Nor curst with hideous usages obscene,
 But heal'd of leprous crimes, from butchering strife
 Deliver'd, and reclaim'd to moral life⁽⁹⁹⁾.

À ostentação de conquista, guerra e sangue, Southey opunha os benefícios de uma colonização idealizada, pacífica, de conversão e aculturação, a salvação moral de culturas estranhas. Seria a missão dos ingleses no mundo, que se confundia para Southey com a providência divina e com o próprio processo de melhoramento dos homens:

And thou to whom in spirit at this hour
 The vision of thy Country's bliss is given,
 Who feelest that she holds her trusted power
 To do the will and spread the word of Heaven, —
 Hold fast the faith which animates thy mind,
 And in thy songs proclaim the hopes of Humankind...⁽¹⁰⁰⁾

(99) *NL*, vol. 1, pp. 216-7.

(100) Southey, Robert. "Waterloo", 2. pt., IV. *Poetical Works*. vol. 10, p. 105.

VI — CATEQUESE E IDEOLOGIA DE INFLUÊNCIA

Nos primeiros anos do século XIX, Southey levantaria quase todas as futuras questões suscitadas pelo Império britânico: mesianismo cultural, "trusteeship", "Commonwealth", problema da mestiçagem, governo indireto, trato das populações nativas... O ideal de uma federação dos domínios britânicos, que Southey expunha num artigo em 1812, abarcaria sobretudo colônias de povoamento nas zonas temperadas, moldadas segundo a imagem idealizada da Metrópole. Plantar as sementes conservadoras de nacionalidades orgânicas, regenerar países do continente, consumando a modernização e extirpando os males do feudalismo, sem romper com as tradições e sem recorrer ao princípio do jacobinismo revolucionário eram as metas providas do estado de espírito da contra-revolução. Regenerar no sentido cristão, de culto ao passado e às tradições religiosas. Este impulso de expansão e domínio se generalizaria. De um prisma utilitarista radical, em 1810 escrevia James Mill, em artigo para a *Edinburgh Review*:

Entre todos os governos existentes, o dos ingleses, repousando nas fundações da grande sociedade britânica, é o que oferece mais perspectiva, não apenas para a própria Inglaterra, mas para a humanidade em geral⁽¹⁾.

Da mesma forma, em 1855 Gladstone referia-se ao benefício moral representado pela colonização britânica, estendendo as leis da "constituição" abençoada da Inglaterra ao resto da humanidade⁽²⁾ e preocupando-se em fazer a apologia dos laços de dependência colonial:

(1) James Mill, em artigo para a *Edinburgh Review* (abril 1810); Winch, Donald, *Classical Political Economy and Colonies*. p. 162; v. também Forbes, Duncan. "James Mill and India". *Cambridge Journal*, 6: 19-33, out. 1951.

(2) Knaplund, P. *Gladstone and Britain's Imperial Policy*. p. 202; Knorr, Klaus E. *British Colonial Theories*. p. 367.

Seria melhor, para uma sociedade em formação, que estivesse sob a tutela de uma nação mais velha, que dispusesse de uma certa abundância de capital, de costumes sociais amadurecidos pela influência de muitos séculos de civilização, com todos os recursos da comunidade social seguramente fundamentados, de modo a não ter de lutar sozinha contra as dificuldades inerentes aos primeiros estágios da sociedade...⁽³⁾

Quando da revolta do Canadá em 1828, Huskisson diria em discurso perante a Câmara dos Comuns:

Senhores,
 não temos a liberdade de pôr de lado os deveres elevados e importantes, que a nossa situação no mundo nos impuseram para com aquelas colônias... em toda parte demonstramos sinais de um governo paternal, implantamos melhoramentos, não apenas nas nossas colônias, mas em todas as regiões onde nosso império é reconhecido...⁽⁴⁾

Em 1812, Southey dava ênfase aos valores culturais que sedimentavam o Império britânico e aceitava a emancipação das colônias de povoamento, pois de qualquer forma continuariam ligadas à antiga metrópole por laços de reverência espontânea e por interesses econômicos comuns. Reformar o antigo Império a fim de afastar e neutralizar possíveis males advindos da emancipação era uma preocupação bastante difundida em sua época. Revivia argumentos já expostos por Adam Smith que, em 1776, admitia a autonomia legislativa e o afrouxamento dos laços de estrita dependência fiscal... Southey era de opinião que as colônias do Cabo e Nova Holanda deveriam governar-se a si mesmas sob a proteção, enquanto fosse preciso, da Inglaterra. E quando chegasse oportunamente a seu termo essa dependência natural com relação à Mãe-pátria:

... lembrem-se de que somos um só povo, embora sejamos independentes uns dos outros. Todo inglês que desembarque em seu território deve ter todos os privilégios de um cidadão nacional, assim como cada um dentre vós passa a ser inglês quando desembarcar na Grã-Bretanha⁽⁵⁾.

⁽³⁾ Bennett, George. *The Concept of Empire*. p. 122.

⁽⁴⁾ Knorr, Klaus E., op. cit., p. 366.

⁽⁵⁾ Carta para Walter Savage Landor, de 16 de abril de 1812. *Selections*, vol. 2, p. 263.

Para Southey, o mais importante era o princípio da adesão de todos os que falassem a língua inglesa à grande raça anglo-saxônica.

Mais tarde, John Stuart Mill se mostraria muito menos liberal, advogando a estrita obediência a laços de dependência colonial. Era descrente da adesão voluntária à "comunidade imperial"; não acreditava sequer na lealdade de "sangue, língua e religião"⁽⁶⁾. Argumentava firmemente em prol da tutela da grande metrópole inglesa no mundo.

O humanitarismo filantrópico se constituiria como uma ideologia de apoio às antigas estruturas do poder conservador. Tratava-se de justificar, explicar, definir a missão civilizadora dos ingleses; de estimular a expansão colonial; de incentivar a campanha pela abolição do tráfico com novas teorias de civilização e com projetos de colonização na África Ocidental e do Sul. Tinham estes projetos a finalidade de substituir o braço escravo pelo trabalho livre, constituindo-se numa cabeça de ponte da futura ocupação e partilha da África nas últimas décadas do século XIX. Pretendiam criar um Império duradouro, baseado principalmente no sistema representativo e na implantação das leis, da língua e da religião inglesa. Para eles, mais do que o exclusivismo comercial, os laços culturais invisíveis é que garantiriam um monopólio natural e isento de opressão ostensiva.

Entretanto, variavam as opiniões sobre a organização da grande "Commonwealth" britânica. Em 1803 Henry Brougham, liberal convicto (contra o qual, em outros assuntos, Southey se irritava e divergia sempre), argumentava a favor da manutenção dos laços mercantilistas de dependência comercial, porém somente para as colônias de povoamento da mesma estirpe da metrópole⁽⁷⁾; isto porque, em geral, todos os comerciantes achavam mais vantajoso e agradável negociar entre compatriotas, sujeitos às mesmas leis: conheciam melhor o caráter, os costumes e a linguagem dos seus clientes, depositavam mais confiança em seus devedores; e, no caso de uma cobrança judicial, era mais fácil obter justiça⁽⁸⁾. Parecia extremamente incômoda a idéia de abrir mercados em terras estranhas como a América Latina. O intercâmbio comercial com colônias habitadas por gente da mesma nacionalidade parecia bem mais seguro e fácil do que o comércio com povos estranhos. Brou-

(6) Winch, Donald, op. cit., p. 159.

(7) Brougham, Henry. *Inquiry into the Colonial Policy of European Powers*. Londres, 1803. vol. 1, p. 162. V. carta de Southey para H. Brougham, de 1.º de fevereiro de 1831. L&C, 6: 129 ss.

(8) Knorr, Klaus E., op. cit., p. 230.

gham antecipava-se às futuras frustrações dos comerciantes ingleses no Brasil⁽⁹⁾. A “Commonwealth” pressupunha uma certa homogeneidade cultural e não abarcaria povos mais atrasados, isto é, não europeus ou ainda por civilizar.

Em seu estudo sobre o *Imperialismo*, enfatiza Hanna Arendt a relutância que os ingleses sempre tiveram em estender os sistemas administrativo e político do seu próprio país para o governo de populações atrasadas e de incorporar e oficializar a união de possessões longínquas da coroa britânica à própria nação inglesa⁽¹⁰⁾. Southey advogaria a federação das colônias de povoamento, mas não a de outras regiões do império, onde recomendava inicialmente (se não como solução ideal, pelo menos como política inevitável), a imposição, à força, da superioridade britânica, o que se justificaria naturalmente pelos benefícios da aculturação, que por sua vez, a seu turno e hora, prepararia uma eventual e futura incorporação... Este processo implicaria a tutela autoritária e a subordinação, durante certo período, das populações nativas. A integração cultural, orgânica, a fusão na “matrix” maior, seria sem dúvida a longo termo o ideal que tinha em mente.

... here let us hold united reign
O'er our united people by one faith
The interest bound, and closer to and link'd,
By laws and language and domestic ties
Till both become one race for evermore
Indissolubly knit...⁽¹¹⁾

Preocupava-o, sobretudo, a manutenção da autoridade e do poderio inglês: como tornar duradouro e sólido o novo Império que se formava. Admirava muito o estilo de colonização dos espanhóis por saberem transmitir as instituições da metrópole às colônias, como o tinham feito antigamente os romanos.

Em 1813, denunciava como erro fundamental da política de colonização o fato dos ingleses terem dado às Antilhas uma legislação diferente da inglesa o que redundava em “. . . sentimentos e princípios morais diferentes para cada uma: resta agora ver se nossa liberalidade terá de admitir também uma religião diferente;

(9) Heaton, Herbert. “John Luccock, a Merchant Adventurer in Brazil 1808-18”. *The Journal of Economic History*, 6 (1) maio 1946; Pantaleão, Olga. “A presença inglesa”, *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1962. vol. 2 (Brasil Monárquico), p. 64; Manchester, Alan K. *British Preeminence in Brazil*. Illinois, 1933.

(10) Arendt, Hanna. *The Origins of Totalitarianism*. Nova York, 1968. vol. 2, p. 8.

(11) Southey, Robert. “Madoc”, 2. pt. *Poetical Works*. vol. 5, p. 255.

veremos então os honrados e leais legisladores que votaram humanitariamente contra os corpos dos nativos votarem também, devotamente, contra as suas almas...”(12)

Southey não discutia o direito de conquista, que para ele era, de per si, moralmente justificado. Não teria reservas quanto a sua legitimidade ou necessidade, nem via sentido em discutir-se o direito de conquistar pela força canibais e infanticidas(13). Concordava porém com Montesquieu quanto à grande responsabilidade moral que recaía sobre os conquistadores:

C'est à un conquérant à réparer une partie des maux qu'il a fait. Je définis ainsi le droit de conquête; un droit nécessaire, légitime et malheureux, qui laisse toujours à payer une dette immense, pour s'acquitter envers la nature humaine...(14)

Em 1783, Burke procurava definir o princípio da “trusteeship”, da tutela de confiança, dos deveres paternalistas dos colonizadores para com os indígenas. Todo poder político sendo em si artificial e, portanto, contrário à igualdade natural dos homens, deveria sempre ser usado em benefício dos atingidos... esses direitos ou privilégios, ou seja qual for o termo que se queira escolher, seriam sempre no sentido mais rigoroso da palavra uma *delegação* em confiança “sendo pois essencial e necessário prestar contas...”(15) Em 1789, referindo-se à África, com a ambigüidade característica do humanitarismo filantrópico, achava Wilberforce que os ingleses deveriam reparar os males causados àquele infeliz continente. “Façamos reparos à África, na medida em que o possamos, estabelecendo um comércio baseado em verdadeiros princípios mercantis e logo a retidão da nossa conduta será recompensada pelos benefícios de um comércio crescente e regular.”(16) A mesma linha de pensamento levaria Pitt a animar Thomas Clarkson, exaltando a dignidade da missão civilizadora da Inglaterra na África. Desde

(12) Id., “Transactions of the Missionary Society”. *Annual Review*, 2: 201, 1804.

(13) Id., “On Buchanan's Journey from Madras through Mysore, Canara and Malabar”, *Annual Review*, 6: 51, 1808; “Transactions of the Missionary Society”, 198-9.

(14) Citado por Southey em “On Buchanan's Journey...”, 51.

(15) “... such rights or privileges or whatever else you choose to call them, are all in the strictest sense a *trust*; and it is of the very essence of every trust to be rendered *accountable*” (discurso de E. Burke, por ocasião da votação do decreto de Fox sobre a companhia das Índias Orientais, 1.º de dezembro de 1783. In: Mellor, G. R. *British Imperial Trusteeship 1783-1850*, p. 22; Potter, Bernard. *Critics of Empire (British Radical Attitudes to Colonialism in Africa)*. Nova York, Macmillan, 1968. p. 20.

(16) “Let us then make amends as we can for the mischiefs we have done to that unhappy continent... Let us make reparation to Africa, as far as we can, by establishing a trade upon true commercial principles...” (1783). Knorr, Klaus E., op. cit., p. 378.

1783, ocupava-se Pitt em introduzir algumas reformas na Companhia das Índias Ocidentais e no Ceilão, que também se estenderiam à Índia, na primeira metade do século XIX, com a atuação de missionários e reformadores radicais⁽¹⁷⁾.

Southey também não se cansaria de enfatizar a responsabilidade moral implícita no estado de tutela e dependência das colônias para com a Inglaterra⁽¹⁸⁾. Era inegável a dívida inglesa para com os hindus, assim como para com os selvagens da Polinésia, entre os quais difundiram a sífilis e cujo artesanato rudimentar tinham destruído sem substituí-lo por outra atividade⁽¹⁹⁾. Males como esses somente seriam compensados se lhes fossem transmitidos “a nossa religião, nossa moral, nossos conhecimentos...” A preocupação de Southey com o princípio do “trusteeship” imperial é que o levaria a admirar e a estudar pormenorizadamente a política indigenista de Pombal e a idealizar o paternalismo integrador dos portugueses, que ele via como fenômeno essencialmente cultural, sem nenhuma sombra de racismo.

Comprazia-se em contrapor a experiência britânica aos precedentes históricos da colonização portuguesa no Oriente. Lembra à Companhia das Índias Orientais o empenho dos portugueses na conversão e aculturação dos muçulmanos em Titoo⁽²⁰⁾. Nenhum homem teria sido tão admirado pelos hindus como Albuquerque, que tentara eliminar o sistema de castas; não lhe ocorria exemplo mais edificante para os responsáveis pelo império na Índia do que o de Francisco Xavier! Enganava-se a Companhia das Índias Orientais quando se opunha à obra dos missionários, alegando que os hindus não eram passíveis de conversão⁽²¹⁾. Por isso, a colonização portuguesa prometia ser mais duradoura do que a inglesa:

Se nós, que somos abençoados com uma fé mais pura e os privilégios de uma igreja reformada, a mais bem constituída do mundo, tivéssemos servido a nosso Deus, com metade do zelo com que os portugueses se devotaram ao seu, a árvore da vida há muito teria cravado raízes profundas no Hindustão, espalhando longe os seus galhos e dando seus frutos⁽²²⁾.

(17) Potter, Bernard, op. cit., p. 20.

(18) *Colloquies*, vol. 2, pp. 196-7.

(19) "... it must be acknowledged that we owe a heavy debt to Hindostan!" Southey, Robert. "On Buchanan's Journey...", 51; id., "Transactions of the Missionary Society", 194.

(20) Id., "On Buchanan's Journey...", 51.

(21) "Let but the missionaries be encouraged and increased, and their zeal aided by such human means as may allow be used, and the success of Xavier will no longer be deemed miraculous..." (id., "On Buchanan's Journey...", 61).

(22) Id., "Forbe's Oriental Memoirs", *QR*, 12 (23): 188.

Na conclusão da história do Império português na Ásia, de que vinha se ocupando desde 1802, pretendia escrever sobre o dever e a estratégia de introduzir o cristianismo nas possessões do Oriente. Em carta para um amigo, funcionário do *Colonial Office*, escrevia Southey: “Se essa política não for adotada eu profetizo que por volta do ano 2000 haverá mais remanescentes do Império português do que do Império britânico.”⁽²³⁾

Em diversos artigos Southey tecia considerações teóricas sobre a política colonizadora mais conveniente a ser implantada após a conquista, procurando elucidar erros de outros tempos. Chamava atenção para a diferença entre a conquista de regiões pouco e superpovoadas; estudava a estrutura social nativa com relação aos recursos locais, o modo de melhor aproveitar as instituições locais, impondo ao mesmo tempo as leis e a ordem do país dominante. A colonização ideal, a mais sólida e produtiva e de longe a mais duradoura, seria a de ocupação e povoamento e não os entrepostos puramente comerciais⁽²⁴⁾. Entretanto parecia-lhe difícil, senão quase impossível, a emigração em massa para países densamente povoados, por gente de cultura e religião estranhas. Seria preciso antes preparar terreno, derramar sobre eles a bênção da civilização inglesa.

Southey aceitava a visão supostamente liberal do novo Império britânico de domínio indireto. Revoltava-se, porém, contra os que pretendiam limitar esta ascendência às relações de comércio livre, pois fazia grandes reservas quanto à validade do que se entendia por “influência comercial”⁽²⁵⁾. O domínio direto sobre populações nativas deveria ser substituído pela influência moral, religiosa e cultural. Esta visão, supostamente liberal, na verdade subentendia um domínio ainda mais absoluto e autoritário do que o exercido por funcionários administrativos e exércitos. A completa integração, a aculturação, tinha seu reverso autoritário, de afirmação do poder. Em 1756, escreveria o missionário John Shebbeare: “Quem domina a alma, se apossa de tudo o mais...”⁽²⁶⁾

Para Southey, o poder dos ingleses na Índia se afigurava muito precário. Cada pequena guerra local diminuía a sua ascen-

(23) Carta para Charles Wynn, de 6 de abril de 1805. *L&C*, vol. 2, p. 322.

(24) Southey, Robert. “Mackenzie’s Travels in Iceland”, *QR*, 7 (13): 51: “They had taken possession of a country which was uninhabited, and gaining it thus by occupancy, instead of conquest, the great evils of the feudal system had no existence upon them. Slavery was unknown among the Icelanders, and they escaped those ages of oppression and barbarism, through which all the Gothic kingdoms passed in their progress, before the conquerors and the conquered were blended into one people and a common language had been produced by the intermixture...”

(25) “... and should our baseless empire be overthrown, not a vestige of English dominion would remain” (id., “On Buchanan’s Journey...”, 61).

(26) Knorr, Klaus E., op. cit., p. 380.

dência; cada vitória custava mais caro e era precário o domínio das armas. Os métodos de violência usados pelos romanos não garantiam a lealdade dos súditos⁽²⁷⁾. Na verdade, a Índia lhe parecia grande demais para a conquista e populosa demais para a colonização. Em carta de julho de 1806, reiterava Southey o que lhe parecia a única forma viável de manutenção do império na Índia: a tentativa de aculturação, através de associações missionárias. "... Se fosse Wynn e não o tio dele o chefe do 'Board of Control', não hesitaria um instante em escrever um manifesto sobre a necessidade política e o dever religioso de converter os hindus. Sem um estabelecimento religioso, não poderão os ingleses manter o seu poder na Índia..." Pois já não tinham perdido, por falta de uma instituição religiosa oficial, as colônias norte-americanas?⁽²⁸⁾

Nada melhor para o futuro do Império britânico do que o fomento da atividade dos missionários. De outro modo, seriam efêmeras e precárias as bases de predomínio e poder dos ingleses. "A religião sempre precede a civilização..."

Acreditava Southey que, antes de tudo, o homem era um ser religioso. A cultura, os costumes, a própria estrutura da sociedade seria determinada pela religião⁽²⁹⁾. Através de seus sentimentos e da sua religiosidade é que o homem poderia ser mais profunda e decisivamente influenciado. A religião, em qualquer estágio de civilização, seria a grande força histórica transformadora dos homens. Não seria através dos instintos primários, nem do princípio utilitarista do maior prazer; não seria pela razão, nem através dos princípios de maior produtividade — que segundo os economistas clássicos regiam as relações entre os homens e os recursos naturais — que se poderia consumir um processo de aculturação e a obra colonizadora. Tanto era assim, que os homens mais decisivamente importantes na história não foram estadistas, guerreiros, filósofos, mas sempre fanáticos religiosos⁽³⁰⁾. O fenômeno mais importante de sua época era, sem dúvida, o renascimento religioso; nada lhe parecia mais promissor e de maior alcance, do que o surto do movimento missionário, através do qual Southey sonhava conseguir a fusão de todas as seitas, a colaboração de umas com as outras, a sua reunião final dentro do Estado, consumando-lhe a força. Nenhuma forma de religião seria tão favorável aos planos

(27) Carta de outubro de 1809. *NL*, vol. 1, p. 522.

(28) Southey, Robert. "The Church of England Missionary Society", *QR*, 32 (63): 23, jun: 1825.

(29) Id., "Account of the Baptist Missionary Society", *QR*, 1 (1): 210, fev. 1809.

(30) Id., "Account of the Baptist Missionary Society", 195.

de realização e de fortalecimento do Estado como o cristianismo⁽³¹⁾.

Esta seria a base da filosofia da história de Southey, o fundamento de sua teoria civilizadora das populações primitivas e ao mesmo tempo de integração social das classes trabalhadoras na Inglaterra industrializada. Southey procurava enquadrar, num contexto ideológico mais amplo, a identificação do império com o cristianismo, que, na realidade, corresponderia à aliança efêmera, pois o movimento missionário das primeiras décadas do século passado seria essencialmente particular e extra-oficial. O primeiro porta-voz do princípio de união do movimento missionário com a política colonial seria Charles Grant⁽³²⁾. Alguns anos depois Southey retomava suas idéias, num período crítico de transição e mudança, e nesse sentido é um pioneiro da reação contra a política tradicional defendida por Burke e William Jones, que pretendiam conservar e expandir o império sem interferir nas culturas nativas. A ênfase dos conservadores na conversão religiosa, como política de Estado, seria efêmera; porém a agressividade "cultural" perduraria pelo século XIX afora. Sir Charles Napier, em 1844, ao conquistar Sind, referia-se à necessidade de impor reformas drásticas dos costumes locais, como uma "mãe-rei nacionalista de agir"⁽³³⁾. Em 1818, Wilberforce exortava os ingleses a fincar raízes na Índia, através da gradual implantação de "nossos princípios e opiniões, através de nossas leis, instituições e costumes; sobretudo da nossa religião e, conseqüentemente, da nossa moral, como fonte de qualquer outro melhoramento". Homens como Wilberforce, James Stephen e Foxwell Buxton exerceriam influência decisiva sobre a política colonial inglesa nas primeiras décadas do século XIX, patrocinando a expansão das associações missionárias no Oriente, na África e no Pacífico⁽³⁴⁾.

Para Southey, o cristianismo adquiriria uma dimensão absoluta, identificando-se com o próprio processo histórico: era a única religião que tornava evolutiva a condição humana, estimulando o progresso e o aperfeiçoamento integral de todas as potencialidades

(31) Id., "Transactions of the Missionary Societies in the South Sea Islands", *QR*, 2 (3): 55, ago. 1809.

(32) Grant, Charles. *Observations on the State of Society among the Asiatic Subjects of Great Britain*. Londres, 1794; Bearce. G. *British Attitudes Towards India*, p. 61.

(33) "Let us all act in a national way..." (Thornton, A. P. *Doctrines of Imperialism*, p. 71).

(34) Howe, Ernest Marshall. *Saints in Politics. The "Clapham Sect" and the Growth of Freedom*, pp. 86 ss. Winks, Robin W. *The historiography of the British Empire Commonwealth*. Durham, Duke Univ. Press, 1966; Ingham, Kenneth. *Reformers in India 1793-1833*. Cambridge, 1956; Embree, Ainslee T. *Charles Grant and British Rule in India*; *Cambridge History of the British Empire*, vol. 7.

do homem. Mais do que um postulado de militância religiosa, a conversão seria um dever humanitário fundamental e constituiria o melhor método de colonização. Seria preciso chegar ao homem interior, condicionar-lhe os sentimentos, transformar seu pensamento e moldar-lhe o espírito. Seria ao mesmo tempo um dever de caridade e a base do poderio nacional. Através da conversão, os ingleses se tornariam senhores do mundo⁽³⁵⁾. Ocupou-se Southey em polemizar a favor do movimento missionário, comparando-o às cruzadas medievais, convicto de que se tratava de um dos fenômenos mais importantes de seu tempo.

Empenhou-se com grande entusiasmo na defesa dos missionários, acompanhando os progressos e fazendo a apologia do novo surto de religiosidade protestante; às vezes, escrevia cartas de recomendação para missionários em Pequim e, em certa ocasião, pedia auxílio do tio para a nomeação de um missionário anglicano para os portugueses de Macaul⁽³⁶⁾. Escreveu sobre a obra dos missionários batistas na Índia, sobre as missões metodistas nas ilhas do Pacífico, sobre as missões holandesas no Ceilão e na África do Sul, sobre a atuação dos irmãos morávios entre os hotentotes, assim como sobre suas missões nos Estados Unidos e na Groenlândia⁽³⁷⁾. Ocupou-se da "Church Missionary Society" que em 1808 identificava como sendo financiada pelos Thorntons, da seita de Clapham. Exaltou especialmente esta sociedade de propagação do evangelho, empenhando-se na proliferação das missões propriamente anglicanas. Nenhuma atividade missionária parecia escapar ao seu conhecimento. Em carta para o editor J. Murray, em novembro de 1808, tentava localizar uma associação escocesa de missionários que desenvolvia sua obra na Tartária⁽³⁸⁾.

Também se empenhou em divulgar o método de alfabetização inventado por Andrew Bell, na escola de Madras, que se baseava, ao contrário do de Lancaster, num método de conversão e de ensino religioso⁽³⁹⁾.

(35) Southey, Robert. "Missionary letters on the Nicobar Islands", *QR*, 11 (21): 15, abr. 1814. Era ao mesmo tempo um dever e uma estratégia: salvar almas, aumentar o poderio inglês (id., "Church of England Missionary Society", 10).

(36) Robberds, J. W., org. *Memoirs of the Life and Writings of William Taylor*. p. 134 (carta para William Taylor, 27 de março de 1806).

(37) Southey, Robert. "Account of the Baptist Missionary Society", 193; id., "Transactions of the Missionary Society in the South Sea Islands", 24; *Missionary Travels in South Africa*", *QR*, 13 (26): 309; id., "The Church of England Missionary Society", 1-42; carta para John Murray, de 2 de dezembro de 1808. *NL*, vol. 1, p. 493.

(38) *NL*, vol. 1, p. 493.

(39) Southey, Robert. "On Bell and Lancaster's System of Education", *QR*, 6 (11): 264; Southey, Caroline, org. *The Life of the Rev. Andrew Bell, Comprising the History and Progress of the System of Mutual Tuition*. Londres e Edimburgo, 1844. 3 vols. (o primeiro volume escrito por Robert Southey).

Polemizou a favor dos missionários e procurou defendê-los das acusações, ventiladas pela Companhia, de que promoviam desordens entre os hindus, desmentindo alegações que os responsabilizavam pelos motins dos nativos em Vellore (1806) e Madras. Procurou demonstrar que jamais, na história, tentativa alguma de conversão ocasionara uma revolta dos nativos. Na África do Sul os missionários despertavam a violência e a prevenção dos colonos, porém nunca dos selvagens.

Interessou-se especialmente em argumentar contra a tese da inviabilidade da conversão. Aterrorizados por seus sacerdotes, viviam os primitivos "sofrendo a tirania das suas próprias superstições", de onde a facilidade com que cediam "naturalmente" a uma religião que lhes exigia menores sacrifícios. Em geral tendiam os selvagens, quando em contato com uma nação mais poderosa e mais rica em armas e recursos, a reconhecer os deuses estrangeiros como mais poderosos e benevolentes do que os próprios:

... foi por isso que as religiões do Peru e do México desapareceram e que foi tão fácil o trabalho da conversão dos pagãos da África. A força é menos eficiente do que o intelecto nesse gênero de conquista: o império romano foi destruído pelos idólatras; mas os próprios conquistadores submetem-se à religião de um povo que sabia ser mais sábio do que eles mesmos...⁽⁴⁰⁾

Reconhecia, por outro lado, a dificuldade dos missionários em converter povos de religiões mais sofisticadas, como os muçulmanos, cuja religião se assemelhava muito ao cristianismo, ou como os hindus, cuja fé se relacionava intimamente com toda a estrutura e o modo de viver da sociedade. Entretanto, lembrava com que facilidade os japoneses tinham acolhido o cristianismo (sic). O trabalho de conversão também seria fácil entre os polinésios. Apelava Southey para o precedente da grande obra dos jesuítas e da colonização portuguesa⁽⁴¹⁾.

Nesta campanha a favor do movimento missionário, foi levado a estudar assuntos que davam grande atualidade à sua pesquisa sobre a experiência colonizadora dos portugueses na América do Sul. Defendia a tese de que os jesuítas tinham sido o grande baluarte de sua força⁽⁴²⁾.

(40) Southey, Robert. "Transactions of the Missionary Society", 193.

(41) Carta para John Rickman, 19 de janeiro de 1800. *NL*, vol. 1, p. 219; *Annual Review*, 3: 622, 1805; *Selections*, vol. 1, p. 299.

(42) Southey, Robert. "Account of the Baptist Missionary Society", 208.

A obra dos jesuítas e dos “quakers” eram os dois grandes modelos históricos que tinha sempre em mente ao estudar métodos de conversão. Em 1799 já estava interessado nos trabalhos dos jesuítas na Índia⁽⁴³⁾. Em 1803 escrevia a história das suas missões na Etiópia e em Moçambique⁽⁴⁴⁾. Encantavam-no as cartas e os relatórios deixados pelos missionários, a força de sua fé, o fanatismo com que trabalhavam, a maneira pela qual entremeciam lendas e visões em toda uma soma inédita de informações sobre os povos com os quais entravam em contato. Na *História do Brasil*, daria à sua obra um lugar de destaque, exaltando o seu papel em toda a história da América do Sul:

O acontecimento mais significativo na América do Sul é o estabelecimento da república dos jesuítas. Seja o que for que se pense sobre os padrões adotados pelos seguidores de Loyola, tem de ficar registrado em sua honra o fato de terem sido os únicos colonizadores europeus que contribuíram para aumentar a felicidade dos nativos entre os quais foram residir...⁽⁴⁵⁾

Fascinava-o a comunidade teocrática, a organização paternalista, os ressaibos igualitários, os fundamentos comunitários e “socializantes”, que analisou a fundo. Com relação aos jesuítas, Southey teria sempre uma atitude difícil e ambígua, por causa das repercussões políticas que tomava a questão dos católicos na Inglaterra⁽⁴⁶⁾. Admirava profundamente seu talento colonizador, tendo porém preconceitos enraizados, de protestante convicto, contra as “superstições” dos seus rituais.

What if they think that every prayer enroll'd
Shall one day in their good account appear,
That guardian angels hover round, and fold
Their wings in adoration, while they hear;
Ministrant spirits thro' the ethereal sphere
Waft it with joy, and to the grateful theme
Well pleased, the Mighty Mother lends her ear?
A vain delusion this we rightly dream...⁽⁴⁷⁾

(43) Carta para John May, de 3 de setembro de 1799. *Selections*, vol. 1, p. 83.

(44) Carta para o tio Rev. Hill, de 15 de outubro de 1809. *Fitz Park Museum Mss*, ff 47-8.

(45) Southey, Robert. “Samuel Whitelocke’s History of the Viceroyalty of Buenos Aires”. *Annual Review*, 6: 263, 1808.

(46) Em 1814, ressaltava os perigos de subversão interna, que ofereciam os católicos na Inglaterra; “... The Jesuits are just restored, and have sent a colony to Ireland. The Inquisition is re-established, and France is placed under the protection of the Virgin Mary!” (carta de 7 de setembro de 1814. *Selections*, vol. 2, p. 376).

(47) Southey, Robert. “A Tale of Paraguay”, III, 27. *Poetical Works*. vol. 7, p. 66.

A verdade, porém, é que os rituais que tinha como “supersticiosos” não prejudicavam, pelo contrário pareciam ajudar o trabalho de conversão:

The prayers that from a pious soul proceed
Tho' misdirected, reach the ear of Heaven...⁽⁴⁸⁾

Em 1814 deu grande realce à restauração da ordem dos jesuítas, escrevendo um poema épico sobre as suas reduções do Paraguai. Em 1822 publicou um ensaio sobre a obra de Dobrizhoffer, traduzida e editada por Sara Coleridge, sob sua orientação⁽⁴⁹⁾.

It was a land of priestcraft, but the priest
Believed himself the fables that he taught:
Corrupt their forms, and yet those forms at least
Preserved a salutary faith that wrought,
Maugre the alloy, the saving end it sought.
Benevolence had gained such empire there
That even superstition had been brought
An aspect of humanity to wear,
And make the weal of man its first and only care...⁽⁵⁰⁾

Não poupava críticas às formas supersticiosas da fé, da pompa exterior, dos recursos a milagres e imagens de santos, a histérismos e falsas aparências, que tinha como desonestos. Ainda assim, preocupava-se demais com o ritual católico, aparecendo como um precursor de Newman e do movimento catolizante dos anglicanos de meados do século passado. Os capítulos mais marcantes de sua obra em prosa são dedicados ao estudo das reduções jesuíticas no Paraguai. Também escreveu uma biografia de Antônio Vieira⁽⁵¹⁾, impressionando-se, com fascínio e horror, ante

(48) Id., *Poetical Works*. p. 65.

(49) Id., “On Dobrizhoffer’s Account of the Abipones”, *QR*, 26 (52): 277.

(50) Id., “A Tale of Paraguay”, IV, 10. *Poetical Works*. p. 80.

(51) “...Few characters have ever interested me so much as this extraordinary man. His genius it not over-rated by his countrymen. That he was a profound statesman is apparent and his liberality is shown by his conduct about the jews, and how his genius, his wisdom and his liberality, should have co-existed with his false taste, his Catholic superstitions, and his own individual madness is indeed most curious. He was not indeed quite as mad as Joana Southcote, but he was just in the state of one of her four-and twenty elders... (*Selections*, vol. 2, p. 208; v. também carta para o Rev. Hill, de 11 de junho de 1808. *Selections*, vol. 2 pp. 72-3). Possuía um Ms de Vieira; “Relação exatíssima do procedimento das Inquisições em Portugal” (*Selections*, vol. 2, p. 53); não achava que a *Arte de furtar* pudesse ser de sua autoria (*Selections*, vol. 2, p. 211). Encontra-se in Warter, J. W., org. *Southey’s Commonplace Books*. vol. 3, p. 259, uma crítica do seu estilo literário.

as mazelas do culto católico; via-o, de um lado, como um gênio dotado de elevada força espiritual e de grande tino político, e, de outro, como um obscurantista supersticioso. Apesar de suas fraquezas "humanas", Vieira tinha como ninguém a arte de atuar junto às populações indígenas, que era afinal um dos problemas fundamentais do Império britânico.

Blame as thou mayest the Papist's erring Creed,
But not their salutary rite of men!⁽⁵²⁾

Por isso mesmo, Southey julgava importante analisar os métodos de conversão dos jesuítas, talvez como modelo, para os missionários ingleses. Atribuía seu sucesso, em grande parte, ao apoio do Estado. Em suas missões, os jesuítas haviam contado com todas as formas de apoio oficial, tanto da coroa portuguesa, como do Vaticano⁽⁵³⁾. Não fosse a lamentável rivalidade e por conseguinte certa dispersão de esforços entre jesuítas, dominicanos e franciscanos, teria sido imenso o empreendimento português.

No Oriente, no Japão, na China e na Índia, missionários jesuítas haviam precedido os protestantes, enfrentando as mesmas dificuldades de conversão, e tinham tido um sucesso maior, por causa da maleabilidade em amoldar-se ao meio ambiente e distinguir com finura certas nuances de culturas locais que absorviam e aproveitavam, englobando-as no seu próprio catecismo. Sabiam enfrentar as religiões mais sofisticadas. Entre os adeptos de Confúcio no Japão, entre muçulmanos e brâmanes na Índia, contentavam-se apenas em reformar. Respeitavam os rituais existentes, aproveitando-os; faziam como se viessem reformar a religião já existente, sem pretender destruí-la, daí o seu sucesso, sem precedentes:

... Se com o eventual triunfo do cristianismo, uma religião católica vier a ser fundada na Índia, o português será a língua dessa Igreja, onde quer que esteja...⁽⁵⁴⁾

Além disso, a pompa exterior dos rituais católicos era mais favorável do que a religiosidade austera dos protestantes. Para Southey, as missões metodistas do Pacífico eram decididamente

(52) Southey, Robert. "Tale of Paraguay", III, 24. *Poetical Works*, p. 66.

(53) Id., *History of Brazil*, vol. 1, p. 214; "The Church of England Missionary Society", 1-2.

(54) Id., *History of Brazil*, vol. 1, p. 214; id., "Forbes' Oriental Memoirs", 188.

inferiores às dos jesuítas. Havia mais de quatro anos que se tinham instalado e os missionários ainda não tinham aprendido a língua dos selvagens; não lhes ensinavam o uso dos instrumentos de ferro e os meios de civilização. Enquanto um católico teria atravessado o fogo, para fazer uma conversão, recusavam-se os metodistas a casar e a batizar, esperando que os selvagens “merecessem os sacramentos! . . .”⁽⁵⁵⁾

Em vez de dar ênfase à doutrina e à razão, como faziam os missionários protestantes, os jesuítas tratavam de conquistar os selvagens pelos sentidos, procuravam impressioná-los, atraí-los e iludi-los. Mais realistas do que objetivos, apelavam para o estômago e não para a razão, que os selvagens desconheciam. Menos escrupulosos, eram os missionários jesuítas decididamente mais eficientes do que os protestantes, que começavam por imprimir a bíblia, esperando que os selvagens pudessem ler e absorvê-la. A longo termo, o método protestante seria a seu ver, evidentemente, o mais racional, mais sólido e duradouro. Entretanto, os jesuítas garantiam um sucesso imediato e um número muito maior de conversões⁽⁵⁶⁾. Eles se insinuavam, penetrando as superstições dos selvagens, ensinando-lhes os ofícios, o artesanato, as técnicas de agricultura e as artes da civilização. Não os interessava apenas a conversão doutrinária; por isso, eram insuperáveis na obra colonizadora. Reconhecia a eficiência de sua atuação na Irlanda.

Entretanto, discernia algumas falhas na função propriamente colonizadora dos jesuítas, advindas do fato de se limitarem à regeneração moral, contentando-se com redimir os selvagens do estado pagão. Além do que, não os integravam na nacionalidade da metrópole, pois queriam conservá-los como seus próprios vassallos, num estado de tutela e de isolamento.

Teriam em parte razão, pois pretendiam protegê-los do contato com os colonos, onde a depravação moral e a cobiça sempre foram grandes obstáculos para a conversão. Reportava-se Southey aos anais da “lenda negra” dos espanhóis e ao tráfico de escravos nas Antilhas. No Japão, a obra missionária dos jesuítas teria fracassado em grande parte por causa do tráfico de escravos exercido pelos comerciantes portugueses. Desenvolveria este tema na *História do Brasil*, nos capítulos dedicados ao Paraguai e ao Maranhão. Seria finalmente o mesmo problema que os missionários protestantes enfrentavam na Índia, face à cupidez imprevidente da

(55) Id., “Transactions of the Missionary Society”, 193.

(56) Id., “Transactions of the Missionary Societies in the South Sea Islands”, 44; id., “The Church of England Missionary Society”, 35.

Companhia das Índias Orientais; nas ilhas do Pacífico, ante os desmandos dos colonos europeus; no sul da África, ante os “boers” e também nas Antilhas, ante os traficantes de escravos. Apesar de tudo, preferia Southey a tática dos protestantes de formar cidadãos integrados no Estado, ao despotismo paternalista dos jesuítas, do qual os selvagens nunca chegavam a emancipar-se totalmente.

Não se satisfazia mesmo com a preocupação de regeneração moral e salvação individual, própria do renascimento protestante e do humanitarismo filantrópico. Tinha em mente homens como Wädstrom e Phillip Beaver. Via a missão colonizadora sob um prisma social mais amplo: “. . . O grande agente deveria ser o próprio governo civil. Bastaria que se conferissem aos hindus convertidos os privilégios de cidadão inglês e todo o sistema se desmancharia como neve ao sol. Não importaria muito a sinceridade dos primeiros porque ficaria garantida a de seus filhos. . .”⁽⁵⁷⁾ A catequese seria a via de integração na “commonwealth”.

Com o correr do tempo, Southey foi depositando maior confiança no trabalho dos missionários protestantes, principalmente dos anglicanos, que tinham o espírito da organização estatal inglesa. Lutava e fazia campanha para que o Estado desse assistência e maior apoio financeiro para os esforços dos missionários da África do Sul em sua obra de proteção dos hotentotes contra os “boers”, assim como na catequização dos cafres e bosquimanos⁽⁵⁸⁾. O trabalho missionário envolvia todo um processo de aculturação, que pressupunha evidentemente uma teoria civilizadora. A conversão estaria condicionada à introdução das técnicas de agricultura, à fixação em comunidades estáveis⁽⁵⁹⁾. O trabalho tinha uma conotação ética, como se fosse um exercício dinâmico e fundamental, para o progresso da civilização. Southey fazia apologia do “homo faber”, o homem desbravador da natureza, sempre em luta contra as forças naturais, “vencedor dos elementos”, como diria Arthur Young. Recomendava o amanho da terra, a disciplina constante exigida pela horticultura e pela jardinagem como atividades “humanizadoras” básicas⁽⁶⁰⁾.

(57) Carta para Thomas Southey. *Selections*, vol. 1, p. 302.

(58) Southey, Robert. “Barrow’s Travels in Southern Africa”. *Annual Review*, 3: 26-7, 1805.

(59) “. . . it implies fixed dwellings, and habits of domestication and agriculture, the first rudiments of civilization. . .” (id., “Skinner’s Present State of Peru”. *Annual Review*, 4: 58, 1806.

(60) Id., “Mackenzie’s Travels in Brazil” (1817), 326 e 369: “. . . Gardening is one of the most humanizing of the arts. . .”.

Eram esses os pressupostos de que partia ao analisar a atuação dos jesuítas, no sentido de mobilizar e sedentarizar os guaranis numa república teocrática, em oposição ao nomadismo e à selvageria desenfreada dos guaicurus e abipões⁽⁶¹⁾. O mesmo fenômeno se reproduzia na luta dos missionários moravios do sul da África: ali, os hotentotes, pacíficos e sedentários, estavam sempre em defesa contra as incursões dos cafres, guerreiros nômades. A escravidão dos selvagens e os intuitos comerciais dos europeus eram sempre obstáculos à obra civilizadora: em contraposição aos colonos do Paraguai, lembrava as plantações de mate dos "boers" da África do Sul⁽⁶²⁾.

Para Southey, o trabalho tinha o sentido de uma disciplina cristã. Coleridge atribuía a degeneração dos polinésios à abundância com que a natureza lhes fornecia o que comer, pois a fruta-pão tornava desnecessário o suor de cada dia. É a idéia implícita em suas críticas às imagens do paraíso natural, pagão. Os selvagens das ilhas Feroé, escreveria Southey, vivendo em clima áspero e pouco propício, sobreviviam a duras penas com a pesca e a caça. Eram, por isso, inofensivos e bons; entretanto, nas regiões mais férteis da Polinésia e das Antilhas, onde a terra dava de si espontaneamente e os selvagens não tinham outra ocupação senão o divertimento, constataavam-se as piores atrocidades e vícios, que atentavam contra a natureza humana⁽⁶³⁾. Outro fator de degeneração moral surgia entre os próprios colonos nas sociedades de fronteira e desbravamento, onde predominavam o preconceito contra o trabalho manual e a dependência total do trabalho escravo: em plena pujança dos trópicos, porque não trabalhavam, chegavam os colonos a morrer de fome...⁽⁶⁴⁾

O Império britânico não teria lugar para repúblicas utópicas, como a dos jesuítas no Canadá ou no Paraguai. Para Southey, a obra missionária não teria um alcance estritamente religioso. Chegava a criticar a religiosidade fanática dos moravios e o exagero de dedicação e sacrifício, pois acarretavam certa ineficiência. Preferiam os ermos mais difíceis e perigosos; preocupavam-se antes em penitenciar-se do que em converter... Já os missionários da sociedade de Londres e os missionários evangelistas tinham em mente, sobretudo, o sucesso prático de seus empreendimentos.

A obra missionária não estaria dissociada da expansão colonial; deveriam as associações missionárias promover por conta

(61) Id., *History of Brazil*, vol. 3, pp. 380 e 440.

(62) Id., "Barrow's Travels in Southern Africa", *Annual Review*, 3: 23, 1805.

(63) Id., "Landt's Description of the Feroe Islands", *QR*, 4 (8): 333, nov. 1810.

(64) Warter, J. W. org., op. cit., vol. 1, p. 168.

própria a imigração de colonos ingleses para a Polinésia, a fim de servir de baluarte e apoio para seu trabalho, fomentando a civilização e tornando-os independentes dos selvagens, de quem dependiam para sua alimentação⁽⁶⁵⁾.

Não deixava de ver no comércio um fator importante para a civilização e para a integração de novos cidadãos, que sempre seriam, em última análise, futuros consumidores de produtos ingleses; como Livingstone, via no comércio uma atividade auxiliadora dos missionários. Por isso criticava o isolamento em que os jesuítas deixavam os guaranis, sem educá-los “como poderiam e deveriam ter feito nas necessidades artificiais, que são os incentivos sadios e necessários do trabalho; não bastavam apenas os princípios morais e religiosos que constituíam o cerne da sociedade”⁽⁶⁶⁾.

No Nordeste do Brasil, via os mascates vendedores de produtos ingleses como “missionários da civilização”; aconselhava a difusão das hortas e dos jardins entre os sertanejos do Nordeste. A vaidade e a atração por novas modas estimulavam o progresso da civilização ocidental entre povos atrasados. Sentir-se-ia fascinado pela república dos jesuítas, mas não chegaria a tomá-los como modelos de colonização.

Southey divergia radicalmente do ponto de vista das associações missionárias sobre a presença de colonos europeus junto aos povos que catequizavam. Em revide ao temor manifestado pelos metodistas do Pacífico, de que a colonização, com o tempo, “. . . viesse a destruir a liberdade, a vida e a propriedade dos nativos”, aconselhava que fomentassem uma emigração regular⁽⁶⁷⁾. Os acontecimentos posteriores da Nova Zelândia viriam abalizar os receios dos missionários e suas tentativas de resguardar os selvagens dos males dos contatos com europeus.

Profundamente convicto da superioridade da civilização inglesa, Southey interessava-se pela eficiência do método de aculturação dos missionários; endossava a sua atuação, que seria, den-

(65) Southey, Robert. “Transactions of the Missionary Society”. *Annual Review*, 3: 623, 1805.

(66) “The missionary emphasis on civilization and commerce as agents for the regeneration of Africa was more than a discussion of the mechanisms of social change. It reflected also the personal needs and dispositions of missionaries. Hence the establishment of the African Lakes Corporation to supply the Scottish missions in the Lake Nyasa area. Livingstone’s thesis that no permanent elevation of the Makololo was possible without commerce, was related to his belief that a mission station could not exist without access to reasonably priced western commodities unless the missionaries should descend to the level of the Makololo. . . .” (Cairns, H. Allan C. *Prelude to Imperialism*, p. 70).

(67) Southey, Robert. “Transactions of the Missionary Society in the South Sea Islands”, 55.

tre todas, a forma mais extremada de imperialismo cultural; a difusão do cristianismo, em seu absolutismo moral, visava a extinção das culturas locais, enquanto aventureiros e companhias comerciais, em seu afã explorador, queriam apenas colher todas as vantagens, sendo indiferentes às superstições e aos costumes nativos. O fracasso dos empreendimentos de colonização livre na África ocidental, o massacre dos indígenas da África do Sul e da Nova Zelândia, acarretariam dúvidas sobre a eficiência civilizadora dos missionários; mas isso sobretudo depois de 1830, quando Southey já não tinha muito o que dizer.

VII — EXTINÇÃO DO TRÁFICO E DA ESCRAVIDÃO

Com relação à extinção do tráfico de escravos, Southey definiu cedo sua posição. Em 1797, ainda jovem e mal restabelecido da frustração com a Revolução francesa, recolhia-se como poeta ao seu mundo íntimo. Ainda acreditava no poder da razão e na perfectibilidade dos homens, e fazia dezenas de projetos de caridade: fundar asilos para os pobres, promover uma campanha feminista e reformar prisões⁽¹⁾. Não concebia mais uma revolução política ou institucional: ela teria de partir do interior dos indivíduos, sendo missão do poeta conscientizar os homens, chamando atenção para seus vícios e males sociais. Pretendia dedicar-se a uma “revolução moral”; seria uma luta grandiosa e pacífica, nem por isso menos heróica e decisiva. Teria que ver com a regeneração da natureza humana e estava certo — como, aliás, todos os reformadores de índole moralista e reacionária — de que de nada adiantavam movimentos políticos e mudanças institucionais, sem primeiro revolucionar a mente e os sentimentos dos homens como indivíduos, a serem dotados de uma nova natureza. Era a missão que os “lakistas” arrogavam para si. Num sentido mais amplo, os românticos da geração seguinte, como Shelley, Keats e Byron, também estariam imbuídos do mesmo idealismo moral e da mesma tendência de consciência social.

Embora se recusasse a endossar teorias de inferioridade racial, Southey assimilara o preconceito peculiar à mentalidade escravocrata, de que somente os negros eram capazes de resistir ao calor dos trópicos e aptos ao trabalho físico nos climas quentes⁽²⁾. Tivera impressão horrível dos numerosos negros que avistara em Lisboa como mendigos nas ruas:

(1) Carta para John May. *L&C*, vol. 1, p. 318.

(2) Southey, Robert. “On Thomas Southey’s Chronological History of the West Indies”, *QR*, 38 (76): 239, 1828.

...têm uma aparência estranha, com cabelos e barbas grisalhas; os que são leprosos, têm as fisionomias mais horrorosas que se pode imaginar. As mulheres velhas nada usam sobre a cabeça, com o cabelo eriçado e os traços largos, parecem às vezes tão pavorosamente feias, que não me admiro da freqüência com que aparecem nos contos romanescos...⁽³⁾

Parecia endossar chavões correntes sobre o mau cheiro, as doenças, a pestilência, a sensualidade, a depravação dos negros.

Vimos como fazia a pior das idéias da África, referindo-se às incessantes guerras internas, com que se perseguiram e se escravizavam entre si, e aos “cortiços de negros que passam como cidades na África...”⁽⁴⁾ Intrigava-o o estado da sociedade na África, tal como era relatado pelos viajantes, que se referiam a cidades, cortes, palácios e reis:

...realmente parece tratar-se de reis, para todos os fins aparentes. Entretanto, quando imaginamos um desses reis “Tom”, com o casaco surrado de algum capitão da marinha inglesa, um par de calças vermelhas de rua Monmouth, uma peruca de amarrar, brincando com seus botões de latão ou com um chochalho, a gente se pergunta, com os diabos, como que chegaram a certas formas de governo. A mim me parecem uma raça degenerada, como se tivessem um dia sido civilizados e tivessem depois sucumbido pela senilidade a uma segunda infância da sociedade...⁽⁵⁾

Restava a esperança de que a educação os regenerasse e que a mestiçagem lhes inculcasse a mente européia por baixo das feições africanas. O sonho de Southey era a abolição do tráfico e da escravidão e em seguida a proliferação de igrejas anglicanas, de modo que com o tempo surgissem na África governos representativos negros, parlamentares, à imagem da Inglaterra.

O problema da escravidão negra era a preocupação fundamental do humanitarismo filantrópico inglês, constituindo o principal tópico de discussão na Inglaterra desde a Revolução francesa, a propósito do qual se polarizavam as convicções, os interesses e a fé humanitária na regeneração. Era o que mantinha vivo o interesse por assuntos coloniais, em geral desprestigiados,

(3) *L&C*, vol. 2, p. 69.

(4) “John Ledyard’s Life and Travels”, *QR*, 38 (75): 112, jul. 1828.

(5) Carta para John King, de 28 de setembro de 1803. *Selections*, vol. 1, p. 238.

desde a guerra de independência dos Estados Unidos. A partir do prisma humanitário é que se definiria o conceito da colonização como empreendimento de regeneração moral e cultural.

Southey acompanhou de perto o movimento político pela extinção do tráfico, participando ativamente da campanha desde 1797. Preocupado com a justiça social, ex-pastissocrata, que pretendia emigrar para a América e fundar uma comunidade modelo, com base no princípio da generalização da propriedade e no igualitarismo do trabalho⁽⁶⁾, revoltava-o a escravidão comercial e o tráfico de seres humanos. Jovem idealista e necessariamente desajustado, de início, pensara em emigrar para os Estados Unidos. Recusou-se porém a ir para Kentucky, pois não concebia sequer a possibilidade de continuar vivendo na Inglaterra, onde homens como Pitt toleravam a escravidão: "Meus ossos não apodrecerão num solo que alimenta escravos..."⁽⁷⁾ Em junho de 1797, participava da campanha de limitação de consumo do açúcar. "Em cada libra de açúcar havia duas onças de carne humana..."⁽⁸⁾ Sempre fiel à convicção de que as revoluções deveriam partir de indivíduos e não de instituições, empenhara-se pessoalmente em converter cerca de cinquenta pessoas a absterem-se de açúcar como protesto contra o tráfico e a escravidão. Desapontava-o a inércia e a indiferença das pessoas. Todos reconheciam o tráfico como um mal. Poucos queriam assumir a responsabilidade de uma atitude clara. Em 1801, conhecera pessoalmente Thomas Clarkson, um dos principais líderes da campanha, "que arruinara a própria saúde" dedicando-se de corpo e alma ao movimento. Para Southey, seria ele, juntamente com Owen e Bell, os maiores benfeitores da humanidade em seu tempo⁽⁹⁾.

O convívio com Clarkson estimularia a admiração de Southey pelos "quakers"⁽¹⁰⁾, contribuindo para definir a sua fé de reformador moralista e o empenho na regeneração de males sociais. Seria em função do tráfico que definiria suas opiniões e adesões políticas. Em 1801, escrevia carta cheia de entusiasmo para um amigo de infância, que era sobrinho de Grenville, comunicando-lhe que, em conversa com Clarkson, este confirmara o grande apoio moral que recebera de Grenville⁽¹¹⁾, que levava a peito a causa

(6) *NL*, vol. 1, p. 90.

(7) Carta para Thomas Southey, de 9 de julho de 1797. *Selections*, vol. 1, p. 37.

(8) Williams, Eric. *Capitalism and Slavery*. p. 183.

(9) *Colloquies*, vol. 1, pp. 132-3; carta para John King, de 18 de setembro de 1803. *Selections*, vol. 1, p. 245.

(10) Carnall, G. *Robert Southey and his Age*. pp. 74 ss; id., "Southey's Later Religious Opinions". *Philological Quarterly*, 31: 399, out. 1952; id., "Robert Southey and Quakerism". *Friends' Quarterly*, 1955.

(11) *NL*, vol. 1, p. 254.

do tráfico. Em contrapartida acusava Pitt de nunca ter dado importância ao movimento⁽¹²⁾.

Em 1806, Southey dava pleno apoio à campanha para a mudança do ministério. Esperava que Castlereagh levasse realmente a cabo a extinção do tráfico⁽¹³⁾. Em 1807, atribuía a queda do ministério justamente à luta por esta extinção⁽¹⁴⁾. Indignou-se com a interferência pessoal do futuro Jorge IV, que estaria mancomunado com os proprietários das Antilhas. Estudos recentes parecem confirmar o acerto das observações políticas de Southey⁽¹⁵⁾.

Em 1803 e 1804 acompanharia a campanha mais de perto. Quando o irmão Thomas foi enviado para as Antilhas, procurou encorajá-lo a enviar por escrito informações que pudessem interessar os debates no parlamento. Aconselhava-o a estudar com cuidado a condição de vida dos escravos, pois qualquer dado poderia ajudar a questão da abolição a ser em breve debatida no parlamento⁽¹⁶⁾. Em seus artigos para a *Annual Review*, não perdia oportunidade de se referir ao assunto. Em 1803, lembrava a necessidade de nomear missionários protestantes para as colônias escravocratas e cuidar da religião dos escravos nas Antilhas⁽¹⁷⁾. Aproveitando dados fornecidos pelo irmão, escrevia outra longa resenha sobre um viajante inglês nas Antilhas, em que lamentava de início a tolerância do autor para com a instituição da escravidão e condenava a resistência dos fazendeiros a um projeto de lei que tornava crime o assassinato de um escravo⁽¹⁸⁾. Aproveitava a oportunidade para descrever a crueldade e degeneração moral dos "creolos". Nesse mesmo ano escrevia outra resenha sobre um panfleto escravista, *No Slaves, no sugar* (1804), em que traçava um ligeiro histórico da escravidão, e transcrevia um novo poema de Coleridge. O argumento principal,

(12) "... and if you loved the memory of Pitt as little as I do, it would give you pleasure to perceive it now placed beyond doubt, that he cared nothing about the abolition, while Lord Grenville had the business at heart, and at heart he will have it to his comfort on his death bed" (carta para Charles Wynn, de 27 de março de 1807. *NL*, vol. 1, p. 442. Cf. Porter, Dale H. *The Abolition of the Slave Trade in England*, pp. 105-7).

(13) Carta de maio de 1806. *Selections*, vol. 1, p. 382; *NL*, vol. 1, p. 442.

(14) *L&C*, vol. 3, pp. 68 e 73.

(15) Cf. acerto de opiniões de Southey: Merrill, Louis Taylor. "The English Campaign for Abolition of the Slave Trade". *The Journal of Negro History*, 30: 397, out. 1945, sobre a oposição na Câmara dos Lords liderada em 1807, pelo futuro George IV, Duque de Clarence; Porter, Dale H., op. cit., p. 134 n.

(16) Carta a Thomas Southey, de 22 de agosto de 1805. *L&C*, vol. 2, p. 344.

(17) Southey, Robert. "Transactions of the Missionary Society". *Annual Review*, 2: 201, 1804; "indispensable as religion is to the well-being of every society, its salutary influences are specially required in countries where the system of slavery is established" (id., *Life of Wesley*, pp. 496-7).

(18) Id., "M'Kinner's West Indies". *Annual Review*, 3: 50 ss, 1805.

de que sempre lançava mão era a ameaça de insurreições e de guerra civil, da vingança e desforra dos escravos contra os senhores. Já os escravos romanos e, em seus dias, os de São Domingos tinham demonstrado cabalmente aquilo de que eram capazes⁽¹⁹⁾. Em 1805, em artigo sobre o Peru lembrava aos ingleses que não tinham o direito de criticar os crimes cometidos pelos espanhóis contra os incas, enquanto não tivessem acabado com o tráfico de escravos⁽²⁰⁾. Em 1807, comparava Las Casas a Clarkson...⁽²¹⁾

Neste mesmo ano escrevia mais dois artigos sobre a questão do tráfico. O primeiro, a propósito de Thomas Clarkson⁽²²⁾ e o segundo, sobre o relatório da colonização agrária, de mão-de-obra livre, empreendida pelos humanitaristas filantropos na costa ocidental da África, que implicava na substituição do tráfico de escravos pelo comércio livre no continente africano⁽²³⁾.

A campanha contra o tráfico era um meio cômodo de evitar o assunto da miséria e da questão social interna. Carlyle acusaria formalmente os humanitaristas de atentarem exclusivamente para o sofrimento dos africanos, mantendo-se indiferentes à miséria dos artesãos ingleses⁽²⁴⁾. Southey não incorreria neste erro. Para ele parecia óbvio que a situação dos escravos nas colônias assemelhava-se muito, quanto aos sofrimentos humanos, à dos trabalhadores nas fábricas inglesas. Talvez ainda fosse pior a situação dos últimos, que sentia de certa forma mais "humanos" do que os escravos negros...⁽²⁵⁾ Para Southey, a indústria sempre seria um fenômeno pior do que o tráfico, "pior mesmo do que o tribunal da inquisição ibérica"⁽²⁶⁾. Em 1833, ao ler os relatórios coligidos por Michael Sadler sobre o trabalho infantil, sentir-se-ia prostrado: apesar de ter militado havia mais de vinte e cinco anos contra as atrocidades do trabalho nas fábricas, teria a impressão de que nunca realizara o seu verdadeiro alcance. "O tráfico de escravos é uma caridade comparado a isto: uma plantação na Jamaica, comparada a uma fábrica inglesa, é um paraíso..."⁽²⁷⁾

(19) Id., "No Slaves, no Sugar". *Annual Review*, 3: 646, 1805.

(20) Id., "Skinner's Present State of Peru". *Annual Review*, 4: 53, 1806.

(21) "...as zealous, as active, as sincere, as intrepid, but less consistent and less successful" ("On F. Deppon's Travels in South America", *Annual Review*, 6: 76, 1808).

(22) "Thomas Clarkson's History of the Abolition of the African Slave Trade". *Annual Review*, 7: 127, 1809; identificado por Kenneth Curry (*NL*, vol. 1, p. 506).

(23) "Report of the African Institution". *Annual Review*, 7: 149, 1809; Curtin, F. D. *The Image of Africa*.

(24) Carlyle, Thomas. "The Nigger question". *Essays*, vol. 2, p. 303.

(25) Carta para Caroline Bowles. *Correspondence with Caroline Bowles*. p. 266.

(26) Ibid.

(27) Carta para seu genro, J. W. Warter, de 23 de janeiro de 1833. *NL*, vol. 2, p.

Em 1807, não se satisfaria com a extinção do tráfico, esperando o dia da abolição definitiva da escravidão como instituição. Empenhou-se no decreto obrigando os fazendeiros a registrarem seus escravos.

A sua atitude durante a campanha abolicionista refletiria o crescente conservadorismo do reformismo humanitário. De índole essencialmente individualista, a mentalidade do reformismo humanitário acrescentava à influência “quaker” os princípios progressistas do racionalismo ilustrado. Refletiria, em linhas gerais, os chavões da época. Como poeta, Southey militarizava através do sentimentalismo, querendo fazer sentir a injustiça no trato dos africanos, ressaltar-lhes as qualidades humanas, explorar sentimentos de apego à família. Em seus poemas, queria humanizar o africano para que fosse aceito como um ser igual ao europeu.

Go widow, to thy grave, and rest thee there,
But may God of Justice bid the wind,
Whelm that cursed bark beneath the mountain wave
And bless with liberty and death the slave!...⁽²⁸⁾

Queria despertar piedade para o “sable brother”, esgotado sob as chibatadas do feitor⁽²⁹⁾, e também pelo escravo separado da mulher⁽³⁰⁾. Uma de suas baladas tem como tema a história de um marinheiro perseguido pelo sentimento de culpa por ter matado uma escrava⁽³¹⁾. Seus poemas exprimem, como aliás todos os poemas da campanha humanitarista, um acentuado igualitarismo cristão, ou seja, a idéia dos homens negros, de almas puras como os brancos:

Beyond the grave
There is another world! — bear ye in mind,
Ere your decree proclaim to all mankind
The gain is worth the guilt, that there the slave,
Before the Eternal, thunder tongued shall plead
Against the deep damnation of your deed...⁽³²⁾

Os comerciantes de Liverpool e os fazendeiros das Antilhas seriam na época personagens simbólicos do espírito capitalista dos

(28) Southey, Robert. “Poems Concerning the Slave Trade”. *Poetical Works*. vol. 3, soneto II, p. 56.

(29) Id., *Poetical Works*. vol. 3, soneto III, p. 56.

(30) Id., *Poetical Works*. vol. 3, soneto IV, p. 57.

(31) Id., *Poetical Works*. vol. 3, p. 61.

(32) Id., *Poetical Works*. vol. 3, soneto IV, p. 58.

ingleses, contra o qual os românticos se insurgiriam⁽³³⁾. O humanitarismo aparece na realidade, já naquela época, como uma linha de pensamento profunda e enigmática, surgida do “jusnaturalismo” do século XVIII, mas de difícil aplicação prática no mundo moderno. Os direitos naturais e o princípio da igualdade dos homens tornariam o escravo, teoricamente, um ser humano igual aos outros. O humanitarismo era na verdade menos um programa de ação do que um estado de espírito subjetivo, uma necessidade interior peculiar a uma fase de mudança e de reação conservadora. A longo prazo, não teria nenhuma conotação revolucionária de libertação, contribuindo, muito pelo contrário, para a consolidação da política colonial inglesa⁽³⁴⁾, e até mesmo da própria escravidão, que por ele seria humanizada, tornando-se mais suportável tanto para os negros como para os senhores. . .

A posição de Southey, erudito de Keswick, é curiosamente sugestiva dessa natureza a longo termo ambígua do humanitarismo filantrópico. Em 1795, ainda jacobino arrebatado, Southey sentir-se-ia empolgado com a figura de Toussaint L'Ouverture: “Quanto a mim, regozijo-me de coração com o que acontece, e tenho muitas esperanças no futuro. Em meus ‘cálculos humanitários’, as gargantas dos fazendeiros não contam muito, especialmente se são crioulos ou escoceses” . . .⁽³⁵⁾ Southey queria despertar o impulso de revolta e o espírito de desforra. Era, nesse sentido, bem mais extremado do que os propagandistas do século XVIII, que se limitavam a lembrar o princípio igualitário ou, como Herder, que se empenhou em demonstrar que o negro não era macaco. . .⁽³⁶⁾ Southey, em seu poema *To the Genius of Africa*, vai ao âmago da questão: é sugestivo o título escolhido, pois corria na época a asserção de que os negros não possuíam “genius”, sendo seres puramente sensuais. Era esta uma teoria enraizada no século XVIII através das obras de David Hume e amplamente divulgada na literatura escravocrata, por exemplo na *História da Jamaica*, de Edward Long (1774). Southey, em seus poemas da fase jacobina, dedicou-se a incitar os negros à revolta: “Genius, avenge thy children's wrong! . . . Avenging power, awake! arise! . . .”⁽³⁷⁾

Em 1794, dedicava um soneto à revolta de São Domingos:

(33) “I hate the planters and the creoles, and have no love for the sugar and rum merchants . . .” (*Selections*, vol. 1, p. 319).

(34) Jordan, Winthrop. *White over Black*. p. 365. Curtin, F. D., op. cit., pp. 290 ss.

(35) Carta a John Rickman, 8 de fevereiro de 1804. *NL*, vol. 1, p. 352.

(36) Jordan, Winthrop, op. cit., p. 230.

(37) Southey, Robert. *Poetical Works*. vol. 3, p. 59.

Did then the negro rear at last the sword (sic)
 Of vengeance? Did he plunge its thirsty blade
 In the hard heart of his inhuman lord?
 Oh, who shall blame him? in the midnight shade
 There came on him the intolerable thought
 Of every past delight; his native grove,
 Friendship's best joys, and liberty and love,
 Forever lost. Such recollections wrought
 His brain to madness. Wherefore should he live
 Longer with abject patience to endure
 His wrongs and wretchedness, when hope can give
 No consolation, time can bring no cure?
 But justice for himself he yet could take,
 And life is then well given for vengeance's sake...⁽³⁸⁾

Em 1803, não admitia a idéia de qualquer intervenção inglesa contra os negros do Haiti.

Deus proíba que jamais a mão inglesa se levante contra os negros desta ilha. Pobres coitados, eu os encaro como o furacão e a peste, como instrumento cego da justiça divina e da justa desforra. Estou seguro de que há de definhar a mão que se erguer contra eles!⁽³⁹⁾

Em 1803, os ingleses enviaram uma expedição contra São Domingos, mas era dirigida apenas contra os franceses e tinha somente a intenção de saquear as costas⁽⁴⁰⁾.

A República do Haiti teria um papel fundamental na evolução da ideologia da escravidão, do abolicionismo e da própria contra-revolução. Teria um valor simbólico, atuaria como um mito, tornando-se um marco no pensamento político da época: pela primeira vez, insurgiam-se os negros contra os brancos, aos quais massacravam e expulsavam da colônia, erigindo, como vencedores, uma república independente. Para a mentalidade da contra-revolução, passaria a simbolizar o cúmulo do radicalismo revolucionário, por somar aos princípios jacobinos o espírito "demoníaco" de rebelião e da violência. Por isso mesmo, não é de admirar que, em 1804, Southey já se referisse, embora em tom de brincadeira, "ao enorme bem que poderia fazer um missionário

(38) Id., *Poetical Works*. vol. 3, p. 57.

(39) Carta para Thomas Southey, 31 de dezembro de 1803. *L&C*, vol. 2, p. 247.

(40) *L&C*, vol. 2, p. 247.

rio, em São Domingos. . .”(41) Em 1812, suas opiniões já tinham evoluído bastante; estava conformado com a conquista espanhola e reclamava com urgência a fundação de escolas e a organização de sociedades missionárias: era preciso civilizar os negros a fim de evitar outras insurreições e, sobretudo, a constituição de outros Estados independentes, do tipo dos argelinos ou piratas berberes. . .(42) Humanitarista convicto, Southey apelaria sempre para o poder persuasivo da religião, como antídoto para a infiltração do jacobinismo e da revolta no meio dos escravos.

Depois de 1803, não hesitaria em usar em seus artigos a revolta de São Domingos como argumento (dos mais eficientes) favorável à extinção do tráfico; na verdade, também influiria na abolição da escravidão nas Antilhas (1833) na medida em que incutiria nos proprietários graves reservas contra a importação de negros das ilhas vizinhas, recém-conquistadas e possivelmente infestadas pela ideologia revolucionária(43).

A revolta de São Domingos, entretanto, contribuiria sensivelmente para moderar as tendências abolicionistas de Southey. O mito em que se transformou produziria o mesmo profundo impacto nos Estados Unidos e em todas as sociedades contemporâneas escravocratas. Southey passaria a preocupar-se sobretudo com a viabilidade da regeneração e da integração dos negros através da conversão e da educação. Tanto assim que exprimia maior admiração por homens como Philip Beaver ou por James Stephen do que por líderes propriamente militantes do movimento abolicionista, como William Brougham. Em 1806, escrevia um artigo de apoio à política de James Stephen, fundador de colônias agrárias de trabalho livre na África ocidental. Por outro lado, aconselhava o governo a reconhecer Dessalines e a entabular relações comerciais com o Haiti. Seria o melhor modo de contribuir para a civilização e o progresso da nova república negra, impedindo-a de tornar-se uma nação de piratas, como as muitas que proliferavam nas ilhas dos Mares do Sul, onde “cada degredado tem oportunidade de virar primeiro-ministro”. Poucas vezes Southey foi arrebatado por entusiasmo igual ao que lhe inspirou a figura de Philip Beaver, organizador da colônia em Bulama. Somente em 1816, quando conheceu Robert Owen e visitou sua comunidade “socialista” de Nova Lanark, sentiria o mesmo entusiasmo. A questão do tráfico e as tentativas de colonização em

(41) Carta para S. T. Coleridge, 19 de fevereiro 1804. *L&C*, vol. 2, pp. 264-5.

(42) Carta para o tio Rev. Hill, de 2 de novembro de 1812. *Selections*, vol. 2, p. 295.

(43) *Ibid.* Cf. Porter, Dale H., op. cit.; Williams, Eric. *Capitalism and Slavery*.

Serra Leoa e Bulama o levariam a interessar-se pelas culturas africanas, a coligir dados de manuscritos e fontes portuguesas, destinados a auxiliar o movimento missionário e colonizador. Mais do que a simples libertação ou a extinção do tráfico, interessava-o o destino do africano livre. "Você já leu as 'memoranda' africanas do capitão Beaver? Não me lembro de jamais ter lido um trabalho que me despertasse tamanha admiração pelo autor" — escrevia, em outubro de 1808, procurando chamar a atenção do seu amigo Wynn, sobrinho de Grenville⁽⁴⁴⁾. Na resenha que escreveu para a *Annual Review* daria largas à sua plena identificação. "Eu iria até o fim do mundo para ter a satisfação de cumprimentá-lo pessoalmente..."⁽⁴⁵⁾

Com exceção dos anos de exaltação jacobina, o interesse de Southey pela sorte dos africanos seria essencialmente conservador e paternalista, nada libertário ou revolucionário. Era o interesse do educador. Sofrera profunda influência dos princípios moralistas dos "quakers" com relação à escravidão. Como eles, também ignorava reivindicações seculares de direitos naturais. Os "quakers" seriam os pioneiros do abolicionismo e os primeiros fundadores de escolas de negros nos Estados Unidos⁽⁴⁶⁾; Southey leria Cotton Mathers com prazer enorme. Preocupava-se mais com a integração do negro, sua conversão e educação na cultura cristã e anglo-saxônica do que com a simples emancipação. Partilhava a preocupação dos "quakers", que era aliás comum a todas as seitas do renascimento religioso de fins do século XVIII, com a regeneração moral, independente de dogmas e de instituições, e que tinham os negros e selvagens em geral na conta de povos decaídos⁽⁴⁷⁾. Quanto à colonização, tratava-se de rever e de reconstruir sobre novas bases éticas o contato dos africanos com os cristãos europeus. A libertação pura e simples, de acordo com supostos direitos naturais, parecia-lhe, ao contrário, grande mal.

Em 1809, discordaria de William Taylor, homem de negócios, dissidente, de Norwich, que propunha a substituição da escravidão por um tipo de vassalagem feudal, voluntária, em que o escravo continuaria preso à terra. William Taylor também propunha a imigração sistemática e o deslocamento de africanos

(44) Carta de outubro de 1808. *NL*, vol. 1, p. 486; "Life and Services of Captain Phillip Beaver", *QR*, 41 (72): 392, 1829.

(45) Carta para John Rickman, 20 de novembro de 1808. *L&C*, vol. 3, p. 192.

(46) Apthecker, Herbert. "The Quakers and Negro Slavery". *Journal of Negro History*, 35 (3): 357, jul. 1940.

(47) Carta para John Rickman, de 23 de dezembro de 1803. *L&C*, vol. 2, p. 243.

para as Antilhas. Defendia o tráfico, porque dava oportunidade aos negros de aportarem a uma terra de liberdade, onde poderiam eventualmente civilizar-se. . . William Taylor sugeria, pois, que se abrandasse o tráfico sem suspendê-lo; estava seguro de que a vassalagem feudal eliminaria os aspectos mais desumanos e brutais do tráfico de escravos. . .

Southey mostrou-se de início escandalizado ante a ingenuidade com que o amigo defendia o tráfico, que “parecia considerar um dever humanitário”⁽⁴⁸⁾. Entretanto, ele próprio, embora com palavras diferentes, repetiria o mesmo argumento, e não negaria os eventuais benefícios que poderiam advir, para os africanos, do grande mal que os atingia. O tráfico, certamente, abria-lhes o caminho da salvação. “O que eu queria dizer é que o objetivo dos traficantes não pode ser justificado, mas os desígnios secretos de Deus o podem”. William Taylor teria razão na medida em que filosofava sobre “males que vêm para bem”⁽⁴⁹⁾.

Em 1812, voltava à mesma linha de pensamento, lembrando a oportunidade fornecida pelo tráfico para a mestiçagem, o embranquecimento e a integração do africano na civilização ocidental. Pessoalmente, mostrava-se bastante cético quanto às perspectivas que se abriam para os africanos; o fracasso das tentativas de estabelecer colônias de povoamento nas costas da África tornava-o ainda mais pessimista. Descrente com relação à viabilidade do trabalho livre nas colônias tropicais, veria vantagens no tráfico, pois propiciava a colonização das regiões tropicais, através da miscigenação⁽⁵⁰⁾. Preocupava-se em aconselhar os ingleses a promoverem casamentos mistos, a fim de civilizarem os negros da Hispaniola, procurando garantir uma política sábia para uma fase difícil de transição.

Uma vantagem advinda do tráfico é a criação de uma raça mista, em que a mente européia é impressa num corpo apropriado para o trabalho nas regiões de clima tropical, nas quais os organismos europeus são incapazes do trabalho sadio, necessário tanto para a alma como para o corpo. . .⁽⁵¹⁾

(48) Carta a John May, 16 de fevereiro de 1809. *L&C*, vol. 3, p. 221; Robberds, J. H. *Memoirs of the Life and Writings of the Late William Taylor*, vol. 1, p. 268.

(49) Taylor, William. “On Henry Bolingbroke’s *A Voyage to the Demerary*”. *Annual Review*, 7: 48 ss, 1809; carta a John May, de 18 de fevereiro de 1809. *Selections*, vol. 2, p. 130.

(50) Carta para o Rev. Hill, de 2 de novembro de 1812. *Selections*, vol. 2, p. 295.

(51) Carta a John May, de 1 de julho de 1814. *Selections*, vol. 2, p. 357.

Sem deixar de apoiar a campanha contra o tráfico, Southey iria gradativamente moderando suas idéias sobre a escravidão, o que não o impediria, em 1816, de recusar-se a escrever um artigo para a *Quarterly*, defendendo interesses de fazendeiros, que se opunham à lei de registro, destinada a garantir o cumprimento do decreto de extinção do tráfico. Ficaria indignado com o pedido do editor⁽⁵²⁾. Em 1832, quando surgiu a questão da abolição imediata, Southey ateve-se ao princípio da abolição gradativa, que até então orientava a própria sociedade abolicionista⁽⁵³⁾. Em carta para o mesmo editor, John Murray, Southey definia novamente seus pontos de vista: julgava-se imparcial, por discordar simultaneamente do partido dos fazendeiros e dos abolicionistas. Era de opinião que a abolição imediata acarretaria inevitavelmente nas Antilhas a destruição de toda a ordem estabelecida. Por isso nunca lutou abertamente pela abolição da escravidão. Deveriam os ingleses tratar de humanizá-la, tornando-a mais amena. A escravidão não era em si contrária aos direitos naturais; na história do mundo ocidental originara-se como um meio de abrandar as durezas da guerra. Além disso, Southey não via incompatibilidade entre a escravidão e o cristianismo: a degeneração dos costumes que acarretava dentro da sociedade é que era contrária às virtudes cristãs.

A escravidão dificilmente pode ser um mal, se for bem amenizada. Estou longe de acreditar que somente a abolição seja remédio para a depravação que o sistema gerou⁽⁵⁴⁾.

Por isso, julgava importante a presença de missionários nas Antilhas. Não tinham razão os proprietários ao temer a sua atuação junto aos escravos. A religião era o trunfo mais precioso de uma sociedade escravocrata, pois ajudava os escravos a conformar-se com sua sorte, consolava-os, amenizava-lhes o sofrimento, tornando-os mais pacientes e submissos⁽⁵⁵⁾. Era um estágio de transição que permitia aos africanos a conversão religiosa e a aculturação. Southey prezava sobremodo os estágios transi-

(52) "... Why you should have taken it for granted that I was in favour of the Planters I am utterly at a loss to imagine: abhorring the Slave Trade as I do, and having taken every opportunity of expressing that abhorrence..." (carta a John Murray, 24 de agosto de 1816. *NL*, vol. 2, p. 140).

(53) Davis, David Brion. "The Emergence of Immediatism in Britain and American Antislavery Thought". *Antebellum Reform*. Nova York, Harper and Row, 1967. p. 145.

(54) *Colloques*, vol. 1, pp. 66-7; carta a John Murray, 25 de agosto de 1832. *NL*, vol. 2, p. 38.

(55) Southey, Robert. "Transactions of the Missionary Society". *Annual Review*, 2: 201, 1804.

tórios de vassalagem...⁽⁵⁶⁾ Julgava os fazendeiros gente corrupta e má: "... Odeio os fazendeiros e os crioulos e não tenho nenhum sentimento por comerciantes de açúcar e rum."⁽⁵⁷⁾ Achava-os duros e irredutíveis; criticava muito o seu preconceito racial. Os fazendeiros das Antilhas e dos Estados Unidos recusavam-se a preparar o caminho para um estado melhor de coisas⁽⁵⁸⁾. Dava razão a Lord Bathurst e ao bispo de Barbados, que também se opunham à abolição imediata, prevendo a reação dos fazendeiros das Antilhas, que haveriam certamente de desforrar-se, unindo-se aos norte-americanos. Em 1816, seria contrário à abolição, por achar que não conviria à Inglaterra perder as Antilhas... Que contraste com o seu radicalismo de 1796!⁽⁵⁹⁾ Em 1832, era a favor de uma abolição gradativa a consumir-se no espaço de uma ou duas gerações; seria o tempo de preparar os escravos para a liberdade, através de decretos, que favorecessem a manumissão, costume arraigado entre espanhóis e portugueses⁽⁶⁰⁾ e por intermédio do qual se poderia facilmente consumir a libertação gradativa.

A atitude de endurecimento de Southey, com relação ao problema da escravidão, no espaço desses trinta anos, refletiria uma tendência geral do humanitarismo autoritário. Os outros "lakistas", Coleridge e Wordsworth também seriam contra a abolição imediata⁽⁶¹⁾. Em sua biografia de Wesley, onde faz um histórico do movimento metodista, Southey já vislumbrava nuances de divergência entre a sua maneira de pensar e a dos reformadores religiosos. Compartilhava da sua maneira fundamentalmente ética de encarar os problemas sociais, da sua fé no igualitarismo cristão, porém não necessariamente num igualitarismo social e político; era sobretudo, como eles, um anticalvinista convicto, pregando a igualdade de todos perante Deus, assim como o princí-

(56) Id., *History of Brazil*, vol. 3, pp. 782-4.

(57) *Selections*, vol. 1, p. 319; *Colloquies*, vol. 1, p. 74.

(58) "... an interesting introduction may be made by giving an account of the American Black settlement (Liberia) near Sierra Leone — a hopeful colony, but which never be felt as relieving America of its negroes. The feelings respecting colour in America are utterly abominable. On this point, they are in sympathy with our planters..." (carta para seu genro J. W. Warter, de 15 de agosto de 1832. *British Museum Add. Mss.*, 47888, ff 36, 37).

(59) "... The cry for immediate emancipation — unless it is checked, will certainly have the effect of making the West Indies revolt and connect themselves with the United States (carta a J. W. Warter, de 5 de agosto de 1832. *British Museum Add. Mss.*, 47888, f 36; *NL*, vol. 2, p. 381. Carta a Mrs. W. B. Rawson, de 4 de maio de 1833. apud Lewis, N. B. "The Abolitionist Movement in Sheffield (1823-33)". *Bulletin of the John Rylands Library*, 18: 387-8, 1934.

(60) Döglér, Carl. N. *Neither Black nor White (Slavery and Race Relations in Brazil and the United States*. Nova York, Macmillan, 1971. pp. 39-47.

(61) Williams, Eric., op. cit., p. 195.

pio de salvação para todos. Como Wesley, não acreditava estarem os selvagens necessariamente condenados ao fogo eterno pelo fato de não serem ingleses nem cristãos. Simpatizava com a atitude de Wesley de aberta condenação do tráfico e da escravidão. Em geral, lutavam os humanitaristas pela regeneração individual dos homens, contra “a rudeza dos camponeses, a brutalidade do povo da cidade, contra o alcoolismo, a irreverência, a indiferença geral para com a religião”⁽⁶²⁾. Endossava a crença essencialmente conservadora dos humanitaristas num princípio de “evolução” e de hierarquia metafísica e religiosa de progressão e perfectibilidade. Para Southey, a idéia de uma cadeia de seres avançando por etapas, de um átomo de matéria caótica para a “elevada condição de arcanjos”, parecia um princípio condizente com a filosofia e as leis científicas⁽⁶³⁾. Seria o princípio hierárquico e conformista da classificação de seres de Lineu, implícito nas ciências naturais, assim como no reformismo anti-revolucionário de filósofos e pensadores da ilustração. Southey o absorvera e endossava como ideólogo da contra-revolução. Entretanto criticava em Wesley e nos humanitaristas em geral o prisma individualista que os impedia de analisar a questão social ao nível do Estado e das instituições. Faltava-lhes a visão global da sociedade, pois se contentavam com a salvação do indivíduo. A Revolução francesa, que poria em perigo os fundamentos da sociedade, despertaria uma nova consciência social.

Com relação à escravidão, não esperava muito da atuação individual, se bem que aconselhasse o bom trato dos escravos pelos senhores e a manumissão: não se conformava em deixar questões de tal importância a cargo simplesmente da consciência individual. A sua oposição à abolição imediata não adviria de preconceitos liberais de respeito à propriedade particular. Tratava-se de uma questão vital da sociedade, que exigia a intervenção do Estado. A abolição, na opinião de Southey, deveria constituir um dos principais itens da política colonial do Estado. Propunha uma política abolicionista moderada e civilizadora: o apoio do Estado à obra dos missionários, a atuação direta e oficial da Igreja, abrindo escolas a fim de preparar o negro para a liberdade:

(62) Southey, Robert. *Life of Wesley*, pp. 335, 478.

(63) “...chain of beings advancing by degrees from the lowest to the highest point. — from an atom of unorganized matter, to the highest of the archangels; an opinion consonant to the philosophy of the bard and confirmed by science as far as our physiological knowledge extends...” (id., *Life of Wesley*, p. 330).

seria preciso aculturá-los antes, pois a ignorância era o pior dos males sociais⁽⁶⁴⁾ e convinha evitar insurreições.

No caso do Brasil, onde apreciava devidamente a gravidade da questão, aceitava uma transição mais lenta. Em 1814, achava que a pressão inglesa poderia acarretar a separação política da colônia e sua emancipação do velho reino⁽⁶⁵⁾. Receava insurreições, a fragmentação do país⁽⁶⁶⁾. Chegaria a propor panos quentes e a divulgar senão uma justificativa pelo menos uma atenuante da escravidão no Brasil: o bom trato dos escravos, a amenidade da instituição, o caráter paternalista, senhoril, meio feudal, de que se revestia⁽⁶⁷⁾, chegando a desculpar a instituição, onde não via outra solução a não ser o trabalho regenerador das luzes, das leis do Estado, da moral, da religião, do tempo e de quem sabe o que...⁽⁶⁸⁾

(64) Em 1830, escrevia um artigo sobre um novo testamento negro traduzido pelos "United Brethren"... ("New Testament in the Negro Tongue", *QR*, 46 (86): 553 ss, out. 1830; *NL*, vol. 2, p. 355).

(65) Carta para o Rev. Hill, de 27 de maio de 1814. *Fitz Park Museum Mss*, f 33. Cf. n 17, cap. 1.

(66) "... The Brazilians will pay the full price for their share in the slave trade if a civil war should break out in Brazil..." (carta ao Rev. Hill, de 20 de abril de 1822. *Selections*, vol. 3, p. 304).

(67) Southey, Robert. "On Koster's Travels in Brazil", *QR*, 16 (32): 375, jan. 1817; id., *History of Brazil*, vol. 3, pp. 780-2.

(68) Henry Koster referindo-se ao livro de Bryan Edwards sobre as Antilhas achava que a escravidão no Brasil era mais suave e muito amenizada (id., "On Koster's Travels in Brazil", pp. 384-5).

VIII — PORTUGAL E AS GUERRAS PENINSULARES

Portugal, dada a antiga situação de dependência com relação à Inglaterra desde 1654, se encaixaria inicialmente, da forma mais simplista possível, na visão de Southey dos interesses estratégicos do domínio britânico. Como foi visto, não há o que exagerar na arrogância de afirmação do poderio inglês a partir de 1790. Ao clima de inquietação apocalíptica gerado pelas transformações internas e pela modernização da própria sociedade inglesa viria somar-se, sobretudo depois de 1803, o estado de espírito sombrio, gerado pelo enorme e pesado esforço de guerra, ao qual se referia Walter Scott em um de seus poemas:

Long, long course of darkness, doubts and fear!
The heart-sick faintness of the hope delay'd
The waste, the woe, the bloodshed, and the tears
That track'd with terror twenty rolling years...⁽¹⁾

Daí uma concentração maior no esforço de afirmação do poder inglês. Quando esteve de passagem em Portugal em 1796 e quando ali residiu em 1800 e 1801⁽²⁾ foi sob este prisma, mais os preconceitos culturais característicos da ilustração, que Southey encarou a sociedade portuguesa. Da sua correspondência particular, dos artigos que escreveu para periódicos ingleses e do *diário* que mantinha, assomam sob mil formas o seu preconceito contra o fanatismo católico supersticioso, o clero atrasado, a monarquia absolutista decadente, a que se acrescentaria uma repugnância quase física pelo mau cheiro, pela sujeira e pelo desmazelo dos portugue-

(1) "Lord of the Isles" (1815), in *The Poetical Works of Sir Walter Scott*. Londres, Frederick Waite [s. d.]

(2) Cabral, Adolfo de Pinheiro. *Southey e Portugal. (1774-1801; aspectos de uma biografia literária)*. Lisboa, P. Fernandes, 1959.

ses⁽³⁾. Também endossaria a clássica aversão progressista do capitalismo britânico pela falta de iniciativa e de eficiência, que Southey atribuía ao seu preconceito contra o trabalho manual...⁽⁴⁾ Sob a influência dos fisiocratas e de Azeredo Coutinho, Southey atribuiria a pobreza do país ao bárbaro sistema de terras de pastoreio, exportadores de matéria-prima; a pobreza e o atraso do interior à falta de uma exploração mais sistemática da agricultura⁽⁵⁾.

Não se pode buscar maior coerência em opiniões subjetivas do indivíduo a não ser que coincidam eventualmente, com pressões e forças históricas globais, inerentes à estrutura do mundo em que vive. Sob influência de um ilustrado como Azeredo Coutinho, Southey em 1796 criticava nos portugueses aquilo mesmo que depois de 1809 lhe pareceria a própria fonte de sua força interior e da capacidade de regeneração do país, ou seja, o fato de os portugueses não terem sido capazes de se industrializar, como fizeram os Países Baixos e posteriormente os ingleses⁽⁶⁾. Tinha mil modos de explicar o atraso material de Portugal, remontando sempre às superstições católicas, aos gastos perdulários da corte, aos hábitos de violência pessoal incompatíveis com qualquer ordem social, ordem que, a seu ver, nem chegava aliás a existir em Portugal⁽⁷⁾: os assassinatos por vinganças pessoais, os crimes a descoberto, a omissão e a corrupção da justiça. Já em 1800, horrorizava-o a falta de uma ordem cívica e da autoridade do Estado: “aqui não existe governo, é a anarquia em estado puro...”⁽⁸⁾ A aristocracia com privilégios injustos, ignorante, parecia institucionalizar o estado de decadência do país⁽⁹⁾.

Em 1800, ainda não percebia o princípio orgânico, intrínseco, de uma nacionalidade a ser respeitada. Os portugueses pareciam-lhe selvagens ou semibárbaros. Referia-se aos espanhóis como a “arqui-selvagens” e repetiria o mesmo, em outras ocasiões, dos

(3) *Journals*, pp. 2, 3, 15 etc.; “Possibly the exceeding filthiness of the Spaniards and Portuguese may have arisen in some degree from the idea that washing themselves was a Mohammedan custom and unchristianlike” (carta a Charles Wynn, Lisboa, 1.º de outubro de 1800. *Journals*, p. 118).

(4) Southey, Robert. *Letters Written During a Short Residence in Spain and Portugal*. Bristol, Riggs and Cottle, 1799. p. 236.

(5) *Letters W.D.S.R.S.P.*, pp. 180 e 412; *Journals*, p. 107.

(6) “...Such is the laborious industry of some, and such the ruinous indolence of others” (referindo-se à Inglaterra e Holanda com relação a Portugal e Espanha), *Letters W.D.S.R.S.P.*, p. 447.

(7) “This is a regular government, but for all useful purposes of society a complete anarchy...” (*Journals*, p. 13).

(8) *Journals*, p. 13.

(9) Southey, Robert. “On the Political and Moral State of Portugal”, *QR*, 41 (81): 195-8, jul. 1829.

irlandeses...⁽¹⁰⁾ Em todo caso, os portugueses do interior causaram-lhe uma péssima impressão de atraso; aparentavam um grau ínfimo de civilização. Não pareciam mais civilizados do que os mouros da Costa da Berbéria, dos quais os portugueses compravam milho...⁽¹¹⁾ Dos mestiços brasileiros comentava o atraso brutal e quase animalesco em que viviam⁽¹²⁾; a correspondente preguiça e degeneração das classes dominantes da metrópole⁽¹³⁾. No Paraguai, assim como na América espanhola em geral, também constataria a mais completa degeneração dos colonos europeus.

Em 1800, quando morava em Portugal, observava com visão estreita de anglo-saxão a decadência da feitoria inglesa de Lisboa e do Porto e a relativa prosperidade dos comerciantes. "Portugal está certamente melhorando, mas muito, muito devagar..."⁽¹⁴⁾ Os portugueses que até poucos anos antes não tinham nenhuma firma comercial, começavam a impor-se; tornavam-se os donos das melhores e mais ricas empresas do país. Principiavam a tomar para si mesmos o lucro que antes deixavam para os ingleses. Até aí tudo muito bem; entretanto, acrescentava Southey, pareciam estar descobrindo as vantagens de Cintra e começavam a comprar propriedades nas imediações:

...Cintra é lugar bom demais para os portugueses. Só serve para nós godos — alemães ou ingleses...⁽¹⁵⁾

Não procurava esconder seu chauvinismo. Tudo que via de bom em Portugal, atribuía à presença inglesa. Ali, pela primeira vez, sentiria orgulho de ser inglês⁽¹⁶⁾.

(10) *Journals*, p. 57; "Like beasts and savages, the people can bear total indolence..." (*Journals*, p. 107); "A journey in Ireland has also, the great advantage of enabling us to study the savage character" (carta para S. T. Coleridge, outubro de 1801. *L&C*, vol. 2, pp. 171-2. Cf. carta de 20 de novembro de 1801. *L&C*, vol. 2, pp. 174-175).

(11) *Journals*, p. 57; carta a Robert Lovel, de 19 de fevereiro de 1796. *L&C*, vol. 1, p. 264.

(12) "... the mamalucos were a bad breed, I believe; but it was because they learnt the evil of both races, and the good of neither" (carta para John May, de 16 de novembro de 1809. *Selections*, vol. 2, p. 177; Cf. Southey, Robert. *History of Brazil*. vol. 3, p. 372).

(13) Sobre a correspondente degeneração das classes altas da metrópole (id., "On the Political and Moral State of Portugal", 195). No Brasil ressaltava aspectos peculiares e de afinação entre os quais o uso da cadeirinha: "... era uma rede pendurada em um varal, sobre a qual ia o cavaleiro reclinado, com um dos pés relaxadamente caído para o lado e a cabeça sobre uma esplêndida almofada. Um escravo assistia-o com um guarda-sol..." (id., *History of Brazil*, vol. 1, p. 678). Entre outros aspectos de decadência e degeneração também lembrariam a indolência: "They lacked energy and are usually carried in machillas, a display of effeminacy and weakness repugnant to the British..." (*History of Brazil*, vol. 1, p. 128).

(14) Carta para Thomas Southey, de 15 de junho de 1800. *L&C*, vol. 2, p. 88.

(15) *Journals*, p. 98.

(16) Southey, Robert. "J. F. Cruz's Deveres dos juízes". *Critical Review*, 3. sér., 4 (5): 484, Appendix, 1805.

No interior atrasado e sem contato com a civilização, os ingleses despertavam enorme curiosidade⁽¹⁷⁾. Seus instintos de historiador despertaram à sombra de Gibbon para a contemplação melancólica de um império decaído; achava que os portugueses podiam servir de lição para os ingleses.

A história de Portugal é um assunto estanque: envolve a educação comercial das nações modernas como a história da dinastia dos Médicis a sua educação literária. O sistema colonial e tudo o que constitui a política exterior da Grã-Bretanha é apenas um refinamento da portuguesa...⁽¹⁸⁾

Além do exotismo mourisco e do interesse pela cor local, sempre em moda no século XVIII, Southey se interessava pelo panorama de decadência de Portugal, em que projetava a sua visão da própria sociedade inglesa (com relação à qual, ainda jacobino e radical, estava em conflito). Desde meados do século XVIII, estava em moda o arquétipo do apogeu e queda dos grandes impérios⁽¹⁹⁾. Em 1800, Southey comentava a respeito de Portugal: "Nenhum país demonstrou maior grandiosidade em sua ascensão ou exibiu uma lição mais importante em sua decadência...⁽²⁰⁾ A estagnação datava da própria época do apogeu e provinha da falta de nexos moral e de consolidação do processo interno de formação da nacionalidade⁽²¹⁾.

Desde a época em que, adoentado e sentindo frustrarem-se as fontes de sua criatividade poética refugiou-se em Portugal, dedicando-se a pesquisas nos arquivos, Southey já se preocupava com a unidade do tema a ser pesquisado: Portugal parecia oferecer uma forma mais completa de desenvolvimento da nacionalidade do que a múltipla fragmentação dos principados italianos...⁽²²⁾ Na busca de um tema interessante de pesquisa, ansiava por um outro mundo que não o dos conflitos sociais da Inglaterra industrial. Em Portugal "as multidões não tomam a lei em suas próprias mãos, como na Inglaterra"⁽²³⁾. Queria fugir do clima de repressão polí-

(17) *Journals*, p. 37.

(18) Palavras aliás de William Taylor, em carta para Southey, datada de 1.º de abril de 1800. Robberds, J. W. *Memoirs of the Life and Writings of William Taylor*, vol. 1, p. 346.

(19) Gay, Peter. *The Enlightenment; an Interpretation. The Science of Freedom*. Nova York, A. Knopf, 1969. vol. 2, p. 101.

(20) Carta a Thomas Southey, de 23 de março de 1800. *Journals*, p. 68.

(21) Southey, Robert. "Tracts on the Spanish and Portuguese Inquisitions", *QR*, 6 (13): 314, dez. 1811.

(22) *Journals*, p. 65.

(23) *Journals*, p. 4.

tica da Inglaterra, sentindo-se mais seguro, como inglês, em Lisboa. A falta de justiça, os assassinatos à luz do sol, não lhe pareciam forças de desintegração social piores do que as que atuavam em seu próprio país, acrescentando com certo despreendimento:

Ora, um homem pode escapar de ser assassinado, como na Inglaterra pode sair ileso de um duelo. Na verdade, estamos mais seguros do que na Inglaterra, porque não há tanta sofisticação do mal. Em Portugal ainda não se conhecem instrumentos engenhosos para roubar casas. Não existem moedas falsas em circulação. As manufaturas nacionais não estão em condições de fabricar níqueis... (24)

Como historiador, queria estudar, em pleno processo de fermentação, os princípios de formação da nacionalidade, que se tinham estagnado. Em 1808 publicou uma tradução do *El Cid*, com um ensaio introdutório onde estudava os mouros e cristãos-novos como forças de desintegração nacional, analisando as facções internas que se tornaram obstáculo à coesão e unidade do estado moderno.

Portugal conheceu a sua época de apogeu e grandeza. Um antigo mapa persa indicava o reino como "capital dos francos"! Sob Dom Manuel I eram senhores absolutos do Oriente(25). Portugal conservara sua liberdade muito depois que a Espanha perdera a sua, porém o domínio espanhol de 1570 a 1640 viera minar as bases do poder nacional. A força de desagregação de princípios vitais desencadeara-se a partir da convocação das últimas cortes em 1698(26), quando começara o processo de decadência; para Southey, o último grande ato de iniciativa e força da nacionalidade portuguesa fora a restauração de 1640(27). Sobreveio em seguida o despotismo de uma corte corrupta e a degeneração da religião nacional, que, sob a influência da Espanha, se transformara em mero instrumento opressivo de poder, com o tribunal da Inquisição:

(24) *Journals*, p. 13.

(25) Southey, Robert. "On the Political and Moral State of Portugal", 188. "There was a proud spirit, like that of the old Romans, in the Portuguese of that age; — that which might have dismayed another nation, or cooled at least the ardour of conquest, served only to exasperate them" (id., "Travels of Ali Bey", *QR*, 15 (30): 301). Grande parte do império de Marrocos pagava tributo a D. Manuel. O grande erro dos portugueses quando perceberam que não poderiam arcar simultaneamente com a África e o Oriente teria sido, na época de D. João III, a opção pelo Oriente (id., *Travels of Ali Bey*, 301). Carta para Charles Wynn, de 3 de abril de 1801. *Journals*, p. 160.

(26) Southey, Robert. "Tracts on the Spanish and Portuguese Inquisitions", 338; carta para Charles Wynn, de 31 de outubro de 1823. *Selections*, vol. 3, pp. 407-8.

(27) Id., "J. L. R's Historical and Critical Dissertation on Theatrical Representations". *Critical Review*, 3. sér., 4: 467, Appendix, 1805.

Não existe nenhum sistema de governo político ou religioso, por mais pernicioso que seja, que não encontre adeptos; as opiniões dos indivíduos são facilmente pervertidas pelos seus preconceitos, paixões, interesses e vícios...⁽²⁸⁾

Justamente no caso da península Ibérica, em virtude dos longos anos de luta da reconquista, a religião confundira-se com o próprio princípio de formação da nacionalidade. A mitologia católica estava entranhada nas expressões de patriotismo e de honra nacional. Pouco a pouco tornava-se subserviente a "fraudes de devoção com objetivos políticos". A pompa e o concretismo exterior da religião católica tinham servido para fundamentar a independência nacional, com a expulsão dos mouros, mas posteriormente foram absorvidos pelo maquiavelismo de poder. Em Portugal, a Inquisição usufruía das superstições populares a fim de confiscar propriedades e institucionalizar a corrupção administrativa⁽²⁹⁾.

Após meio século de grande prosperidade comercial, no decorrer do século XVII Portugal se despovoara. O interior ficara em completo abandono; as estradas foram destruídas pelo tempo e pela negligência do poder público; o mato crescera nas ruas das cidades e das vilas, antigamente prósperas e cheias de gente⁽³⁰⁾. O império marítimo sufocara as forças internas da nacionalidade. Portugal ficara à margem do progresso da moderna civilização européia. Apesar dos esforços dos monarcas portugueses, na época do seu apogeu, quando chegaram a concentrar em Lisboa o mais fino viço da intelectualidade européia, suas próprias superstições religiosas tinham contribuído para estancar o seu progresso moral. Com a reforma, as musas passaram para os países do norte, para a Inglaterra ou para a França, onde um espírito católico menos fanático dava aos homens de cultura um asilo mais favorável⁽³¹⁾. Nos fins do século XVII, o casamento de Catarina de Bragança com Carlos II oferecera aos portugueses grande oportunidade para abraçarem as vantagens regeneradoras da refor-

(28) Id., "J. L. R's Historical and Critical Dissertation...", 467. Id., "Tracts on the Spanish and Portuguese Inquisitions", 314.

(29) Id., "Tracts on the Spanish and Portuguese Inquisitions", 320 e 346-7.

(30) "Even forty years of a wiser system and of prosperous commerce had not obliterated the visible marks of depopulation in the interior of that country. Roads broken up by time and neglect, not by use. Mansions falling to decay and grass growing in the streets of towns and cities which had once been flourishing and populous; these were the melancholy sights which presented themselves to the traveller, in a country abundantly blessed by nature. The government must have become bankrupt, had not treasures unexpectedly flowed in from the mines of Brazil..." (id., "Tracts on the Spanish and Portuguese Inquisitions", 355).

(31) Id., "J. L. R's Historical and Critical Dissertation...", 467.

ma protestante!⁽³²⁾ O historiador não cuidava de disfarçar o seu chauvinismo cultural. Em 1819, esperava que, com a presença inglesa, a religião católica no Brasil viesse a ser substituída por uma forma qualquer de “cristianismo”, ou seja, de um protestantismo eclético⁽³³⁾. Em 1820 ainda atribuía taxativamente o atraso do progresso nacional ao irremediável apego dos portugueses às superstições católicas.

Obcecado com a unidade intrínseca da grande obra histórica que planejava, Southey pretendia dedicar três volumes à história do reino e da África, que via como “intimamente inter-relacionadas”⁽³⁴⁾. Aqui analisaria a evolução do princípio orgânico da nacionalidade em suas raízes medievais, de valores heróicos e temas épicos; o desenvolvimento de uma religiosidade malsã, seus efeitos sobre a consolidação do Estado e da moral do povo. Daria larga a seu gosto predileto por anedotas e contos grotescos sobre as superstições católicas e os desvarios dos monges e de santos. . .

Felizmente, era um tema que fugia inteiramente aos horizontes do capitalismo moderno. Dedicaria um volume à parte à história dos mosteiros e das ordens religiosas; dois ou três para a história do grande império da Ásia, precursor do moderno Império britânico; finalmente, dedicaria um volume à *História do Brasil*. Seria a única parte, desdobrada em três volumes, que chegaria a completar. . . Pretendia ainda escrever um outro livro sobre a obra dos jesuítas no Japão⁽³⁵⁾. Tinha a história da experiência colonizadora dos ibéricos como um tema importante e de grande atualidade.

A decadência de Portugal oferecia um interesse especial para os ingleses, era um precedente premonitório para a Grã-Bretanha. . . Atribuía-a não somente à influência da religião católica, mas também à dependência em que ficaram as forças úteis do país de recursos externos, desde os tempos de Dom João V. Para Southey, o ouro do Brasil era um dos motivos da decadência do reino, pois alimentara o luxo e a ociosidade de uma corte corrupta, em contraste chocante com a miséria do resto da população⁽³⁶⁾. Na época de D. João V, o absolutismo monárquico abandonara de vez o antigo e sábio “constitucionalismo” das cortes. Divorciara-se do país, não procurando atender às necessi-

(32) Id., “Burnet’s History of his own Time”, *QR*, 29 (57): 190, abr. 1823.

(33) Id., *History of Brazil*, 1819, vol. 3, p. 878.

(34) Carta a John May, de 16 de dezembro de 1800. *Journals*, p. 146; carta para o Rev. Hill, de 29 de outubro de 1825. *Fitz Park Museum Mss*, ff 106-7; carta a Caroline Bowles. *Correspondence with Caroline Bowles*, pp. 81-3.

(35) Carta a Thomas Southey, de 12 de setembro de 1804. *L&C*, vol. 2, pp. 303-4.

(36) Carta a John May, de 16 de dezembro de 1800. *Journals*, p. 146.

dades humanas e de sobrevivência do povo. Não explorara os recursos agrários, descuidando-se inteiramente da sorte dos camponeses⁽³⁷⁾.

Desde o tratado de Methuen, a presença inglesa parecia a Southey o único germe de civilização num país decadente e bárbaro⁽³⁸⁾. Prestava tributo ao reformismo ilustrado dos espanhóis:

O historiador há de simpatizar-se com a sua fraqueza, em vez de culpá-los pelos seus erros; há de registrar o fomento das manufaturas, da ciência e da literatura, em honrosa homenagem aos méritos da família real...⁽³⁹⁾

Pombal tentara o mesmo em Portugal, mas dependera enorme esforço em setores que não atendiam às forças vitais do país, ou seja, os burocratas ilustrados, o comércio e a indústria⁽⁴⁰⁾; desdenhara completamente a sorte da agricultura e dos camponeses. Southey não criticava as medidas tomadas contra a infiltração inglesa do comércio e da indústria e elogiava o renascimento cultural, que a seu ver fora logo anulado pela Inquisição. Em fins do século XVIII, quando de sua estada em Lisboa, Southey ainda usufruiria do contato pessoal e da leitura de inúmeros manuscritos dos ilustrados portugueses. Em nada subestimava o valor de sua obra e o seu enorme esforço de sobrevivência, após a morte de Pombal, para se defenderem da perseguição dos inquisidores, que, tendo exterminado os cristãos-novos, encontravam na incipiente classe de intelectuais outras vítimas para a sua sanha de perseguição⁽⁴¹⁾. Pombal tivera grande sucesso na reforma de Coimbra e na modernização intelectual do país. Entretanto, suas medidas econômicas “ainda hoje são objeto de polêmicas”...⁽⁴²⁾ Seria difícil para Southey desvencilhar-se das opiniões e dos interesses contrariados dos seus conhecidos da feitoria de Lisboa, com os quais convivia, mantendo sempre contato com eles depois de 1801 e para o resto de sua vida, na Inglaterra...

(37) Grandes proprietários ausenteístas, tirando tudo o que podiam do país e concentrados na vida da corte; este era o quadro descrito por Southey (carta a John Rickman, 22 de agosto de 1800. *Journals*, 107); “The government had been accustomed to derive its revenue from other springs than that of national industry, which is the only unfailing one. First it had the Indian trade; when that failed, the Brazilian mines became productive; and as the fifts of gold diminished, the commerce of Brazil increased — the great reason why mining was not pursued with the same ardour being that the Brazilians were becoming more commercial and less adventurous...” (Southey, Robert. “On the Political and Moral State of Portugal” 205).

(38) Id., *History of Brazil*. vol. 3, pp. 154-5 e 551 etc.

(39) Id., “Poesias del Conde de Noroña”. *Critical Review*, 2. sér., 36: 538, Appendix, 1802.

(40) Id., “On the Political and Moral State of Portugal”, 189 ss.

(41) Id., “Tracts on the Spanish and Portuguese Inquisitions”, 355.

(42) Id., “On the Political and Moral State of Portugal”, 190.

Acima de tudo, impunha-se para Portugal a luta contra a ignorância e o atraso cultural; estes problemas, porém, nunca seriam resolvidos por uma elite cultural afrancesada. Faltara a Pombal uma visão mais profunda do alcance dessa missão de regeneração moral e cultural, que se tornava imperativa, em virtude dos males advindos do fanatismo supersticioso e do abandono em Portugal da agricultura de subsistência, que, para ele, em toda parte e sempre, constituía a verdadeira fonte de energias nacionais. Até 1808, comprazia-se em analisar o estado de decadência dos portugueses: "os feitos de um povo ignorante e supersticioso, escravizado pela Igreja"⁽⁴³⁾. Apesar da relativa prosperidade comercial dos primeiros anos do século XIX, era pessimista quanto ao futuro do reino⁽⁴⁴⁾.

Entretanto, em 1808, quando da resistência dos espanhóis das Astúrias e dos portugueses da Galícia contra as tropas de Napoleão, pareceu-lhe de repente voltar milagrosamente à tona a seiva da regeneração nacional. Esta não proviria, certamente, da aristocracia corrupta, nem dos letrados e muito menos dos comerciantes e da coroa decadente. Viria dos camponeses, que concentravam a estabilidade secular das tradições e da religião nacional, cerne e núcleo da nacionalidade, que a Revolução industrial na Inglaterra vinha desenraizando e dispersando. Em Portugal

... a estabilidade e rotina da sua condição de existência tornava a gente satisfeita com a própria sorte e fiéis às instituições nacionais. Não eram afetados pelo estado dos mercados estrangeiros, pela abertura ou fechamento de portos distantes, por pânico comerciais, por experiências legislativas levadas a efeito, segundo as teorias de homens, cuja talento especial era tornar pior o que já ia mal e nunca deixar em paz o que funcionava bem; não os atingia nenhuma dessas flutuações que acarretam tamanha miséria nestes nossos condomínios...⁽⁴⁵⁾

A guerra peninsular viria exacerbar subitamente o sentimento nacional e ao mesmo tempo evidenciar com maior nitidez o princípio de desintegração da sociedade inglesa.

Nesse sentido revestiu-se de importância especial para os ingleses a revolta heróica de espanhóis e portugueses, o surto de

(43) Id., "O soldado lusitano". *Critical Review*, 3. sér., 5: 501, Appendix.

(44) "... Sunk as the Portuguese nation now is in effeminacy and indolence, there is but little chance that its energies should be restored... governed by a succession of weak despotic and superstitious princes, neglectful alike of their own and of their country's reputations, she has gradually languished into imbecility; and that nation, once the mistress of Asia and the admiration of Europe, has sunk into the most degrading insignificance..." (id., "O soldado lusitano", 467).

(45) Id., "On the Political and Moral State of Portugal", 194.

arreatado nacionalismo que se seguiu na península à invasão das tropas francesas e à partida da família real para o Brasil. Colocou em evidência a frustração, exaltando ainda mais a reação dos intelectuais, contra os males da sociedade moderna.

... Existe nos espanhóis e portugueses um espírito de patriotismo, uma deslumbrante e ativa evocação do passado, um sentimento generoso de vergonha do presente e uma esperança viva no futuro, que me convenceram da solidez daqueles países... (escrevia Southey para um amigo, acrescentando significativamente:) é provável, Duppa, que essas nações possam ascender, enquanto nós soçobramos. Não que a Inglaterra esteja prestes a se afundar, mas o fato é que a Espanha tem mais virtude cívica... (46)

Wordsworth, Walter Scott, Walter Savage Landor e muitos outros românticos ingleses ficaram polarizados pelos acontecimentos da península Ibérica. Parecia-lhes, no seu entusiasmo, que assistiam a um fenômeno ímpar “de regeneração e redenção nacional” (47). Uma comprovação deste clamor são os inúmeros poemas editados nessa época na Inglaterra, inspirados na luta histórica dos peninsulares contra os franceses. Southey e Walter Scott escreveram sobre a resistência de Saragoça. Scott escreveu o poema *A vision of Don Roderick*, que dedicou ao duque de Wellington e ao “Comitê de subscrição para socorro das vítimas portuguesas” (48). Southey, sentindo renascer a criatividade poética, idealizou um poema narrativo: *Roderick, King of the Goths*, que publicou anos mais tarde (49); em 1811, Wordsworth publicou seus *Poems Dedicated to Nacional Independence and Liberty*, assim como o panfleto sobre a *Convenção de Cintra* (50); Walter Savage Landor, o seu poema *Count Julian*, tendo partido em 1809, como voluntário, para lutar na península.

Southey compartilhou com intensidade especial o entusiasmo do momento. Os acontecimentos ibéricos vinham dar uma estranha atualidade a seus estudos sobre a história de Portugal. Acreditava firmemente que a resistência dos guerrilheiros levaria à vitória final sobre Napoleão, mais do que a atuação dos exércitos ingleses. Um povo que lutara durante oito séculos para expulsar os mouros não haveria de desanimar agora. A luta seria bastante árdua, mas

(46) Carta a Richard Duppa, de 11 de julho de 1808. *L&C*, vol. 3, p. 155.

(47) Carta a Walter Scott, de 6 de novembro de 1808. *L&C*, vol. 3, pp. 178-9.

(48) *The Poetical Works of Sir Walter Scott*. Londres, Frederick Waine [s.d.].

(49) Em 1814; Southey, Robert. *Poetical Works*, vol. 9, p. 1.

(50) Wordsworth, William. *Poetical Works*, p. 241; *Cintra*.

acabariam vencendo sozinhos. No fundo, não precisavam do auxílio dos ingleses!⁽⁵¹⁾ Em 1810, sua fé no sucesso final dos espanhóis continuava inabalável e, a seu ver, nada se comparava em importância à guerra peninsular. Este esforço de âmbito nacional seria o caminho para grandes reformas internas, um renascer para a liberdade, a regeneração depois do atraso e dos vícios dos seus governos⁽⁵²⁾. Afinal, não se tratava de uma guerra qualquer

envolvendo apenas interesses diplomáticos das altas esferas; não era causada por uma quebra de tratado, por uma questão de fronteira ou por uma disputa de sucessão: era a luta pela independência nacional, envolvendo todos os sentimentos sagrados de amor à terra natal...⁽⁵³⁾

Conhecendo o seu passado, sabia que nenhum outro povo do mundo daria melhores soldados que os portugueses, pois apesar do atraso e do desleixo da agricultura, o caráter tradicional dos camponeses não fora atingido⁽⁵⁴⁾. Viajantes em geral julgavam da decadência de Portugal e da Espanha a partir da vivência e do conhecimento das grandes cidades comerciais e dos portos do litoral, onde a população era necessariamente corrupta. Entretanto, os que viviam na península, sabiam da força do caráter e — acrescentava Southey, num partidarismo sugestivo de sua reação (sempre ambígua) contra a moderna civilização do comércio —, no caso de Portugal, havendo “menos grandes cidades, havia por conseguinte menos corrupção entre o povo”:

O camponês mais obscuro sabia que seu país tinha sido um dia próspero e poderoso; conhecia os nomes de seus heróis e falava dos velhos tempos com o sentimento que bem prenunciava um futuro grandioso.⁽⁵⁵⁾

Antigos valores que julgava há muito extintos pareciam reviver agora em plena pujança: a honra, a lealdade, as virtudes heróicas, o respeito às tradições, a confraternização e o amor à pátria. Ao contrário do que sucedia na Inglaterra contemporânea, havia em meio à decadência de Portugal e da Espanha, em meio

(51) *Selections*, vol. 2, p. 165; carta a Miss Barker, de 24 de outubro de 1809. *Selections*, vol. 2, pp. 176-7.

(52) *Selections*, vol. 2, pp. 206 e 176.

(53) Southey, Robert. *History of the Peninsular War*. Londres, 1817. vol. 1, p. 1-2.

(54) Carta para John Rickman, de 30 de janeiro de 1801. *NL*, vol. 1, p. 241; carta a Walter Scott, de 24 de dezembro de 1810. *NL*, vol. 1, p. 551.

(55) Southey, Robert. *History of the Peninsular War*. vol. 1, p. 11.

à própria corrupção do absolutismo, uma disposição espontânea popular, um apego difuso de altivez e devoção às antigas instituições; não havia entre eles interesses em choque, não havia seitas nem facções; estavam, apesar de todo o descaso do governo, unidos em tudo que dizia respeito à sua nacionalidade; cada indivíduo zelava pela honra nacional, como se fosse a sua própria e a obediência aos seus soberanos constituía entre eles igualmente um hábito e um princípio. Por isso, apesar da corrupção das altas classes e do despotismo imprevidente e inveterado das autoridades, existiam entre eles as condições essenciais para o progresso e a regeneração moral. Que a seiva do nacionalismo ibérico pudesse ter sobrevivido graças ao fato de os camponeses conservarem intactas suas tradições, de não terem sido atingidos pela decadência geral do país, é um conceito sugestivo do pessimismo com que Southey encarava os destinos da Inglaterra industrializada.

O entusiasmo que sentiu pela luta peninsular seria experiência decisiva para a definição do seu pensamento conservador e da sua filosofia da história. Não tinha dúvidas sobre um processo de progressividade gradativa da condição humana, no plano geral da história; a guerra contra Napoleão transcendia o alcance estratégico e imediato; era uma reação contra os princípios destrutivos da sociedade, representados pela ambição material e o abandono das tradições nacionais; “era uma luta de princípios, a guerra da luz contra as trevas, dos princípios de permanência e de progresso...”⁽⁵⁶⁾ Nessa ocasião seus sentimentos anticapitalistas tornaram-se mais precisos, contribuindo para definir o ideal da comunidade nacional e o apego às tradições; a guerra peninsular fez com que aderisse formalmente aos “tories”, consumando a sua orientação política conservadora. Tornou-o mais receptivo às idéias de Burke e às tradições do passado:

Parece que renascem os dias antigos, como nós poetas e jograis os representamos; algo como o melhor do espírito cavalheiresco: antigas honras, antigas generosidades, o antigo heroísmo revivem...⁽⁵⁷⁾

William Wordsworth também evocaria o princípio de regeneração moral, nos mesmos termos de Southey. Em 1809, publicou um panfleto contra a convenção de Cintra, através da qual os

(56) Carta a Thomas Southey, de 16 de agosto de 1808. *L&C*, vol. 3, pp. 163-4.

(57) Southey, Robert. *History of the Peninsular War*. vol. 1, p. 18; carta a John Rickman, de 30 de novembro de 1813. *Selections*, vol. 1, p. 337.

ingleses tinham tratado com os franceses sobre a evacuação de Portugal, entrando em compromisso com o inimigo, sem levar em consideração a opinião da regência portuguesa e, pois, em termos indignos da honra e do valor demonstrados pelos soldados portugueses. O panfleto transcendia de muito os limites do assunto que se propunha tratar; na verdade, sintetizava os próprios fundamentos da ideologia romântica; era um protesto e uma transferência dos problemas do seu meio para as sociedades peninsulares. Em plena fase de expansão do imperialismo do comércio livre, do poderio internacional dos ingleses, trazia à baila o tema do respeito à autonomia e ao processo de desenvolvimento interno de cada nacionalidade. Contra qualquer intervenção externa pela força, opunha a autonomia do Estado-Nação⁽⁵⁸⁾.

Não obstante a identificação com a afirmação do predomínio inglês, a experiência da guerra peninsular contribuiria para despertar nos "lakistas" a consciência de um princípio de evolução orgânica, inerente a todo processo histórico de formação e desenvolvimento das nacionalidades, através do qual se definiria para os conservadores românticos o sentido político do messianismo cultural, próprio do humanitarismo filantrópico. Este teria por sua vez amplas repercussões sobre o seu modo de encarar a política externa, pois passaram a pregar o respeito das autonomias nacionais, enfatizando a missão moral e cultural dos ingleses no mundo.

Em seu panfleto, Wordsworth exaltaria, acima do objetivo imediato da evacuação de Portugal, a importância da resistência nacional como princípio moral das nações peninsulares, que seria do maior interesse dos ingleses incentivar, pois era passível de se alastrar por toda a Europa e de vir a constituir o principal instrumento da luta contra o domínio do continente pelos franceses. O melhor modo de promover a luta contra Napoleão seria respeitar "a independência, a liberdade e a honra de outras nações"⁽⁵⁹⁾.

Não era apenas pelo seu território, por suas cidades e fortalezas que os ingleses valorizavam Portugal; era sobretudo por causa do sentimento humano ali existente, dos direitos da natureza humana que ali podiam ser abertamente assegurados; tratava-se de alcançar um triunfo sobre a injustiça e a opressão, que não poderia ser escondido ou disfarçado e que penetraria com seu esplendor até o mais obscuro recanto do continente europeu. Combatemos por

(58) *Cintra*, pp. 152-3.

(59) Carta para John May, de 16 de novembro de 1809. *Selections*, vol. 2, pp. 177-8.

uma vitória do império da razão e por fortalezas da imaginação. Não se tratava, para nós, da cidade de Lisboa, e do território de Portugal: nós os valorizávamos como uma cultura nacional; mas os nossos generais confundiram as peças com as regras do jogo. . . (60)

A experiência da guerra levou-os a definir o princípio de que todo Estado-Nação teria o seu próprio processo orgânico de evoluir e que seria preciso antes de tudo respeitar as forças de desenvolvimento histórico e a autonomia de cada povo. Referindo-se à missão civilizadora dos ingleses, Southey delimitaria com ingenuidade e fé o alcance de sua atuação imperialista:

For mercy shall go forth
 To establish order, with an arm'd right hand,
 And firm authority
 With its all-present strength control the bad,
 And with its all-sufficient shield
 Protect the innocent:
 The first great duty this of lawful Power
 Which hold its delegated right from Heaven.

The first great duty this; but this not all,
 Far more than comes within the scope
 Of power, is needed here;
 More than to watch insidious discontent,
 Curb, and keep curb'd the treasonable tongue,
 And quell the madden'd multitude:
 Labour of love remain; . . .
 To weed out noxious customs rooted deep
 In a rank soil, and long left seeding there;
 Pour balm into old wounds, and bind them up;
 Remove remediable ills,
 Improve the willing heart. . . (61)

Com tudo isso, definiam-se novas perspectivas sobre o futuro de Portugal e da Espanha; mais do que as tropas inglesas, passavam os "lakistas" a exaltar as sementes internas, a capacidade de regeneração das próprias nacionalidades decadentes. Por conseguinte, a visão do processo histórico, orgânico, peculiar à autonomia na-

(60) *Cintra*, p. 142.

(61) *Colloquies*, vol. 1, pp. 298-9.

cional, parecia contrapor-se ao papel internacional assumido pela Inglaterra em sua missão de reforma e construção. Para Wordsworth, tratava-se de respeitar a existência de um povo e não da simples manipulação estratégica de exércitos⁽⁶²⁾. Como Southey, veria inicialmente na reconvocação das cortes espanholas (1811) a volta a uma forma legítima de governo. A consciência nacional encarnava-se nas cortes, que constituíam uma parte “natural”, integrante do corpo social⁽⁶³⁾. Em 1811, após longos anos de decadência, discerniam na Espanha um surto primaveril de forças naturais e o revigoração das antigas instituições. O país se unira não apenas para a luta contra o inimigo externo, mas também para realizar reformas internas, de que renasceria uma Espanha nova. “Se houver alguma via de salvação para a Europa de nossos dias, ela há de surgir na Espanha.”⁽⁶⁴⁾ Nada esperavam dos austríacos e dos russos; para Southey, com seu paroquialismo, os tempos da confederação europeia já tinham passado⁽⁶⁵⁾. Não endossava acordos com Metternich nem respeitava a Santa Aliança.

Como Wordsworth, Southey esperava a compensação dos sofrimentos da guerra sob a forma de um “nacer de novo para a liberdade, a ressurreição e a glória”⁽⁶⁶⁾. Novos mundos emergiam na península; este trabalho sadio de reconstrução seria, porém, impraticável com as antigas dinastias: “Agora passam pelo purgatório que os purificará e do qual os espanhóis sairão como ouro da fornalha. . .”⁽⁶⁷⁾

Em 1810 tornara-se ferrenho opositor de qualquer reforma política na constituição inglesa; defendia a monarquia e o executivo forte e, no entanto, entusiasmava-se com a perspectiva da formação de uma república federativa na península Ibérica. As cortes fariam reviver as tradições particularistas e os regionalismos de Portugal e da Espanha. Com isso defendia os princípios inerentes ao reformismo contra-revolucionário, aliás implícito no termo “regeneração”, que era o seu lema; ou seja, a volta às raízes, às tradições nacionais, ao passado idealizado, ao “fuero jusgo” de cada província⁽⁶⁸⁾.

Os espanhóis escolhiam um governo novo, porém com raízes em antigas tradições, profundamente arraigadas no passado na-

(62) *Cintra*, p. 51.

(63) *Cintra*, p. 124.

(64) *Selections*, vol. 2, p. 77.

(65) *Selections*, vol. 2, p. 78; Southey, Robert. *History of the Peninsular War*, vol. 1, p. 2.

(66) *Selections*, vol. 2, pp. 176-177.

(67) *Selections*, vol. 2, p. 165.

(68) *Selections*, vol. 2, p. 77.

cional. Curvavam-se ante as lições da história, em vez de seguirem esquemas novos e abstratos, arquitetados pela razão. Southey assim fundamentava o apoio a instituições republicanas, que nunca aceitaria para a própria Inglaterra. Chegava a escrever que, se os espanhóis depusessem a casa real, ele se disporia a ir lutar como voluntário, “como o mais devoto dos peregrinos parte para Compostela”⁽⁶⁹⁾. Os reis católicos exerciam um absolutismo despótico sobre o corpo e a alma dos seus súditos, de onde um processo geral de depravação que se generalizara desde os tempos de Fernando o católico e de Filipe II⁽⁷⁰⁾. Em 1810 impacientava-se contra a ignorância e a corrupção dos fidalgos portugueses (“oh, these Villainous Fidalgos! . . .”), por causa dos quais a regeneração de Portugal estava atrasada e demoraria muito com relação à da Espanha⁽⁷¹⁾. Em 1812, continuava firme na convicção de que uma revolução em Portugal seria uma sorte para o país⁽⁷²⁾. Seria preciso proceder a reformas drásticas, sempre com raízes nas próprias tradições nacionais: suprimir a Inquisição, restaurar as antigas cortes, o que, como Hipólito da Costa escrevia no *Correio Brasiliense*, equivaleria à volta a um governo livre; além disso, seria preciso criar um novo sistema judiciário e implantar o costume inglês do “habeas-corpus”⁽⁷³⁾. Em 1813, Southey se opôs à restauração dos Bourbons na Espanha⁽⁷⁴⁾.

Não seria duradouro o seu otimismo sobre o futuro de Portugal e da Espanha. Em 1813 já se desiludia com as cortes revolucionárias. Em 1814 ainda esperava mais dos portugueses do que de qualquer outro povo da Europa⁽⁷⁵⁾. Em 1820, porém, lamentou profundamente a revolução do Porto; em 1822, não tinha senão perspectivas sombrias para Portugal. Os dois príncipes — Dom Pedro, no Brasil, e Dom Miguel, no reino — pareciam igualmente inviáveis⁽⁷⁶⁾. Não acreditava numa revolução de comerciantes.

O miserável governo desse pobre país está pagando preço caro por longos anos de desgoverno; não vejo onde os poderá levar este novo poder de médicos e letrados, a não ser a um despo-

(69) *Selections*, vol. 2, p. 76; carta a Walter Savage Landor. *Selections*, vol. 2, p. 165.

(70) Carta para John Rickman, de 16 de junho de 1814. *L&C*, vol. 4, pp. 78-9.

(71) Carta ao Rev. Hill, de 10 de outubro de 1810. *Fitz Park Museum Mss*, ff 65, 66.

(72) Carta ao Rev. Hill, de 2 de novembro de 1812. *Selections*, vol. 2, pp. 295-6.

(73) Southey, Robert. “Tracts on the Spanish and Portuguese Inquisitions”, 313; *NL*, vol. 2, p. 46.

(74) Carta a Neville White, de 12 de dezembro de 1812. *Selections*, vol. 2, p. 340.

(75) Carta para Walter Savage Landor, 1809. *Selections*, vol. 2, p. 165.

(76) Carta ao Rev. Hill, de 10 de outubro de 1810. *Fitz Park Museum Mss*, ff 65-6; carta ao Rev. Hill, de 2 de novembro de 1812. *Selections*, vol. 2, p. 295.

tismo mais eficiente do que o antigo, seja qual for a denominação que lhe derem...⁽⁷⁷⁾

Já não tinha mais as esperanças da campanha peninsular. Espanha e Portugal oscilavam entre extremos opostos de despotismo monárquico e de anarquia popular. Entre os dois males, Southey preferia uma forma de despotismo ilustrado, firme e paternalista: “Quem não preferiria os dias de Tibério e de Nero à insegurança da época de Mário e Sylla?...⁽⁷⁸⁾ Para ele, as cortes portuguesas já não passavam de uma perigosa “ficção política”:

Concordo inteiramente com você que nenhum bem se pode esperar para Portugal e Espanha, a não ser através de um ministro da têmpera de Pombal que use o poder despótico a fim de preparar o povo para um futuro melhor.⁽⁷⁹⁾

Fracassavam os seus sonhos de reconstrução da antiga nacionalidade portuguesa. Descrente das cortes e de qualquer solução envolvendo a ascensão de Dom Miguel ao poder, tinha esperanças vagas num ministro qualquer, de poderes carismáticos⁽⁸⁰⁾. Em 1822, encarou a separação do Brasil como “um acontecimento favorável para o reino, que vivia numa posição desonrosa para uma ex-metrópole”⁽⁸¹⁾.

Restava esperar uma forma de sistema político paternalista, centralizado, que se voltasse para os camponeses e desenvolvesse a agricultura de subsistência.

Apesar do clima geral de ignorância do país, continuavam os camponeses apegados à terra; eram cidadãos rotineiros e leais; bastariam, para a reorganização do país, algumas reformas modernizadoras do sistema de terras e algumas medidas administrativas avultando entre elas a reforma agrária⁽⁸²⁾. Em 1823 deposi-

(77) Southey, Robert. “Tracts on the Spanish and Portuguese Inquisitions”, 313.

(78) Carta para John Rickman, de 4 de dezembro de 1814. *Selections*, vol. 2, p. 382.

(79) “... The proceedings of the Cortes are like those in Spain at their first meeting — unmethodical, precipitate, metaphysical, and mischievous, good intentions being frustrated by the ignorance and inexperience of those who put themselves forward and the task of putting such a government to rights requiring abler statesmen than could possibly grow up under it...” (carta ao Rev. Hill, de 27 de março de 1821. *Selections*, vol. 3, p. 253).

(80) Carta a Henry Southey, de 26 de abril de 1824. *Selections*, vol. 3, p. 413.

(81) Carta ao Rev. Hill, de 27 de fevereiro de 1822. *Fitz Park Museum Mss*, ff 29, 30.

(82) “... I see no end to the miseries of either country, except under a strong and vigilant despotism, itself the worst of all evils, anarchy excepted...” (carta para John Rickman, de 9 de setembro de 1822. *Selections*, vol. 3, p. 329); desde 1801, Southey se referia à urgência de reformas agrárias em Portugal: “... Agriculture

tava grande fé na influência benéfica dos ingleses no sentido da regeneração política do reino português. Seria preciso estender para as outras esferas da vida pública o que os ingleses tinham feito reorganizando o exército português. “A reforma militar realizada por Beresford era uma parcela mínima ante o vulto da obra por fazer...”⁽⁸³⁾

Entretanto, parecia infinitamente contraditória e difícil a intervenção externa num processo orgânico e autônomo de evolução nacional. O clamor causado pela guerra peninsular já deixara clara a limitação e a ambigüidade do papel dos ingleses: teriam de começar pela reforma das superstições religiosas, o que parecia tarefa por demais complexa. Na época da campanha peninsular teria sido totalmente inviável, pois alienaria de imediato a principal força de resistência dos peninsulares contra as tropas de Napoleão. Em 1809, Southey concordava inteiramente com Wordsworth, mostrando-se indignado contra a política de ocupação e de intervenção armada dos ingleses em Portugal: “Receio que sejamos a causa, assim hoje como no passado, de mais mal do que bem”⁽⁸⁴⁾. A salvação nacional teria de provir de dentro do próprio país: “The salvation of nations (under God) must come from their own right hand...”⁽⁸⁵⁾

here never can improve till the tenure be altered. It is so difficult — so almost impossible to alienate lands, that whoever purchases an estate, purchases a dozen law-suits with it. The rich merchants therefore never think of retiring and establishing their family upon the graves of poor gentility. The sale of the crownlands will have some effect in offering them clear titles. They have thought and written upon agriculture as they have written upon many things and thought of more — without the power as yet of practising...” (carta para John Rickman, de 30 de janeiro de 1801. *NL*, vol. 1, p. 241).

(83) Carta para John Rickman. *Selections*, vol. 3, p. 329.

(84) Carta para o Rev. Hill, de 13 de agosto de 1827. *Fitz Park Museum Mss.*, ff 95-6.

(85) Carta para Walter Savage Landor, de 8 de maio de 1823. *Selections*, vol. 3, p. 389.

IX — “COMMONWEALTH” E IMPÉRIO INFORMAL: AS PERSPECTIVAS DE EMANCIPAÇÃO POLÍTICA DO BRASIL

O clamor despertado pelas vicissitudes da campanha peninsular entre os setores mais conservadores da opinião pública inglesa levaria os “lakistas” a definir uma teoria da nacionalidade, como princípio de autonomia, orgânico e vivificado⁽¹⁾. Esta nova teoria política afetaria a ideologia de influência inerente ao imperialismo do comércio livre e, pois, os valores fundamentais que norteavam a visão da América do Sul, abrindo, por exemplo, seus olhos para a necessidade de fomentar o progresso nas colônias do Brasil a partir das próprias tradições nacionais. O anticapitalismo de reação contra a Revolução industrial moderaria bastante a ilusão dos benefícios que adviriam do comércio livre, mas não chegaria a pôr em questão a missão reformadora dos ingleses na América Latina e no mundo, vindo pelo contrário exaltá-la como uma via de salvação.

Também a conjuntura externa e a política de equilíbrio no continente influiria nas idéias de Southey sobre a expansão do império. Transferindo para as metrópoles ibéricas a aura romântica de novos mundos, a guerra peninsular e as novas perspectivas de tradicionalismo nacionalista dariam uma feição acentuadamente conservadora ao prisma com que encarava a emancipação das colônias espanholas e portuguesas. Southey pregava a necessidade de reconciliação das colônias com as metrópoles. Isso viria fatalmente de encontro à orientação “tory” da política oficial de Castlereagh.⁽²⁾ O valor estratégico decisivo de que se

(1) Dicey, A. V. *The Statesmanship of Wordsworth*. Oxford, Clarendon Press, 1917; Calleo, D. P. *Coleridge and the Idea of the Modern State*. V. também Droz, Jacques. *Le romantisme allemand et l'état*. Paris, 1966.

(2) Webster, Charles K. *The Foreign Policy of Castlereagh, 1815-1822 (Britain and the European Alliance)*. Londres, G. Bell and Sons, 1958; Temperley, Harold. *The Foreign Policy of Canning, 1822-1827*. pp. 103 ss.

revestiu a campanha contra Napoleão, em Portugal e na Espanha, explicaria a cautela e as sinuosidades de entendimentos diplomáticos, de que os ingleses foram obrigados a lançar mão, em seu afã de “tornar inglesa a América Latina” —, sem quebrar os laços tradicionais de filiação às metrópoles, sem ir de encontro aos princípios de legitimidade da Santa Aliança e, no caso específico de Portugal, sem quebrar antigos tratados que obrigavam os ingleses a proteger a metrópole portuguesa contra qualquer atentado de fora⁽³⁾. Southey estaria particularmente atento, em virtude de um conservadorismo entranhado, de fundo agrário, politicamente autoritário, ao processo histórico de germinação autônoma das sementes internas, nas sociedades coloniais; queria deixar correr o processo natural da história, de aclimação e de radicação nas novas terras, arriscando apenas algumas reformas tendentes a regenerar vícios internos das metrópoles e a consolidar a obra civilizadora de colonização, sem quebrar a continuidade das relações de dependência.

Contestaria radicalmente a emancipação política através de um rompimento revolucionário. Depositava todas as suas esperanças na reorganização das próprias metrópoles. Seria preciso deixar que o processo de aculturação e de integração dos selvagens e dos escravos seguisse naturalmente o seu curso, evitando qualquer ruptura de continuidade. Com relação ao futuro da América Latina, realçava, acima de tudo, a necessidade de deixar agir e de revigorar as forças naturais de coesão interna, contra as forças de dispersão e de desintegração, inerentes ao processo colonizador. A presença inglesa viria apenas auxiliar este processo autônomo de desenvolvimento e de consolidação de uma comunidade nacional.

A este propósito condenava expressamente a tentativa de conquista de Buenos Aires, em 1806, por Sir Home Popham⁽⁴⁾ Caberia à superioridade cultural da civilização anglo-saxônica um papel de mero estimulante e de apoio circunstancial. As forças de coesão internas teriam de encontrar o seu próprio caminho de evolução. Este seria o prisma adotado em sua obra sobre o Brasil.

Em 1813, Southey mostrava-se indignado contra Miranda, que via como um traidor. O entusiasmo pela resistência nacionalista dos ibéricos e seus preconceitos contra o jacobinismo revo-

(3) Webster, Charles K. *Great Britain and the Independence of Latin America*. p. 110; Kaufman, William. *British Policy and the Independence of Latin America (1804-1828)*. Archon Books, 1967. pp. 54 ss.

(4) Carta a Charles Wynn, de 27 de março de 1807, *NL*, vol. 1, p. 442.

lucionário o impediriam de solidarizar-se com a rebeldia das colônias num momento de grandes dificuldades para a Mãe-pátria⁽⁵⁾. Seria o primeiro a criticar como injusto e despótico o princípio do exclusivismo comercial. Reconhecia graves erros e mesmo crimes na atuação da metrópole com relação às suas colônias. O monopólio comercial era a seu ver o principal obstáculo contra o progresso da civilização nas colônias, pois era o recurso de que lançava mão o despotismo das coroas ibéricas a fim de manterem as suas colônias afastadas do mundo moderno, em meio às superstições e à ignorância de um catolicismo estreito. Em artigo sobre o Peru, escrito em 1804, assim como em outro sobre o Brasil, escrito em 1805, constatava o fato de a civilização na América do Sul limitar-se a uns poucos centros urbanos do litoral. Fazia referência ao atraso da gente, ao desconhecimento dos confortos mínimos e à inexistência de boas estradas. Entretanto, em 1820, lamentava a inutilidade de doze anos de guerra e todo o sangue derramado na América espanhola — um custo demasiado elevado para conseguirem apenas o benefício do comércio livre. Para Southey, a abertura dos portos parecia perfeitamente compatível com a continuação da dependência administrativa das metrópoles.

Southey não era otimista em relação às perspectivas de emancipação do Brasil. As colônias portuguesas na América, graças à mestiçagem, constituíam uma exceção entre as colônias comerciais, pois tinham conseguido escapar à luta de castas, que era o pior dos males sociais. No Brasil o mulato e o negro livre (assim pensava Southey) tinham um lugar digno na sociedade. Os privilégios e os preconceitos de raça

que têm sido a maldição de toda colônia, onde existem diferenças de cor na população, não se fazem sentir nas colônias portuguesas; isto, não em virtude de uma visão política mais consistente e

(5) Carta para Thomas Southey, 9 de agosto de 1813: "... for that country (refere-se à Espanha) will be kept in a deplorable state and moreover will have great efforts to make for recovering the revolted colonies. I have little doubt of their succeeding in this and heartily hope she may. And this is a subject upon which I have framed a very unbiased opinion upon competent documents..." (*British Museum Add. Mss*, 47890, ff 17, 18); cf. também carta para Neville White, de 16 de novembro de 1811: "... To my knowledge, the deputies from the Caraccas have expressed their sorrow that England does not recall her troops from Portugal, because, they say, then, the context would be over, the mother country mus fall, and there would no longer be any obstacle to a free trade between this country and Venezuela. Thus would these men barter away the birthright of a whole nation and the independence of the country of their fathers for a mess of pottage. I have no patience for such sordid selfishness. It is better (supposing the two things incompatible) that Spain should be free, than that the Caraccans should have a free trade, for this is the alternation upon which these men, who call themselves patriots, and talk of liberty and of rights have thus decided..." (*Selections*, vol. 2, p. 241).

ampla do que seus vizinhos, mas por causa da relativa escassez de gente branca⁽⁶⁾.

É interessante o fato de ter-se originado entre viajantes europeus este mito que perdurou tanto tempo no pensamento e na historiografia brasileira⁽⁷⁾.

O prisma favorável com que via as colônias portuguesas é sugestivo, porém não surpreendente, dados os laços antigos de tradicional dependência, existentes entre Portugal e a Inglaterra, e o sentimento de responsabilidade paternalista endossado por setores mais conservadores, para com o reino peninsular. Southey mantinha poucos contatos com os espanhóis. Em compensação, nunca cortaria relações e hábitos de convivência pessoal com ingleses da antiga feitoria de Lisboa, o que o predispunha a entender e conhecer melhor a índole e os problemas dos portugueses⁽⁸⁾.

Parecia a Southey tema de extrema atualidade em sua época a especulação sobre os valores inerentes à experiência histórica de colonização dos europeus.

Nenhum homem tem mais interesse do que eu em rever a história da humanidade e em cuidar do seu melhoramento futuro, para o que se torna necessário captar a luz do passado, como se fosse num espelho, projetando o foco na minha frente, a fim de desvendar o porvir...⁽⁹⁾

Preocupava-o a definição do termo natural de dependência colonial, o momento certo de maturação espontânea, pondo fim ao estado de tutela:

Em seu devido tempo, deveria a Mãe-pátria abdicar da superintendência sobre uma colônia adulta, assim como uma nação recolhe as suas tropas avançadas das fortalezas em território amigo, quando cessa a causa de uma ocupação provisória. O Estado de tutela e dependência seria sucedido por uma aliança maior e mais duradoura do que as que se fundamentam em tratados, sejam quais forem os juramentos que os ratificaram e sejam quais forem os interesses mútuos em que se cimentaram...⁽¹⁰⁾

(6) Southey, Robert. *History of Brazil*, vol. 3; id., "On Koster's Travels in Brazil", *QR*, 16 (32): 385.

(7) Prado Jr., Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo, 1944. Harris, Marvin. *Patterns of Race*; Degler, Carl. *Neither Black nor White*; obras de Eugene Genovesi, Brion Davis, Thomas Skidmore, etc.

(8) Em 1813, encontrava-se em Londres visitando membros da antiga feitoria inglesa em Lisboa (*NL*, vol. 2, pp. 71 e 285).

(9) Carta a John Murray, 31 de março de 1813. *NL*, vol. 2, p. 53.

(10) *Colloquies*, vol. 2, p. 95.

Em 1820, parecia a Southey que todas as colônias modernas encontravam-se num estado de decadência moral em relação às respectivas metrópoles, o que atribuía à ausência de instituições religiosas e à existência da escravidão. Em todo país novo, retrocediam os colonos pioneiros a um estágio pior que a selvageria dos nativos, embora estivessem abrindo caminho para a civilização. É que, distantes da metrópole, em meio à natureza tropical e sujeitos aos ataques de índios, viviam sem lei e sem religião⁽¹¹⁾.

O pior dos males sociais acarretados pela escravidão no moderno sistema colonial seria a degeneração dos próprios colonos brancos. Lembraria Southey, a exemplo dos pregadores “quakers”, cuja linha de argumentação retomava, que a escravidão acarretava inconvenientes morais talvez mais graves para os opressores do que para os oprimidos⁽¹²⁾. Southey estava vivamente impregnado da tradição protestante de santificação através do trabalho. Nas colônias, onde dominava o preconceito contra o trabalho manual, os brancos se desumanizavam. Southey atribuía a degeneração dos “creolos” espanhóis à escravidão e não à instituição de casamentos endogâmicos e precoces, como queriam alguns⁽¹³⁾. Pior ainda que os crimes atribuídos pela lenda negra aos espanhóis, seria a depravação contemporânea dos colonos brancos nas Antilhas⁽¹⁴⁾. Os próprios norte-americanos eram atingidos pelos males da escravidão. Era o que o tornava pessimista com relação ao futuro do país, sobretudo nas áreas mais novas do oeste, em que grassavam com intensidade maior a ganância, a exploração comercial e o racismo⁽¹⁵⁾.

Para Southey, a adoção do sistema republicano pelas colônias norte-americanas advinha do processo de desenraizamento e de perda das tradições, inevitável em todo processo colonizador, que parecia gerar naturalmente um certo igualitarismo social. Vimos como criticava violentamente as falhas da colonização comercial, tanto a respeito dos Estados Unidos, como das Américas espanhola e portuguesa, por ficar sempre aquém da sua missão principal, que era a formação de futuras nacionalidades. Defendia o ponto de vista de que o mais importante num empreendi-

(11) “Modern colonies are always in a more immoral state than their respective mother-countries...” (Southey, Robert. “The Church in Danger”, *QR*, 33 (46): 552, jul. 1820. Cf. *infra*, n. 31).

(12) *Selections*, vol. 2, p. 239: “... In it's moral effects scarcely less injurious to the oppressor than the oppressed” (Southey, Robert. “The Church in Danger”, 552).

(13) *Id.*, “On F. Deppons's Travels in South America”. *Annual Review*, 6: 75, 1808.

(14) *Id.*, “On M'Kinnen's West Indies”. *Annual Review*, 3: 50-1, 1805.

(15) *Id.*, “On Dwight's Travels in New England”, *QR*, 33 (59): 39-40, out. 1823.

mento colonial era o transplante das instituições e a consolidação de um novo Estado, como desdobramento da metrópole. Por outro lado, aceitava implicitamente a eventual separação política da Mãe-pátria. Parecia-lhe haver uma inadequação natural nos governos longínquos⁽¹⁶⁾. Mas a exploração comercial não sedimentava os fundamentos da sociedade com laços duradouros de coesão. Era essencialmente privatista e faltava por conseguinte o indispensável apoio oficial da metrópole; as circunstâncias geravam vícios internos insanáveis... em geral não chegavam sequer a lançar as bases do edifício social. Era o que sucedia na África do Sul, entre os espanhóis no interior do Prata e do Paraguai e mesmo entre os brasileiros na área de pecuária do Nordeste, onde a existência do governo era puramente nominal e fictícia.

Na realidade, encontravam-se, sob o ponto de vista da organização do poder, num estado de pura e simples anarquia. Algumas leis existiam, regulamentando o sistema de propriedades; de resto a conveniência dos interesses das facções locais é que ditava a "ordem" pública. "Tendo em vista as condições humanas em que viviam, a propensão era para um governo popular, fraco em sua sede e centro, e inteiramente ineficiente à distância..."⁽¹⁷⁾ No México e no Peru, tinham os espanhóis conseguido fundar governos regulares, sistemas sociais mais completos, habilmente inculcados e bem enraizados nos sentimentos dos povos. Tratava-se, porém, de uma exceção. Em geral

... nesses países onde as matas devem ser derrubadas e os selvagens perseguidos além da fronteira (de ocupação), ficam faltando os materiais essenciais da sociedade e esses materiais são necessariamente escassos e em sua maioria de péssima natureza. As necessidades naturais não deixam tempo para os refinamentos da vida; a simples importância animal do homem é de tal ordem, que as distinções artificiais não são mantidas. Quando colonos desse tipo ocupam um porto, o intercâmbio comercial os mantém num certo nível de civilização, embora seja o mais baixo. Havendo entre eles um princípio de religião bem enraizado, pode agir como forte antídoto, enquanto continuam unidos; mas para os "colonos", que se desligam e se dispersam pelo interior, onde os rituais de religião social não são observados, cessa a única força conservadora; estes regridem para um estado de atraso que,

(16) "There is a natural unfitness in distant dominion..." (*Colloquies*, vol. 2, p. 94).

(17) *Colloquies*, vol. 2, p. 91.

embora, sob certo ponto de vista, seja melhor que o dos selvagens, sob outros aspectos é certamente muito pior... (18)

Além dos males provenientes do processo natural de erradicação dos colonos, as falhas e os vícios da metrópole tinham impedido portugueses e espanhóis de formar Estados capazes de se governarem a si mesmos. A religião católica, prometendo indulgências futuras de erros presentes, tolerava e incentivava a indisciplina e a turbulência individual dos cidadãos⁽¹⁹⁾. O clero, atrasado, ignorante e freqüentemente ocioso, e as perseguições do tribunal da Inquisição impediam a formação "de uma elite de homens capazes de organizar um estado nacional", estável e ilustrado. Na falta da lei e de um sistema eficiente de justiça, facções locais faziam o que bem entendiam, agindo como forças centrífugas e focos de anarquia dentro da comunidade. Não existia, pois, a ordem social.

Os primeiros degredados portugueses, como os conquistadores espanhóis e os bucaneiros das Antilhas⁽²⁰⁾, constituíam péssimo material humano com que lançar os fundamentos de uma nova sociedade. No Paraguai, no sertão do Nordeste brasileiro, na nova fronteira do "Oeste" americano⁽²¹⁾, no sul da África, entre os "boers", Southey deparava com o mesmo fenômeno de depravação de costumes, degeneração moral, vida precária, por falta de cultivo da terra; um processo, enfim, de inelutável regressão cultural, advinda da situação de desenraizamento dos colonos, da ausência da autoridade e da lei, da falta de um Estado constituído, da dispersão do povoamento, da ausência de assistência religiosa, da inexistência do patriotismo, do apego ao solo e às tradições nacionais, que somente camponeses europeus poderiam ter. Nas colônias, a escravidão, a indolência, o preconceito contra o trabalho manual, a falta de mulheres forçavam a desintegração da vida familiar. Em plena idade das revoluções, norteava-o, em suas críticas aos modernos sistemas coloniais, o mais nostálgico tradicionalismo agrário: via as colônias ocupadas por populações flutuantes, dispersas, em luta contra o meio ambiente e as populações nativas; a violência, os costumes depravados, as guerras de conquista, ge-

(18) *Colloquies*, vol. 2, pp. 90-1.

(19) *Selections*, vol. 2, p. 239; Southey, Robert. "On the Political and Moral State of Portugal". *QR*, 41 (81): 184, jul. 1829.

(20) Id., "On Thomas Southey's Chronological History of the West Indies". *QR*, 38 (75): 234, jul. 1928.

(21) Id., "On Dobrizhoffer's Account of the Abipones". *QR*, 26 (52): 277; id., *History of Brazil*, vol. 3, pp. 773 ss; id., "On Dwight's Travels in New England". *QR*, 30 (59): 30-1.

ravam rotina de turbulência, que fazia o homem civilizado retroceder à barbárie⁽²²⁾. O processo era inerente à faina de buscas de metais preciosos nas colônias espanholas e portuguesas, em que a cobiça de aventureiros não conhecia freios. Entretanto, transcorrido apenas meio século da sua fundação, em meados do século XVI, as colônias espanholas já tinham cidades e instituições universitárias iguais, senão superiores, às da própria Espanha. Nelas se reproduzia a mesma hierarquia da sociedade espanhola e a própria corte era representada por um vice-rei⁽²³⁾. “Eu gostaria de dar o Egito para os espanhóis; são bons colonizadores.”⁽²⁴⁾ Pelo menos, tinham se mostrado bem mais previdentes do que os ingleses das Antilhas na fundação de suas colônias⁽²⁵⁾.

Culturalmente, reconhecia Southey, os portugueses estavam muito aquém dos espanhóis. As cidades coloniais eram bem piores do que as da metrópole; em suas colônias não fundavam universidades, descuidavam-se das instituições de ensino; apesar disso, tinham um dinamismo colonizador incomparável e de importância vital na primeira fase de colonização.

Para Southey, nenhum povo europeu soubera adaptar-se tão bem ao meio ambiente dos trópicos e embora fosse elevado o preço que pagavam, o dinamismo e a atividade dos portugueses parecia incomparável:

Vejo males prodigiosos produzidos nas conquistas portuguesas e conseqüentemente um atraso bárbaro de civilização; mas talvez justamente por isso, é que se tornou possível a sobrevivência da sociedade nos primeiros tempos. . .⁽²⁶⁾

Depois de 1810 passou a depositar mais fé nas perspectivas futuras dos mestiços portugueses do que nos “creolos” espanhóis⁽²⁷⁾. Entretanto, estava longe de contentar-se com a simples capacidade de adaptação de conquista e desbravamento.

O relativo sucesso de sua obra colonizadora resumia-se na facilidade da adaptação climática, num crescimento vegetativo da população, contrabalançado por um grau ínfimo de cultura, notoriamente marcado pelo primarismo dos homens e das superstições.

(22) *Colloquies*, vol. 2, p. 192.

(23) Id., “On Thomas Southey’s Chronological History of the West Indies”, 196; *Colloquies*, vol. 2, pp. 193-4.

(24) Carta a John Rickman, de 16 de fevereiro de 1805. *L&C*, vol. 2, pp. 314-5.

(25) *Colloquies*, vol. 2, 193.

(26) Carta para John King, de 19 de novembro de 1803. *Selections*, vol. 1, p. 247.

(27) Southey, Robert. *History of Brazil*, vol. 1, p. 329; *Colloquies*, vol. 2, pp. 196-7.

Aparentemente livres de graves desequilíbrios sociais internos, não estavam, entretanto, resguardados do fanatismo revolucionário dos seus vizinhos jacobinos do Prata; a infiltração e o contágio de princípios jacobinos parecia um perigo iminente, podendo facilmente deitar a perder o relativo sucesso da colonização portuguesa. Mesmo os portugueses de um Brasil sem castas não podiam dar-se o luxo de guerras civis. A população escrava oferecia um perigo iminente; de um momento para o outro, sob o caos de uma revolução jacobina, a população negra poderia insurgir-se contra os brancos. “Se uma guerra civil eclodir no Brasil, os brasileiros pagarão todo o preço da sua participação no tráfico de escravos...”⁽²⁸⁾ Era o que o animava a prever com grande acerto a tendência moderada de qualquer partido revolucionário que pudesse surgir no Brasil. O pavor dos negros faria com que se ativessem a limites bem precisos, pois, dada a maioria da população negra, não duvidava, no caso de uma guerra civil, que se reproduzissem nas grandes cidades do litoral a mesma tragédia de São Domingos⁽²⁹⁾. Parte da tensão política, que se convencionou chamar de “haitianismo” e que tamanho papel desempenharia na fundação do império, proviria da própria pressão política inglesa, essencialmente conservadora.

Southey se mostraria cético quanto às perspectivas de o Brasil tornar-se nação independente. Seria aliás a mesma atitude cética e pessimista adotada pelos intelectuais e estadistas brasileiros e portugueses, que enfrentaram a tarefa de constituir um governo independente e de organizar o império...

Não menosprezava os perigos do partido francês no Brasil. Esperava sempre o pior. Em 1806, com a perspectiva da fundação de um novo império português com sede no Rio, suas maiores esperanças estavam na influência civilizadora da presença inglesa. Não acreditava muito no enraizamento da monarquia num país em que faltavam os próprios alicerces desse sistema de governo⁽³⁰⁾:

... que se pode esperar de países, onde a única mudança para melhor é o crescimento e a ampliação do comércio, concentrado em alguns poucos centros urbanos do litoral, muito dispersos e distantes um do outro?⁽³¹⁾.

(28) Carta ao Rev. Hill, de 20 de abril de 1822. *Selections*, vol. 3, p. 304.

(29) *Selections*, vol. 3, pp. 254-5.

(30) *Selections*, vol. 3, pp. 254-5.

(31) Carta a John May, de 1.º de julho de 1814. *Selections*, vol. 2, p. 358.

Suas perspectivas eram sombrias e francamente pessimistas. Não poderia ser muito estável o governo da nova corte de Dom João VI, pois os brasileiros poderiam ser bastante cegos aos seus próprios interesses a ponto de preferirem os franceses. A horrorosa beatice da religião poderia predispor-os para tal. Além disso, quando se vissem oprimidos com as novas despesas que a corte acarretaria (e não parecia provável que os iluminasse a boa orientação de ministros sábios), não o surpreenderia uma eventual insurreição⁽³²⁾. Todas as colônias tinham uma tendência natural e intrínseca para o sistema republicano⁽³³⁾. Em 1813, esperava talvez que os eventos do Prata servissem de exemplo e impedissem durante algum tempo os brasileiros de enveredarem pelo caminho da revolução. Entretanto, se um dia o governo retornasse a Lisboa, assim que deixasse o Brasil, a praga revolucionária irromperia, jogando o país de volta à mesma situação em que se encontrava no século XVIII⁽³⁴⁾.

Não o surpreenderia a notícia da revolução de 1817, que o encontrou em Lugano, na Itália. Desde 1807, tinha uma premonição de que a monarquia não duraria muito. Em 1817, vislumbrava a curto termo uma solução ideal: a monarquia dual e confederada, mantendo-se um príncipe em Lisboa e outro no Rio⁽³⁵⁾. Seria a solução preconizada em 1821 pelo duque de Palmela e por Hipólito da Costa. De qualquer modo, apesar do seu entusiasmo pelo estabelecimento da corte no Rio e de esperar grandes progressos e prosperidade da presença inglesa no Brasil, para Southey a “monarquia brasileira tinha seus dias contados...”⁽³⁶⁾. Conformava-se em buscar lenitivos para prolongar sua existência e achava que seria necessário a todo custo evitar a adoção no Brasil do modelo democrático da constituição norte-americana, como vinham fazendo os “creolos” espanhóis, por sua própria conta e risco, sem levar em conta as tradições, os costumes e os particularismos regionais. Se a mesma imprevidência se repetisse no Brasil, poria certamente em risco os progressos do último século, causando a desintegração das capitânias. No Brasil, apesar de um poder central simbólico, os facciosismos locais continuavam ameaçadores. Qualquer revolução acabaria com os benefícios da presença inglesa: “o próximo passo seriam lutas e divisões

(32) Carta a John May, de 17 de dezembro de 1807. *Selections*, vol. 2, p. 45.

(33) *Selections*, vol. 3, p. 255.

(34) Carta ao Rev. Hill, de 18 de julho de 1813. *Fitz Park Museum Mss*, ff 27-8.

(35) *Selections*, vol. 3, pp. 254-5.

(36) Carta ao Rev. Hill, de 8 de fevereiro de 1818. *Fitz Park Museum Mss*, ff 147-8.

entre as grandes capitânicas; as grandes cidades passariam como Buenos Aires por uma série de revoluções, e o interior estaria à mercê de tropas de "banditti", piores que os antigos paulistas⁽³⁷⁾.

Em 1818, Henry Koster mantinha Southey a par dos acontecimentos em Pernambuco, informando-o com dados preciosos. Através de Koster, Southey se correspondia com o padre João Ribeiro, enviando-lhe o primeiro volume da *História do Brasil*. O padre prometeu-lhe um manuscrito rebatendo suas opiniões sobre os jesuítas e ressaltando inúmeras vantagens advindas da expulsão da Companhia de Jesus por Pombal. Quando Southey lhe enviou o segundo volume de sua obra, João Ribeiro já se encontrava na prisão. Southey esperava dele um relato diferente do de Koster sobre a revolução, para entender melhor o ponto de vista dos revolucionários. Ficou extremamente chocado com a notícia do seu suicídio na prisão⁽³⁸⁾.

Impressionou-se muito com os fatos relatados por Koster; preocupou-se particularmente com a notícia de que muitos dos proprietários, como os Albuquerque, tinham tomado o partido dos revolucionários⁽³⁹⁾. Em carta de fevereiro de 1818, descrevia para o tio pormenores sobre a morte de André Albuquerque Maranhão, "que se dera em luta e não na prisão". Assim como esta, muitas outras famílias de Pernambuco estavam arruinadas. Pela primeira vez na história, homens brancos tinham sido executados e flagelados em público. O clero reclamava da falta de respeito e cerimônia com que alguns de seus membros tinham sido tratados e sumariamente enforcados, o que Southey considerava "de absoluta imprudência": "... Dizem que havia um forte partido na Bahia e pronto a apoiar a revolução; desta vez o conde dos Arcos salvou o Brasil..."⁽⁴⁰⁾.

A falta de nexos moral, gerado pela colonização comercial e acentuado pelos vícios da metrópole portuguesa, tornava sombrio o futuro. A revolução de 1817 era sintomática do perigo de desintegração, da falta de coesão interna das várias capitânicas, exemplificada na força centrífuga dos múltiplos facciosismos locais:

... Se eu tivesse alguma dúvida sobre o desenlace da luta na América espanhola, o estado atual do Brasil me levaria agora a

(37) *Selections*, vol. 3, p. 255.

(38) Cf. n. 46 do Capítulo II.

(39) Carta ao Rev. Hill, de 6 de outubro de 1817. *Fitz Park Museum Mss*, ff 143, 4.

(40) Carta ao Rev. Hill, de 8 de fevereiro de 1818. *Fitz Park Museum Mss*, ff 147-8.

tomar uma posição definida. Do fundo do coração, quero ver restabelecida a autoridade da Mãe-pátria, porque somente isso pode assegurar a tranqüilidade das possessões portuguesas... (41)

Nos últimos anos, só constatava regressão no processo civilizador da América do Sul:

... As mudanças têm sido para pior: os índios trocaram uma forma de selvageria por outra; e os espanhóis, antigamente aventureiros arrojados, passaram a viver brutificados numa espécie de estagnação... (42)

Para Southey, a condição precípua para a regeneração dos males da colonização comercial, e de vícios inerentes ao absolutismo despótico das monarquias católicas, seria a criação do campeonato nas colônias ibéricas; esta constituiria a única classe social capaz de cimentar a coesão interna e de nutrir os laços comunitários, que formariam a base de uma verdadeira nacionalidade. De qualquer modo, seria menos pessimista sobre o futuro do Brasil, do que com relação ao das colônias espanholas.

Em 1808, com a vinda da corte, achava a situação do Brasil mais segura do que a dos Estados Unidos, com relação a eventuais revoluções internas⁽⁴³⁾, pois confiava nos benefícios da presença inglesa e na segura execução de urgentes reformas internas; a população nativa teria de ser inteiramente regenerada. A esse respeito escrevia Southey para Wynn, em janeiro de 1808:

Os jesuítas tinham os mestiços em conta de gente irrecuperável; de fato, são desesperadamente maus. A ida da corte traria inegavelmente grandes benefícios ao país, mas seria preciso pelo menos três ou quatro gerações para que a população das colônias fosse regenerada e que casamentos mistos pudessem produzir algum bem... (44)

(41) Carta ao Rev. Hill, de 6 de outubro de 1817. *Fitz Park Museum Mss*, ff 143, 144.

(42) Southey, Robert. "On Dobrizhoffer's Account of the Abipones", 292.

(43) Carta a John May, de 29 de junho de 1808. *Selections*, vol. 2, pp. 76-7.

(44) Carta a Charles Wynn, de 14 de janeiro de 1808. *Selections*, vol. 2, p. 49.

X — MISSÃO REFORMADORA DOS INGLESES E FORMAÇÃO DA COMUNIDADE NACIONAL

A indignação suscitada pela convenção de Cintra seria um pretexto para redefinir valores e princípios da política externa inglesa. Em seu panfleto, Wordsworth falava em nome dos que condenavam a conquista à mão armada e se revoltavam contra qualquer forma de intervenção física sobre outras nacionalidades, inclusive os desígnios de conquista na América Latina, contra os quais Southey se manifestava com firmeza⁽¹⁾. Um princípio universal de progresso moral guiava a evolução histórica da condição humana. Como povo eleito, identificavam-se os ingleses com o processo benéfico de aperfeiçoamento dos homens, ditado por Deus; que se ativessem, então, a esses princípios e exercessem sua missão civilizadora através do exemplo e da ascendência moral. Wordsworth teria a esse respeito maior coerência do que Southey. Este, seguindo mais de perto a evolução dos fatos em Portugal e no Brasil, impacientava-se às vezes com o devir orgânico de autonomia nacional que pretendia respeitar. . . Vimos o quanto se identificava em seus artigos com a expansão colonial e o poderio internacional dos ingleses.

Em 1811, dizia-se “ansioso por ver o mundo tornar-se inglês” e, em 1814, mostrava-se temeroso de que o tratado de paz viesse a ser firmado em termos por demasiado liberais⁽²⁾. Não concordaria com a devolução das colônias, meio de que Castlereagh lançaria mão, a fim de manter a sua política de alianças e o equilíbrio europeu⁽³⁾. Southey criticaria virulentamente os termos do tratado de paz, que eram a seu ver moderados e generosos demais: “Eu

(1) Já nessa época, porém, achava inteiramente inviável, e mesmo imprudente, qualquer tentativa de conquista na América do Sul: carta para Charles Wynn, de 27 de março de 1807. *NL*, vol. 1, p. 442.

(2) Webster, Charles K. *The Foreign Policy of Castlereagh, 1815-1822 (Britain and the European Alliance)*. Londres, 1958.

(3) Carta para Walter Scott, de 24 de dezembro de 1814. *L&C*, vol. 4, p. 96.

queria que o marquês de Wellesley fosse ministro e que Canning não estivesse no exterior”(4). Em 1816, dedicou uma boa parte do seu poema em comemoração à vitória de *Waterloo*, à exaltação da missão dos ingleses no mundo.

Suas opiniões sobre Portugal e o Brasil contemporâneo sofreram um processo de franca evolução, a partir de um prisma estreito e limitado a interesses mais imediatos de força e de afirmação da estratégia inglesa, realçado pelo clima interno apocalítico criado pelas sucessivas crises econômicas de 1810, 1812, 1817, 1819, por que passaria a sociedade inglesa; no correr desses anos, ao aprofundar os seus princípios de revolta moral contra o materialismo da prosperidade burguesa, foi-se ampliando o prisma pelo qual via o mundo português; voltar-se-ia, com um interesse novo, para o estudo do processo histórico de evolução orgânica da sociedade portuguesa como uma totalidade de coesão e de tradições, “em si maiores do que os indivíduos”. Contra os sistemas filosóficos, mecanicistas e abstratos, capazes de traçar revoluções no papel, buscaria a formação dos laços de nexos moral e um princípio da regeneração, partindo do interior dos seres humanos, da religião entendida como moral, enraizada nas tradições históricas. Tinha em mente um processo histórico de germinação orgânica, a continuidade entre o passado e o futuro; curvava-se a valores absolutos; acreditava numa grande ordem que transcendia os limites do progresso material.

Com referência ao Brasil, Southey não perderia de vista os interesses nacionais, nem duvidaria dos benefícios que adviriam da presença inglesa. Conhecia a importância crescente da América do Sul como mercado para produtos ingleses. Como seus antecessores, David Hume e Adam Smith, também via no comércio um grande fator de civilização: a vaidade, a vontade de emular o vizinho e mesmo o luxo, diria um tanto simplistamente na resenha das viagens de Henry Koster, seriam fatores de civilização e de progresso material para o Nordeste brasileiro. Desde cedo tratou da necessidade de os ingleses levarem a bom termo seus interesses na América Latina, novo campo promissor que se abria, no início do século XIX. Em 1800, Southey já previa a possibilidade de invadirem Portugal e de o Brasil se tornar uma possessão inglesa(5). Em 1798, traduziria, do próprio punho, o tratado de

(4) Em 1807, Southey reprovava a violência de Wellesley na Península e na Índia. *NL*, vol. 1, p. 462.

(5) William Taylor, em carta de 5 de outubro de 1800, levanta o assunto: refere-se à eventualidade de os franceses invadirem Portugal e trocarem o território português, com a Espanha, pelas terras ao norte do rio Ebro; nessa eventualidade, certa-

Azeredo Coutinho sobre Portugal e o comércio com suas colônias⁽⁶⁾. Em 1803, voltava a tratar da conveniência de os ingleses se apropriarem do Brasil, conforme as contingências da política de Bonaparte⁽⁷⁾. Em 1806, reafirmava a oportunidade da fundação de um novo império português na América, sob a proteção e a orientação dos ingleses; parecia urgente a abertura dos portos a fim de evitar que os franceses se apropriassem do mercado. Em 1808, esperava um mundo de benefícios e grandes lucros para os empreendimentos ingleses no Brasil. Em 1818, ainda exaltava os benefícios advindos para o Brasil da presença dos artigos do comércio inglês⁽⁸⁾. Através da América Latina encontraria um modo de reconciliar-se com sua terra. . .

É verdade que, entre 1808 e 1820, generalizou-se um clima de ceticismo e restrições com relação à presença inglesa na América Latina. Durante esta primeira década do século, os próprios comerciantes ingleses, ao constatarem a inelasticidade do mercado consumidor sul-americano, desiludiam-se com suas expectativas sobre o novo Eldorado consumidor. Este ceticismo geral encontraria eco nas opiniões de Southey, que, entretanto, sustentava uma visão mais ampla das responsabilidades dos ingleses naquela parte do mundo.

Entretanto, em seu panfleto contra a Convenção de Cintra, Wordsworth resumia os mesmos critérios que levariam Southey a moderar seus projetos de conquista e a criticar a política oficial dos ingleses com relação à América Latina. O comércio,

as manufaturas, a agricultura e todas as artes pacíficas são como as virtudes e as faculdades intelectuais; não podem ser doados, não podem ser implantadas ou impostas aqui e ali; devem brotar e crescer espontaneamente; podem ser estimuladas; desenvolvem-se melhor quando encorajadas, têm mais alegria; mas os compromissos têm de ser bem definidos, pois trata-se de uma questão delicada de orgulho e de independência. . .⁽⁹⁾

mente os ingleses se apossariam do Brasil... (Robberds, N. W., org. *Memoirs of the Life and Writings of William Taylor*. Londres, John Murray, 1843. vol. 1, pp. 249 ss). 1, pp. 249 ss).

(6) Publicado na *Critical Review*, 2. sér., 37: 226, fev. 1803, com o título "J. C. A. Coutinho's "Portugal and her colonies" e resenhado na *Annual Review*, por W. Taylor (1: 352 ss, 1803).

(7) Southey dedicou sua tradução de Azeredo Coutinho ao conde de Liverpool, conforme ele mesmo escreve em uma resenha para a *Critical Review*, prevendo a necessidade ou a iminência de a Inglaterra ter de apossar-se do Brasil (*Critical Review*, 37: 226, 1806).

(8) Southey, Robert. "On Koster's Travels in Brazil", *QR*, 16 (32): 386-7, jan. 1817.

(9) *Cintra*, p. 142.

Wordsworth sintetizaria o ponto de vista sobre a América do Sul de todos os que não se sintonizavam simplistamente com os interesses de contabilidade das casas exportadoras de Leeds, Birmingham e Manchester. Mesmo os interessados estritamente na abertura dos portos e na garantia de tarifas alfandegárias preferenciais teriam de preocupar-se com a instabilidade dos governos locais, a fim de garantir a segurança de seus negócios e a cobrança judicial das dívidas.

Southey discordaria, por exemplo, da ênfase dada na época à parte exclusivamente comercial do tratado de 1810. Muito mais do que garantias de preferência alfandegária, muito mais do que a conquista pela força, importaria a difusão de antigos valores e de instituições inglesas. A política exterior, tal como era levada a efeito pelos ministros de Downing Street, ficava muito aquém dos elevados ideais propostos. Southey achava que sua obra sobre o Brasil teria certamente mais sucesso do que a política exterior do governo. . . .⁽¹⁰⁾ Não escreveu uma linha sobre o célebre tratado de comércio, mas redigiu longo artigo sobre o item da aliança de amizade, que versava sobre a extinção do tribunal da Inquisição, que a seu ver era o principal responsável pela estagnação e decadência do império português e espanhol; exaltava por outro lado a pressão humanitária dos ingleses contra o tráfico de escravos; além disso, cabia aos ministros ingleses junto a Dom João VI impingir aos portugueses o exemplo benéfico da instituição judiciária do "habeas corpus"⁽¹¹⁾. Tinha fé na boa orientação que os ingleses poderiam dar à política interna do novo império português. . . .⁽¹²⁾ Criticava o interesse estritamente comercial da Inglaterra. Entupir a praça do Rio de Janeiro de patins e produtos estranhos ao clima dos trópicos, ou mesmo de manufaturas e quinquilharias mais úteis, em nada avançaria o processo de regeneração dos portugueses americanos; caberia aos ingleses exercer forte e firme influência moral, no sentido de encaminhar reformas políticas e administrativas necessárias para promover o progresso do novo império português.

Conhecia-se então muito pouco sobre as circunstâncias de formação das colônias sul-americanas. Em 1800, em Lisboa, Southey conheceu um abade francês, um certo Abbé Du Boys, espião que ali estava armazenando dados sobre as colônias por-

(10) Carta para John Rickman, de 5 de outubro de 1807. *Selections*, vol. 2, p. 13.

(11) Southey, Robert. "On J. F. Cruz's Deveres dos juizes". *Critical Review*, 3. sér., 4 (5): 484, Appendix, 1805.

(12) Id., "Tracts on the Spanish and Portuguese Inquisitions", *QR*, 6 (12): 356-7, dez. 1811.

tuguesas no Brasil⁽¹³⁾. Era o mesmo que vinha fazendo o seu tio, reverendo Herbert Hill, capelão da feitoria em Lisboa. Durante vinte anos, dedicara-se a recolher informações manuscritas, toda espécie de dados sobre o Brasil, inclusive sobre o distrito das minas, que os portugueses cercavam de uma névoa de mistério.

Acompanharia passo a passo as conquistas da guerra, com interesse e dedicação, extraindo do seu vasto arsenal de leituras todos os dados e informações sobre as colônias que pudessem ser úteis ao governo. Não bastaria a conquista e a ocupação sumária das novas terras; fazia-se necessário reformular toda a política colonial. Seria de qualquer modo imprescindível tornar duradoura e eficaz a presença inglesa. Meras conquistas levavam à desagregação e à anarquia, como bem o demonstrava Gibbon, em sua história da decadência do Império romano⁽¹⁴⁾. O Ceilão, por causa do seu tamanho reduzido, constituiria uma exceção, prestando-se bem ao antigo sistema romano de colonização militar por conquista⁽¹⁵⁾. Em artigo relativo a Trinidad, Southey escrevia verdadeiro ensaio sobre as implicações das conquistas feitas pelos ingleses, propondo o problema de se respeitarem ou não as leis e instituições locais, que era o tema fundamental do "Colonial Office" naquele momento:

... Essas considerações não dizem respeito a uma questão abstrata de princípio (advertiria ao leitor); pelo contrário, têm um longo alcance na prática; podem atrasar uma campanha militar ou o progresso do Império...⁽¹⁶⁾

Como crítica à política oficial, escreveria Southey que, embora fosse de todo interesse o respeito às instituições locais, tidas como benéficas, não convinha de modo algum que o governo britânico apoiasse instituições locais de opressão e atraso; como seria o caso se se mantivesse o despotismo militar de Trinidad, em vez de impor-lhe o sistema eleitoral das Antilhas Ocidentais ou as leis inglesas da Jamaica... Para Southey, escrevendo em 1827 (e estaria por certo equivocado), as leis locais espanholas, relativas à

(13) Carta a John Rickman, 31 de outubro de 1800. *Journals*, 138; Joaquim de Souza Leão o identifica como sendo um certo Abbé du Boys ("Southey and Brazil". *Modern Language Review*, 38 (3): 181 e *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 178, jan.-mar. 1943); Adolfo Cabral refere-se a ele como a um François Garnier, erudito e colecionador de manuscritos, capelão francês na igreja de St. Louis em Lisboa (*Journals*, p. 138 n).

(14) *Colloquies*, vol. 1, pp. 265-7.

(15) Southey, Robert. "On Lord Valentia's Travels", *QR*, 2 (3): 88 ago. 1809.

(16) Id., "A Political Account of the Island of Trinidad". *Annual Review*, 6: 263-4, 1808.

escravidão, deveriam ser substituídas pela legislação inglesa, pois fomentavam abusos da parte do senhor, assim como a tortura inquisitorial; as leis civis também eram nocivas pois isentavam os bens móveis de cobrança judicial, constituindo-se em obstáculo ao desenvolvimento das atividades comerciais, na medida em que preservavam um princípio retrógrado e “feudal”.

Quanto à religião, deveriam os ingleses cuidar de extirpar as superstições católicas:

... A introdução da legislação inglesa relativa à escravidão, ao comércio e à religião, embora longe de representar um ato liberal, seria, ainda assim, um progresso e um aperfeiçoamento para esta antiga colônia espanhola⁽¹⁷⁾.

Com o mesmo estado de espírito, endossaria as pressões do ministro Strangford sobre Dom João VI, quando da vinda da Corte para o Brasil⁽¹⁸⁾. O seu empenho de tornar inglês o mundo era sincero e audacioso:

Consideramos a necessidade que se impõe aos nossos ministros de dar uma constituição inglesa a Trinidad, um desses momentos críticos que decidem os destinos de vastas extensões do Império e que hão de definir a grandeza ou a mesquinhez com que o dirigem seus responsáveis⁽¹⁹⁾.

Se os moradores da nova conquista se sentissem beneficiados com a atenção devotada pelos ingleses ao seu bem-estar, que deveria ser minuciosa e pacientemente considerado, seus parentes e irmãos de língua em Caracas também haveriam de cobiçar “igual superintendência”. Entretanto, “se se deixar essa ilha sucumbir num antro de licenciosidade e de extorsão; se os escravos forem tratados como os de São Domingos e se os protestantes manifestarem a mesma intolerância das ordens religiosas católicas, nem o Peru, nem o Paraguai, nem as margens tão importantes do Orenoco, aceitarão uma futura incorporação ao Império britânico. A fim de tornar-se instrumento do engrandecimento nacional deve o poder soberano ser bem manejado. Acontece com as nações o mesmo que sucede aos indivíduos; os que governam bem uma cidade serão os senhores de dez. . .”⁽²⁰⁾

(17) Id., “A Political Account of the Island of Trinidad”, 266.

(18) Id., “Tracts on the Spanish and Portuguese Inquisitions”, 356 e 537.

(19) Id., “A Political Account of the Island of Trinidad”, 266.

(20) *Ibid.*

Deveria o Império ser grande e duradouro, para o que precisaria reunir conhecimento adequado, aproveitar as lições da história e a experiência de outros povos colonizadores. Seria justamente esta a missão sagrada do intelectual, num momento em que os ingleses estavam absorvendo e tomando para si os remanescentes de antigos impérios coloniais de outros povos. Vasta era a responsabilidade do erudito, como orientador dos destinos da sociedade, para a qual deveria oferecer as informações necessárias e conhecimentos adequados.

Gibbon fora uma leitura decisiva de sua juventude. O mito da ascensão e queda dos grandes impérios constituía um paradigma de sua época de incerteza e transição, repetindo-se como um chavão desde fins do século XVIII⁽²¹⁾. Cobden, em sua campanha pelo comércio livre, argumentava com o exemplo da decadência e do desmembramento do Império espanhol. O exemplo histórico da experiência dos povos ibéricos era tema de estudo e comparações frequentes entre os economistas clássicos, de Adam Smith a Ricardo. Para Malthus, parecia evidente que as causas da decadência do Império holandês tinham sido sua total e exclusiva dedicação às finanças e ao comércio, com o que lhes faltara uma base agrícola⁽²²⁾.

Southey procurava usufruir os dados que lhe caíam diante dos olhos, ao escrever a história dos descobrimentos e do Império português no século XVI: Todos os “tesouros” dos cronistas coloniais portugueses pareciam adquirir grande atualidade. William Taylor, em carta de 1.º de abril de 1800, referia-se ao grande interesse, para a experiência contemporânea dos ingleses, que oferecia o estudo da experiência do Império comercial dos portugueses que Southey se propunha fazer⁽²³⁾. Southey por sua vez

(21) Gay, Peter. *The Enlightenment: an Interpretation (The Science of Freedom)*. Nova York, A. Knopf, 1969. vol. 2, pp. 98 ss.

(22) Semmel, Bernard. *The Rise of Free Trade Imperialism*. pp. 160 e 67; Knorr, Klaus E. *British Colonial Theories*. p. 229 n.

(23) *Journals*, pp. 68-9. Suas pesquisas importavam em informações novas sobre um país desconhecido; "... You see, I am getting on well with matter which will be almost as new to the Portuguese themselves as to the English..." (carta para John Rickman, de 1.º de setembro de 1818. *Selections*, vol. 3, p. 95). O historiador preocupou-se em desvendar dados exóticos da literatura de viagens sobre regiões inteiramente desconhecidas. Em 1808, preocupado com a demora da edição do primeiro volume, sugeria ao tio que aproveitasse as informações inéditas de alguns manuscritos de que dispunha, publicando um livro inteiramente novo sobre o interior da América do Sul, a partir de descrições sobre o rio Madeira, rio Negro e o lago Xarayes; oportunamente seu irmão Henry poderia traduzi-lo para o inglês... (*Fitz Park Museum Mss*, 1.º de janeiro de 1808, ff 7, 8; *NL*, vol. 1, p. 482). Em 1809, seu tio publicava uma tradução inglesa do manuscrito do *Piloto do Brasil (The Brazil Pilot*. Londres, Longmans, 1809); cf. carta ao Rev. Hill, de 9 de julho de 1808. *Fitz Park Museum Mss*, ff 13, 14.

admirava a persistência e durabilidade dos domínios portugueses. Em artigo escrito em 1802 para a *Annual Review*, referia-se à importância de que se revestiam os dados históricos sobre a experiência colonizadora. Lamentava que existissem tão poucos relatórios documentando os primórdios da colonização das Antilhas e da América do Norte. Era preciso buscar a experiência do passado, principalmente do trato de populações nativas⁽²⁴⁾.

Exaltava o valor da literatura de viagens, que “parecia não atrair suficientemente os funcionários da Companhia das Índias Orientais”⁽²⁵⁾. Em seus artigos, empenhou-se em demonstrar a sua importância como fonte vital de informação e experiência para as autoridades oficiais. Através de resenhas, comentava e analisava cuidadosamente os dados de viajantes e exploradores.

Acompanhou de perto a literatura das grandes viagens de exploração do século XVIII, à qual contrapunha seus conhecimentos sobre as descobertas de portugueses e espanhóis nos séculos XV e XVI. Em 1809, animou o tio a traduzir e publicar os manuscritos do Piloto do Brasil a fim de divulgar dados sobre o litoral brasileiro...

Southey se empenharia em difundir informações para o governo. Era extremamente crítico do modo improvisador e irresponsável com que os ingleses manipulavam a sua política exterior. Criticava a imprevidência, a ignorância dos ministros, a sua estreita visão comercial, as pretensões de conquista, o espírito de pirataria e saque, que lhe pareciam mais apropriados às circunstâncias do século anterior do que às novas responsabilidades que recaíam sobre os ingleses⁽²⁶⁾.

Desde os primeiros anos do século XIX, Southey manteve contatos pessoais com viajantes e escreveu resenhas sobre o Peru, a Venezuela, o Prata e o Brasil⁽²⁷⁾. Em 1801, parecia iminente

(24) “On Collins’ New South Wales”. *Annual Review*, 1: 31, 1802; em carta para John Rickman, de 16 de fevereiro de 1805 (*L&C*, vol. 2, pp. 314-5), admira-se que com tantos viajantes europeus do século XVI ainda se conhecesse tão pouco do Oriente; estava lendo o relatório da visita de uma embaixada portuguesa ao Negus em 1520 e à Abissínia, escrito pelo capelão Fernando Álvares: “Read every traveller that has ever written upon Syria, Egypt, or Palestine; in the worst of them you may chance to find something which will throw light upon history, and make you fully understand circumstances which else you might imperfectly have comprehended...” (carta para o irmão H. H. Southey, de 27 de agosto de 1809. *Selections* vol. 2, p. 196).

(25) Às vezes ironizava um pouco o empenho com que certos viajantes recomendavam a conquista dos mais absurdos recantos do globo; era o que lhe parecia do relatório de John Wright sobre o território Mosquito em Honduras: “... and of course there can be no doubt that Lord Castlereagh will add to the British Diadem this inestimable jewel...” (*Annual Review*, 6: 156, 1807).

(26) “... The foolish and plundering spirit of our own politics” (carta a H. H. Southey, setembro 1801. *NL*, vol. 1, p. 248).

(27) Southey, Robert. “Lindley’s voyage to Brazil”. *Annual Review*, 4: 27, 1806; id., “Skinner’s Present State of Peru”. *Annual Review*, 4: 49, 1806; “On F. Deppon’s Travels in South America” *Annual Review*, 6: 71, 1808 etc.

a expulsão dos ingleses de Portugal e por culpa dos próprios ingleses, os quais, insistindo numa política errada, "tratavam agora de estudar as possibilidades de conquistar a Madeira e outras colônias portuguesas, como compensação..."⁽²⁸⁾ Southey recomendava moderação e prudência; podia ser que conseguissem se apoderar da ilha da Madeira, mas os portugueses nunca permitiriam que os ingleses tomassem suas colônias. Além disso, parecia-lhe uma política desleal para com Portugal, após tantos anos de aliança e amizade. Em grande parte, eram os próprios ingleses responsáveis pela situação crítica com que os portugueses se defrontavam⁽²⁹⁾. Além disso, somente a total ignorância das circunstâncias políticas, sociais e econômicas das colônias sul-americanas poderia explicar os projetos de conquista dos ingleses. Em 1805, na resenha do livro do viajante Thomas Lindley, lembrava Southey o quanto seria difícil conquistar um litoral densamente povoado⁽³⁰⁾. Em 1806, ficou indignado quando o governo rejeitou as informações secretas contidas nos documentos que o tio lhe enviara de Lisboa, com a recomendação de que Southey as oferecesse às autoridades oficiais. Grenville devolveu a documentação dizendo que se tratava do "lado errado da América Latina"⁽³¹⁾. Em 1807, irritava-se com a notícia da expedição de Popham, enviada contra Buenos Aires; considerava-a um puro ato de pirataria, inteiramente inútil, pois as colônias sul-americanas não eram passíveis de conquista⁽³²⁾; além do que, este ato de agressividade compelia a Espanha a aderir a Bonaparte. Era de opinião que os ingleses deveriam tratar de lançar sólidos fundamentos para uma penetração pacífica e civilizadora, através do comércio na América portuguesa. Não se admiraria em 1808, quando o governo, arrependido da rejeição da coleção secreta de documentos, os pedia de volta...

Southey criticava abertamente expedições de conquistas na América do Sul. "O comércio não se impunha através de baione-

(28) *NL*, vol. 1, pp. 248-9.

(29) "It is wretched conduct towards a people whom long connection has attached even with affection to England, and who has been by England only brought into her present calamities..." (ibid.). Cf. no mesmo sentido as instruções de Canning para Henry Chamberlain; Webster, Charles. *Great Britain and the Independence of Latin America*. p. 242.

(30) "But if we dream of expeditions to Spanish America, they must be mere buccaneering visits — Conquests there are impossible. Look at the beautiful map, and see how wonderfully the coast is peopled" (carta para Charles Wynn, de 7 de junho de 1803. *NL*, vol. 1, p. 314).

(31) Cf. nota 36, cap. II.

(32) Carta a Charles Wynn, de 27 de março de 1807. *NL*, vol. 1, p. 442; carta a Charles Danvers, de 20 de abril de 1807. *NL*, vol. 1, pp. 441-6.

tas”⁽³³⁾. Como vimos, também censurava os termos do tratado de 1810: a missão civilizadora do comércio transcendia de muito os interesses mesquinhos de firmas particulares. Era processo lento que germinaria com o tempo. O próprio Canning referia-se ao tratado de 1810 como sendo “odioso e pouco político”⁽³⁴⁾.

Impor os padrões culturais ingleses parecia missão civilizadora complexa demais para os estreitos escalões dos ministros e do funcionalismo inglês. A mais crassa imprevidência parecia guiar sua atuação no Brasil. Em carta particular, Southey confirmava boatos sobre certas intrigas e sobre a corrupção pessoal de Strangford, como representante da Inglaterra na corte do Rio de Janeiro⁽³⁵⁾. A convenção de Cintra seria outro sintoma da inabilidade da política exterior dos ingleses.

A transmigração da corte portuguesa e a fundação de um novo império sob a proteção inglesa vinham aumentar enormemente as responsabilidades da Inglaterra naquela parte do mundo. Faltava às autoridades uma visão superior e de conjunto do novo império a ser organizado, assim como a consciência da elevação dos ideais e da missão dos ingleses e, principalmente, na esfera dos estadistas, um conhecimento histórico da formação de uma sociedade tão profundamente diferenciada dos padrões ingleses, como a dos portugueses na América. Entretanto, apesar de julgar inviáveis projetos de conquista e de opor limites a uma política estritamente comercial, Southey esperava muito da influência moral e civilizadora da presença inglesa no Brasil: seria um processo lento de três ou quatro gerações, era preciso ter em mente as diferenças culturais e respeitar a autonomia da nacionalidade portuguesa. Nem por isso se lhe afigurava menos complexa a missão paternalista de vigilância e orientação dos ingleses na política interna da nova corte. Elogiava muito a ascendência de Sir Philip Sidney, junto a Dom João VI, de quem escrevia em um artigo de 1811 para a *Quarterly Review*:

O príncipe do Brasil é um homem com as melhores e mais puras intenções. Basta ensinar-lhe os seus deveres que estará disposto a cumpri-los...⁽³⁶⁾

(33) "... that the best way of getting of their goods is not by ramming them down people's throats with a bayonet... (Southey Robert. "On F. Deppon's Travels in South America", 87). Ou: "... It is not by task masters and the whip that industry is to be taught and savage tribes are to be reclaimed". (id., "On F. Deppon's Travels in South America", 79).

(34) Webster, Charles K. *Great Britain and the Independence of Latin America*. p. 54.

(35) Carta ao Rev. Hill, de 17 de agosto de 1810. *Selections*, vol. 2, pp. 201-2.

(36) "The Prince of Brazil is a man of the best and purest intentions; show him his duty, and he has every inclination to perform it..." (Southey, Robert. "Tracts on the Spanish and Portuguese Inquisitions", 537).

Nessa época, parecia extremamente promissora a interferência direta dos ingleses nas questões internas do Brasil, graças justamente à ascendência de Sir Philip Sidney, que chegava a dar conselhos a Dom João VI sobre a melhor localização dos depósitos de lixo da corte!⁽³⁷⁾

Entretanto, a penetração da sua influência civilizadora continuava a ser uma questão intrincada e difícil. A presença dos comerciantes ingleses alienava da corte os comerciantes portugueses, que se viam arruinados e se retiravam para o interior; seria provável que alimentassem opiniões separatistas, constituindo campo fértil para contágio da praga revolucionária do Prata. Em 1814, comentava maliciosamente, em carta para o tio, que a primeira medida de segurança a ser adotada pelos portugueses, a fim de evitar o contágio dos princípios revolucionários do Prata, deveria ser a concessão do território do Rio Grande do Sul para a Inglaterra...⁽³⁸⁾. A própria pressão humanitária em prol da extinção do tráfico acarretava problemas muito sérios. Gerava grande animosidade contra os ingleses e sobretudo alienava da corte os interesses do interior das províncias. Em 1814, achava que redundaria certamente na separação do Brasil da antiga metrópole:

Esta questão do tráfico de escravos é fácil de ser acertada com a França. Mas Lord Grenville e Mr. Canning devem estar muito pouco a par do estado do Brasil, se tencionam pressionar demais Portugal. Se o príncipe tentar uma abolição, certamente perderá o Brasil...⁽³⁹⁾

Southey duvidava, aliás, da continuidade da união entre a nova corte e o antigo reino.

Criticava Castlereagh e em geral a irresponsabilidade improvisadora da política exterior inglesa. Criticava, sobretudo, a ineficiência administrativa e a falta de conhecimentos sobre os países

(37) Webster, Charles K. *Great Britain and the Independence of Latin America*, p. 170. "St. Sebastian is as filthy as Lisbon. The shambles are just to windward of the city and send a pestilential odour throught it. Sir Sidney advised the removal of this nuisance..." (carta para o Rev. Hill, de 17 de agosto de 1810, em que Southey conta a conversa que tivera com um certo capitão Davy, que chegara do Rio, onde era espião do governo inglês. (*Selections*, vol. 2, p. 202).

(38) "... Ucalegon's house is on fire and his own is of combustible materials. I should think it good policy on the part of Portugal to give us Rio Grande do Sul if it were only to interpose a barrier between herself and Buenos Ayres..." (carta ao Rev. Hill, de 27 de maio de 1814. *Fitz Park Museum Mss*, f 33).

(39) "... This question of the Slave Trade is easily settled with France. But Lord Grenville and Mr. Canning must know little of the state of Brazil if they would press it upon Portugal. Were the Prince to attempt an abolition he would lose Brazil, whether he wil keep it or not..." (ibid.).

com os quais lidava⁽⁴⁰⁾. Acreditava também na superioridade da constituição inglesa e na sua missão civilizadora; a Inglaterra agia em prol do processo histórico e universal de melhoramento da humanidade⁽⁴¹⁾. Entretanto, nunca esqueceria o princípio da autonomia nacional: o governo português podia ser induzido a levar a cabo, ele mesmo, as necessárias reformas internas⁽⁴²⁾. Southey endossava firmemente o exercício pelos ingleses de uma sábia e profícua vigilância moral, orientando as necessárias reformas:

Se conseguirmos manter a calma no Brasil, a tendência da sociedade é atualmente a de reformar-se. Os ingleses não de atuar sobre o povo, como fizeram em Lisboa e no Porto, suavizando um pouco sua intolerância beata e ensinando-lhes a eficiência nos negócios...⁽⁴³⁾

Admirava-se da verdadeira revolução comercial que se processara após a abertura dos portos no Brasil, com a introdução pelos ingleses de um sistema inteiramente novo de crédito⁽⁴⁴⁾.

O primeiro grande impulso de progresso viria certamente da presença civilizadora do comércio inglês. As sociedades coloniais não tinham os laços comunitários nem o nexó moral do Velho Mundo, criados no correr da Idade Média pela estrutura feudal, com seus vínculos de dependência e vassalagem. Pelo contrário, forças de dispersão, dentre as quais o isolamento das regiões afastadas do litoral e sem contato entre si, acrescentavam-se ao desenraizamento cultural dos colonos, provocando um processo contínuo de regressão para o barbarismo. No Brasil, o comércio viria suprir o papel histórico do feudalismo europeu, incentivando laços humanos, maior gregarismo, maior sociabilidade⁽⁴⁵⁾. Além disso, impunham-se urgentes reformas no governo e nas instituições do país, sem as quais não poderiam germinar as sementes civilizadas do comércio inglês. Admirador de Hipólito da Costa, Southey tomou-se de entusiasmo especial por um ensaio em que o redator

(40) "... the other concerns our government, and is a striking instance of the baseness with which in difficult cases it leaves its servants without instructions, for the sake of loading them with the responsibility of any error that may ensue..." (*Selections*, vol. 3, p. 358).

(41) *L&C*, vol. 3, p. 126 (1815). "... it was the office of Great Britain to be the principal instrument of that Providence" (diria Cuthbert Southey ao analisar as convicções de seu pai).

(42) (Portugal) "... could be induced to reform itself" (carta de 17 de janeiro de 1813. *L&C*, vol. 4, pp. 11-2).

(43) Carta a H. H. Southey, de 18 de novembro de 1811. *Selections*, vol. 2, p. 246.

(44) Carta sobre a conversa com o Capitão Davy, ao Rev. Hill, de 17 de agosto de 1810. *Selections*, vol. 2, ff 202-3.

(45) Southey, Robert. *History of Brazil*, vol. 3, pp. 773-4.

do *Correio Braziliense* fazia um paralelo entre a constituição atual do governo britânico e a das antigas cortes portuguesas⁽⁴⁶⁾. Durante muito tempo, Southey acreditava que Portugal poderia levar a cabo estas reformas, sem recorrer a uma revolução; atendo-se ao princípio liberal, confiava na possibilidade de reconstituição das antigas cortes portuguesas e no seu poder regenerador. Os vícios de Portugal não advinham das instituições nacionais; estavam na corrupção administrativa e no absolutismo dos reis. A aristocracia era atrasada e decadente, mas, talvez, criando-se uma espécie de Câmara dos “lords”, em uma ou duas gerações, estivesse apta a dirigir um governo ilustrado⁽⁴⁷⁾.

Através de seu tio, em Lisboa, Southey tomara contato com o reformismo moderado dos ilustrados portugueses.

Simpatizava com o liberalismo de tendência anglo-saxônica dos portugueses mais avançados. Em 1813, jantava em Londres, em companhia do conde Palmela, embaixador de Portugal⁽⁴⁸⁾, cuja orientação política em prol da organização de uma monarquia dual de cunho federativo Southey apoiaria em 1821. Em 1820, tinha vários conhecidos entre os deputados de tendências mais moderadas:

Tenho alguns conhecidos nas cortes. Baeta pertence ao partido moderado, que apóia o veto de suspensão, da coroa [...] e o pobre professor de botânica em Coimbra, Brotero, evita as questões mais delicadas, desejando, sem dúvida, que estivesse calmamente em casa com suas plantas⁽⁴⁹⁾.

Em 1811, resenhando a narrativa das perseguições sofridas pelos maçons, em Portugal, a propósito da publicação das atas da Inquisição, Southey externava sua admiração e solidariedade para com Hipólito da Costa. Chamava a atenção para os seus princípios e opiniões políticas, que poderiam ser da maior utilidade para o príncipe e a nação portuguesa⁽⁵⁰⁾. Não subestimava a decisiva e salutar influência política adquirida pelo *Correio Braziliense*: “ne-

(46) Id., “Tracts on the Spanish and Portuguese Inquisitions”, 537: “That free government under an absolute monarchy is no impossibility, is shown in some excellent essays upon this subject in the *Correio Braziliense*, wherein a parallel is drawn between the English and Portuguese constitutions, which would perhaps surprise an English reader as much as it must gratify a Portuguese patriot” (carta a H. H. Southey, 18 de novembro de 1811. *Selections*, vol. 2, p. 246).

(47) Carta a Walter Savage Landor, 19 de dezembro de 1821. *NL*, vol. 2, p. 231.

(48) “...a gentlemanly and accomplished man...” (carta a Mrs. Southey, 28 de setembro de 1813. *NL*, vol. 2, p. 79).

(49) Carta ao Rev. Hill, de 27 de maio de 1821. *Selections*, vol. 3, p. 253.

(50) Southey, Robert. “Tracts on the Spanish and Portuguese Inquisitions”, 313.

nhum empreendimento teve um começo mais oportuno, foi planejado com maior escrutínio e conduzido com mais discrição”⁽⁵¹⁾. Em 1829, Southey escrevia a biografia de Hipólito da Costa, exaltando o seu nacionalismo puro e elevado. Simpatizava com os seus sentimentos exaltadamente portugueses, com o profundo respeito que demonstrava pela família real, com o seu alto senso de responsabilidade e de ética e a sua devoção de liberal moderado para com as antigas leis, instituições e tradições de seu país: “tal como existiam em sua origem e intenção inicial, tal como em teoria ainda continuavam a existir”. Como Southey também o faria, propunha a adoção em Portugal de certos princípios jurídicos ingleses, assim como o governo representativo, que podia ser efetuado pela simples reconstituição das antigas cortes⁽⁵²⁾. Para Southey, seria uma condição imprescindível para garantir a estabilidade política da nova corte, a fim de que os comerciantes ingleses, no Brasil, ficassem protegidos de eventuais arbitrariedades de funcionários despóticos e de potentados locais. Em fevereiro de 1818, comentava Southey os excessos cometidos pela repressão em Pernambuco e as atrocidades toleradas pelo almirante Lobo:

... as execuções têm sido numerosas, e alguns que não foram condenados à morte têm sido assassinados a chicotadas. Não direi que os portugueses são desumanos, mas a sociedade em que vivem o é, e muito⁽⁵³⁾.

O pessimismo crescente de Southey em relação aos problemas internos da sociedade inglesa parece refletir-se no arrefecimento de suas esperanças de reforma sadia nos domínios portugueses “sem constituições revolucionárias”. Em 1807, ainda defendia o princípio de que a sabedoria política partia do povo e custava a vencer a inércia dos governos⁽⁵⁴⁾. Em 1817 e 1819, em meio às crises de desemprego e à ameaça de uma revolução social na Inglaterra, apoiou a suspensão do “habeas-corpus” e a limitação da liberdade de imprensa. Em 1820, já se mostrava cético quanto à possibilidade de reformas espontâneas dos países do antigo regime, acostu-

(51) Id., “On the Political and Moral State of Portugal”, *QR*, 41 (199): 188, jul. 1829.

(52) *NL*, vol. 2, p. 46.

(53) “I will not say that the Portuguese are a hard-hearted people but they are in a very hard-hearted state of society” (carta de 8 de fevereiro de 1818, para o Rev. Hill. *Fitz Park Museum Mss*, ff 147-8).

(54) “It seems as though there were some law of nature by which governments were always to be behind-hand the people in wisdom...” (carta para John May, de 27 de janeiro de 1807. *Selections*, vol. 1, p. 406).

mados como estavam a várias formas de poder despótico⁽⁵⁵⁾. Lamentava, com relação a Portugal, a ausência de um ministro à imagem “do grande Marquês”, que se pusesse à testa de um movimento de reformas necessárias⁽⁵⁶⁾. Esperava, porém, do próprio governo a devida atuação renovadora e não mais da reconstituição das antigas cortes. A alternativa entre o despotismo e a anarquia era a mesma que se delineava para os próprios ingleses⁽⁵⁷⁾: “Por isso, apesar de detestar profundamente o antigo desgoverno, não me regozizei com as revoluções da Espanha e Portugal. Em Portugal, teria sido preferível a atuação de um grande ministro como Pombal; na Espanha, uma revolução da própria corte que confinasse o rei Fernando num convento, estabelecendo um ministério poderoso e procedendo em nome de seu irmão às reformas tão necessárias, que poderiam ser realizadas gradualmente⁽⁵⁸⁾).

A inelasticidade do mercado consumidor na América do Sul e as contínuas crises de falência das firmas inglesas também opunham obstáculos à influência dos ingleses naquela parte do mundo. Era um reflexo direto dos desequilíbrios gerados pela febre incontida de lucro e pela superprodução industrial na Inglaterra. Southey mostrava-se cada vez mais pessimista com relação à presença do comércio inglês. Em 1821, previa para logo uma nova crise no mercado sul-americano: “em breve, a atividade incessante dos nossos empresários industriais terá de novo saturado os mercados sul-americanos”⁽⁵⁹⁾. Além disso, enormes obstáculos se opunham à missão civilizadora dos ingleses. Deveriam começar atuando sobre as superstições católicas, o que lhe parecia inteiramente impraticável⁽⁶⁰⁾. Em 1814, mostrava-se cético com relação ao eventual sucesso de um ministro evangelista de Penrith, que partia para o Rio e para Lisboa a fim de distribuir bíblias e panfletos religiosos⁽⁶¹⁾. No Brasil, onde a Inquisição não se enraizara, talvez se vislumbrasse alguma esperança de uma reforma sadia das instituições religiosas. O livro do Rev. Walsh⁽⁶²⁾ é outro documento desta preocupação contemporânea dos ingleses, de que Southey era sem dúvida o mais consciente propagador.

(55) *NL*, vol. 2, p. 231.

(56) Carta a John May, 6 de maio de 1821. *L&C*, vol. 5, p. 78.

(57) Carta para C. H. Townshend, de 6 de maio de 1821. *L&C*, vol. 5, pp. 79-80.

(58) Carta a Walter Savage Landor, 19 de dezembro de 1821. *NL*, vol. 2, p. 232.

(59) Carta a J. W. Crocker, 15 de dezembro de 1819. *NL*, vol. 2, p. 209; carta de 11 de dezembro de 1821 a Neville White. *L&C*, vol. 5, pp. 103-4.

(60) Southey, Robert. “On the Political and Moral State of Portugal”, 204.

(61) “I wish him a pleasant journey. If he lives to get back we may perhaps have some account from him of the underground apartments in the Roclo...” (carta ao Rev. Hill, 27 de maio de 1814. *Fitz Park Museum Mss*, f. 32).

(62) Walsh, Robert. *Notices of Brasil in 1828 and 1829*. Nova York, 1831.

O coronelismo de um lado, e as próprias circunstâncias do povoamento do Brasil, de outro, pareciam dificultar qualquer tentativa de colonização agrária e sistemática de ingleses na América do Sul. Esta, porém, não era de modo algum uma hipótese improcedente nos desígnios de expansão da época. Em 1822, Canning faria um protesto formal contra o item da doutrina Monroe que proibia a colonização russa, ou qualquer tentativa de colonização por europeus, no Novo Mundo. Seria uma questão de princípio, a ser deixada em suspenso⁽⁶³⁾; a ocupação efetiva através da imigração não era de modo algum uma possibilidade inteiramente descartada na política colonial inglesa. Em 1805, Southey mostrava-se crítico da possibilidade de colonização do território Mosquito, oferecido ao governo britânico pelos espanhóis de Honduras⁽⁶⁴⁾. Reiterava as mesmas reservas quanto à possibilidade de uma colonização sistemática de ingleses na Guiana ou no Brasil⁽⁶⁵⁾. Em 1826, J. R. Mac Culloch proporia no parlamento a canalização da emigração irlandesa para a América Latina⁽⁶⁶⁾. Em 1820, Southey já considerava de passagem a possibilidade de os ingleses se descartarem do peso representado por aquela miserável população de desempregados irlandeses, enviando-os para a monarquia portuguesa. Acrescentava, sarcasticamente, que a turbulência, os crimes e a falta de justiça tornavam o Brasil um lugar aprazível para o temperamento irlandês, pois a violência de um poderia compensar a turbulência do outro⁽⁶⁷⁾. Em maio de 1825, partindo de Leith, cerca de quinhentos escoceses foram instalar-se numa colônia agrária, em Monte Grande, perto de Buenos Aires. O empreendimento era de iniciativa particular e fracassou com a bancarrota do comerciante que a financiava⁽⁶⁸⁾.

Southey tinha conhecidos entre os comerciantes ingleses no Brasil, preocupando-se muito com a consolidação e o fortalecimento das colônias inglesas no Rio, em Salvador e Pernambuco. Em dezembro de 1817, estava empenhado em encontrar um capelão anglicano para os ingleses de Recife. O bispo de Londres aceitaria qualquer pessoa recomendada por ele, pois encontrava normalmente grande dificuldade em nomear voluntários para as Antilhas

(63) Webster, Charles K. *Great Britain and the Independence of Brazil*. pp. 48-9.

(64) "John Wright's Memoir of the Mosquito Territory". *Annual Review*, 6: 156, 1808. Cf. Identificação de autoria por Adolfo Cabral, *Southey e Portugal*. p. 515.

(65) Id., "Cailey's Sir Walter Raleigh". *Annual Review*, 4: 477, 1806.

(66) Mac Culloch, J. R. *A Dictionary, Practical, Theoretical and Historical of Commerce and Commercial Navigation*. Filadélfia, 1840. 2 vols. "Report of the Select Committee on Ireland", *Edinburgh Review*, 89: 65, 1826; cf. Winch, Donald. *Classical Political Economy and Colonies*. p. 127.

(67) Carta a John Rickman, 30 de janeiro de 1820. *Selections*, vol. 3, pp. 174-5.

(68) H. A. Humphrey. "British Merchants and South American Independence". In: *Tradition and Revolt in Latin America*. Weidenfeld Nicolson, 1969. pp. 126-7.

ou para o Brasil. . . Pagaria cem libras pela passagem, mais a residência e um salário anual de trezentas libras⁽⁶⁹⁾. Em 1822, a respeito do novo bispado de Calcutá, voltava ao assunto da organização da colônia inglesa no Brasil. O salário do cônsul Lemprière, em 1818, tinha diminuído para mil e duzentas libras anuais, sendo que dois e não apenas um terço dos impostos sobre o comércio estavam sendo arrecadados “pelo fundo de contribuição”⁽⁷⁰⁾. Assim mesmo, os ingleses estavam construindo um hospital e uma igreja e “para variar tinham dificuldades em encontrar um capelão”⁽⁷¹⁾.

O pessimismo de Southey com relação ao alcance real da influência civilizadora dos ingleses no Brasil, conforme transparece na sua correspondência particular a partir de 1812, vem oportunamente de encontro às observações de Charles Webster, em seu estudo sobre a diplomacia inglesa no Brasil, quando ressalta o relativo arrefecimento da influência política dos ingleses, no Brasil, entre 1814 e 1819⁽⁷²⁾. É justamente a época em que Southey passara a ver, com maior apreensão o perigo de contágio dos princípios revolucionários da América espanhola, entre os portugueses do Brasil, que ainda não tinham integrado numa comunidade orgânica e coesa as diferentes raças que compunham a sociedade colonial⁽⁷³⁾. Atribuía a revolução de 1817 aos efeitos de propaganda da imprensa portuguesa editada na Inglaterra; considerava com mil restrições o imponderável princípio da liberdade de imprensa. . .⁽⁷⁴⁾

Em 1817, Southey apoiava a decisão de Castlereagh dirigida contra os desígnios da Santa Aliança e proibindo a intervenção armada de qualquer país europeu no processo de emancipação das ex-colônias sul-americanas⁽⁷⁵⁾. Entretanto, não achava prudente, nem sequer viável, a idéia de Canning de manter o sistema

(69) Carta ao Rev. Hill, de 23 de dezembro de 1817. *Fitz Park Museum Mss*, ff 145-6.

(70) Carta a Charles Wynn, de 29 de dezembro de 1822. *Selections*, vol. 3, p. 369; carta ao Rev. Hill, de 30 de maio de 1818. *Fitz Park Museum Mss*, ff 153, 154; John Lemprière, cônsul inglês em Pernambuco, de uma família nobre das ilhas do Canal da Mancha. Seu pai era cônsul em Faro, Portugal, quando Southey ali esteve em 1800 (*Journals*, p. 45; cf. Payne, J. Bertrand. *A Monograph of the House of Lemprière*. Edição particular, 1862).

(71) Em carta a Charles Wynn, de 20 de dezembro de 1822, ressaltava Southey: “The question of providing religious instruction, that is, of forming a Church Establishment for our new colonies, is one which should be considered without delay as ultimately of the greatest importance. . .” (*Selections*, vol. 3, p. 369).

(72) Webster, Charles K. *Great Britain and the Independence of Latin America*, p. 36.

(73) Southey, Robert. *History of Brazil*, vol. 3, pp. 877-8.

(74) Carta a John Rickman, de 13 de maio de 1821. *L&C*, vol. 5, p. 81.

(75) Webster, Charles K. *Great Britain and the Independence of Latin America*, p. 14 (ofício de 1817).

monárquico no Brasil. Em 1821, comentava com Walter Savage Landor: “velhas monarquias não podem ser convertidas em repúblicas ou novos Estados coloniais em monarquias”⁽⁷⁶⁾. Era a triste verdade demonstrada pela Península Ibérica nos últimos anos, assim como pelas colônias espanholas. Southey era cético quanto ao projeto dos ingleses de distribuir príncipes das dinastias peninsulares pelas diferentes colônias da América do Sul⁽⁷⁷⁾. Fazia os piores alvitre sobre o futuro de Dom Pedro e Dom Miguel e via como iminente a extinção da monarquia no Brasil⁽⁷⁸⁾. Impressionava-se com os sintomas da crescente influência do partido republicano no Brasil. Em 1817, quando da revolução em Pernambuco, ouvira rumores sobre a existência na Bahia de um grupo de apoio aos revolucionários⁽⁷⁹⁾. Em 1826, comentava que o partido republicano no Rio era o grande aliado dos uruguaios em sua guerra contra o Brasil⁽⁸⁰⁾.

Em 1821, acompanhava as dificuldades de seu amigo John May, comerciante que abriu falência no Rio. Este fato contribuiria bastante para carregar de pessimismo suas expectativas sobre o Brasil. Nas colônias comerciais, em geral, faltavam as condições fundamentais para o sistema monárquico. Por outro lado, diminuindo o poder central, que era uma sombra pelo menos de autoridade constituída, qualquer revolução no Brasil levaria à desunião das capitânicas, que se separariam em dezenas de Estados, precariamente independentes. Os revolucionários tenderiam certamente a adotar uma constituição segundo o modelo dos Estados da América espanhola: “Somente o medo de uma insurreição da população negra moderaria o partido revolucionário”⁽⁸¹⁾. Em 1821, ao saber da revolução da junta no Pará, escrevia Southey, para o tio:

o resultado certo da revolução do Brasil será a divisão do país entre tantos Artigas e Aguirres quantos forem capazes de manter

(76) Carta a Walter Savage Landor, de 19 de dezembro de 1821. *NL*, vol. 2, pp. 231-2.

(77) Webster, Charles K. *Great Britain and the Independence of Latin America*, p. 30.

(78) “The next portion of Braziliam history will be from the arrival of the Court to their expulsion or to the extinction of the Monarchy — I hope it may be a longer interval than at present appears likely...” (carta ao Rev. Hill, de 8 de fevereiro de 1818. *Fitz Park Museum Mss*, ff 147, 148). Aliás, este seria o tema de John Armitage, que pretendeu fazer a continuação da obra de Southey.

(79) Carta ao Rev. Hill, de 8 de fevereiro de 1818. *Fitz Park Museum Mss*, ff 147, 148.

(80) Carta a John Rickman, de 30 de março de 1826. *Selections*, vol. 3, p. 537.

(81) Carta a John May, de 1821. *Selections*, vol. 3, pp. 254-5.

unido um regimento de bandidos. Não vejo o que possa salvar o interior...⁽⁸²⁾

Em 1826, com o delinear-se da crise que levaria à abdicação de Dom Pedro I, previa o desencadear de uma revolução e em poucos anos a tomada de poder pelos pretos, que ficariam, como em São Domingos, senhores do Rio, Bahia e Pernambuco⁽⁸³⁾.

A iminência de uma revolução viria frustrar as grandes potencialidades, todas as esperanças que tinha no futuro do grande país colonizado pelos portugueses, cortando e interrompendo sumariamente aquele lento processo civilizador interno, que percebia em andamento no Brasil contemporâneo e cujo germinar e lento crescer através do tempo procurou captar e delinear na *História do Brasil*.

(82) Carta ao Rev. Hill, de 14 de março de 1821. *Fitz Park Museum Mss*, ff 15, 16; carta a J. G. Lockhart, 2 de janeiro de 1826. *NL*, vol. 2, pp. 297-9.

(83) Carta ao Rev. Hill, de 13 de agosto de 1827. *Fitz Park Museum Mss*, f 95.

XI — HISTÓRIA DO BRASIL: ESTILO E CONCEITUAÇÃO

Em sua obra sobre o Brasil, Southey não idealizaria um novo mundo utópico e perfeito. Pelo contrário, faria a crítica da colonização portuguesa, procurando acompanhar, através de uma narrativa factual e pormenorizada, a formação de uma sociedade civilizada nos trópicos, apesar dos males inerentes à colonização comercial e a um povo limitado pelas superstições e crueldades próprias de seu tempo e da sua cultura. Moralista e crítico, seguro da superioridade do protestantismo anglo-saxônico, analisaria as falhas, os erros e os vícios do meio tropical e da metrópole portuguesa, admirado de que a partir de recursos tão insignificantes e de sementes tão mesquinhas pudesse desenvolver-se lentamente o processo orgânico de formação de um futuro Estado português, católico e tropical. Ao reviver o processo de continuidade histórica, através da colonização, pretendia trazer uma contribuição nova para os conhecimentos históricos, encontrando o elo perdido no conhecimento do processo de transição da selvageria para a civilização⁽¹⁾. Intelectualista, obcecado com estágios mentais, estudaria o processo de desbravamento dos sertões, a partir de uma geografia “hipotética”⁽²⁾, dando maior ênfase aos fatores morais,

(1) *Selections*, vol. 3, p. 110.

(2) O mapa do segundo volume revelaria bem o interesse jornalístico contemporâneo. Seria o primeiro mapa e o mais atualizado e completo sobre a América do Sul (*NL*, vol. 1, p. 504). Com o auxílio do capitão James Burney e de John Rickman, Southey comparava fontes e descortinava novas cabeceiras de rios, num grande esforço de “geografia hipotética...” Baseava-se nos mapas de Sobrevielas, publicados no *El Mercurio* peruano, nos mapas de Barlaeus, de Dobrizhoffer; esperava um hidrografo da América Central, chamado Broza, que, segundo Aaron Arrowsmith, chegaria logo à Inglaterra, com um mapa manuscrito da América do Sul que estaria à sua disposição... (*Fitz Park Museum Mss*, carta inédita de julho de 1824, ao Rev. Hill, f 43). Em 1809, julgava-se igualmente apto a oferecer o quadro mais completo que jamais viera a público sobre os mistérios da África (*Fitz Park Museum Mss*, de 15 de outubro de 1809, ff 47, 48). Em 1815, anunciava uma nova viagem ao Níger e admirava-se do fato de os novos rios e montanhas do continente africano serem batizados com os nomes dos missionários metodistas ingleses... (carta ao general William Peachy, *British Museum Add Mss*, 28603, ff 13, 14).

religiosos e culturais, do que a qualquer condicionamento material, geográfico, racial ou climático.

Sua obra sobre o Brasil, em três volumes, foi a primeira tentativa de sistematização crítica e objetiva dos fatos da história colonial. Nela pretendeu seguir somente a ordem cronológica: "Esta história tem a peculiaridade anômala de ter como único fio condutor a cronologia..."⁽³⁾ Em 1810, ao publicar o primeiro volume, não imaginava que a obra pudesse ficar tão grande. Em 1819, terminava o último volume⁽⁴⁾. O fato é que abria caminho pioneiro em terreno novo e desconhecido, o que tornava difícil planejar: "foi totalmente impossível prever o tamanho, pois não existia nenhum trabalho prévio pelo qual pudesse medir meu trabalho, antevendo o que me esperava. Foi como viajar numa região inexplorada"⁽⁵⁾. Admirava-se da enormidade da tarefa, e do grande esforço que lhe custara cotejar fontes e suprir lacunas⁽⁶⁾. Em 1819, estava convencido de que não existia no mundo precedente de tamanho esforço: "Resta-me a satisfação de saber que não existe, nesta ou em qualquer outra língua, um relatório mais completo da formação de um Estado, desde as origens mais remotas, abrangendo o crescimento, o progresso, o ambiente geográfico, os costumes dos aborígenes, assim como o quadro panorâmico do estado atual em que se encontra..."⁽⁷⁾ Para o segundo volume, até meados do século XVIII, teve como guia a obra de Rocha Pita⁽⁸⁾. Depois, pesquisou como náufrago e

(3) Carta a John King, de 6 de fevereiro de 1810. *Selections*, vol. 2, p. 193.

(4) Carta a C. H. Townshend, de 20 de julho de 1819. *L&C*, vol. 4, p. 352.

(5) Carta a Richard Duppa, de 31 de março de 1809. *L&C*, vol. 3, pp. 226-7.

(6) Em 1822, parecia insignificante o trabalho que estava tendo com a história da guerra peninsular, comparado ao que tivera com a *História do Brasil* (carta ao Rev. Hill, de 17 de dezembro de 1822). *Selections*, vol. 3, p. 358). Cf. carta a Walter S. Landor, de 1809. *Selections*, vol. 2, p. 165. O manuscrito era inteiramente reescrito pelo menos duas ou três vezes (carta a Richard Duppa, de 31 de março de 1809. *L&C*, vol. 3, p. 226); em seguida enviava-os ao tio, que os corrigia e completava, enxertando trechos: "... make any verbal alterations you may think needful, — and send me any remarks in a letter, — for thus we shall save the mss the risk and delay of travelling six hundred miles... You will perceive that the mosaic work of the eighth chapter as been very laborious..." (8 de março de 1809, *Fitz Park Museum Mss*, ff 29, 30). De lá, ia para o editor e as provas voltavam por intermédio de seu amigo John Rickman, funcionário da Casa dos Comuns, organizador do primeiro recenseamento na Inglaterra (1801), que acrescentava comentários e fazia sugestões; Rickman ajudou muito na elaboração do mapa do Brasil para o segundo volume e fez algumas notas, como por exemplo a referente à aguardente extraída da mandioca (carta ao Rev. Hill, de 27 de março de 1809. *Fitz Park Museum Mss*, ff 30, 31).

(7) Carta a G. C. Bedford, de 5 de maio de 1819. *Selections*, vol. 3, p. 130.

(8) "... As far as Rocha Pitta goes, there is a skeleton to build upon, and the catastrophe of the jesuits comes opportunely in after his failure. What a world of work there is before me!" (carta ao Rev. Hill, 28 de novembro de 1814. *Selections*, vol. 3, p. 381). Em carta de 15 de maio de 1816, pedia ao tio que tentasse junto a John Bell, seu correspondente e um dos melhores auxiliares em Lisboa, isto é, dos mais bem informados entre os comerciantes da feitoria inglesa, que procurasse uma

piloto sem mapas⁽⁹⁾: “Nenhum holandês teria colecionado os seus dados com maior perseverança”, escrevia para o tio em 1818⁽¹⁰⁾, procurando esmiuçar e sintetizar uma profusão de dados, num estilo conciso, factual, pormenorizado. Tinha a preocupação informativa, consciente de publicar dados inteiramente inéditos⁽¹¹⁾. Além disso evitou cuidadosamente generalizações superficiais ou precipitadas. De certa forma, ao se propor o estudo da formação do Estado e da ordem civil, seguiu as pegadas de Hume ao lançar os fundamentos da história da Inglaterra. Acontece que enveredou por terreno desconhecido, referindo-se a contatos de povos em estágios opostos de civilização e selvageria, num meio ambiente desconhecido e em regiões tropicais, onde corria o risco fácil de perder-se em generalizações apressadas e em especulações a priori. Este receio, mais o apego à narrativa factual, é o que lhe permitiria uma intuição, de grande valor para sua obra, sobre a diversidade regional e a impossibilidade de traçar normas uniformes para todas as “colônias” do Brasil. É o máximo que se poderia esperar de um trabalho escrito na Inglaterra, sem o conhecimento direto do país:

Não é possível, sem presunção e óbvia injustiça, dadas as diferenças de clima, região e circunstâncias locais, oferecer o caráter geral dos costumes e da moral do povo... (III, 869) (*)

A vivência adquirida durante a estada de um ano em Portugal, mais o apego obsessivo ao destrinchar pormenores, é que daria certa autenticidade duradoura ao seu trabalho, escrito no distrito dos lagos, sobre a formação do Brasil colonial, região ainda inteiramente desconhecida para os ingleses, na época em que foi publicado.

O estilo indutivo e narrativo implicaria uma série de valores e conceitos interpretativos do fenômeno colonizador. Sou-

lista de governadores gerais posteriores a 1724, quando “Rocha Pitta leaves me without a guide..., and the Maranham succession also, from 1718 when Berredo concludes — It is very unimportant to admit, still they serve for miles-stones...” (*Fitz Park Museum Mss*, ff 135-136).

(9) “...Indeed, when I think of the materials from which it has been composed, and how completely during great part of my course, I have been without either charter or pilot to direct me, I look back with wonder upon what I have accomplished...” (carta a Walter Scott, de 2 de março de 1819. *L&C*. vol. 4, p. 338).

(10) 8 de fevereiro de 1818. *Fitz Park Museum Mss*, ff 147, 148.

(11) “... as rich in information of various kind, which has never till now come before the public in any shape...” (carta a Walter Scott, 2 de março de 1819. *L&C*, vol. 4, p. 338).

(*) Nos dois últimos capítulos desta obra as referências a volumes e páginas de *History of Brazil*, de Robert Southey, estão assinaladas simplesmente pela numeração respectiva.

they entremearia aos dados recolhidos dos viajantes modernos informações de fontes manuscritas. Embrenhou-se nos cronistas, cujas ambigüidades e superstições, apropriadas ao espírito de sua época, procurou esclarecer com afínco e paciência. William Taylor criticaria no trabalho o excesso de minúcias nas descrições de costumes, paisagens e episódios⁽¹²⁾. Era um vício proveniente de uma disposição ideológica e consciente. Queria evitar os vãos de imaginação teórica e testar as generalizações abstratas de historiadores racionalistas. Por isso, em seu estilo narrativo, procurava a diversidade dos fatos e dos pormenores.

A *Blackwood's Magazine* reiteraria a mesma crítica com mais maldade⁽¹³⁾. William Taylor comparava o estilo de narrativa pictórica e elaborada de Southey com Wordsworth e Humboldt.

Southey, por sua vez, só via aspectos positivos no estilo de Wordsworth; tinha uma admiração especial por Humboldt e, ao chamar atenção para a importância de sua obra, diria que ocupava entre os viajantes a posição de Wordsworth entre os poetas⁽¹⁴⁾.

Southey absorveria algo da teoria "ecológica" das plantas e dos minérios de Humboldt, transpondo-a para o estudo pormenorizado do enraizamento e da aclimação do homem europeu no novo mundo, o que o levaria do tema do desbravamento e da conquista dos sertões para o tema da escravidão e finalmente para o estudo do grande fenômeno da mestiçagem, que considerava decisivo na formação política, social e cultural do Brasil. Em sua obra, mais do que as teorias de condicionamento do meio-ambiente de Montesquieu, Southey refletia a mesma preocupação do botânico e do viajante, seu contemporâneo, com a adaptação "geográfica" dos colonos e das instituições européias ao novo clima tropical: "Será que você pode me emprestar o ensaio de Humboldt sobre a biografia das plantas? Sem dúvida deve conter muitas informações sobre o Brasil..."⁽¹⁵⁾

(12) William Taylor faria a resenha do primeiro volume da *História do Brasil*, na *Monthly Magazine*, e escreveria a Southey: "... I project already to complain of the completeness of detail, of the more than German exhaustion of consultable authority, and of the sailor-like micrology of description..." (carta a Robert Southey, de 1.º de junho de 1810. Robberds, J. W., org. *Memoirs of the Life and Writings of William Taylor*, vol. 1, p. 293).

(13) "The most unreadable production in our time. Two or three elephant folios about one single portuguese colony. Every little colonel, captain, bishop, friar discussed at as much length as if they were so many Cromwells and Loyolas..." (*Blackwood's Edinburgh Review*, fev. 1824).

(14) "Your heroes never travel in seven-league boots, but rather a Humboldt. Wordsworth carries further than you the narratory manner, and the magnification of trifles, but you Wordsworthize too often..." (carta de William Taylor a Robert Southey. Robberds, J. W., org., op. cit., vol. 1, p. 455); em carta de 19 de dezembro de 1821, para Walter Savage Landor, Southey comparava Humboldt com Wordsworth (*L&C*, vol. 5, p. 106).

(15) Carta aos editores Longman and Co., 3 de setembro de 1814. *L&C*. vol. 4, p. 80.

Através da narrativa factual, Southey pretendia seguir o processo de crescimento evolutivo, orgânico, lento e aleatório, de formação da comunidade social e do Estado-Nação; queria reconstruir, na *História do Brasil*, as diferentes etapas do progresso da selvageria para a civilização; estudar condições de coesão interna, retratar as origens das tradições de nexos moral, capazes de unir os homens em um Estado, como *Nação*... Era essencialmente pessimista quanto ao tipo de colonização realizado pelos portugueses; cético com relação às forças do mal, inerentes à natureza humana. Tinha uma posição ideológica a afirmar e uma série de valores em torno dos quais moralizar. Partia de valores fundamentalmente anticapitalistas e não acreditava no sucesso de um empreendimento colonizador que era levado a efeito por motivos exclusivamente materiais: a cobiça, a ambição de lucro comercial, a exploração de metais preciosos, a pilhagem, a conquista e a opressão fiscal... A colonização, tal como Southey a concebia, constituiria um elevado dever humanitário, seria essencialmente um fenômeno cultural e religioso.

Discípulo de Burke, e companheiro de Coleridge, tinha em mente a continuidade das tradições e a imagem orgânica do Estado como fruto dessa continuidade; para ele o corpo social não seria apenas um aglomerado de indivíduos. Retomava a tradição de Hume, enraizada na historiografia inglesa, de valorizar as antigas tradições, inerentes às modernas constituições políticas, e de estudar a formação histórica da sociedade civil, das leis e do Estado. Obcecado com este processo cultural de continuidade histórica, Southey encarava por princípio, com ceticismo, o sucesso da transplantação de instituições da metrópole para as colônias. A colonização implicaria uma ruptura na continuidade do processo histórico, subentendendo o desenraizamento e a fragmentação das tradições dos colonos no novo mundo. Usava e abusava (como aliás o fariam, com bastante frequência, todos os seus contemporâneos) da imagem e da metáfora da árvore, da vegetação, para referir-se ao curso do processo histórico: as instituições, como as plantas, se ressentiam de qualquer mudança brusca (III, 58). Southey descrevia metaforicamente os selvagens, nas reduções jesuíticas, "como plantas que nasciam na sombra e não agüentavam o sol" (III, 374). Preocupado com a imagem da ordem e do Estado, inerente a qualquer comunidade social, tendia a reagir contra o princípio de ruptura e desenraizamento da obra colonizadora. Os colonos, arrancados do seu meio, tendiam a degenerar e a cometer desatinos, no mundo novo e desconhecido dos trópicos, em que se viam lançados:

Os episódios chocantes de cobiça, crueldade e opressão que ocorrem na administração de colônias distantes, e especialmente nas conquistas, são bem conhecidos em épocas mais humanas e entre pessoas também mais humanas. Como indivíduos, os homens precisam, para seu próprio controle moral, da consciência permanente e da presença efetiva de uma justiça consciente e retributiva; como membros de uma comunidade, requerem igualmente o sentido constante da existência de leis que sejam o padrão supremo e permanente pelo qual pautem suas ações. Entretanto, raramente a lei e a religião acompanham um exército; formalmente suspensas, não sobrevive por muito tempo a sua influência... (III, 58)

A experiência da Revolução francesa, a frustração dos sonhos de renovações políticas tornavam-no descrente de novos mundos e céticos de aventuras que envolviam o rompimento de tradições.

A missão colonizadora seria privilégio exclusivo das nações no mais elevado estágio de civilização. Não via a colonização como empreendimento de conquista ou de exploração comercial; pelo contrário, tratava-se de empreendimento cultural, civilizador e humanitário. A colonização somente se justificava quando um povo precisava de espaço para sobreviver, plantar e cultivar a terra, conservar a sua língua, os seus costumes e suas tradições (I, 125). Os romanos tinham tido sucesso ao colonizar pela força. Já os espanhóis do Paraguai e do Prata, que colonizavam por cobiça de ouro e por ambições puramente materiais, tinham fracassado em sua missão, causando todos os males que surgem inevitavelmente em colônias de conquista, sem trazerem nenhuma compensação civilizadora (ibid.). Southey era de opinião que a colonização portuguesa tivera apesar de tudo mais sucesso do que a espanhola no Prata e no Paraguai. Sucesso relativo, levando-se em conta as deficiências da metrópole, as limitações impostas pelo espírito da época, pelo despotismo português, advindo das superstições católicas, da falta de justiça e do tribunal da Inquisição. "A época e o povo eram maus, mas, apesar disso, encontravam-se exemplos de bondade; nas piores épocas, entre os piores povos, sempre se encontra algo de bom..." (II, 311) Observações como esta emprestavam à sua obra o tom moralista que tanto irritaria os portugueses, que de início receberam mal sua obra⁽¹⁶⁾; sem falar

(16) Em carta para o Rev. Hill, de 24 de abril de 1818, Southey se queixava de Hipólito da Costa "... Neither he, nor the Investigador, have ever mentioned my work, not even in their list of new publications..." (*Fitz Park Museum Mss*, ff 46, 47).

no nativismo dos brasileiros da primeira metade do século XIX e em especial dos historiadores da corte, reunidos a partir de 1840, no Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro.

Southey escreveu a *História do Brasil*, sob a pressão dos movimentos de separação e de independência das colônias espanholas. Voltou-se contra as revoluções liberais, que pretendiam criar novos Estados independentes. Através do método pormenorizado e factual, pretendia afirmar o princípio ideológico conservador de um crescimento histórico, necessário, lento, contínuo, quase vegetativo, que envolvia o tempo, mil fatores de integração, o lento enraizamento dos costumes e das tradições, até que se esboçassem os germes de um futuro Estado nacional. O relativo partidarismo com que via a América do Sul, que o levava a ver com maior otimismo os destinos da América, tinha em parte raízes no seu preconceito contra o jacobinismo dos “creolos” espanhóis. Referindo-se ao Brasil, via

... boas e gloriosas perspectivas para o futuro, desde que escapasse à praga da revolução, que viria destruir a felicidade de toda a geração atual, trazer a anarquia e a guerra civil e terminar por dividir o país em inúmeros e insignificantes Estados, hostis uns aos outros, e que teriam de vencer muitos anos de sofrimento e derramamento de sangue, antes que se recuperassem do estado de barbarismo em que se veriam mergulhados... (III,878)

O historiador do Brasil opunha-se à interpretação racionalista de um progresso unilinear. Em sua obra, Southey via a obra colonizadora como um processo evolutivo, de simbiose, às vezes de retrocesso e decadência, de dispersão e regressão cultural. Procurava seguir o crescimento orgânico de uma nova sociedade nos trópicos, através de fatores aleatórios e do acaso; “o que foi poderia não ter sido...” Contra o racionalismo utópico de homens como Bentham ou Miranda, que pretendiam através da razão abstrata e de constituições artificiais criar Estados novos, Southey evocava as teorias de Burke sobre o encadeamento cumulativo de gerações, preconceitos e tradições.

O seu estudo sobre a formação da nova sociedade colonial seguiria um ritmo de continuidade e de crescimento vegetativo, quase aleatório; pequenas causas acabariam por gerar, no fim de três séculos, grandes efeitos inteiramente imprevisíveis. Mil forças, em si malélicas, teriam afinal gerado as sementes de uma nova nacionalidade portuguesa: “no grande plano universal da provi-

dência divina, os males vêm para o bem”(17). Era o que diria, por exemplo, sobre a mineração em Vila Rica:

Não trouxe nenhuma prosperidade permanente, pois não estimulou um trabalho regular, nem sequer bons costumes; entretanto, é certo que efetuou grandes benefícios. Não fosse o espírito empreendedor despertado pela paixão do ouro, este vasto território, assim como as regiões ainda mais extensas de Goiás e Mato Grosso, teriam permanecido insubmissas e mesmo inexploradas. A população, atraída pelo ouro, espalhou-se, ocupando a terra. Apesar de circunstâncias desfavoráveis para gente de todas as classes, apesar de um baixíssimo nível moral e intelectual, deitaram-se firmemente os fundamentos da sociedade civil; de modo que o povo ficou pronto para participar dos melhoramentos que o sistema mais liberal, resultante da vinda da corte e da abolição de tantas restrições prejudiciais, não podia deixar de induzir... (III, 880)

Southey, para o qual a colonização deveria ser empreendimento sobretudo de iniciativa estatal, encarava com ceticismo crítico a colonização portuguesa, tendo em vista as múltiplas deficiências da atuação da metrópole. No caso das possessões brasileiras “descobertas por acaso e durante muito tempo relegadas ao acaso”, foi pela iniciativa particular e pela operação das leis inerentes à natureza humana e à sociedade que o grande império foi tomando forma. Um dos temas predominantes em sua obra são as omissões da coroa, a falta de poder e de recursos da metrópole.

Em toda a história da América portuguesa e espanhola, nada parece tão digno de nota como a aparente inadequação dos esforços e meios empregados diante do vulto da tarefa que se propunham e diante dos efeitos que conseguiram (I, 400).

No primeiro volume, Southey acompanhou as vicissitudes iniciais, o desinteresse da metrópole (I, 311), o crescimento esporádico e vegetativo das capitânias do litoral. Depois de 1576, reviveu a profunda crise da coroa e de Portugal, na iminência da desgraça. A falta de recursos da metrópole, assim como os poucos meios de que dispunham os colonos no litoral, em sua luta constante contra selvagens e invasores estrangeiros, permitiriam ao historiador explorar na narrativa o suspense do acaso, dos riscos,

(17) *Selections*, vol. 3, p. 358.

do incerto, do aleatório. Tratando da luta contra os holandeses, observaria que, talvez

em nenhuma guerra jamais os meios foram tão desproporcionados aos fins; duas nações lutavam por um império do tamanho de toda a Europa civilizada e o conjunto das forças de ambos os lados nunca foi maior do que quinze mil homens... (I, 556)

Do mesmo modo, a expulsão dos franceses não parece ter despertado o reconhecimento da metrópole, que não procurou sequer recompensar os colonos. Entretanto, foi um acontecimento decisivo para a sobrevivência dos portugueses na América; a defesa da colônia foi relegada a voluntários, servindo por sua própria conta e risco (I, 311). Referindo-se à sua vulnerabilidade, comentava Southey que nunca antes colônias foram tão cruelmente negligenciadas (1634)⁽¹⁸⁾. Aludia à perda iminente do Maranhão, em 1684, quando da revolta de Beckman, e às inúmeras deficiências de recursos da expedição de Gomes Freire: “muita expedição bem planejada e muitos objetivos importantes foram perdidos por causa de uma parcimônia fatal que levou os homens a lançarem mão dos mínimos recursos viáveis, em vez de enviar forças suficientes, do ponto de vista humano, para assegurar o sucesso. Nessa ocasião específica tivessem os rebeldes demonstrado maior decisão ou tivessem os homens que os enfrentaram sido menos decididos, Portugal teria perdido o Maranhão” (II, 619).

Casos como este permitiriam ao historiador reviver a crônica dos pequenos incidentes, do “quase”, “por um fio”, do contingente, do dia-a-dia da colônia, dando vida à narrativa e ao estilo com o qual o historiador pretendia interpretar o processo histórico, curiosamente sugestivo das inovações pioneiras, meramente formais de uma fase de transição da historiografia ilustrada de Robertson para a historiografia romântica de William Prescott⁽¹⁹⁾.

O desleixo e a falta de meios emprestavam um caráter aleatório e vegetativo ao crescimento do Brasil, conforme exprime Southey na introdução: “extenso como é agora e poderoso como deve tornar-se um dia” (I, I — Introdução). O moralismo do historiador, o seu pessimismo sobre os males da natureza humana e a atmosfera anárquica da sociedade colonial levaram-no a expri-

(18) I, 501, 506 e 551; III, 18-9, 45-6.

(19) Levin, David. *History as Romantic Art (Bancroft, Prescott, Motley and Parkman)*. Stanford Univ. Press, 1959; Peardon, Thomas P. *The Transition in English Historical Writing (1750-1830)*. Nova York Columbia University Press, 1933.

mir-se com ceticismo sobre as perspectivas de colonização relegada à iniciativa privada, desprovida de leis e sem a autoridade do Estado. A sua obra sobre o Brasil é eminentemente partidária e valorativa. O que realmente contaria para Southey, que vivia a fase crítica da Revolução industrial, seria a idealização dos antigos valores cavaleirescos, feudais, que desapareciam da Inglaterra. Em sua obra sobre o Brasil, tinha consciência de escrever uma história não menos importante do que a da Mãe-pátria, mas totalmente destituída das tradições feudais, cuja beleza gostaria nostalgicamente de evocar (ibid.). Referia-se à história do Brasil como sendo menos gloriosa do que a do império da Ásia; em sua obra, perdia-se na mesquinhez do dia-a-dia e do terra-a-terra, sem mesmo poder exaltar um processo nítido de progresso. Tudo que tinha a contar, dizia respeito à gente rude e atrasada, à luta obscura pela sobrevivência, à mestiçagem e a um processo de desbravamento, que fazia os colonos regredirem, em vez de progredirem em civilização e cultura:

... pesquisando os seus anais, o historiador há de sentir repulsa e revolta com maior frequência do que os sentimentos exaltados, que é sempre mais grato despertar nos leitores. Tenho de falar de selvagens tão desumanos, que pouca simpatia se pode sentir pelos sofrimentos que suportaram; tenho de falar de colonos de cujos triunfos não me posso alegrar, porque não foram menos cruéis do que os canibais, contra os quais guerrearam, e que, sendo cobiçosos, além de bárbaros, cometeram os piores crimes, pelos mais vis dos motivos... (Ibid.)

Males agravados pelo recurso a colonos degredados, que Southey em princípio condenava como maus agentes de colonização e com isso completava as cores sombrias com que pintava o quadro brasileiro: "O contacto com os selvagens só resultou em males: uns tornando os outros piores..." (ibid., I, 23-4). Os colonos, em vez de melhorarem sua condição, eram em tudo encorajados a cometer atrocidades.

Na conceituação de sua obra, em que assoma a mesquinhez dos motivos materialistas da colonização portuguesa, Southey seria levado a dar um realce especial ao papel dos jesuítas na colonização. Destacou, desde os primórdios das capitânicas, o seu desempenho essencial em suprir as deficiências da coroa, quer na defesa do litoral (ibid., I, 326), quer na arregimentação da mão-de-obra, sem a qual, nos primeiros tempos, se teria frustrado todo o empreendimento dos portugueses na América. O histórico do tra-

balho missionário e da formação dos aldeamentos jesuíticos seria o grande tema de sua obra, senão o essencial⁽²⁰⁾. Southey analisaria com cuidado o papel dos jesuítas e o de suas relações com o Estado na América portuguesa. Apesar de sua beatice e do seu fanatismo supersticioso, reconheceria a importância da obra da Companhia de Jesus, na formação do Brasil, não apenas através da sua imensa obra de aculturação de selvagens, como, sobretudo, na sedimentação de valores morais que seriam as sementes da ordem estatal. Em 1818, apontava como principal causa das guerras civis e da emancipação intempestiva das colônias espanholas a expulsão prematura dos jesuítas:

... não fora a sua imensa obra tão bruscamente cortada, talvez tivessem completado a conversão e a civilização de todas as tribos nativas; e provavelmente teriam poupado as colônias espanholas dos horrores imediatos e das conseqüências barbarizantes da guerra civil... (III, 373)

Nada seria mais sedutor para os sentimentos de nacionalismo teocrático do companheiro de Coleridge. Na análise do trabalho dos jesuítas nas Américas portuguesa e espanhola, Southey teria certamente no pensamento a "clerisy" do Estado-Nação de Coleridge, com sua missão integradora de conflitos de raças e classes. Processo semelhante forjaria mais tarde, no elitismo da consciência política do Império brasileiro, os mitos relativos ao caldeamento das raças e ao paternalismo dos portugueses.

O historiador concebia o processo histórico e até a própria colonização como etapas no aperfeiçoamento da razão e no processo evolutivo e cíclico da moral humana. Como Vico, concebia a religião como fator primordial na história da moral e da formação das comunidades, orientando a evolução cultural e a fixação de populações nômades em processo de sedentarização. Assim como criticava Gibbon, por sua visão atéia e negativa do cristianismo, voltava-se também contra Robertson, por ignorar o papel primordial dos pajés ou conjuradores no processo de evolução cultural dos selvagens (I, 250). Para Southey, os religiosos seriam os agentes ideais, os melhores colonos que Portugal poderia enviar às novas terras (I, 259 e 305). Southey tomaria como pressuposto que o grande trunfo colonizador dos portugueses teria sido a força da sua religiosidade, mesmo supersticiosa, tanto na fixação

(20) Carta aos editores Longman & Co., de 3 de setembro de 1814. *L&C*, vol. 4, pp. 80-1.

das populações, como na defesa do território, contra os huguenotes franceses ou os protestantes holandeses⁽²¹⁾. Era a evocação da antiga tenacidade da reconquista (I, 285):

Estes homens batizam e fazem casamentos e são sem dúvida úteis na conservação das formas essenciais da sociedade civil, mesmo incentivando uma crença cega e ignorante; pois as corrupções idólatras da Igreja romana, grosseiras e monstruosas, ainda assim são melhores, muito melhores mesmo, do que a completa falta de religião... (III, 777).

A religião seria fator básico para a manutenção da ordem social nos empreendimentos coloniais (II, 266):

Mesmo quando deformado e distorcido, o cristianismo ainda é, por causa de certos preceitos morais e familiares, dele inseparáveis, um grande e poderoso agente de civilização, um dom de valor inestimável (II, 223).

O historiador abordaria o desbravamento da terra, que é o principal tema da obra, sob um prisma essencialmente intelectualista; pretendia destrinchar valores de motivação, estudar o estado mental dos homens da época e analisar o progresso da civilização. O movimento épico de expansão territorial marcava o processo histórico brasileiro. Este, decorrendo mais no espaço do que no tempo e sendo de certa forma estático, prestava-se maravilhosamente à ideologia conservadora, que via o processo histórico como contínuo, orgânico, quase vegetativo. Através da revivência pormenorizada dos grandes temas de sobrevivência, abastecimento, e cultivo da terra, Southey não estava preocupado em impor um sistema teórico de interpretação, mas nem por isso deixava de extrair dos fatos e das comparações entre os diferentes estágios culturais dos selvagens e das zonas fronteiriças, uma teoria da civilização, que corresponderia, em seus fundamentos, à ideologia conservadora e nostálgica dos artesãos ingleses, marginalizados pela Revolução industrial: religiosa, patriarcal, pré-capitalista, voltada para uma comunidade antiga, agrária, cristã, de núcleos familiares, que pressupunha colônias de povoamento, como a dos puritanos da Nova Inglaterra. É o que carregaria de cores sombrias o seu quadro da colonização comercial no Brasil, marcado

(21) I, 449, 567; II, 18, 22, 48, 71, 161 e 35.

pela degeneração dos costumes, da religião e da moral, causada pela escravidão, e pela falta de cultura de subsistência: miséria, fome, turbulência, crimes, doenças... Varnhagen e os nativistas do Instituto Histórico se revoltariam contra esta apreciação de Southey, que consideraram ofensiva para o caráter nacional dos brasileiros do novo império.

Através do estudo da colonização portuguesa nos trópicos, Southey elaborava os estudos etnológicos dos ilustrados sobre a diversidade cultural da humanidade, que via como uma evolução gradativa de estágios mentais. Ao reviver o processo de formação de uma comunidade, desde as suas mais remotas origens, estudava a variedade dos costumes selvagens e o processo de aculturação, a evolução da selvageria para a civilização, procurando reencontrar em sua obra o "elo perdido" na história da humanidade.

Pretendia trazer uma contribuição revolucionária para o estudo dos costumes etnológicos e tentava uma interpretação mais dinâmica e particularista dos costumes selvagens do que a dos ilustrados, o que não chegou a realizar. De sua busca, porém, ficou o estilo minucioso, o cuidado com que armazenava dados comparativos, coligidos do estudo de viajantes de outras partes do mundo e o acúmulo de informações sobre as mais diversas nações indígenas com que deparava, através dos documentos para a história do Brasil (I, 48-9). Procurava explicações compatíveis com a grande cadeia de seres da gênese bíblica e não chegaria a se desprender do conceito da evolução por estágios rígidos de Lineu, apropriada à hierarquia estática do cristianismo.

Refletiria, pois, em sua obra, as ambigüidades e as contradições de seu pensamento, enraizado na herança do século XVIII e já voltado para os valores e a sensibilidade dos românticos. Na *História do Brasil*, recapitulava a evolução do estágio nômade para o sedentário, através do estudo dos mitos, dos cultos religiosos e da diversificação de ocupações necessárias à sobrevivência, como a agricultura e a organização familiar, onde se comprazia em vislumbrar as origens do sentimento de apego à terra e o culto às tradições, de que proviriam as comunidades nacionais⁽²²⁾.

A sua teoria civilizadora com raízes na antiga Inglaterra agrária e patriarcal aplicava-se igualmente ao estudo das tribos aborígenes e à reconstrução do empreendimento português de des-

(22) Hodgen, Margaret T. *Early Anthropology in the Sixteenth and Seventeenth Centuries*. Filadélfia, Univ. of Pennsylvania Press, 1967. p. 386; Harris, Marvin. *The Rise of Anthropological Theory (a History of Theories of Culture)*. Nova York, Thomas and Crowell, 1968. pp. 18 ss; Service, Elman R. *Cultural Evolutionism (Theory in Practice)*. Nova York, Rinehart and Winston, 1971. p. 21.

bravamento e ocupação da terra: “Era uma conquista tanto como um plano de colonização...” (I, 48-9) Como William Robertson, seria através de estágios mentais, de valores morais e do aperfeiçoamento do potencial de virtudes humanas, que o historiador reviveria as formas de ocupação da terra, opondo o zelo cultural e civilizador dos jesuítas às tendências dispersivas e anárquicas da motivação material, individualista, de aventureiros em busca de ouro e escravos; como Chateaubriand, Walter Scott ou William Prescott, via-os errantes, semibárbaros, incapazes de fincar raízes e se arraigar ao solo, de se dedicar à agricultura e de cimentar com a religião os laços comunitários e o cultivo das tradições dos ancestrais.

Através da narrativa factual, minuciosa, de colorido quotidiano, o historiador estabelece polaridades entre os princípios de desagregação e dispersão dos conquistadores, dos “aventureiros” paulistas, e as superstições religiosas, civilizadoras, dos missionários jesuítas.

Teria, como tema central, a ocupação do território e não deixaria pois de se preocupar com fatores geográficos. Atribuía, por exemplo, a decadência da colonização espanhola no Paraguai ao fato de ter sido feita do interior para o litoral, o que explicaria o isolamento, as dificuldades de comunicação; demorava-se em descrições de sítios, paisagens e vegetação. Estava sempre atento, em sua obra, à influência do clima, gerando obstáculos e mesmo doenças tropicais; demorava-se em analisar a aclimação de novas plantas europeias, assim como o aproveitamento de produtos nativos, como a mandioca. Entretanto, renegaria em sua obra qualquer determinismo geográfico ou climático. Tinha o seu modo peculiar de ver o processo colonizador; seus juízos valorativos pressupunham uma teoria civilizadora e uma interpretação intelectualista das forças históricas: no primeiro volume da *História do Brasil*, analisava o processo da formação da colônia através do confronto do papel paradoxalmente civilizador das superstições dos jesuítas e da ambição de lucro material. Estudava, de um lado, a falsa hagiologia de milagres dos padres jesuítas e, de outro, o papel histórico das lendas do Eldorado, difundidas pelos conquistadores.

Sob esse prisma amplo, abarcava inicialmente a América portuguesa e espanhola, do Amazonas ao Prata, num todo uniforme; abordou, em seguida, o fenômeno da diversidade regional, com o estudo da degeneração dos colonos espanhóis do Prata, fenômeno que tinha como próprio de toda e qualquer colônia, mas

que teria afetado mais drasticamente os colonos espanhóis, do que os paulistas (ibid., I, 329). No decorrer de sua obra, também faria o paralelo e o confronto das antigas regiões da lavoura litorânea com as regiões mais novas do Maranhão e Pará, assim como do Piauí, das áreas de mineração e do Rio Grande do Sul.

O tema comum aos primeiros colonizadores seria a obsessão da busca de metais preciosos. Por este motivo, Southey preocupava-se em estudar, como expressivas do clima de opiniões da época, as lendas do Eldorado, difundidas a partir da América Central, dos reinos de Bogotá, Tunjo e Novo Reino de Granada para o Peru e de lá para o Paraguai, onde se localizaria o "Grão Moxo". Dom Martín Del Barco descreveria o misterioso palácio de ouro, localizado numa ilha no meio de um lago, construído com pedras brancas, tendo duas torres na entrada. . . (I, 371-3) Eram lendas obviamente inspiradas nos romances medievais, presentes no *Amadis de Gaula* e no *Palmerin de Inglaterra* (I, 373) e que voltavam à moda em função da avareza e da cobiça dos aventureiros, servindo mesmo como "isca para atrair colonos ao novo mundo". Como tal e não por credulidade, eram divulgadas por conquistadores, como Sir Walter Raleigh, nas Guianas, ou por Gabriel Soares de Sousa, no rio São Francisco (I, 376). Cabeza de Vaca, no Paraguai, repreenderia seus homens por desejarem permanecer na ilha dos Orejones, que lhes parecia um paraíso terrestre. Condenava o seu objetivo mesquinho de paz e sossego, perguntando-lhes se, por acaso, tinham vindo da Espanha apenas para enriquecer e voltar para a metrópole ou para se abandonarem a um jardim de delícias (I, 154). Seria a mesma a reação dos homens de Américo Vespucci, em 1501:

a terra era linda e tinha em abundância tudo que poderia desejar o coração do homem: a esplêndida plumagem dos pássaros, árvores exalando perfumes e destilando gomas e sucos, com virtudes de prolongar a vida (I, 17).

Nenhum desses atrativos, entretanto, seria capaz de retê-los, ao perceberem que não havia metais preciosos na região. Para Southey, as lendas do Eldorado teriam servido sobretudo "como iscas para atrair a cobiça vulgar" (I, 77 e 167): Orellana, interessado em colonizar, não hesitaria em inventar histórias para atrair aventureiros. Diogo de Ordas e Yrala também divulgariam relatos fantásticos, que ouviam dos índios (I, caps. III e IV).

Os primeiros conquistadores vinham em busca de ouro, não se interessavam pela fertilidade e pelo cultivo pacífico da terra.

A cobiça e ambição de lucro material era a mesma entre portugueses e espanhóis. De início, os portugueses preferiam o comércio de especiarias do Oriente, ao passo que os espanhóis estavam obcecados pela busca de metais preciosos. Ambos, porém, desprezavam a agricultura e com isso o trabalho primordial de subsistência (I, 59). Para Southey, muitos dos maus aspectos da colonização ibérica prendiam-se diretamente à falta de cuidado pela terra e à imprevidência dos colonos. Como resultado disso, a fome rondava os conquistadores no seu falso paraíso. Como acontecera com Mendoza em Buenos Aires, tendiam em geral os primeiros conquistadores a confiar imprudentemente no fornecimento de provisões pelos selvagens, vendo-se muitas vezes reduzidos aos horrores da fome e da morte por inanição (I, 64-5). Southey demorar-se-ia em descrever as privações de Ayolas e de seus homens, padecendo de falta de alimentos e preocupados em encontrar uma região onde cresciam em abundância milho, maçãs (sic) e raízes, de que os selvagens faziam aguardente. Duas vezes tiveram os colonos de abandonar Buenos Aires por motivo de assaltos dos índios e de falta de alimentos... (I, 126, 129) Eram males provindos de uma exploração viciada e perdulária, por certos erros básicos de orientação dos colonizadores, de onde deixarem frustrar-se a oportunidade, que se oferecia para eles, de reconquistar, pelo seu trabalho, através do cultivo da terra, um novo Éden terrestre. Por ambição e gana desabrida, não somente tinham preguiça de transformar e cultivar a terra, como se aventuravam pelas selvas, arriscando-se a morrer de fome. Imprudentes, partiam os caçadores de índios pelo Amazonas, sem defesas, sem esperar as monções, sem prever meios de subsistência, ficando reduzidos a um estado lastimável, os membros inchados e o fígado doente (II, 642).

Preocupava-se, sobretudo, em estudar a fantasia, as lendas e a motivação dos primórdios da colonização. A Igreja católica exerceria, em contrapartida, um papel fundamental, compensando a sede de riquezas e a corrupção moral dos colonos e exercendo um domínio ilimitado sobre a mente dos homens⁽²³⁾. Comprazia-se o historiador em analisar os recursos supersticiosos de que lançavam mão os católicos, desde o princípio da obra colonizadora.

Opunha a cobiça de ouro dos primeiros conquistadores ao zelo fanático dos jesuítas em sua obra de conversão dos selvagens.

(23) "To counteract the corruption of morals which so many causes concurred in producing, there was a religious establishment richly endowed, and maintaining unbounded dominion over the minds of the people, as far as related to points of faith and outward observances..." (II, 681)

Estudava minuciosamente as credences e as superstições, as mentiras, as lendas, os falsos milagres, enfim, os recursos de que lançaria mão o catolicismo civilizador na obra de colonização. Acima de tudo, contaria na história a força das idéias na cabeça dos homens:

As artimanhas com que João Fernandes Vieira persuadiu os pernambucanos, em luta contra os holandeses, que os santos estavam a seu favor, foram emprestadas de uma Igreja que, desde seus primeiros dias até o presente, vem sistematicamente burlando a credulidade dos homens (II, 681 ss).

Southey reproduzia com ironia e espírito crítico a falsa aura milagrosa com que Anchieta, Simão de Vasconcelos e o padre João de Almeida pintavam a sua vida quotidiana (II, 690-1). Extravagantes e falsas, não seriam estas lendas menos eficientes do que as do Eldorado, como fatores e forças históricas atuantes na motivação e no comportamento dos colonizadores. Pelo contrário, seriam de grande e incomparável eficiência, constituindo a própria vida, as sementes de civilização e de formação das colônias portuguesas.

Ao tratar da aculturação dos selvagens, do problema da mão-de-obra e da escravidão indígena, Southey confrontava colonos e jesuítas, polarizados em situações antagônicas. A escravidão viria demonstrar que os interesses materiais predominavam acima de tudo: “poderosa como é a religião católica, a cobiça ainda é mais forte e — apesar dos esforços de alguns dos melhores e mais competentes elementos de que a ordem jesuítica, tão fértil em grandes homens, se orgulha — a prática de escravização dos nativos continuou (II, 482 e 590). E juntamente com a escravidão, a depravação de costumes, própria de toda sociedade colonial. Seria o caso das “encomiendas” no Paraguai e da escravidão no Maranhão e Pará (II, 643-4), gerando a pior das tendências numa terra a desbravar e numa sociedade em formação: o preconceito contra o trabalho manual e a agricultura de subsistência.

Para Southey, a agricultura praticada na colônia, exclusivamente motivada pela ambição comercial e pela avidez de lucro, era incompatível com o sonho de regeneração dos homens em um novo mundo idealizado. Os colonos portugueses empregavam escravos em grandes plantações extensivas, tinham preconceitos contra o trabalho do amanhã da terra e chegavam mesmo a proi-

bir a agricultura de subsistência, para não desperdiçar braços ocupados em trabalhos mais lucrativos. No Maranhão, por exemplo:

não havia pastos, pois toda terra que não era aproveitada para as plantações era constituída de mato rasteiro; a caça era portanto o único alimento animal e os índios caçavam e pescavam para os colonos... (II, 643)

Viviam, pois, os colonos na pobreza e na iminência da fome, por causa dos seus preconceitos.

... E isso num país onde todos poderiam viver bem, se não fosse considerado desonroso para homens livres o cultivo da terra (II, 647).

Os colonos do Prata também desprezavam a agricultura, sob pretexto de que podiam viver apenas da pecuária. No Paraguai, nenhum homem que pudesse viver do gado se empregava na agricultura: "este é um exemplo notável da força do preconceito e da prevalência de hábitos indolentes e viciados" (III, 427-8). Com isso, perdiam as vantagens do conforto e da civilização, entrando gradativamente num processo de degeneração, que abrangia as poucas lavouras existentes. Pomares e hortas deixavam por isso de exercer a sua influência benéfica e civilizadora sobre os colonos (III, 289). Posteriormente, as guerras de limites e a destruição de Nova Colônia poria fim à agricultura incipiente (assim como ao contrabando). Quando os rebanhos se multiplicaram e um pouco da antiga prosperidade comercial foi recuperada, não se dedicaram mais à agricultura:

os vinhedos não foram mais replantados; não retomaram a ocupação humanizadora da horticultura e até hoje os habitantes da região têm motivo para execrar o nome de Salcedo... (III, 294)

Elogiando os portugueses, Southey descrevia com entusiasmo algumas tentativas de desenvolver a agricultura. A propósito de São Paulo, referia-se ao poder de transformação do homem sobre a natureza selvagem (III, 56). Da mesma forma, Vila Rica dava prova da engenhosidade e da atividade de que eram capazes os colonos, quando encontravam um bom motivo para esforçar-se.

A vila era construída na montanha, com as ruas cruzando-se em desnível:

A água abundante da montanha é conduzida para o interior de quase todas as casas e, para uso público, há nas ruas numerosas e bem construídas fontes. Toda a encosta da montanha é cultivada de uma maneira digna dos camponeses suíços e da Savóia e é cortada a distâncias regulares por terraços, apoiados em muros baixos nos quais lindas flores e escolhidas verduras são cultivadas (III, 287).

Em Nova Colônia, apesar da abundância do gado, os portugueses não tinham degenerado como os espanhóis do Paraguai e do Prata. Os portugueses tinham aclimatado as frutas de sua terra natal e cultivavam com diligência diversas plantas culinárias. Suas fazendas e plantações se estendiam para o interior por mais de sessenta milhas, a perder de vista...

O ceticismo tradicionalista de Southey e o seu estilo pormenorizador, que se prestava à revivência do dia-a-dia do desbravamento da terra e da evolução da colônia como um crescimento paulatino, orgânico, quase vegetativo, pressupunha, é claro, certos valores e princípios básicos sobre a natureza humana. Os contemporâneos da Revolução industrial reviviam o conceito renascentista da natureza, a ser domada e trabalhada pela arte e pelo engenho dos homens, tal como transparece nas obras de Milton e de Spence⁽²⁴⁾.

O historiador do Brasil não disfarçava seu preconceito contra a exuberância da natureza tropical, "rank and luxurious..." (I, 155 e 327). A fertilidade do solo não poupava enormes sacrifícios de adaptação, tanto da parte do homem, como dos animais e das plantas européias. A terra abundava em frutos deliciosos, nem sempre comestíveis; as romãs e os melões europeus, assim como a vinha, eram destruídos pelas formigas (I, 319). Para os primeiros conquistadores, a vegetação exuberante e a beleza das matas apareciam como obstáculos sobre-humanos à penetração através de "florestas, pântanos e montanhas"⁽²⁵⁾. No correr de um só dia, Cabeza de Vaca era obrigado a construir dezoito pontes para a passagem dos cavalos: "uma cana espinhosa impedia a

(24) Wilkie, Brian. *Romantic Poets and Epic Tradition*. Madison, 1965. pp. 64 ss; cf. Hollanda, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso*. São Paulo, Editora Nacional, 1969.

(25) I, 108; cf. obstáculos enfrentados por Diego de Ayola (I, 65), por Pizarro (I, 81), por Cabeza de Vaca (I, 142-3), por Hernando Ribera (I, 158).

caminhada; era preciso vinte homens irem na frente decepando-as e abrindo caminho; os galhos em cima de suas cabeças eram tão densos, que fechavam completamente a vista do céu. . .” (I, 108). Durante quatro dias, um rio “lindamente ornado de ciprestes e cedros” deu um trabalho insano, pois tiveram de atravessá-lo repetidas vezes (I, 109). Havia florestas densas de altura prodigiosa, onde o capim dificultava a marcha (I, 65). Hernando de Ribera teria de atravessar todo um vale inundado, com água até aos joelhos (ibid.). Yrala (I, 72) e Pizarro também enfrentaram terrenos pantanosos, vencendo obstáculos quase insuperáveis (I, 81). Southey ressaltava o lado ambíguo da fertilidade e da beleza da terra: no dia-a-dia dos primeiros conquistadores, o panorama de abundância e fertilidade seria quase sempre ilusório e aparente: “encontrava-se mel nas árvores e havia bastante caça, mas o ruído dos aventureiros em marcha os assustava, de modo que quase nada aproveitavam desse refúgio” (I, 142). Orellana e frei Gaspar de Carvallal atravessaram montanhas desertas, sendo obrigados a se alimentarem de ervas e raízes; não conheciam a terra para saberem onde pescar e como aproveitar seus recursos (I, 87). Inúmeros dentre os primeiros conquistadores morreram de fome em meio à exuberância da natureza tropical (I, 145). Não os poupava a fúria dos elementos: Pizarro teve de enfrentar um terremoto e violentas tempestades (I, 79), sendo tal a umidade, que as roupas se lhe apodreciam no corpo (I, 80-1). A gota, as mordidas de insetos e as epidemias dizimavam as primeiras levas de colonos nas capitânicas hereditárias⁽²⁶⁾. “Os primeiros colonos sofreram terrivelmente das náguas ou bichos-de-pé, alguns perdendo partes dos membros, da maneira a mais horrível, antes de aprenderem os remédios nativos”. (I, 326) Entre as classes mais pobres da colônia, generalizavam-se, sobretudo nos meses mais úmidos, males de fígado e doenças tropicais que não sabiam curar. Os colonos tinham as fisionomias cadavéricas e abatidas, sentindo um desejo permanente de comida. Também os perseguiam certa inflamação da vista e a paralisia, que os portugueses chamavam “ar” (I, 327-8). Lutavam contra vampiros (I, 134-5) e formigas, que os portugueses chamavam “maldição do Brasil”, e que, sob a forma de duas espécies, uma vermelha e outra preta, também atormentariam os espanhóis de Cabeza de Vaca (I, 135). Inúmeras pragas os afligiam: as cobras, peixes venenosos (ibid.), mosquitos (I, 151), a broca (I, 319). Na região dos índios mo-

(26) I, 287 (Espírito Santo).

xos, quando a estação das chuvas era sucedida pela seca, o sol, agindo sobre as águas paradas, gerava a pestilência:

o tempo tornava-se opressivamente quente. Em outras ocasiões, quando o vento vinha das montanhas nevadas, era de um frio cortante. Nem o milho, nem a vinha crescia ali; entretanto, a terra era admiravelmente boa para as plantas que exigiam calor e umidade (III, 201).

As terras baixas do Paraguai, periodicamente inundadas, eram particularmente insalubres e nelas proliferavam doenças tropicais desconhecidas (III, 170). Dentro deste prisma de ilusória beleza e suposta fertilidade dos trópicos, Southey demorava-se em descrever as vicissitudes de Manuel Félix de Lima, nos pantanais do alto Mato Grosso e do Madeira, em plena época das chuvas (III, 358). Da mesma forma, descrevia como um pesadelo a expedição do jesuíta Juan P. Fernández, em 1704, quando percorreu os pantanais tentando encontrar uma comunicação entre as missões Guaranis e Chiquito (III, 178).

No seu estilo literário de evocação romântica, Southey reviveu com dramaticidade as peripécias de transplantação da cultura européia para os trópicos. O sofrimento dos primeiros colonos, as dificuldades de aclimação das plantas, a adaptação do gado e dos cavalos europeus. Descrevia o terror dos cavalos de Cabeza de Vaca “violentamente agitados pelo pavor, quando enormes vampiros atacavam-lhes as orelhas” (I, 135). Referia-se ao triste fim de meia dúzia de vacas, que os espanhóis levavam consigo até o lago Xaraies; esperavam que dessem crias, pretendiam com elas encher a região, mas tiveram de matá-las, porque os vampiros consumiram suas tetas (ibid.). Impressionou-se com dados recolhidos dos cronistas sobre a degeneração dos cavalos no Paraguai e no sul dos pampas:

Em estado de selvagem abandono, padeciam miseravelmente e a maior parte dos potros não chegava a crescer. Eram devorados por insetos e jaguares ou massacrados pelos cavalos maiores do rebanho. A maior parte morria nas estações de seca; às vezes, disparavam para dentro dos lagos e dos pântanos onde muitos morriam atolados na lama... (III, 420)

Em sua obra, a imagem de um paraíso terrestre em potencial, subjacente à visão épica do novo mundo, seria de certa forma

neutralizada pela descrição “empática” dos sofrimentos dos primeiros colonos, esquecidos pela metrópole, em meio à terrível experiência de desenraizamento e de desterro. Southey também não idealizava os selvagens, que comparava com as feras selvagens⁽²⁷⁾. De resto, estava inteiramente por fazer nos territórios em desbravamento o trabalho do colonizador europeu, ou seja, vencer a natureza, aculturar selvagens, cultivar o solo, tudo isso dentro das limitações culturais dos portugueses. O cultivo do solo e a transplantação de árvores européias seriam a primeira etapa para vencer a “luxúria árida dos trópicos” e para redimir uma natureza abandonada à própria abundância, exuberante e perdulária. Os primeiros colonos portugueses introduziam em suas terras o cultivo do limão e da laranja, de que dependia em grande parte a conservação de sua saúde. Algumas árvores vingavam bem, outras feneciam com o tempo (I, 319 e III, 201). De qualquer modo, parecia subentendida na descrição da terra dos primeiros cronistas a necessidade de vencer uma etapa de prova, antes de chegar a aproveitar o novo paraíso. Era o caso da subida da serra, descrita por Simão de Vasconcelos, antes de alcançar os campos de Piratininga. Rios, lagos e fontes em meio a rochedos e montanhas cada vez mais altas, em uma terra fértil, de solo rico e de clima ameno ainda fora do alcance do trabalho dos colonos (I, 263). Da mesma forma, era muito árduo o acesso da serra de Ibiapaba (I, 377-8). A etapa difícil a ser vencida para chegar a regiões maravilhosas fazia parte da mitologia cristã de temas edênicos⁽²⁸⁾; refletia-se como uma constante na conceituação do historiador do Brasil (I, 95; 154, 619; III, 351). Tendo em vista o paraíso a ser reconquistado com o suor de cada dia, nada o atraía mais do que destrinçar dos documentos a lenta transformação de costumes indígenas e da própria paisagem vegetal, em consequência do povoamento dos europeus, parte essencial e intrínseca da revivência do processo de colonização. Southey estudou as mudanças de costumes impostas pela introdução do cavalo entre selvagens e “creolos” dos pampas platinos (III, 374ss), onde provocaram mudanças mais gradativas, mas de modo algum menos notáveis do que a descoberta das minas de ouro, no interior do Brasil. Comprazia-se em descrever a própria transformação da natureza:

(27) II, 646; “...Living almost like animals in a state of nature, their senses had that acuteness which the habits of civilized life destroy” (I, 249, 282 e III, 729).

(28) Hollanda, Sérgio Buarque de. op. cit., pp. 217-8; Sanford, Charles L. *The Quest for Paradise (Europe and the American Moral Imagination)*. Univ. of Illinois, 1961.

as plantas bubosas e as diferentes espécies de aloés (piteiras ou caraguatás) que de início cobriam as planícies desapareciam; em seu lugar, cobria-se o solo de belas pastagens e de um gênero de trepadeira espinhosa, bastante rica para resistir às patas dos animais, que destruíram a vegetação anterior... (III, 376-7)

Não apenas a paisagem, mas os próprios insetos e pássaros adquiriam novos hábitos (ibid.).

Procurou valorizar o aspecto essencialmente construtivo do povoamento, que era a seu ver o processo sedentário de ocupação, em contraste com as expedições de aventureiros errantes e perdulários. Admirava a épica anônima dos primeiros colonizadores, como fundadores de vilas e arraiais (III, 55). Não lhe parecia justo que a história registrasse apenas o nome de homens belicosos, que destruíam cidades, relegando para o esquecimento a memória dos fundadores. Seguindo a tradição dos ilustrados, o historiador procurava ressaltar a importância dos primeiros mineradores obscuros, sem grandes façanhas ou motivos edificantes (ibid.). Fazia questão de lembrar os nomes de Miguel Garcia de Taubaté e do paulista João Lopes de Lima, descobridores dos primeiros veios de ouro no ribeirão do Carmo (ibid.). Sobre os missionários carmelitas, que introduziram a inoculação da vacina entre os índios do Amazonas, salvando metade da população indígena de ser dizimada pela varíola, comentava: "estes homens merecem estátuas e no entanto Condamine não conservou seus nomes" (III, 364). Para Southey, a descoberta de uma mina de sal nas proximidades do rio Jauru, em Mato Grosso, que contribuiu decisivamente para melhorar as condições de subsistência e para resolver os problemas de abastecimento, era fato mais importante do que a descoberta do ouro (III, 359). A agricultura de subsistência e o abastecimento pareciam-lhe sempre mais importantes do que a exploração das lavras (III, 358).

Southey entrevia nos primórdios da colonização um processo de corrupção mútua peculiar à luta de adaptação à nova terra. Os colonos, em contato com selvagens e africanos, que escravizavam, tornavam-se mais bárbaros (III, 157, 262, 307, 423). Os animais domésticos tendiam para a selvageria (III, 351, 374, 420, 423) e as próprias plantas européias não se davam bem na exuberância tropical, sofrendo processo de degeneração⁽²⁹⁾. Este

(29) "... A degree of civilization high as that of ancient Egypt, must be attained before such physical circumstances can be overcome. Other settlements had been abandoned or removed, for similar causes, and melancholy vestiges of meritorious industry appeared in lemon, orange, and other fruit trees of European or Asiatic extraction,

processo de corrupção e de enraizamento, lento e gradativo, pres-tava-se ao estilo e à interpretação da continuidade orgânica do processo histórico. Southey referir-se-ia vagamente a este proces-so, ao tratar da expansão da pecuária do Nordeste, que entretanto não estudaria a fundo, descrevendo-a em tons idealizados de é-pica heróica e com nuances feudais; em um dos melhores capi-tulos de sua obra, inspirado talvez em Condorcet, tratava da re-gressão cultural advinda do nomadismo dos guaicurus e dos peões espanhóis dos pampas do Sul, que contrastava com o tipo de colonização dos portugueses de Nova Colônia (III, 423).

Carregava de tonalidades “hobbesianas” o dia-a-dia de so-brevivência na colônia. Era um estado de contínuo pé de guerra e de turbulência generalizada, que reproduzia um quadro de cores sombrias, “até que as populações indígenas do litoral fossem com-pletamente dizimadas”⁽³⁰⁾. A vida na colônia tendia a rebaixar o colono europeu, em vez de melhorar a condição de vida dos nativos⁽³¹⁾. Descrevia a crueldade e a desumanidade, a incansá-vel cobiça dos conquistadores espanhóis e dos bandeirantes pau-listas⁽³²⁾; as dificuldades opostas pela natureza; as novas doenças tropicais que afligiam os colonos; as epidemias e pestes que dizi-mavam os selvagens, quando não eram mortos em guerra (II, 144; III, 434, etc.). Mesmo nas reduções jesuíticas, a mortalidade ocasionada por febres e pestes fazia parte da vida quotidiana (II, 271, 254, 281).

A ambição material e os interesses particulares não eram sen-timentos capazes de cimentar os alicerces de uma nova socieda-de, faltando nas colônias portuguesas o indispensável nexu moral. Através dos sermões de Vieira, comprazia-se em reconstituir o quadro de “total abandono de todas as formas de culto religioso,

growing wild and continuing to flourish, where man himself had not been able to take root. The curse of insects is usually superadded to such evils... or rather it co-exists with them, as if for the purpose of preventing mankind from attempting to inhabit such situations, till they shall be strong enough and wise enough to replenish the earth and subdue it...” (III, 351; cf. III, 201-2, 438 etc.)

(30) I, 43-4; III, 180, 346-7, 385, 387, 459-71.

(31) I, 24 e II, 315-6, 377; Vieira no Maranhão “...understood more fully the utter neglect of all forms of religion, the miseries of the Indians, and the crimes of the Portuguese...” (II, 469); “Habits of lasciviousness and cruelty which characterize the creoles of every stock whatever...” (I, 171-2); “... Each made the other worse; the cannibals required new means of destruction, and the Europeans new modes of barbarity. The Europeans were weaned from that human horror at the bloody feasts of the savages, which ruffians as they were, they had at first felt, and the natives lost that awe and veneration for a superior race which might have been improved so greatly to their own advantage...” (I, 24, 267).

(32) I, 64 ss, 70, 84, 156, 266-8, 276, 294, 286-7, 326-9, 344-7, 385, 633 n 40; II, 55: “...adventurers of desperate fortunes, alike devoid of patriotism and of honesty...”; refere-se aos paulistas como mamelucos degenerados e criminosos: II, 300 ss, 668 etc.

as misérias dos selvagens e dos regimentos portugueses...”(33) Para Southey, obcecado em definir padrões para a nova política colonial dos ingleses, a colonização portuguesa parecia em sua essência deficiente: “Raramente acontece de uma nação poder comunicar as suas próprias qualidades às conquistas estrangeiras”(34). Era especialmente cético quanto aos resultados de uma colonização de exploração comercial, sobre a qual ainda pesavam os vícios da constituição interna da própria metrópole, como era o caso da coroa portuguesa, por causa do seu despotismo, da falta de justiça e da opressão do tribunal da Inquisição.

Atribuía o estado de turbulência da colônia à falta de uma ordem social constituída, à inexistência de meios administrativos para impor a autoridade e à dificuldade de todas as metrópoles em manter o controle sobre súditos distantes. A tendência natural à dispersão e à anarquia, à revolta, ao republicanismo, seria natural e própria de toda colônia. A tudo isso, somava-se, no caso do Brasil, a generalizada depravação dos costumes locais. Além da dificuldade natural de controle de colônias remotas, perturbava o desenvolvimento da América portuguesa a ganância e a índole aventureira dos colonos. No Maranhão, o dinheiro valia mais do que padrões de moral ou hierarquia social (II, 630). Southey atribuiria a insegurança e a violência da vida na colônia, como o faria William Cobbett, com relação à Inglaterra e aos artesãos desenraizados pela industrialização, à falta da cultura de subsistência e à obsessão generalizada pelo lucro material fácil. Nas colônias portuguesas, a busca de minas de ouro e o tráfico de escravos absorviam inteiramente os indivíduos; descuidavam-se inteiramente da agricultura e dos gêneros de primeira necessidade. Nas províncias do Norte, os lavradores e senhores de engenho tinham mais medo da paz do que das guerras, por causa do estado de desocupação e disponibilidade dos soldados das tropas, que se voltavam contra eles por causa da falta permanente de víveres, condição normal da vida na colônia e que tornava as pessoas des-

(33) II, 469; "... But in Maranham and Para, the people were nearly in the condition of back settlers; they receded from civilized society in their habits and manners, and still more in their feelings, approaching in all toward the savage state. Their Governors were generally no better than themselves: command in these regions was so little to be desired, that men of influence would not accept it, or accepted it only as a step to something better; consequently persons were often appointed, who left nothing in Portugal as security for their conduct, and who had neither the sense of family nor of individual character to restrain them from acts of tyranny and meanness. From these causes arose a perpetual series of factions, appeals and seditions, which the wisest policy under such circumstances could neither have prevented nor remedied" (II, 450).

(34) I, 358; II, 498, 616; III, 433; "... it rarely happens that any nation can extend its own advantages to its foreign conquests..." (II, 57).

contentes e os soldados insolentes (II, 48); na Bahia, os fazendeiros tinham medo de trazer alimentos para vender na cidade (II, 585).

Para Southey, a escravidão seria a principal causa da falta de nexos sociais na colônia, pois gerava o preconceito contra o trabalho sadio de subsistência (II, 529) e também contra a pobreza, que era tida como uma forma de proscricção social⁽³⁵⁾. É o prisma através do qual analisava a vida social na colônia, a degeneração moral⁽³⁶⁾, a desumanidade dos senhores no trato dos escravos: "Os portugueses do século XVII eram os mais impiedosos senhores de escravos, piores mesmo do que os holandeses seus rivais..." (II, 639) Referindo-se à falta de nexos sociais, comentava Southey o estigma dos europeus, em suas relações com os nativos ou africanos, a que tratavam como raças inferiores:

... existe uma contradição irredutível entre a sua luxúria e a sua avareza. O fazendeiro um dia toma uma escrava como amante e no outro vende-a como um ser inferior, como uma besta de carga. Se ela realmente pertence a uma espécie inferior, que dizer da primeira atitude? Se ela é, como ele, um ser humano dotado de alma imortal, que dizer da segunda? De qualquer modo, um crime é cometido contra a natureza humana (I, 258).

Southey fazia questão de desmascarar a falsa aparência feudal de instituições como o "repartimento" ou a "encomienda", definindo a escravidão comercial como uma atividade fundamentalmente diferente da vassalagem feudal, onde não predominava o instinto de lucro (II, 643-4).

Por mais de uma ocasião, em sua obra, deixava entrever o zelô militante do humanitarismo filantrópico de Wilberforce e dos evangelistas de Clapham. Demorava-se em estudar as leis portuguesas de proteção ao índio, considerando-as sinceras, se bem que ineficientes. Estuda os esforços dos jesuítas em sua luta contra a escravização dos selvagens pelos colonos, mas não acreditava na eficiência de qualquer restrição. Na colônia, predominavam

(35) II, 630: "...and this, in a country where had it not been thought dishonourable for free men to cultivate the soil, all might have lived in affluence..." (II, 644).

(36) II, 638 e 675. Sobre a documentação disponível escrevia Southey em carta para o tio: "... Travellers give me very little, — yet every little is something and if the picture of slavery and superstition are not striking it will be my fault. — for God knows the colours are strong enough with which I have to work..." (8 de março de 1814, *Fitz Park Museum Mss*, 1.º mar., f. 13).

a cobiça e a crueldade. Não havia condições para a formação de um futuro Estado, pois opunha sérias restrições mesmo às comunidades jesuíticas e à sua república teocrática ideal.

A escravidão viciava os fundamentos da sociedade colonial, corrompendo sentimentos e laços sociais. A lei criminal só existia para os escravos. Entre os homens livres, o orgulho ferido e os ciúmes resolviam-se por assassinatos impunes (II, 679). A escravidão era um vício básico que deturpava o próprio arraigamento do homem à terra:

se existisse na agricultura o mesmo empenho aplicado na busca de metais preciosos, estes países, favorecidos como o são pela natureza, teriam recompensado abundantemente o trabalho do homem; mas uma das conseqüências perniciosas da escravidão, sistema que é nocivo em todos os sentidos (talvez ainda mais pernicioso para o senhor do que para o escravo), é que o trabalho é considerado sempre degradante para o homem livre (II, 637, 675-6).

Para Southey, fundamentalmente, a origem dos males da colônia era a presença de soldados e comerciantes em lugar de bons camponeses (I, 568). Por isso, quando a narrativa lhe dava oportunidade, descrevia com ênfase especial os bons colonos dos Açores, das Canárias, de Viana (I, 39, etc.), do Faial (II, 648), que ocasionalmente, em levas, davam vida e força à colonização.

Na lenta adaptação dos homens ao meio ambiente dos trópicos, Southey parecia entrever o processo de degeneração evocado por Buffon ou mesmo De Pawe, que sob outros aspectos seria o primeiro a criticar⁽³⁷⁾. Generalizava para todos os "creolos" a tendência à crueldade e à luxúria (I, 171-3). Também os mamalucos seriam uma raça feroz e bárbara: criados no ódio hereditário da própria tribo materna, os paulistas seguiam o instinto de uma natureza perversa, caçando seus irmãos que consideravam inimigos naturais (II, 306-7). Southey tinha, como vimos, uma maneira ambígua de analisar a mestiçagem. O fato é que, nas fronteiras de desbravamento, os colonos, afastados de qualquer controle da metrópole, sem leis e sem religião, como acontecia entre os espanhóis no Paraguai e os portugueses no Maranhão e Pará⁽³⁸⁾, tendiam a degenerar para um estado de semi-selvageria.

(37) "Pawe, with his usual obliquity of mind, represents the use of this root (mandioca), as a proof of the horrid nature of America, and the wretchedness of its inhabitants" (I, 640-1); cf. Gerbi, A. *Disputas del Nuevo Mundo*.

(38) II, 380 (Paraguai), e II, 450 (Maranhão e Pará).

Sofriam com a transplantação, “como sofrem as plantas, mesmo que sejam mudadas para um solo mais rico e um clima melhor” (I, 343). A mudança também era fatal para muitos colonos, cujos hábitos de vida tinham sido formados em outro ambiente⁽³⁹⁾. Mais do que com a degeneração física, preocupava-se o historiador com a degeneração dos costumes.

Graças à mestiçagem é que explicava o dinamismo e a ferocidade dos colonos portugueses; a mistura de sangue nativo adaptava os organismos à nova terra, dotando-os de uma atividade notável (I, 333). Os espanhóis no Paraguai tinham permanecido onde Yrala os deixara e mal conservaram a posse das terras que ocuparam. Os portugueses pelo contrário, incansáveis, expandiram incessantemente seu território:

...durante meses e anos a fio, continuavam os aventureiros, perseverantes, pelas matas e montanhas, caçando escravos ou em busca de ouro, segundo os relatos que ouviam dos índios; finalmente, conseguiram assegurar para si e para a casa de Bragança as mais ricas minas e a maior porção da América do Sul, que é a melhor região de todo o mundo habitável. (I, 346)

Southey admirava nos portugueses a engenhosidade com que lançaram mão da miscigenação, ante a falta de contingente humano de que sofria a metrópole. Entretanto, mamalucos e mestiços, tanto entre paulistas como entre os “creolos” do Paraguai, sofriam um evidente processo de degeneração:

a mestiçagem inegavelmente melhorou a raça, pois o espírito empreendedor dos europeus pôde desenvolver-se em constituições adaptadas ao país. Mas os mamalucos eram criados sem nenhuma restrição de lei ou religião. Não se pode dizer que existisse a lei numa terra onde cada indivíduo podia cometer com impunidade qualquer crime; quanto à religião... era substituída por uma idolatria grosseira, que exercia muito pouca influência sobre o comportamento dos devotos; enquanto cometiam os mais flagrantes e devastadores crimes, acreditavam-se bons católicos e tinham uma fé muito viva na Virgem Maria e nos santos. (II, 304-5)

No Paraguai, a degeneração moral dos colonos tinha afetado gravemente os esforços de colonização, a ponto de perder-se a

(39) I, 286-7, 326-9; II, 315-6, 516; III, 144, 254, 271, 281 etc.

própria língua natal⁽⁴⁰⁾. A mestiçagem era em si um processo benéfico de adaptação ao novo ambiente, porém deixava de sê-lo “quando praticada apenas por licenciosidade e não como uma necessidade de sobrevivência...” (III, 431), como era o caso do Paraguai, onde ameaçava a civilização européia. Em grande parte, fora fatal para os espanhóis, nessa região, a colonização do interior para o litoral, invertendo-se o processo natural de desbravamento da terra. A localização no interior do continente, longe dos contatos com o comércio civilizador do litoral, seria fator decisivo do seu fracasso (I, 348; III, 431). Aos males da situação geográfica, acrescentavam-se os costumes do pastoreio, em tudo contrários ao progresso da civilização européia:

a degeneração dos mestiços espanhóis tem sido atribuída com justiça à abundância do gado e dos cavalos. A vida pastoril é necessariamente desfavorável à civilização; em nenhum lugar chegou a brutalizar e a degradar o homem de uma maneira tão completa, como nas regiões de pastoreio da América do Sul (III, 421-2).

O pastoreiro subentendia um povoamento escasso e dispersivo. Na falta de vizinhança, as aldeias ficavam isoladas, não se construíam novas vias de comunicação, não havendo, portanto, nenhum progresso (III, 423). Southey referia-se especialmente ao abandono da agricultura de subsistência:

ninguém cultivava o solo, se tinha meios para tornar-se criador; ninguém se empregava como trabalhador na agricultura, se podia empregar-se como vaqueiro. Este é um exemplo notável da força do preconceito e da prevalência de costumes de ócio e vício: pois o camponês desfrutava de confortos que os vaqueiros ignoravam e gozavam de um grau de civilização muito mais elevado em costumes, moral e decência... tinham tudo, salvo a consideração social. A sua mesa era servida de raízes, frutas, legumes e verduras e não somente de carne; conheciam os rudimentos da culinária, que é uma das artes civilizadoras; por conseguinte, gozavam da alegria de uma refeição social. A agricultura fomentava a vizinhança... (III, 427-8)

Em suas considerações a respeito da colonização portuguesa e espanhola no Novo Mundo, Southey rejeitava qualquer determi-

(40) "... retrograding on everything, the Spaniards of Paraguay have almost forgotten the Spanish language..." (III, 431).

nismo naturalista ou climático. Para ele, a degeneração não provinha, como dizia Buffon, do clima tropical; nem de leis naturais, inflexíveis à vontade dos homens. A escravidão não seria uma consequência inevitável de colônias européias em regiões tropicais: o prodigioso esforço dos paulistas em busca de escravos demonstrava cabalmente que os europeus podiam trabalhar nos trópicos⁽⁴¹⁾. A escravidão seria, pois, um mau costume e nunca uma necessidade. Mesmo aclimados, insistiam os portugueses em depender do trabalho servil:

os primeiros conquistadores da América foram homens muito duros e desumanos; nas colônias espanholas deu-se um amplo e generalizado processo de degenerescência; entretanto, no Brasil, o ardor dos empreendimentos não diminuiu e os brasileiros não só se aclimataram com o passar dos anos, mas através da miscigenação, adaptaram seus organismos ao clima em que nasceram; no entanto o hábito tornou-os dependentes de seus escravos a ponto de ficarem num mísero grau de desamparo (II, 643).

Para Southey, a falta da agricultura de subsistência provinha de erros facilmente sanáveis: “Embora escassa, a população excedia os meios de subsistência, dada a inexistência do trabalho agrícola... mal este que é sempre consequência dos erros dos homens e não de uma lei da natureza” (II, 648). Rebatia a teoria de Malthus, e queria impor, através da *História do Brasil*, os seus argumentos conservadores em prol de uma Inglaterra pré-industrial. No limiar do mundo contemporâneo, não percebia o alcance do processo de maturação do capitalismo e o condenava moralisticamente como desvios de má conduta.

(41) “...That men of European stock are perfectly capable of all the labour which in such climate is required for the well-being of man, is proved abundantly by the prodigious fatigues which the Portuguese underwent in seeking slaves to do this necessary labour for them...” (II, 643).

XII — HISTÓRIA DO BRASIL: NEXO SOCIAL E ESTADO-NAÇÃO

A conceituação da obra de Southey sobre o Brasil adaptava-se a dois aspectos bem peculiares da sua visão conservadora do processo histórico: por um lado, abordava o tema do desbravamento e da conquista do território e, de outro, a formação de uma futura nacionalidade. Ambos os assuntos vinham ao encontro das tendências da nova narrativa romântica. A preocupação com o devir orgânico e com a continuidade histórica prestavam-se, de modo especial, à história do Brasil-Colônia, que envolvia um movimento contínuo e lento, mais no espaço do que no tempo; o crescimento quase vegetativo, sem transições bruscas ou mudanças radicais na estrutura social e na mentalidade dos colonos... a esse respeito, bem enfronhado na literatura das grandes explorações e nos relatos dos viajantes, Southey estava no seu campo predileto, ao desenvolver a narrativa da expansão territorial.

Não dividiria os três volumes de sua obra segundo uma periodização muito definida. O primeiro volume acabava em 1640, data importante para a Mãe-pátria, como convinha a um europeu escrevendo os anais da história colonial. No primeiro volume, concentrou-se em estudar a expansão pelo Prata e pelo Amazonas e a ocupação do litoral de Pernambuco a São Vicente. Didivindo os capítulos pelas diferentes regiões geográficas, abordou o problema das invasões francesas, dedicando grande atenção ao domínio holandês. Preocupava-o o assunto, que era atual em 1806, da viabilidade da conquista das colônias do Brasil pelos ingleses. No segundo volume, retomou a luta dos nativos contra o domínio holandês; reviveu a grande aventura da expansão das reduções jesuíticas e sua luta contra os colonos, em defesa dos índios, no Paraguai, através do episódio de Cardenas e da resistência contra os paulistas, e, no Maranhão, através da atuação de Antônio Vieira.

Assinalou os sintomas de decadência de Portugal a partir de 1623, o abandono e a perda dos domínios no Oriente e a crescente importância das colônias do Brasil para a metrópole, que, incapaz de defendê-las, abandonava-as à iniciativa particular dos colonos (III, 70). Terminou este volume analisando os primórdios de revolta nativista, a propósito do movimento de Beckman e dos desentendimentos entre colonos e jesuítas no Maranhão (1683); o último capítulo abrange uma visão ampla e panorâmica sobre o estado social e mental das colônias do Brasil, em fins do século XVII; é um ensaio em estilo narrativo, com lances de aguda penetração e com sugestões sobre a vida material, os costumes sociais, os hábitos mentais e as superstições dos colonos portugueses. O terceiro volume seria inteiramente dedicado ao estudo da expansão do território e da delimitação de fronteiras no século XVIII, ao processo de aculturação dos selvagens e abertura de novas comunicações, realizado por jesuítas (III, 172 e 199) e por paulistas (III, 304). Pelo menos dois capítulos, especialmente trabalhosos e muito sugestivos do estilo e do método do historiador, devem ser ressaltados: um sobre a mineração e outro dedicado ao estudo das tribos eqüestres nos "pampas" do Uruguai e no Paraguai⁽¹⁾. O seu talento literário completava-se com o incansável rigor crítico de coleta de fatos inéditos a partir de fontes manuscritas: reviveu os costumes sociais, transcrevendo, das mais disparatadas fontes, dados minuciosos sobre a técnica da mineração e a turbulência social, sem nunca perder de vista o prisma amplo, comparativo, voltando-se freqüentemente com o fito de avaliar a importância relativa da mineração do ouro no processo da colonização portuguesa, para a grande época da mineração espanhola⁽²⁾.

(1) III, 173. Em carta para o tio, escrita no dia 8 de fevereiro de 1818, quando redigia o capítulo sobre as tribos eqüestres, baseando-se em Dobrizhoffer, que acabava de receber, anunciava Southey a remessa do capítulo sobre Utrecht: "No Dutchman could have collected his materials with more perseverance than I have done mine for this part and for the transactions in the Mines, which follow. The next chapter relate to the Chiquito and Moxo missions, whereby the Jesuits were brought in contact with their old friends the Paulistas in the side of Cuyaba and Matto Grosso..." (*Fitz Park Museum Mss*, ff 147-8). Deve datar desses dias uma outra carta, sem data, para Henry Koster: "... I see my way distinctly to the end, and shall soon be meeting the Moxo and Chiquito missions from Cuyaba, Matto Grosso and Para — by the Madelra. Every day I am wishing you were here to see my progress, and observe how my scattered materials fit together. I have collected much curious matter about the mines, indeed I believe there will be more original matter in this volume than ever appeared in any similar work: yet I am fully sensible how imperfect it must needs be. All information in printed documents ends with the Jesuits, and except as regards them, fifty years sooner. After their expulsion, the only historical paper I possess relates to a projected revolution in the Minas Gerais in 1792..." (Leão Filho, Joaquim de Souza, org. "Cartas de Robert Southey a Theodore e Henry Koster". *Rev. IHGB*, 178: 54).

(2) No Brasil, a mineração viera pôr termo ao tráfico e à escravidão dos indígenas: "... After all possible allowances have been made for exaggeration, and the utmost weight allowed to every extenuating circumstances arising either from the

Parecia-lhe que, no Brasil, onde a mineração ocupava principalmente escravos africanos, não tinha ocorrido a mesma mortandade criminosa do México e do Peru. Além disso, Southey analisaria, sempre em função da exploração do ouro, o processo de decadência da lavoura do açúcar em Pernambuco e Bahia (III, 64-5), assim como a diminuição dos ataques paulistas às reduções jesuíticas (III, 173). Concentrando seus esforços na exploração das minas, os paulistas teriam dirigido a sua atividade e o seu dinamismo para a exploração de novos territórios. Derrotados na guerra dos emboabas, voltar-se-iam contra os selvagens do Tocantins (III, 597), explorando o interior do continente até chegarem ao Ceará (III, 255, 304-9) e descobrindo novas jazidas em Mato Grosso e em Goiás.

Southey estudou com cuidado a abertura de novas comunicações e o problema do abastecimento e, portanto, da ocupação das novas áreas de mineração. Um dos melhores trechos de sua obra, e dos mais característicos do seu estilo, é a narrativa da abertura de vias de comunicação entre Mato Grosso e Pará, pelos rios Tocantins e Araguaia, especialmente o capítulo dedicado à descrição da expedição de Manuel Félix Ribeiro de Lima, que é um dos pontos culminantes de seu trabalho (III, 351ss, 364).

Dentro do tema geral de expansão territorial e de desbravamento, dedicou amplo espaço às questões de limites no Amazonas, no Prata e em Mat. Grosso (III, 661-2), tendo em vista o abismo político que se abria entre a América portuguesa e espanhola (e que Southey gostaria de alargar). Além disso, preocupou-se em examinar o processo de desbravamento do território, tendo em vista a coesão futura do país. A expedição de Manuel Félix de Lima propiciaria o primeiro contacto entre portugueses e espanhóis, nas fronteiras de Mato Grosso, com o Paraguai e a Bolívia (III, 343). A importância da expedição também advinha das dificuldades de abastecimento por São Paulo; as monções eram expostas a ataques de selvagens, o acesso era difícil, as minas de Mato Grosso e Goiás, a seu ver, seriam mais bem abastecidas pelo Pará (III, 343 e 359 ss).

Apesar dos vagos conhecimentos de que dispunha, Southey procurou desvendar a geografia da epopéia dos desbravadores portugueses e paulistas. Era um pretexto para definir o incremento

general spirit of the age, or the inhuman customs and idolatries of the native Americans, the early history of Spanish America must of ever stand prominent in the records of human wickedness. Happily for Portugal, the Brazilian mines were not discovered till humaner principles had been acknowledged..." (II, 52).

de comunicações entre as diferentes regiões, a interdependência e o contacto entre as diferentes capitanias, no sentido da futura unidade nacional. É sugestiva a sua preocupação de ter sempre uma visão de conjunto de todas as capitanias do Brasil; faz referências, paralelos e comparações entre as diferentes regiões. Em 1706, depois do Maranhão, pacificado por Gomes Freire, eram as Minas Gerais o local mais turbulento e sem lei da colônia (III, 73). Em fins do século XVIII, as regiões onde se registrava um progresso mais acelerado eram, no norte, a capitania do Rio Negro, e no sul, a capitania do Rio Grande de São Pedro (III, 709). Southey atribua o decreto da coroa no sentido de proibir a comunicação entre Minas Gerais e Mato Grosso ao cuidado em evitar que o descontentamento dos paulistas nas Minas Gerais contaminasse os ânimos nas novas fronteiras, o que poderia interromper o impulso das novas explorações (III, 261-2). Sempre preocupado em manter uma visão ampla de conjunto, Southey também chamaria atenção para um fator de diferenciação muito importante entre as antigas e as novas regiões de mineração, ou seja, a seu ver, o perigo dos ataques de tribos dos selvagens. A guerra dos emboabas tivera lugar sobretudo por causa da ausência de selvagens hostis, que os paulistas já tinham dispersado antes da mineração. Não se reproduziria em Cuiabá, onde as contínuas emboscadas dos selvagens faziam com que paulistas e portugueses juntassem esforços para se defender⁽³⁾. Esta visão de conjunto do historiador, como se as diferentes capitanias do Brasil constituíssem um todo, era um reflexo da sua preocupação constante com os perigos de fragmentação do Brasil contemporâneo, em que vislumbrava mil forças de dispersão. Southey chamaria atenção para a coesão e o inter-relacionamento administrativo das novas áreas:

A nova capitania (do Piauí) ficou subordinada a Pernambuco, em questões eclesiásticas, ao Maranhão em questões administrativas, ficando sob a jurisdição da Bahia em questões criminais e de fisco. (III, 154)

Em 1720, referia-se à separação da capitania de Minas Gerais e São Paulo e aos levantamentos topográficos ordenados por Dom

(3) III, 260; "... Difficult as it was for the Spaniards to open a communication between those settlements (as reduções Chiquito) and Paraguay, the Portuguese had scarcely broken ground in Matto Grosso before they made for themselves a way. There was no reason now to apprehend a repetition of such evils as the Guarani Reductions had suffered in Guayra and the Tapé, from the Paulistas. The influence of the laws, and the spirit of a humaner age, had mitigated the ferocity of the Paulista character, while its activity and enterprize were unabated..." (III, 347).

Lourenço de Almeida para a demarcação das fronteiras entre as capitanias do Rio, da Bahia e de Pernambuco (III, 161).

A rede inicial da futura unidade descerrava-se para o historiador nas raízes do mundo primitivo, absorvido pela colonização portuguesa; nas lendas e nas migrações internas dos próprios selvagens, do sul para o norte, inicialmente em busca do paraíso terrestre⁽⁴⁾ e depois “para fugir aos paulistas” (III, 363). No litoral, os indígenas tinham notícias do interior do continente (I, 160), e os colonos, freqüentemente, assim como dependiam dos selvagens para sua sobrevivência e alimentação, também se aproveitavam de seus conhecimentos geográficos. “As novas terras eram povoadas e não desertas”, lembrava de início o historiador, abrindo o tema principal da sua obra, que eram as inter-relações entre os colonos e os índios.

Ao estudar o dinamismo dos bandeirantes paulistas, o historiador pretendia delinear intercomunicações entre as diferentes capitanias precursoras de uma futura unidade nacional. No século XVI, havia algum intercâmbio entre as capitanias do litoral, pois degradavam-se colonos de uma capitania para as outras (I, 198 e 654). O historiador descreveu o encontro dos colonos do Pará com o paulista Domingos Jorge Velho, nos sertões do nordeste (I, 568); em 1639, interesses relativos ao tráfico dos selvagens uniam os colonos de São Paulo e do Rio, em sua reação contra uma bula do papa, restringindo o tráfico interno (II, 325). Referia-se às dificuldades de comunicação marítima entre Maranhão e Pernambuco e à abertura do caminho terrestre, sugerido por Vieira; aos contactos entre Pernambuco e Ceará, estabelecidos durante a guerra contra os holandeses (II, 512, 517); ao fato de Dom Martin Lobo requerer auxílio militar do Rio, Bahia e Pernambuco para defender a Nova Colônia dos espanhóis (II, 577). Em sua luta contra selvagens do Tocantins recorriam os paulistas ao auxílio dos portugueses de Belém (II, 597). Pernambucanos e baianos auxiliavam-se mutuamente na repressão aos aimorés; quando da mineração, pernambucanos e baianos afluíam para as minas (III, 64-5); São Luís do Maranhão mantinha intercâmbio com o Piauí (III, 154); graças ao povoamento do Piauí, consumava-se a ocupação do Ceará (III, 18). O historiador reconstruiu todo o círculo de exploração de Minas Gerais, Bahia, Piauí, Cuiabá, inclusive a avançada para a Bolívia (Chiquitos e Moxo), para o Tocantins e o

(4) Algumas das lendas correntes entre os colonos apareciam entre os selvagens: I, 534-5 (sobre os tesouros do rio São Francisco); I, 608 (sobre as Amazonas); I, 377 (Serra de Ibiapaba); I, 157 (Cayman) etc. Cf. Holanda, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso*.

Pará (III, 304). Assinalava a construção de estradas entre Mato Grosso e Goiás, Bahia, Rio, Pará (III, 384); as comunicações entre as reduções jesuíticas de Mato Grosso e do Pará⁽⁵⁾. Parece às vezes iludir-se quanto à distância entre pontos longínquos, ao comentar por exemplo que os botocudos, derrotados em Minas Gerais pelos coroados, buscavam refúgio nas fronteiras do Maranhão (III, 600).

Todo o processo de desbravamento seria estudado, de modo a conduzir implicitamente à imagem de interdependência e comunicação entre as diversas regiões do país, tendo em vista uma futura fusão das diferentes capitanias, que ainda estava longe de consumir-se em seu tempo. É como se refletisse em sua obra o interesse dos ingleses pela política de centralização administrativa de Dom João VI.

Além disso, outra preocupação central do historiador eram os perigos de invasão externa por parte de holandeses e franceses; é um tema recorrente desde o capítulo sobre Hans Staden e os huguenotes franceses no Rio de Janeiro. No correr do século XVIII, juntamente com a ascendência inglesa, a descoberta das minas e a nova política de exclusivismo comercial dos portugueses, Southey queria dar ênfase à crescente coesão interna da malha administrativa, salientando também a força inexpugnável das colônias portuguesas, que tornava inviável qualquer tentativa de conquista externa. Ao terminar o estudo do domínio holandês, referia-se num tom premonitório à impossibilidade de conquista externa, como que alertando os ingleses contra quaisquer impulsos de agressão, certamente motivado pela resistência peninsular contra Napoleão⁽⁶⁾. Após a expulsão dos holandeses e a restauração de Pernambuco, seguira-se a perda do Ceilão, no Oriente e Southey comentava a diferença das condições de colonização e de povoamento em ambas as colônias portuguesas. No Ceilão, não obstante o gênio dos portugueses, de fusão, aculturação e mestiçagem, parecia-lhe fatal a conquista por parte de qualquer potência marítima mais poderosa, pois constituíam aqueles uma parcela ínfima da população local. O caso do Brasil afigurava-se bem diferente. Com

(5) Entre as reduções jesuíticas: III, 163-4 e 372; entre as de Mato Grosso e Pará: III, 341 ss e 574-5.

(6) Era o que escrevia em carta de 16 de novembro de 1809, para John May: "... The appointment of the Duke of Wellington to the chief authority would despirit me more than any other circumstance (being a measure at once so degrading and so disheartening to the Portuguese), if I did not recollect how, during many years of the Dutch war, they looked to other nations for help and accepted leaders from them. The history of that war furnishes me much important matter of parallel and instruction..." (*Selections*, vol. 2, p. 177).

a expulsão dos holandeses, os portugueses tinham garantido para si um domínio indiscutível sobre “uma das mais extensas e privilegiadas regiões do globo”:

Um império que tem continuado a progredir em população e atividade, apesar de todas as circunstâncias imagináveis de des-governo e que continua num progresso acelerado; sejam quais forem as revoluções que o destino lhes reserva, estas regiões serão sempre o patrimônio de um povo português, falando a língua de Fernão Lopes, de Barros, de Camões e Vieira (II, 250).

Em sua obra, tem sempre presente a vinculação com o contexto internacional, se bem que, muitas vezes, enverede na narrativa convencional das intrigas da diplomacia europeia. Atribuiria, por exemplo, à conquista de Angola pelos holandeses os ataques paulistas contra as reduções jesuíticas do Paraguai e do Prata, pois suscitaram de imediato o problema da escassez e da carestia de mão-de-obra nas lavouras do litoral. Estudaria com cuidado as tentativas de invasão dos franceses na Guiana (III, 2); a expedição de Dugay Trouin contra o Rio (III, 114); a proposta dos franceses, quando da guerra de sucessão da Espanha, de partilha dos domínios portugueses (III, 296 ss) (1737); a conquista da ilha de Fernão de Noronha (III, 303). Transcreveria na íntegra o manuscrito da carta de Dom Luís da Cunha aconselhando o monarca português a mudar a corte para o Brasil, na iminência de uma invasão francesa (III, 297-8). Para Southey, a perspectiva da mudança da corte seria desde sempre entrevista como um sonho ambicioso de glória e jamais como um tema de melancolia e resignação (ibid.). Com este prisma amplo, abarcando as vicissitudes da política internacional, estudaria as questões de limites e a demarcação de fronteiras na América portuguesa (III, 442 ss).

O historiador do Brasil oscilaria entre o estudo do processo autônomo das forças internas e a exaltação da influência benéfica e protetora dos ingleses. Para Southey, o tratado de Utrecht, em 1713, que cimentara a ascendência da Grã-Bretanha, propiciara um grande impulso de expansão à conquista do território pelos portugueses, pois viera aliviá-los da apreensão de uma invasão estrangeira, acabando com quaisquer reivindicações dos franceses (III, 153). Datava dessa época a exploração dos afluentes do Amazonas, pelo rio Madeira, e a conquista do Piauí, que se tornava capitania em 1718 (III, 154).

Durante o século XVIII, o grosso do movimento da expansão para o interior do continente seria levado a efeito, de um lado,

por jesuítas espanhóis e, de outro, por portugueses em busca de ouro. Os jesuítas, a não ser no Pará, onde continuavam seguindo o exemplo de Vieira, a fundar com tenacidade incansável novos aldeamentos de índios, não mantinham a mesma atividade nas outras capitanias. Não acompanharam a expansão da mineração, limitando-se à atividade de ensino nas cidades do litoral e a lidar com os aldeamentos mais antigos (III, 162).

Os jesuítas espanhóis, pelo contrário, conforme acontecera em Guaíra e no Tape, embrenhavam-se pelo interior do continente, em busca de índios para converter, encontrando-se com os portugueses, na região das reduções de Chiquitos, próximo ao Itatines, no lago Xarayes, na atual Bolívia (III, 172), assim como, no Mato Grosso, junto ao rio Guaporé, onde o jesuíta Baraza fundou as missões Moxo (III, 199). Do Paraguai, tentavam abrir comunicações entre as reduções Guaranis e Chiquitos, em sucessivas tentativas fracassadas (III, 162, 195).

Southey também acompanhou a expansão territorial dos portugueses, o descobrimento das minas de Cuiabá e de Goiás, indo até as reduções Moxo (III, 312 ss):

... esparramaram-se pelas extensas regiões, do interior das capitanias da Bahia e do Piauí, que atualmente constituem Goiás; a partir de Cuiabá, avançaram, de um lado, em direção às missões de Chiquitos e Moxo e, de outro, em direção ao Tocantins e seus afluentes; e desse modo garantiram para Portugal um país contendo nada menos do que duzentas mil milhas quadradas, que constituem atualmente a capitania de Mato Grosso. (III, 304)

Em 1747, com a capital em Vila Bela, a capitania de Mato Grosso separava-se de São Paulo, por onde as vias de acesso eram frequentemente bloqueadas pelas tribos hostis (III, 308). O abastecimento pelo sul era de tal modo caro, que no espaço de dez anos a região povoara-se com pecuária e lavoura de subsistência (ibid.). O abastecimento seria o maior problema da primeira fase de mineração, agravada pela obsessão do lucro e do fisco, o que os levaria a abrir comunicação direta com as minas de Goiás, que também já se tornavam grande centro criador (III, 309). Southey, como vimos, dedicaria grande espaço (literariamente um dos pontos culminantes de sua obra) em descrever a expedição de Manuel Félix de Lima até o Pará: revive minuciosamente as vicissitudes dessa expedição arrojada, de mineradores endividados, que subiram o rio Guaporé, chegando às fontes do rio Paraguai, do Tapajós e do Madeira,

alcançando finalmente o Pará, de onde alguns completariam o círculo de peregrinação, voltando novamente, através do Maranhão e Goiás, ao ponto de partida, onde teriam “o bom senso e a sorte de instalar-se como lavradores no Guaporé.” (III, 342)

Southey, ao estudar a expansão territorial e a demarcação das fronteiras, pretendia demonstrar o maior dinamismo dos portugueses, comparados aos colonos espanhóis⁽⁷⁾.

Ao fazer o apanhado geral do movimento de expansão do território, Southey traçava um grande paralelo, confrontando continuamente o trabalho dos jesuítas com o dos exploradores paulistas. Os jesuítas tinham conseguido estabelecer uma cadeia de comunicações entre os seus diferentes núcleos de aldeamento (III, 372); os espanhóis de Quito tinham descido até encontrar os portugueses do Pará. As missões do Amazonas comunicavam-se com as do rio Negro e Orelana. Somente considerações políticas impediriam um intercâmbio mais assíduo entre as reduções Moxo e os estabelecimentos portugueses do rio Madeira. As reduções jesuíticas de Chiquitos, Moxo e do Paraguai comunicavam-se entre si; deste último local, tentaram os jesuítas expandir-se para o Chaco e para as vastas planícies ao sul e a oeste de Buenos Aires (ibid.).

Através do desbravamento e da ocupação do território, e da obra de conversão e civilização dos índios, levada a cabo pelos jesuítas, que foram os primeiros a lançar as sementes de ordem social, o historiador estudava as forças internas de formação de uma futura nacionalidade. A este respeito, atribuía um grande e decisivo papel aos jesuítas. O fato de a Companhia de Jesus recrutar seus membros entre as mais diferentes nacionalidades, dotava-os de um profundo conhecimento da natureza humana, que os tornava “naturalmente aptos a serem grandes missionários ou estadistas” (III, 168). Através da trabalho de conversão, difundiam os fundamentos da religião, implantavam a agricultura e a nova organização comunitária. Southey estava convencido de que os espanhóis teriam evitado a emancipação de suas colônias, que se lhe afigurava prematura, a guerra civil e a anarquia, se não tivessem expulsado os jesuítas (III, 372), que poderiam ter sido grandes colaboradores da coroa, na luta contra os efeitos nocivos da escravidão sobre os “encomenderos”, e teriam ajudado decisivamente a impor uma ordem social mais sadia contra os hábitos de selvageria difundidos pela pecuária. A presença civilizadora do

(7) III, 347: “... so ignorantly and so falsely have the Portuguese, and more especially the American Portuguese, been accused of a listless and spiritless inactivity....” (III, 362).

esforço cultural dos jesuítas teria sido a única defesa e um grande trunfo na luta contra o processo de degeneração dos “creolos”.

Southey também exaltaria a expansão territorial realizada pelos colonos portugueses, sobretudo tendo em vista a ínfima porção do território constituída pela metrópole, assim como a má distribuição da população, acrescida do fato de não terem aproveitado colonos de outras nacionalidades “em parte por beatice, em parte por desconfiança e pelo orgulho, que marca o caráter nacional” (III, 362-9). Para Southey, os portugueses eram, dentre todos os povos colonizadores, os que conseguiram maior e mais rápido progresso “em proporção aos recursos de que dispunham”. Chegaram mesmo a penetrar

... até às reduções jesuíticas do interior do continente; até os limites espanhóis do Amazonas, para onde subiram do Rio Negro e constataram a existência de uma comunicação entre o Amazonas e o Orenoco, que somente Humboldt confirmaria em definitivo. (III, 369n)

O historiador do Brasil não tinha em mente apenas a expansão geográfica e a integração do homem com a natureza, num quadro quase estático no tempo. Procurava os fundamentos da ordem social; tecia críticas à colonização portuguesa, tendo em vista a formação de uma comunidade nacional e as raízes de um futuro Estado-Nação autônomo. Além da expansão territorial, queria captar a sedimentação de laços comunitários e a evolução da civilização. Preocupavam-no o processo de aculturação de selvagens, inerente ao desbravamento das fronteiras e o lento germinar da ordem social através do desenvolvimento das instituições e da centralização administrativa. A esse respeito, norteavam-no um profundo pessimismo e uma série de preconceitos de erudito anglosaxão de mentalidade conservadora contra o desenraizamento cultural próprio de todo processo colonizador.

A falta de tradições e de organicidade da nova sociedade colonial e o transplante de instituições européias para um meio inóspito acarretariam necessariamente um retrocesso e um atraso da civilização. Além disso, no íntimo, como revelam suas cartas, tinha perspectivas particularmente sombrias com relação ao enraizamento das instituições portuguesas nos trópicos da América do Sul. Conhecedor das deficiências da metrópole e da precariedade de seus recursos, criticava a falta de lei, a inexistência de justiça e de autoridade pública, como males inveterados da metrópole, que tenderiam naturalmente a agravar-se na colônia. Em qualquer co-

lônia longínqua, seria difícil exercer vigilância e controle da ordem social e do poder político. No correr de sua obra, são freqüentes as referências à inclinação natural de toda colônia para o sistema republicano de governo, de que era descrente, como “tory” e radical apóstata: “Colônias longínquas tendem naturalmente ao republicanismo”... (III, 94, 233)

Contra-revolucionário, interessado na manutenção das tradições, das leis, dos laços de coesão e de harmonia social, preocupava-se em estudar os reveses do transplante das instituições e da ordem pública para a colônia. Mantinha-se sempre alerta, assinando abusos do governo, opressão e cupidez por parte das autoridades (I, 294; II, 55, 58; III, 253). Dada a inevitável corrupção de costumes que se verificava na colônia, era difícil para a metrópole nomear autoridades e escolher funcionários entre elementos nativos, aproveitando a própria população local (II, 498). Analisava a corrupção administrativa e as dificuldades de exercício do poder à distância. Preocupava-o a implantação da lei, da justiça e da ordem estatal: a coroa mostrava-se bem consciente da dificuldade de debelar insurreições numa colônia distante, sendo de fato impossível controlar o ânimo de uma população decidida a resistir, num país extenso (II, 58, 301; II, 616). Desentendimentos entre autoridades militares e civis eram fatais em toda conquista, antes de instalar-se a rotina administrativa.

O mesmo acontecia entre governadores e os missionários jesuítas, que a seu ver representavam os interesses essenciais da colonização (I, 267). As deficiências da iniciativa e da assistência da metrópole seriam um mal generalizado em toda experiência colonizadora, especialmente no caso de Portugal:

... os governos são sempre mais lentos do que os indivíduos; passam-se semanas e meses antes de se conseguir trazer abastecimento para colonos novos, que estão diariamente à sua espera, passando fome por causa da demora. (I, 56, e 33)

Fazia referências freqüentes à demora costumeira da lei “por parte de um governo que nunca soube administrá-la”... (II, 629) Criticava também, como o fazia Hipólito da Costa através do *Correio Braziliense*, o mau pagamento dos funcionários, dos quais, por conseguinte, a coroa deveria esperar pouca lealdade (II, 635). Em decorrência disso, apesar da proibição dos regulamentos, os funcionários administrativos, assim como o clero, tinham participação intensa em atividades financeiras e comerciais (II, 648). Acima de tudo, criticava, na colonização portuguesa, o abandono

da colônia aos recursos locais. A partir de 1570, a iniciativa da metrópole deixara muito a desejar e somente Pombal, no século XVIII, procuraria corrigir os males advindos desse desleixo (III, 505).

Aludia à necessidade de uma política estatal bem definida. Surpreendia-o a expansão e o desenvolvimento das colônias do Brasil, inteiramente relegadas à iniciativa privada, aleatória e interesseira. A propósito do excedente de açúcar, que saturava o porto de Lisboa, em 1693, comentava a imprevidência e os excessos de um sistema exclusivamente comercial, que, ainda assim, demonstrava a existência do dinamismo e da energia que faziam as nações prosperarem (III, 21). As idéias de Southey sobre o equilíbrio entre a iniciativa privada e a intervenção do Estado seriam sempre ambíguas. Para ele, o progresso das reduções jesuíticas do Moxo e de Chiquitos, com relação às reduções Guaranis, provinha justamente do maior incentivo à iniciativa particular:

Os índios, evidentemente, eram muito mais ativos do que nas missões Guaranis, onde não tendo nenhum interesse particular no fruto de seu trabalho, faltava-lhes o estímulo essencial para o esforço, princípio este que se aplica a toda a massa da humanidade. Ali, os mais trabalhadores vestiam-se melhor e mesmo festivamente, com panos e sedas obtidas no comércio com o Peru. Nada impedia a prosperidade dessas missões, a não ser o clima... (III, 209)

No caso das colônias, Southey ressaltava a importância essencial da vigilância e da interferência direta da coroa; era o que deixava claro, a pretexto da nomeação dos primeiros governadores-gerais, considerando-a mesma o cumprimento de um dever. Não perdia oportunidade de chamar atenção para a necessidade de controlar a livre iniciativa dos colonos, unicamente inspirada por estreitos interesses comerciais. Seria, por exemplo, o caso da criação de muares, que o historiador considerava nociva à colônia, por tratar-se de animais estéreis, devendo a seu ver ser objeto de proibição por parte da metrópole (sic) (II, 634).

Nem por isso seria menos crítico dos erros e das falhas da coroa: o favoritismo dos governadores (II, 648), o exclusivismo e o monopólio comercial, o sistema despótico do fisco nas áreas de mineração. Estas deficiências provinham tanto do governo como da própria iniciativa privada, ou melhor, do princípio genérico de exploração comercial, pois negligenciavam-se "meios mais lentos,

porém mais seguros, para uma prosperidade mais sadia..." (I, 32s; II, 266, 671)

Criticava as falhas da justiça criminal e da ordem pública na colônia (II, 543). Chamava atenção para os constantes vexames acarretados pela demora e corrupção das cortes judiciárias (I, 585), tão escandalosamente corruptas que mal mantinham uma aparência de decência nas sentenças de rotina. Na colônia, suborno, concubinatos, adultérios, assassinatos e roubos eram fatos notórios, generalizados e faziam parte da vida quotidiana, sem nenhuma das necessárias restrições por parte de autoridades públicas:

... a administração da justiça, que em Portugal era ruim e infame, tornou-se pior no Brasil, agravando-se o mal pelas dificuldades e demoras de apelação para um tribunal, no outro lado do Atlântico.⁽⁸⁾

Os portugueses pouco se incomodavam com assassinatos: "... uma polícia ineficiente e uma religião ainda pior livram-nos do medo de castigo humano ou divino; mas qualquer coisa que lembre sacrilégio choca-os..." (I, 431)

A falta de justiça gerava o descontentamento e a revolta dos colonos contra a coroa. Southey atribuía a duração do domínio holandês em Pernambuco aos vexames e ao descontentamento em que viviam os colonos, com relação às autoridades portuguesas⁽⁹⁾. O respeito à lei seria a condição precípua para a organização de uma futura comunidade nacional e para a consolidação de constituições próprias de um verdadeiro Estado. O historiador descrevia a turbulência rotineira da vida na colônia em termos de um equilíbrio instável entre os extremos da revolta e da anarquia, gerados, de um lado, pela falta de autoridade da metrópole (III, 265) e, de outro, por excessos despóticos que cometia um governo tirânico e absolutista⁽¹⁰⁾.

(8) II, 680; "... The courts of justice have been dreadfully corrupt, when so many precautions against undue influence were required. The power also of the governors and inferior Commanders was frequently abused. The *Capitães Mores*, in whom no such authority was vested took upon themselves to imprison persons, or release them... It was found, that private letters were intercepted and opened, under pretext of discovering what persons were engaged in the clandestine exportation of gold: the Governors were forbidden to continue this practice, because it was said, nothing could be more shameful than thus to lay open private secrets and private affairs without urgent cause. These orders indicate a proper sense of equity and honour in the Portuguese Government: but its practice corresponded little to these principles; and men who knew how the laws were despised and the course of justice perverted at home, might well suppose, that their maladministration in so remote a part of the colonies would expose them to little inconvenience, if they had good interest at Lisbon..." (III, 253-4).

(9) I, 475; II, 680, e III, 253 (sobre violências e arbitrariedades em geral).

(10) "The Forbidden District of the Diamonds, which carries a sort of romantic interest in its name, is indeed a remarkable spot upon the globe, and for the sta-

Como fatores fundamentalmente adversos à constituição de uma futura comunidade nacional, ressaltava a fraqueza da coroa e o predomínio de interesses mesquinhos de lucro imediato, por parte da iniciativa privada. Em vão tentava a metrópole, com sinceridade, restringir a escravidão dos índios. Não se convenciam os colonos de que certas medidas de humanidade atenderiam aos seus próprios interesses, diminuindo o rápido extermínio da mão-de-obra local; nesse sentido, seria necessário conciliar o avanço da civilização com o trabalho missionário⁽¹¹⁾. Atribuía a escassez de disponibilidade de mão-de-obra livre na colônia à extinção dos selvagens, ocorrida pelo fato de os governadores posteriores a Tomé de Sousa e Mem de Sá não terem dado o devido apoio à obra dos missionários jesuítas (II, 306). Em fins do século XVII, a extinção dos selvagens já acarretava conseqüências graves para a colônia, dificultando a sobrevivência dos colonos e a defesa contra os piratas estrangeiros⁽¹²⁾. Nas margens do Amazonas, a população indígena estava quase extinta, assim como ao longo de toda a faixa litorânea (I, 40), o que consistia em grave crime da nação portuguesa contra a humanidade em geral e o futuro da colônia.

A escravidão seria o maior empecilho para o sucesso da colonização portuguesa (II, 493); segundo Vieira, era o pecado original que marcava as novas terras⁽¹³⁾. A cobiça como móvel principal da iniciativa privada e a mineração, “afastando os homens do cultivo da terra”, constituíam-se em graves obstáculos ao progresso da civilização; seriam os principais fatores da decadência da agricultura (Southey não levaria em conta a concorrência das Antilhas para os produtos coloniais dos portugueses) e somente esta

tesman as well as the mineralogist: In no other place has it ever been the main object of the Government to enforce an arbitrary law, unconnected with any moral sanction; and no where has the law ever been counteracted by such great temptations for evading it...” (II, 63); cf. III, 76, 240 etc.

(11) “... It availed not to represent that their own interests (dos colonos) would be best promoted by measures of humanity, that the present course produced a rapid depopulation, and that the only means of remedying this was to make civilization and conversion go hand in hand...” (II, 266).

(12) “... by their tyranny they so completely despoiled the coast (except where the savages by fierce and continual war had acquired the command), that had it not been for the persevering zeal of the missionaries the colonies could not, at the beginning of the 17th century, have maintained themselves, nor could they have been defended, against the attacks, of the English freebooters by the scanty European population...” (II, 306); II, 642 (sobre extinção dos selvagens ao longo do Amazonas).

(13) “... There was an Original Sin in that country, ... the practice of enslaving the natives: it was the King's duty to deliver them, and it was no new thing for *him* to become a Deliverer. Love of the souls of these poor people, said *Vieyra*, tore me from Portugal; their wants, their oppressions, their forlorn condition have made me return; and now prostrate at your Majesty's feet I lay before you... not gold, not the precious produce of the conquests... but injured innocence... but lamentations, sufferings, injustice, blood and murder, which call upon you for compassion and for redress...” (II, 493).

atividade poderia fornecer a base dos laços comunitários e do arraigamento ao solo, sem o qual não se acalentavam tradições. O exclusivismo comercial e o fanatismo católico supersticioso se lhe afiguravam em suma como obstáculos fundamentais à formação de uma comunidade coesa no Brasil.

O preconceito de Southey contra as superstições católicas emprestaria um colorido peculiar ao seu estilo de narrativa moralista e intelectualista. Não se contentaria o historiador em condenar as crendices dos colonos e os seus rituais supersticiosos; investiria também contra o catolicismo, que considerava, em tese, incapaz de dar lastro à ordem social, "pois administrava ópio aos seus fiéis" (II, 370). Era como se discernisse um abismo entre os interesses propriamente nacionais dos portugueses e os do Vaticano, que considerava em princípio como desmoralizador dos homens e da ordem pública. Em 1697, Portugal, movido por interesses de religião, quase se aliara à França, em vez de atender à própria sobrevivência e aliar-se à Inglaterra (III, 32). Por outro lado, as instituições católicas, como por exemplo a instalação de conventos de freiras numa colônia de população escassa, pareciam-lhe incompatíveis com uma sábia orientação da política colonial (II, 570-1).

A crítica mais direta que faria ao sistema colonial português seria contra o exclusivismo comercial. De início, tinham os portugueses sido bem mais liberais do que os espanhóis, estando mais interessados em transações comerciais do que na exploração das minas de metal precioso. Southey criticaria asperamente as medidas restritivas à presença de comerciantes estrangeiros, "com direitos adquiridos", que Filipe II tinha sido o primeiro a impor às colônias do Brasil (II, 670; III, 139): "... in that wretched spirit of policy which regards immediate revenue as its main object..." (I, 320)

Somente com a descoberta de metais preciosos, no início do século XVIII, é que os portugueses adotariam de fato uma política severa de exclusivismo comercial⁽¹⁴⁾, que culminaria com as medidas de Pombal e com a criação das companhias privilegiadas

(14) "By another decree, all foreigners were to be sent out of the new Captaincy, except English and Dutch, even although they might have been naturalized... The discovery of the mines seems to have introduced this jealous policy: it was probably strengthened by the loss and shame which had been sustained at the Rio; and being soon extended to all the other Captaincies, this short-sighted and selfish system of exclusion retarded the improvement of Brazil..." (III, 145); sobre a proibição de comerciar no Brasil e as negociações de Utrecht: "... The English were content to forego it, because by means of the factory at Lisbon, great part of the Brazilian trade was really in their hands, being carried on with their capital by Portuguese agents in the country..." (III, 133-4); III, 254 etc.

(III, 549ss e 139). O ciúme com que em 1730, guardavam seus domínios, parecia-lhe um sério obstáculo ao progresso de suas colônias e ao advento da civilização, mantendo-as num lamentável isolamento, com relação ao resto do mundo (III, 300), peculiaridade que alcançaria o extremo do exagero no caso do distrito dos diamantes, completamente isolado de todos os contatos e que cortava pela raiz quaisquer impulsos de atividade e de progresso, que poderiam redundar em benefício para toda a colônia (III, 637ss). A falta de visão da coroa já se tornava patente numa ordem régia do século XVII, que mandava extirpar das colônias do Brasil quaisquer especiarias que pudessem fazer concorrência com o comércio do Oriente, política que os portugueses seriam obrigados a inverter no século XVIII... (II, 671)

O imediatismo da coroa, a mera procura de lucro, seria o maior obstáculo à adoção de princípios mais sábios, de valores morais capazes de cimentar a ordem social na colônia. O exclusivismo da coroa portuguesa prevalecia sobre o zelo da salvação de almas⁽¹⁵⁾. No distrito dos diamantes procurava a coroa impor uma lei arbitrária, ignorando inteiramente qualquer princípio moral. A consequência fatal era a tendência à desobediência, à evasão de impostos e ao contrabando (III, 639). Os regimentos das minas também incentivavam as fraudes, que não tinham meios de prevenir, dada a fraqueza e a instabilidade das autoridades locais⁽¹⁶⁾. A mineração, entretanto, viria aumentar a arbitrariedade e a tirania do Estado absolutista. A legislação do ouro seria puramente fiscal, não obedecendo a motivos humanitários, nem correspondendo a objetivos mais elevados, tais como o respeito à dignidade humana ou a preservação da harmonia social. Para Southey, parecia evidente que a vigilância fiscal nunca teria a engenhosidade e o dinamismo da iniciativa privada⁽¹⁷⁾. A legislação colonial, por ser puramente fiscal e sujeita na prática a grandes arbitrariedades, ignorava quaisquer princípios de direito natural e por isso só poderia ser ineficiente e nociva. A ineficiência patenteava-se nas inúmeras fraudes e no contrabando⁽¹⁸⁾; cerca de dois milhões de libras de diamantes tinham sido levados clandestina-

(15) "... so jealous was the Portuguese Court of its dominion in America that this feeling prevailed over its zeal for the salvation of souls" (III, 16).

(16) "... The Crown winked at frauds which it had no means of preventing and which it was afraid of pursuing to the utmost: all its despatches expressed a full sense of the weakness and instability of its authority over such subjects, in so remote a country..." (III, 265).

(17) "... and fiscal vigilance is seldom so ingenious, and never so indefatigable, as individual enterprize..." (III, 65).

(18) III, 638: "...Laws will be always inefficient if they have no foundation in natural justice; but when they appear to violate it, they then provoke disobedience" (III, 642).

mente para a Europa (III, 641). A justiça sem fundamento nos direitos naturais não apenas seria ineficaz, como propiciaria também a desobediência e a revolta. De uma legislação com meros intuitos fiscais nunca adviriam os laços de coesão social que formam a base de qualquer nacionalidade. Southey lembraria, como crítica à mineração, a falta que fazia à colônia o zelo dos camponeses do Piemonte ou da Savóia no trabalho incansável de irrigação de suas lavouras (III, 642-3).

Southey constatava com pessimismo, no Brasil-Colônia, inúmeras forças de dispersão, como o poder ilimitado dos chefes locais, dos poderosos do sertão, a desobediência das leis por parte de colonos e funcionários e os desmandos de autoridades mal investidas e mal controladas. Contra-revolucionário convicto, vislumbrava a semente da revolta popular. Prevenido contra os motins de rua na Inglaterra de seu tempo e temeroso do poder anárquico das multidões desgovernadas, voltava os seus preconceitos políticos contra toda e qualquer forma de insubordinação por parte dos colonos. “Uma assembléia tumultuosa não tem ouvidos ou corações para sentimentos humanitários”, escreveria a propósito de um motim de soldados na Bahia, em 1688. Southey tinha seu modo peculiar de descrever tumultos e insurreições “populares” na colônia: referia-se à “fúria cega da canalha”, quando de um motim na Bahia em 1711⁽¹⁹⁾ ou da guerra dos emboabas⁽²⁰⁾; a “primeira calamidade ocorrida em Pernambuco foi uma guerra civil...”⁽²¹⁾, observaria a respeito do levante dos mascates. Pintava os episódios de desordem em cores pesadas, não se cansando de chamar atenção para a tirania das turbas⁽²²⁾, a total indiferença para com questões de religião e de respeito humano, a violência desabrida etc.⁽²³⁾.

Em colônias onde não havia justiça, os homens estavam sempre prontos a tomá-la em suas próprias mãos (III, 76). Mesmo os cargos administrativos, como por exemplo o de juiz do povo, que seria abolido mais tarde, prestavam-se a intuitos sediciosos (III, 94). O senado da câmara aparecia como o “porta-voz do populacho” (III, 129). Depois do trauma que lhe causara, em sua juventude de jacobino, o “terror” na França e diante da insegurança social em que vivia na Inglaterra, horrorizavam-no os desa-

(19) “... the blind fury of the rabble...” (III, 127).

(20) III, 80 (guerra dos emboabas).

(21) III, 85 (mascates).

(22) Sobre o episódio de Felipe dos Santos, nas Minas Gerais: “... in that spirit of tyranny by which all mobs are possessed...” (III, 159); cf. também III, 112, 92-3, 131 etc.

(23) (durante a guerra dos mascates): “... The Religioners endeavoured to dissuade them, dwelling particularly upon the criminality of terrifying the women... an argument little likely to be regarded by the multitude...” (III, 92).

tinhas das rebeliões populares, e o estado de total anarquia que geravam: em Pernambuco, quando da revolta dos mascates,

... foi completamente suspenso o exercício da autoridade, que é sempre necessário e sadio. Homens, disfarçados com capuzes sobre os rostos, cometeram nas ruas de Recife os maiores excessos, motivados por ódios pessoais ou pelo espírito de devassidão ou de injúria; os habitantes tinham que fechar suas casas assim que soavam os sinos da Ave-Maria, e esta precaução nem sempre os livrava do insulto e da ofensa... (III, 96)

Do povo, esperava antes a obediência do que manifestações de opinião (III, 153). Entretanto, julgava injusto o imposto da capitação nas Minas Gerais, pois qualquer forma de arrecadação geral sobrecarregaria o povo inteiro para aliviar os mineradores (III, 94-107, 156). Freqüentemente, as rebeliões eram provocadas por desmandos das próprias autoridades, como seria o caso do episódio liderado por Antequera no Paraguai (III, 224), ou por Fernando Mompo: Este parecia a Southey

... um desses homens que sempre estão entre os líderes de revoluções populares: desprovidos de coragem pessoal, são audaciosos quando têm o apoio de uma multidão; gabam-se de sua virtude cívica, enquanto eles mesmos vivem normalmente infringindo os seus deveres particulares; nunca lhes faltam palavras, pois são ignorantes demais para compreenderem a própria ignorância e são igualmente indiferentes para com a lógica e a verdade. Homens desse tipo naturalmente desejam promover uma ordem de coisas em que a autoridade fique conferida à ralé... (III, 233)

No mesmo tom moralista, Southey descrevia a entrada triunfal de Antequera em Assunção⁽²⁴⁾, lembrando “quão instável é a submissão de gente turbulenta...” (III, 231) e afirmando ainda: “o favor popular é tão inconstante como o vento e dificilmente conversível em regra ou razão...” (III, 240)

Chamaria atenção para as conseqüências, na colônia, de movimentos populares de rebeldia, como a indiferença e o desprezo dos direitos adquiridos, dos valores relativos ao berço e à fortuna, assim como de toda e qualquer forma de respeitabilidade (III,

(24) III, 228: “...Triumphal arches were erected in the streets, and a soldier in his train trailed the royal flag in the dust...”

244). O poder ilimitado de que se revestiam indivíduos despóticos, na ausência de toda lei, tradição, ou qualquer forma de poder constituído, "levava normalmente a uma espécie de loucura, de que se embriagavam os maus, quando se viam livres de qualquer tipo de restrições"⁽²⁵⁾. Analisava a dificuldade de impor-se a lei em colônias remotas; era o caso que se apresentava à coroa portuguesa, quando do episódio dos emboabas (III, 80-2), ou em Pernambuco (III, 86), ressaltando as manifestações espontâneas de independência e de insubordinação dos "poderosos" contra a autoridade dos governantes ou qualquer ascendência de ordem pública.

Teria sempre em mente o nexos social de laços comunitários, evocativos das aldeias agrárias de organização patriarcal das antigas sociedades tradicionais européias. Nas colônias, o excesso de iniciativa particular e a total ausência de ordem social, agravada pela fragmentação e dispersão do povoamento, tendiam a gerar uma espécie de turbulência anárquica de facções locais ("os poderosos"), em vez de uma sã e necessária coesão social. Para Southey, era este um mal inerente à colonização comercial e ao individualismo próprio do capitalismo moderno e característico da sociedade colonial. Com seu ceticismo em relação ao desenraizamento provocado pelo transplante de instituições para terras estranhas, crescia o pessimismo com que viria a encarar as perspectivas futuras da sociedade no Brasil. Imbuído das idéias de Burke, contrastava o nomadismo dos desbravadores, a turbulência dos sertões de gado e da mineração, ao trabalho dos camponeses do Piemonte e da Savóia (III, 643). Comparava a sociedade das minas, anárquica, sem tradições, com a hierarquia social estabelecida e sedimentada da sociedade da França e da Inglaterra⁽²⁶⁾. Na colônia, antigos padrões, como honra e consenso público, viam-se substituídos por manifestações de arbitrariedade e tirania.

Anticapitalista, não realizara o alcance da Revolução industrial de que era testemunho em sua terra. Indiferente ao estudo das formas de produção, voltava-se para as sementes ideais da civilização. O historiador preocupava-se com o processo de formação da sociedade de um ângulo puramente político das estruturas de poder: o de constituição do Estado-Nação. Sentia a falta que

25) III, 261; "... Being cruel by nature, and under no restraint, he (governador da Guiana) fell into that madness which the possession of absolute power induces in wicked dispositions..." (III, 13).

(26) "... because in both countries the power of purchasing implies that the purchaser is of that class of society in which a proper sense of honour is always to be presumed..." (III, 252).

fazia na colônia a existência do passado e da história. A inexistência do feudalismo e das suas tradições de relacionamento social acarretava graves inconvenientes para a formação da sociedade colonial. O capitalismo comercial não criava laços de lealdade e dependência entre os indivíduos. Não existia também a classe aristocrática, guardiã de tradições de continuidade e de estabilidade do corpo social. Pelo contrário, as diversas classes sociais tendiam a confundir-se na colônia, gerando um certo igualitarismo social⁽²⁷⁾. Como vimos, Southey ressaltava com força especial as diferenças existentes entre a sociedade feudal européia e a das colônias. Entrevia, é verdade, através de Koster, certas tonalidades “feudalizantes” no patriarcalismo dos grandes senhores rurais. Destacava porém uma diferença nítida entre a antiga vassalagem e a moderna escravidão comercial⁽²⁸⁾.

Vimos sua atitude conservadora, o seu interesse num Estado centralizador que absorvesse seitas e partidos políticos na Inglaterra de seu tempo, interesse, aliás, contra qualquer fracionamento do corpo nacional. O mesmo conservadorismo com que se apegava às tradições da aristocracia, opondo-se à reforma do parlamento, conduziria à preocupação com a organicidade e a integração de divergências regionalistas e de grupos sectários dentro do Estado:

Não há calúnia, por monstruosa que seja, não há falsidade, por mais evidente e absurda, que não possa ser aceita por um povo obcecado pelo espírito de facção. (III, 534)

Esta mesma preocupação com a organicidade do corpo social levou-o a endossar Vieira, atribuindo à discriminação contra judeus

(27) “... There existed among the Spaniards (no Paragual) a complete feeling of equality, which is the natural growth of colonies...” (III, 433).

(28) “... If the labour of the Indians had been confined to these occupations, and to the task of raising produce for the family and performing the necessary domestic work, slavery would have appeared in its least odious form; it would in reality have been only vassalage, and with this advantage over the vassalage of feudal Europe, that the condition of those who were brought to this state was materially improved by the change.

Such an improvement, the Court of Spain hoped to effect by the *Repartimientos* and *Encomiendas*; and upon this ground it is that slavery is still defended by the few advocates who have any learning or philosophy to pervert in its defence. They overlook the difference between a feudal and a commercial age. The feudal lord required only military service, and agricultural labour in which no lash was required to keep the labourer to his task, because from a sense of its necessity and fitness it was always willingly performed. The planter's object is gain; and avarice is as obdurate as ambition. The Indians at this time were worked to death in Maranhão and Para, as horses are worked to death by unfeeling owners in England; or they were murdered by slow tortures and systematic cruelty, when the owners had something devilish in their nature. Humaner individuals must have existed, whose slaves, were as children of the family: but that the general system was to the last degree flagitious, is proved not only by valid testimony, but by the unanswerable fact of depopulation” (II, 644).

e cristãos-novos, entre os colonos de Pernambuco, a relativa facilidade com que os holandeses tinham ali estabelecido o seu domínio (II, 660-1).

Da mesma forma, tinha como preocupação central em sua obra o problema da aculturação dos selvagens e o dos males gerados pela escravidão: em Pernambuco, por exemplo, por volta de 1768, a proporção da população negra para a branca era estimada em 17 para 1. Afirmava-se mesmo, com relação à população total do Brasil, que "os negros eram mais numerosos do que todos os brancos e os selvagens juntos..." (III, 816) A propósito da capitania de Minas Gerais, referia-se Southey à insegurança social gerada pela importação maciça de escravos africanos, sendo esta a única capitania do Brasil a tomar precauções de discriminação racial e a temer insurreições de escravos. Os negros livres constituíam em Sabará uma ordenança à parte; Southey comentava um primeiro decreto da coroa propondo providências no sentido de misturá-los entre os soldados brancos, a fim de melhor mantê-los em estado de submissão. Em 1728, um segundo despacho reiterava as mesmas precauções; aos mulatos, até à quarta geração, ficava vedado o acesso aos cargos de vereador e juiz ordinário, atinentes ao poder local, cargos também proibidos a pessoas viúvas ou casadas com gente de cor... (III, 250)

Ressaltava Southey repetidas vezes que nas demais capitanias não se verificavam os mesmos temores. Constituíra tese central de sua obra que os portugueses, através da mestiçagem, tinham superado quaisquer conflitos de natureza social ou racial. Na sua opinião, era o Brasil bem mais afortunado do que as colônias espanholas, onde as sementes da guerra civil tinham sido lançadas bem cedo pela distinção de castas, que já tinha produzido e ainda acarretaria grandes males. Portugal, com seu território exíguo e população escassa, não poderia dar-se ao luxo de exercer a mesma política dos espanhóis, que oprimiam os "creolos" para melhor mantê-los sob domínio. Em 1817, acreditava firmemente o historiador inglês que no Brasil

... o mulato era tão respeitado e tão apto a ser eleito para os cargos públicos como qualquer indivíduo de sangue puro ou qualquer nativo da Mãe-pátria. Não existiam leis para degradar o mulato ou o negro livre, nem eram desprezados pela opinião pública. Assim, vai-se processando silenciosamente o amalgamento de castas e cores que isentará o Brasil de guerras civis, sejam quais forem as vicissitudes pelas quais ainda tiver que passar... (II, 691-2)

Atribuía a ausência de preconceito racial na colônia a uma sábia política de Estado. Analisou com cuidado a política indigenista integradora de Pombal, com sua preocupação de “fundir todas as castas e cores em um só corpo político. . .” (III, 513, 534, 697) Para Southey, esta fora a mais sábia de suas medidas:

O sistema colonial de Portugal, com relação à gente de cor, foi sempre mais feliz do que o de qualquer outro país; talvez não possa ser chamado o mais sábio, porque derivou da necessidade. Os mestiços, de todas as proporções de mistura, eram livres das odiosas diminuições que os aviltavam nas colônias espanholas; índios e negros eram admitidos a dignidades e a cargos de autoridade e confiança. (III, 521)

Pombal dedicou-se à tarefa de tentar integrar os selvagens na população portuguesa a fim de incorporá-los em um só povo. Começou, porém, um erro fundamental ao expulsar os jesuítas, os únicos, em sua opinião, capazes de tal empreendimento, estando havia muito empenhados na proteção e na educação dos indígenas. Southey não deixava por isso de prestar homenagem à visão de Pombal, que sob este aspecto “estava muito adiante de sua época e do seu meio” (ibid.). Apesar do seu despotismo pessoal, mais do que qualquer outro estadista, tentou emancipar os indígenas, reivindicando os direitos dos selvagens a fim de lhes melhorar a sorte (III, 501, 521), e promovendo casamentos mistos (III, 532). Com sua política, visava Pombal a integrá-los dentro do Estado: para isso, acabou com a jurisdição temporal dos jesuítas sobre os índios e com o seu hábito de ensinar-lhes apenas o tupi, para melhor mantê-los isolados nas suas reduções e apartados dos colonos e de qualquer participação na vida civil. Achava Pombal que deviam ao contrário aprender o português e dedicar-se a tarefas produtivas a fim de poderem contribuir para o enriquecimento do Estado⁽²⁹⁾.

Em sua obra, Southey empenhou-se em demonstrar a impossibilidade de se substituir com sucesso o zelo educador moral e paternalista dos jesuítas por interesses puramente materiais e econômicos. Ressaltou o fracasso da política de Pombal, que resultaria no despovoamento, no abandono e na extinção dos selvagens.

Entretanto, apesar desses males imediatos, o importante é que as reformas pombalinas tinham estabelecido o princípio dos direitos iguais:

(29) III, 529: “. . . to serve in expeditions to the *Sertam* and to cultivate tobacco, sugar canes, cotton and whatever might tend to enrich the State by increasing its commerce”; também deveriam pagar a *dízima* (III, 526).

... o governo de Portugal tinha-solenemente tomado a si o compromisso de instruir, emancipar e edificar seus vassallos índios e de incorporá-los com os brasileiros num só povo homogêneo. Que males indizíveis teriam sido poupados a América espanhola, se também a Espanha tivesse feito a mesma justiça à humanidade! (III, 697)

O historiador chamava atenção para a importância de uma questão de princípio, pois na prática demonstrava em seu estudo o fracasso da obra civilizadora dos índios, após a expulsão dos jesuítas. Num só ponto daria razão a Pombal: justamente as providências tendentes a ensinar o português aos selvagens (III, 536).

Southey estudou de um ângulo muito positivo os resultados da política pombalina na capitania do rio Negro, que reputava uma das mais progressistas do Brasil, na segunda metade do século XVIII (III, 709). O fomento da agricultura pelas companhias privilegiadas levou à substituição da escravidão indígena pela africana e com isso tornara-se mais fácil respeitar os regulamentos de proteção aos selvagens⁽³⁰⁾. Não duvidava que o precedente moral aberto para os aborígenes se estenderia sem muito tardar também para os africanos. Os portugueses do Pará e do Maranhão foram os últimos a se redimirem da detestável imputação de crueldade no trato dos escravos; entretanto, o costume católico da manumissão parecia-lhe abrir uma perspectiva salutar e atenuante:

... o número dos habitantes livres era de tempos em tempos aumentado, porque a emancipação era encorajada pela religião e favorecida pelas leis do país. (III, 552)

Para Southey o processo de mestiçagem era o principal fator do progresso que constatava na capitania do rio Negro, em contraposição ao Maranhão e Pará, onde os selvagens foram rapidamente exterminados, após a expulsão dos jesuítas. Este seria um dos resultados da substituição do princípio moral, religioso e educador dos jesuítas pela orientação materialista de interesses mundanos, que levaria à exploração da mão-de-obra indígena: "... os brancos, nesse tempo, consideravam com perfeita indiferença a situação dos nativos que empregavam: desde que trabalhassem como animais, podiam, como animais, viver e morrer" (III, 729).

(30) "One slavery was thus exchanged for another; the system of kidnapping was transferred from South America to Africa, and the horrors of the middle passage added to its crimes; nevertheless, there was good, both immediate and prospective, in the change..." (III, 552).

A participação dos índios nas expedições ocupadas em demarcar limites em lugares insalubres da fronteira, onde permaneciam longo tempo, contribuiria para a sua extinção (ibid.). Ainda outro fator da diminuição da população indígena seria a deserção voluntária das aldeias, pois os selvagens estranhavam muito a ausência do paternalismo autoritário, porém sempre benevolente, dos jesuítas, que foi subitamente substituído por uma exploração brutal e pela cobiça de diretores e funcionários corruptos.

O governo tinha para com eles as melhores intenções, e agiu bondosamente; mas faltou o regime paternalista ao qual estavam acostumados: a previsão que os dispensava de qualquer preocupação com o futuro, a salutar e amável coerção que os defendia dos vícios e da perigosa auto-indulgência, o amor que os acompanhava na doença, a solicitude que os confortava na morte, nada disso lhes pôde ser fornecido, e a maioria dos refugiados gradualmente desapareceu. (III, 617)

No correr da segunda metade do século XVIII, certas aldeias, como as do rio Negro, continuariam entretanto a florescer, e graças exclusivamente ao processo intensivo de mestiçagem, que Southey tinha como a principal causa do progresso da civilização no Brasil:

... à medida que avança a civilização, cresce uma população mestiça, na qual certamente unir-se-ão o intelecto dos europeus e o físico dos nativos. A predominância do sangue índio é maior aqui, do que jamais foi em qualquer das velhas capitanias; o orgulho de casta deveria portanto ser impossível, por não ter chegado a nascer e assim não poder aumentar, visto que o espírito do tempo e a sábia ação de leis justas cooperaram na sua prevenção. (III, 730)

Os temores da ideologia contra-revolucionária inglesa dispunham-no a querer preservar o Brasil dos riscos de uma infiltração de princípios jacobinos e ainda por cima racistas ou misturados, como em São Domingos, com o ódio de raça⁽³¹⁾.

(31) "Brazil is I fear in a perilous state. The tide seems to have set in for Republicanism in the whole of the New World; tho we may very probably live to see the United States dis-united, and monarchies beginning there as they begun every where else. The Brazilians, like the Americans, have overspread a wider country than can be kept together under a weak government. The trunk is not enough to support the branches. The republican party there has long existed and all recent events have tended to strengthen it. To counteract it here is the imminent danger in case of

Era de opinião que a coroa portuguesa, no tempo de Pombal, antecipando com intuição sábia os sentimentos humanitários dos fins do século XVIII, já tinha tomado as necessárias providências de ordem legal, impondo decretos taxativos sobre a liberdade dos índios, tornando-os elegíveis para cargos e empregos públicos, e oferecendo uma série de regalias para os que escolhessem a carreira eclesiástica. Entretanto, como as medidas transcendiam o espírito da época e do meio, mostrava-se cético quanto ao seu eventual cumprimento. A opinião pública e a disposição de ânimo dos colonos não permitiria a vigência de leis ilustradas demais para a época.

Entretanto, prosseguia, a olhos vistos, o processo de civilização, com o aumento da população mestiça, ao mesmo tempo em que ia diminuindo a população selvagem (III, 761). De nada valiam porém as leis, pois os indígenas não estavam preparados para se beneficiarem da liberdade e dos plenos direitos de cidadania que lhes eram conferidos. Um mero ato formal de emancipação não produziria milagres. Continuavam apáticos, indolentes e desprovidos de ambição, não por causa de deficiências congênitas e raciais, mas por causa do seu atraso e da sua ignorância: "... compreendiam a sua liberdade apenas para abandonar o trabalho sempre que os induzia a indolência ou o capricho e o gosto da mudança" (III, 762). Os negociantes do alto Maranhão e do Mato Grosso sofriam as conseqüências desse estado de coisas, dispondo de uma mão-de-obra escassa e instável. Em Pernambuco, a inconstância dos nativos era tão notória, que os fazendeiros somente os ocupavam em trabalhos esparsos e ocasionais (ibid.). Não se adaptavam à produtividade do mundo "civilizado". O melhor método de integração, que ocorria a Southey recomendar, era a volta aos princípios de atuação moralista e religiosa dos jesuítas, pois eram os únicos que realmente poderiam incutir nos índios as luzes e a motivação para a obediência às leis dos colonos. Queria a restauração da antiga tática de conservação e catequese, evitando-se porém o erro de mantê-los isolados e marginalizados do convívio com os colonos, ou seja, uma formação religiosa e ao mesmo tempo

civil war, of a negro insurrection — the natural consequence of having brought into the country so overwhelming a majority of slaves as is to be found at Rio, Bahia, Pernambuco, Maranhão and Para — that is, in all the great maritime cities. But tho this apprehension may have a good effect there, it will not be felt in the interior. Provincial jealousies exist — in case of revolution, every province will set up for itself, and very soon be parcelled out among as many freebooters as can keep a body of ruffians together. I wish we could get from Mrs. Graham what she knows of the Court there. The representation would be very different from what it was in her volume, and therefore I fear she will not be likely to give it..." (carta para J. G. Lockhart, de 2 de janeiro de 1826. *NL*, vol. 2, p. 299).

cívica: não bastava salvar almas, era também preciso integrá-los como bons cidadãos ao Estado (III, 513, 762).

Através das anotações de viagem de seu amigo Henry Koster, Southey observava o mesmo processo de mestiçagem em Pernambuco, onde existiam regimentos de negros libertos e de mulatos. A população livre, de cor, dedicava-se a ofícios mecânicos ou arrendava terras dos grandes proprietários; produzia quase toda a agricultura de consumo interno da província. No litoral, predominavam mestiços de portugueses e negros. Porém os mulatos pareciam sofrer de um senso de inferioridade, como se “herdassem a cor da servidão”. Já no interior, predominavam os mamalucos, que “eram mais altivos e independentes e pareciam ter aparência melhor...” (III, 787) Nos sertões do Ceará, de Pernambuco e da Bahia, proliferavam todos os tipos de mestiços, mulatos, mamalucos e negros livres, especialmente junto às margens do rio São Francisco, pois, em geral, preferiam empregar-se na pecuária. Todos aspiravam tornar-se vaqueiro, criador e “homem de fazenda” (III, 756). Na Bahia e em Ilhéus também crescia a população mestiça e já predominava notoriamente, caracterizando-se por uma índole acomodaticia e conformada⁽³²⁾.

A rebeldia dos mulatos mineiros, esclarecia Southey, não advinha, de modo algum, de um estigma da raça: faltava-lhe somente o bom exemplo de “meritória diligência” e o dinamismo dos mestiços de Pernambuco, para terem, como eles, a mesma conduta impecável (III, 830). No último volume de sua obra, publicado em 1819, Southey omitiria propositadamente as observações pessimistas de sua correspondência particular, com referência à participação dos mestiços na revolução de 1817.

Em Mato Grosso, onde a miscigenação se processara num grau ainda mais intenso do que nas outras capitanias, os mestiços mostravam-se “ordeiros, trabalhadores e de grande respeitabilidade”⁽³³⁾. Por causa da mineração, embora predominassem os mamalucos, havia também grande número de mulatos, descendentes de escravos africanos. A proporção de mestiçagem é o critério adotado por Southey para avaliar o progresso da civilização no interior das diferentes capitanias. Tratava-se ao mesmo tempo de um processo de aperfeiçoamento físico e de uma vantagem política de integração e povoamento⁽³⁴⁾.

(32) “... the intermediate breed of all shades, far exceeding the unmixed races...” (III, 806).

(33) Em nenhuma outra parte do Brasil, como em Mato Grosso, fora tão generalizada a miscigenação (III, 841).

(34) Último capítulo do terceiro volume: III, 707, 726 etc.

Não seria necessariamente uma integração silenciosa e pacífica. O fato de existirem certas leis benéficas era apenas um aspecto das relações raciais nas colônias portuguesas; o outro, e de longe o mais forte e predominante, era de luta e extermínio e tinha que ver com a sobrevivência do colono europeu. Na verdade, mais que o processo pacífico de mestiçagem, a obra de Southey descreve os episódios de luta e de extermínio. A extinção dos aborígenes parecia-lhe se não a solução ideal, pelo menos um processo fatal ou necessário ao advento da civilização. Os mongoiós e botocudos de Ilhéus tinham sido pacificados à força, a partir de 1806, por iniciativa do conde dos Arcos (III, 692-3) e

agora (escrevia em 1819), pareciam não rejeitar mais como antes a instrução e a cultura européia, aprendendo a respeitar a superioridade dos portugueses, que seus antepassados orgulhosos, tinham rejeitado.⁽³⁵⁾

Pacificados, passaram a vender cerâmica para os sertões de Pernambuco e da Bahia, integrando-se como cidadãos na vida da colônia.

No Espírito Santo, a civilização restringia-se ao litoral, sendo o interior infestado por selvagens (III, 811). A própria capitania de São Paulo continuava atribulada pelos caiapós, que os paulistas chamavam de “bugres”. Para Southey, parecia quase incrível que justamente os paulistas, que tinham penetrado até o alto Paraguai, o Tocantins e o Amazonas, não tivessem pacificado a sua própria capitania. Somente agora, quando intensificavam suas atividades locais, tornando-se comerciantes “opulentos e industriais”, é que provocavam a hostilidade das tribos selvagens e sentiam os inconvenientes da sua presença; às vezes, interrompiam a estrada para Curitiba⁽³⁶⁾ e as monções para Mato Grosso⁽³⁷⁾.

Episódios de luta e de guerra contra selvagens faziam parte da épica de desbravamento e de civilização, que o historiador procurava reviver. Somente na última década do século XVIII é que os portugueses reabriam o caminho de Mato Grosso ao Pará, que fora interrompido por tribos hostis:

... agora que os murás associaram-se pacificamente aos portugueses e que os mundurucus começaram a sentir as vantagens

(35) III, 805: “... o orgulho que os tornava intratáveis quando constituíam a raça mais forte e numerosa, deixou de guiá-los e logo tornaram-se membros úteis da comunidade...” (III, 805).

(36) A fonte é o viajante John Mawe: III, 855-6.

(37) e Goiás: III, 380, 597, 617-8.

de uma vida sedentária e pacífica é de esperar que se retome a navegação do rio Madeira e que Vila Bela seja de novo abastecida pelo Pará... (III, 843)

Paiaguás e guaicurús tinham quase acabado com as monções; também atacavam Assunção, sendo pacificados em 1760; em 1801, Azara descrevia o último remanescente da estirpe dos paiaguás... (III, 385) Os guaicurús seriam pacificados em 1790 (III, 620). Após a expulsão dos jesuítas, as tribos selvagens passaram a atormentar de tal modo os "creolos" do Paraguai e do Prata, que chegaram a suspender em toda a região os contatos comerciais (III, 392-5 e 437).

Em Minas Gerais, os portugueses pacificaram os coroados e os botocudos em meados do século XVIII e os goitacases, no começo do século XIX (III, 599-600). Os guaicurús do Paraguai também atacavam os portugueses de Nova Coimbra; depois de pacificados, estas tribos começaram a desaparecer e ainda continuavam visitando Nova Coimbra em canoas, durante as inundações, a cavalo nas secas; antes de entrar na cidade, depositavam suas armas (III, 664). Em Goiás, os caiapós tinham sido pacificados em 1780; os xavantes, entre os rios Araguaia e Tocantins, temporariamente submetidos, vieram instalar-se em Vila Boa; depois desertaram, tornando-se os piores inimigos dos brasileiros; bem no coração do país e interceptando as comunicações de Goiás com o Pará, pelo rio Araguaia (III, 677). Os canoeiros eram outra tribo bravía que infestava o Tocantins, provocando o abandono das fazendas que os colonos de Mato Grosso tinham aberto no rio Maranhão... (III, 677-8)

A expulsão dos jesuítas abriu um abismo no processo de aculturação da colônia, atrasando e dificultando a integração dos selvagens e até mesmo a obra colonizadora. Por outro lado, as próprias leis da coroa, a centralização administrativa, o incremento da autoridade pública, acabando com as entradas e o tráfico de selvagens, também sustaria outro pólo de expansão da colonização portuguesa, que era o desbravamento dos sertões, por paulistas e homens do Pará (III, 719). Passaram então os mesmos selvagens a contribuir para o processo civilizador, precipitando a sua própria extinção. Sofriam processo autônomo de despovoamento, ocasionado por epidemias, por um alto índice de mortalidade e pela prática voluntária do aborto, como entre os guaicurús (III, 385). Além disso lutavam entre si destruindo-se uns aos outros ou provocando a deserção de outras tribos, que procuravam

proteção integrando-se entre os colonos brancos. Em fins do século XVIII,

... os murás sustentavam ativa e corajosamente guerra feroz aos portugueses e, sem querer, ajudavam o processo geral de civilização, impelindo as hordas mais fracas a refugiarem-se nas vilas e aldeias e assim mantinham a população desses núcleos, quando já não havia nem o zelo dos missionários, nem as expedições dos negociantes de escravos para recrutar gente... (III, 724-5)

O estilo de oposição polar resultando sempre num processo final de afirmação da cultura ocidental, européia, mesmo através dos próprios selvagens, que a civilização vinha exterminar, emergiria na obra de Southey na ambigüidade tradicionalista com que discernia "males que vinham para bem": as próprias superstições católicas, que em si eram fator de atraso, senão de regressão, nos países do mundo moderno em que predominavam, tornavam-se, na América do Sul, veículo e fator essencial do processo civilizador. Com seu ceticismo conformista, próprio da mentalidade conservadora, Southey queria entrever benefícios indiretos, acarretados por acontecimentos em si maléficos. A expulsão dos jesuítas viria destruir as reduções dos guaranis que eram a principal defesa e força dos espanhóis nas questões de fronteira com os portugueses. Em contrapartida, levaria esses mesmos jesuítas a se refugiarem entre os portugueses, assim promovendo o progresso da América portuguesa... (III, 615; 617)

Apesar de tudo o que criticava e condenava na Igreja católica, Southey teria como tese central em sua obra a convicção de que eram os jesuítas, mais do que a coroa ou a iniciativa particular de colonos espanhóis e portugueses, os principais responsáveis por quaisquer das manifestações mais concretas e duradouras de civilização, que chegavam a penetrar os sertões sul-americanos⁽³⁸⁾. Nas reduções de Chiquito, um jesuíta natural de Baar, no cantão de Zug, ensinava aos selvagens as tarefas de subsistência diária e também a fabricação de sinos, relógios, instrumentos musicais, ourivesaria etc. (III, 606). Havia mais conforto nas missões dos moxos e baures do que na cidade espanhola de Santa Cruz de la Sierra (ibid.). Córdoba devia sua imprensa aos jesuítas que começaram a imprimir livros na redução de Santa Maria Maior,

(38) "... In fact, whatever civilization found its way into the interior, was by means of the Jesuits" (III, 606)..

muito antes de haver imprensa em Buenos Aires ou em qualquer lugar do Brasil. Os jesuítas faziam de Córdoba uma das universidades mais conhecidas da América do Sul, e apesar das formalidades “secas e insípidas” em que se perdia o ensino jesuítico, deitavam os fundamentos de um conhecimento sólido e sabiam formar escritores de gabarito. Além disso, os seus alunos, tanto na Europa como na América do Sul, não somente “estudavam, como sentiam os clássicos”⁽³⁹⁾.

Southey reviveu com sentimento as vicissitudes da expulsão dos jesuítas tanto da América espanhola como dos domínios portugueses, consumada em 1759, simpatizando com seus sofrimentos e lamentando o grande erro de política colonial em que incorriam as metrópoles. Sua admiração pelo império dos jesuítas tinha a ver com o anticapitalismo entranhado em sua visão do homem e da sociedade: “não os moviam os mesmos motivos que levam os homens a acumular riquezas e a fundar impérios temporais...” (III, 511) Tudo o que se sabia da sua obra na América do Sul demonstrava cabalmente que eram indiferentes a grandezas materiais; além disso, tinham uma extraordinária versatilidade. Cada um de seus estabelecimentos tinha uma organização diferente, variando conforme o caráter das diferentes tribos selvagens e adaptando-se ao meio ambiente. Tornaram-se negociantes por necessidade, já que tinham que angariar fundos para manter-se. Investiam todo o seu lucro na manutenção das missões, que interessavam íntima e diretamente o Estado, pois cada catecúmeno aumentava o número dos súditos. Além disso, também fundavam escolas de ensino gratuito, que eram as únicas, e auxiliavam o clero secular, insuficiente e mal pago pela coroa, a desincumbir-se de suas funções (ibid.).

O desprezo pelas crenças supersticiosas e o ódio que votava à Companhia de Jesus teriam cegado Pombal. Pretendia civilizar os selvagens e colocá-los em igualdade de posição com os portugueses. Entretanto, expulsou as únicas pessoas, que seriam capazes de colaborar com ele para este fim, os únicos elementos, enfim, à altura de uma tal missão, por serem desinteressados, movidos pelo amor de Deus, capazes de se dedicar com diligência, alegria e zelo aos seus semelhantes. Sem perceber o alcance de seu ato, Pombal substituiu-os por homens movidos apenas pela ambição (III, 534-5).

Acima de tudo, Southey admirava nos jesuítas a habilidade com que equilibravam o poder espiritual e o temporal (III, 615),

(39) "... the classics were felt as well as studied..." (III, 606-7).

a organização corporativa e socializante das reduções jesuíticas, o paternalismo autoritário com que amparavam os selvagens, submetendo-os sem escravizá-los⁽⁴⁰⁾. Estudou o fracasso da política indigenista de Pombal, opondo o progresso e a expansão dos aldeamentos com a decadência após a expulsão dos padres⁽⁴¹⁾.

Somente com o tempo, através da radicação do colono à terra como camponês e com uma sábia política de Estado, poderiam os portugueses suprir a falta que faziam os jesuítas, em seus domínios. Já em seu tempo, referindo-se aos fins do século XVIII, Southey exaltaria o gênio integrador dos portugueses e a sua habilidade no trato das diferentes raças: o sábio paternalismo que os levava a impor-se, sem violência (*sic*) e sem afetar princípios igualitários através da sua própria superioridade cultural.

Seja o que for que se pense sobre a doação do papa Alexandre e os direitos do descobrimento, o atual sistema adotado pelos portugueses para com os indígenas é correto e humano; não existe hipocrisia na seu intercâmbio; não afetam tratá-los de igual para igual; não fazem transações de barganha e venda, em que os mais simples são enganados, sacrificando interesses perpétuos por gratificações sórdidas. Os portugueses, como gente cristã e civilizada, impõem uma superioridade, que os índios sentem e reconhecem; não se afirmam como casta ou por sua cor, nem pelo direito de conquista, mas por intermédio do estado de sua cultura; apelam para os índios para que recebam instrução, tornando-os membros livres da mesma comunidade, em termos de igualdade. (III, 844-5)

Em síntese, ao traçar a evolução da obra de colonização portuguesa, Southey ressaltava de início o domínio da natureza pelo homem e o saneamento do clima através do desbravamento. A região do rio Japurá, próximo ao Amazonas, estaria melhorando,

(40) III, 687; "... The foresight which relieved them from all care for themselves, ... the salutary and gently restraint which preserved them from all boisterous vices and dangerous indulgences... the love which attended them in death... these could not be supplied, and most of the settlers gradually disappeared..." (III, 617).

(41) III, 687, 617 ss: "... as an encouragement to industry, the Reductions were opened to traders during the months of February, March and April. The end of all this was, that compulsory and cruel labour left the Indians neither time nor inclination, neither heart nor strength, to labour for themselves. The arts which the Jesuits had introduced, were neglected and forgotten; their gardens lay waste; their looms fell to pieces and in these communities, where the inhabitants for many generations had enjoyed a greater exemption from physical and moral evil than any other inhabitants of the globe, the people were now made vicious and miserable. Their only alternative was to remain, and be treated like slaves, or fly to the woods, and take their chance as savages..." (III, 616).

à medida que as matas eram abatidas e que se abriam canais para as águas estagnadas (III, 729). No Pará, houvera sensível melhora do clima, com a rarefação das matas e a introdução do gado (III, 741). Além disso, o historiador queria reviver o processo histórico de evolução do Estado e da ordem social, que cimentaria uma sociedade civil nos confins dos sertões, integrando negros e índios na comunidade social. Era de opinião que nas grandes lavouras do litoral, onde os proprietários não eram absenteístas, e nas propriedades da Igreja, a escravidão era sensivelmente amenizada; através de casamentos, procuravam os padres corrigir a promiscuidade advinda da falta de mulheres; batizavam, convertiam, aculturavam os escravos africanos, davam-lhes lazer para cultivarem suas roças e a esperança de comprar com seu próprio trabalho a própria alforria! (III, 781-2) O clã patriarcal seria a matriz da integração social. Para Southey, que se apoiava em um panfleto de Henry Koster sobre os escravos no Brasil, a escravidão na grande lavoura do nordeste teria características feudais e, nos conventos e grandes propriedades da Igreja, peculiaridades patriarcais que a tornavam diferente e mais humana... (III, 782) Seria fenômeno inusitado nos anais da história colonial: Southey teria em geral bem presentes os crimes registrados nos anais da história colonial que atribuía justamente ao "espírito da época"⁽⁴²⁾, ou seja, ao espírito de lucro da colonização comercial. Vimos como rebatia a tese de William Taylor, sobre a possibilidade de substituição da escravidão por uma forma de vassalagem feudal, em que os trabalhadores, embora livres, continuariam presos à terra. Tratava-se de solução inviável, pois ignorava uma diferença básica e fundamental entre o antigo sistema da sociedade feudal e o moderno sistema comercial. Para Southey os vilões não eram escravos, mas "copyholders", que pagavam com seu trabalho o aluguel das terras que cultivavam; existiam também outros padrões de "status", intermediários, como o dos "cotarii", que segundo Adam Smith ainda existiam na Escócia em fins do século XVIII⁽⁴³⁾. Na servidão feudal, não haveria motivo para a crueldade nem para as formas de opressão e exploração do capitalismo moderno:

Os senhores feudais não eram fazendeiros necessitados ou endividados como nas modernas colônias comerciais e embora pu-

(42). "On Thomas Southey's Chronological History of the West Indies", *QR*, 38 (75): 244, jul. 1828.

(43) *Colloquies*, vol. 1, pp. 68-9.

desse acontecer os servos virem a sofrer sob o jugo de um senhor maldoso e exaltado, nada nos conduz a acreditar que fossem normalmente sobrecarregados ou submetidos a um tratamento sistematicamente impiedoso; porque este só pode surgir da cobiça, e a cobiça não era um vício dos tempos feudais...⁽⁴⁴⁾

Somente com o crescimento do comércio e a decadência do feudalismo, acelerada pela descoberta de metais preciosos nos domínios espanhóis, é que se transformariam os antigos valores morais: "... Profit and loss became the rule of conduct; in case calculation, and out went feeling"⁽⁴⁵⁾. A crueldade do homem moderno teria que ver apenas com a ganância. Para Southey, os "indentured servants", nas Antilhas, eram tão explorados e talvez mais maltratados do que os escravos (certamente mais do que os escravos do Brasil), pois seu prazo de servidão era limitado por contrato e os senhores queriam usufruir o máximo de seu trabalho⁽⁴⁶⁾.

Em sua obra chamou atenção para a importância, em 1763, da mudança da capital, da Bahia para o Rio de Janeiro, pois assim a sede do governo ficaria mais próxima das minas e das fronteiras do Prata (III, 585). Não lhe escapava também a importância da abolição do sistema de frotas e a decadência da mineração, que atribuiria à evasão fiscal e ao contrabando⁽⁴⁷⁾. Os indivíduos relutavam em submeter-se a imposições pesadas demais:

Entre as pessoas educadas para terem como o grande objetivo de suas vidas a aquisição de riquezas (e esta é a meta da educação comum) sempre haverá em todos os países uma grande proporção de gente que pouco se incomoda com a maneira com que

(44) *Colloquies*, vol. 1, p. 72.

(45) *Colloquies*, vol. 1, p. 79.

(46) "On Thomas Southey's Chronological History of the West Indies", 220. "On F. Deppon's Travels in South America", *Annual Review*, 6: 82, 1808.

(47) "... More than common honesty would be required for ordinary men to subject themselves to so heavy an amercement, if they could evade it. Among those persons who are trained up to consider the acquisition of riches as the great object of their lives (and this is always the scope of vulgar education) there will be a large proportion in every country who care little concerning the manner by which that object may be attained. Fraudulent practices in the common course of trade, are but too frequent in countries where the standard of morality is higher than in Minas Geraes: but no practices could be so gainful as that of clandestinely exporting gold; and less scruple is always felt in defrauding governments and corporate bodies than in cheating individuals... a notorious fact, which in the imposition of duties ought never to be forgotten, and yet seldom appears to have been borne in mind.

In vain had laws against making new and bye roads been enacted, and the penalties from time to time enforced. It was impossible to guard so wide a country, and when once the gold had reached one of the great cities, goldsmiths were ready either to cast it into ingots and set upon it the false stamp, or work it up into trinkets..." (III, 594-5).

podem alcançar sua finalidade. Práticas fraudulentas nas transações normais do comércio são bastante freqüentes em países onde o padrão de moral é mais elevado do que nas Minas Gerais; nenhuma prática poderia ser mais lucrativa do que a exportação clandestina de ouro; e há sempre menos escrúpulo no defraudar governos e corporações, do que no roubar indivíduos... fato notório, que nunca deve ser esquecido, quando se trata de impor taxas e que no entanto raramente é levado em consideração. (III, 594-5)

Southey também analisou o que considerava a salutar revolução comercial, com reformas jurídicas e de transações mercantis, que se teria processado na medida em que os colonos, a partir de meados do século XVIII, abandonavam a extração do ouro para dedicar-se ao comércio (III, 593-4), atribuindo-a ao renascimento agrícola e ao novo surto de grandes propriedades que proliferavam no litoral. O fato é que, ao considerar os progressos dos últimos cinquenta anos da colônia, dava largas ao seu ideal agrário, ressaltando ao mesmo tempo os benefícios do comércio como fator de civilização e de coesão comunitária. Esta "revolução comercial" modernizadora seria consumada pela presença inglesa.

Fazia remontar a Pombal, à fundação da junta do comércio (III, 549), à abolição do sistema de frotas (III, 589) e à fundação das companhias privilegiadas (III, 552), o impulso inicial que daria margem ao desenvolvimento da agricultura e do comércio na colônia (ibid.), cuja primeira grande consequência seria a extinção da escravidão indígena, substituída, é verdade, pela africana. A fim de melhor estimular o comércio, Pombal fazia decretos em favor dos endividados, que protegia da hipoteca de imóveis "... como se a moral da colônia já não estivesse bastante corrompida" (III, 553).

A principal decorrência seria o melhoramento dos costumes e da disposição das gentes, por exemplo, no Maranhão, até então tido como a região mais turbulenta do Brasil. À medida que se tornavam mais trabalhadores, os colonos eram menos insubordinados. O espírito de iniciativa particular perdia um pouco do seu caráter desumano, quando deixava de exercer-se exclusivamente no tráfico de escravos; e a introdução do idioma português, em lugar do dialeto selvagem, removia o principal obstáculo ao progresso intelectual (III, 553).

Com a incrementação dos benefícios civilizadores do comércio, Southey estudou a centralização administrativa e a implantação das leis na colônia, com as reformas de Pombal:

Atacou com coragem os mais perigosos preconceitos, impôs respeito à lei entre uma gente que tinha vivido durante muito tempo sem nenhuma autoridade, e visou ao bem público com uma inteligência ampla e liberal da política. (III, 555)

Ao fortalecer o poder da coroa, Pombal lançava os fundamentos do Estado na colônia. Southey elogiava a violência “salutar” do decreto que extinguiu os direitos dos últimos donatários, comprando-os para a coroa (III, 555-6). Pombal pretendia com isso reforçar os princípios conservadores da sociedade (III, 591). Investira contra os aventureiros, vadios e criminosos do sertão, através do decreto que os obrigava a tomar um domicílio fixo e a constituir-se em aldeia; este decreto isentava rancheiros, roceiros e bandeiras (III, 592). Pombal também procurava estimular uma política sábia de imigração, se bem que dificultada pela falta de disponibilidade de população, fazendo vir colonos das ilhas do Atlântico para Macapá e Mazagão; confiante na regenerabilidade da natureza humana, também mandava vir degredados e criminosos de Lisboa (III, 590-1).

Southey apoiaria a violência repressiva do governo contra a Inconfidência Mineira, endossando a prontidão, a energia e a vigilância do governo na manutenção da ordem:

(...) Embora a sentença fosse bárbara, o governo português merece elogios pela clemência com que agiu: pois, se as formas da justiça nos parecem ter sido mal observadas, no processo contra os acusados, não pode haver dúvida sobre a natureza e a extensão dos seus desígnios... (III, 683-6)

Graças à energia com que começava a impor as leis e a assegurar a sua aplicação é que o Brasil poderia gozar de uma relativa tranquilidade e de prosperidade material, nos anos seguintes à Revolução Francesa (III, 686).

O historiador ressaltava a dificuldade de impor leis onde havia grandes propriedades dispersas, afastadas umas das outras, auto-suficientes⁽⁴⁸⁾, dominadas por grandes clãs patriarcais, num estilo de vida semifeudal. Mascates e mercadores ambulantes eram

(48) "... The establishment of a wealthy colonist was of such an extent, that the people formed a community of themselves larger than many towns or parishes; and if their intercourse with the rest of the world had been cut off, they would scarcely have been sensible of any privation, till their stock of tools began to fail..." (III, 744).

os agentes da civilização; os piores cidadãos, os que mais resistiriam às autoridades, seriam os grandes fazendeiros abastados do sertão, que tinham as suas próprias leis e a sua justiça particular:

Os regatões e os mascates, por humilde que fosse seu ofício, eram agentes civilizadores: a pior gente do Pará eram os numerosos fazendeiros que, vivendo distantes do padre e do juiz, abandonavam-se aos impulsos de seu próprio árbitro e soltavam as rédeas às piores tendências de sua corrompida natureza. Viviam em suas propriedades, comumente a dois ou três dias de viagem da igreja mais próxima, em regiões onde não havia estradas. A maioria vivia e morria sem jamais observar os ritos religiosos mais simples, na maior escuridão moral, intelectual e espiritual. (III, 743)

Era um estado de barbárie e de agitação semelhante ao dos sertanejos e “valentões” do sertão do Piauí⁽⁴⁹⁾. Para Southey a turbulência selvagem da vida na colônia seria a principal característica da formação da sociedade colonial no novo mundo; e era muito diferente da sociedade européia, onde as guerras tinham criado a hierarquia e as tradições feudais. Na colônia, criavam apenas o atomismo faccioso dos clãs patriarcais, e faltava a disciplina comunitária, que somente a influência civilizadora do comércio, que se ia incrementando rapidamente, a partir de vários pontos do litoral, poderia vir a suprir (III, 773):

(...) The great agents of improvement among these people are the peddlars, who travel about with the calico of the country, earthen ware, either the white porcelain of Europe, or a dark brown kind made by the civilized Indians of Pernambuco (there called Caboclos) small kegs of rum, Irish butter, tobacco, and snuff; rapaduras, or sugar-cakes, spurs, bits, and other gear for horses (saddles excepted, which the Sertanejos make for themselves) and even trinkets of gold and silver. They seldom receive payment in cash... (III, 775)

Além dos mascates, os próprios fazendeiros, a partir do momento em que passavam a exportar a sua produção, também contribuíam para impor a ordem; eram mais vulneráveis à vigilância do governo e à influência do espírito dos tempos:

(49) Descritos no “Roteiro Anônimo do Maranhão a Goiás”, em que Southey se baseia: III, 756, 776-7.

Em vez de perturbar a ordem e de impedir o progresso e o melhoramento, eram os principais promotores da civilização; suas vidas não eram apenas inofensivas, mas eminentemente úteis; e praticavam uma hospitalidade liberal e magnificente, onde as cortesias e requintes do velho reino apareciam em meio à profusão semibárbara da colônia. (III, 779)

Southey tinha a ilusão de que a centralização administrativa, levada a efeito por D. João VI, estava acabando com a independência e a turbulência dos “poderosos”. Entretanto, ainda restava muito por fazer: em Sergipe, a instabilidade e a ferocidade dos costumes continuava e era bem pior do que em Pernambuco e na Bahia. Eram, juntamente com os obstáculos naturais, os principais tropeços para o advento do comércio e da civilização, que precisariam ser prontamente sanados (III, 794). O isolamento em que viviam certas regiões impedia o progresso, sobretudo porque faltavam capitais, contatos, emulação, exemplo e esperança, os verdadeiros agulhões de atividade no mundo contemporâneo (III, 812).

O Rio de Janeiro, porém, tinha uma posição estratégica ideal para o florescimento do comércio internacional, intermediária das comunicações entre a Europa, a Índia e a África: “Revoluções locais tinham privado Alexandria e Constantinopla da importância comercial que suas situações geográficas formalmente lhes asseguravam, e que correspondia à visão dos seus grandes fundadores: para que o Rio de Janeiro deixe de ser uma das mais importantes posições comerciais do globo, será preciso que o resto do mundo volte à barbárie...” (III, 813-4).

Para Southey, bom inglês e homem da sua época, faltava apenas a liberdade de comércio e capitais para promover o progresso da nova corte. Não seria de modo algum incompatível a influência benéfica e civilizadora do comércio e da presença inglesa, com a maturação das forças autônomas de reforma e de regeneração que justamente a pressão sábia da Inglaterra favorecia, criando condições para que surgissem livremente as necessárias providências que se impunham para a formação e consolidação da ordem pública e do Estado no Brasil. O progresso e a prosperidade material dos últimos anos do século XVIII estariam diretamente vinculados à afirmação da ascendência britânica.

Com a vinda da corte, impunha-se a reforma dos males do sistema colonial português. Concordaria com as sugestões de Hipólito da Costa, tendentes à liberalização das instituições políticas

e da economia. Tratava-se de amenizar o despotismo militar e a tirania do poder público nas províncias, de regenerar e reavivar a antiga influência dos senados da câmara⁽⁵⁰⁾, de acabar com o clima de arbitrariedades, de espíões e de denúncias que geravam a insegurança social e a desconfiança entre os cidadãos⁽⁵¹⁾, de reformar a justiça e de assegurar sua aplicação⁽⁵²⁾; de acabar com monopólios da coroa, que atrofiavam a energia e a iniciativa particular⁽⁵³⁾, de acabar com o sistema tirânico de cobrança de

(50) "... Hitherto the Governors had exercised despotic authority in their respective Captaincies, ... regulated by no laws, checked by no usages, standing in no fear of public opinion, and controlled by no responsibility: they were as absolute as so many Bashaws; and had this advantage over the Turkish Sub-despots, that their own heads were perfectly secure from the scymitar and the bow-strong. In former times, when any fresh contribution was required for the service of the State, the matter was proposed by the Governor to the *Camara*, and settled with the consent of the people: this right the Chambers and the people continued to exercise, till the last vestiges of good government were extinguished in Portugal; and then the arbitrary system, under which the Mother Country declined, was extended to Brazil. The colonial Government then obtained a mere military character, and the Chambers were called upon not to consult but to obey... In these latter times, it has been but too plainly demonstrated, how difficult it is to temper with a wholesome mixture of democracy, a government which has long been absolute; every attempt has only tended to show the extreme danger of the experiment: but where good laws, and good old customs, have only fallen into disuse, it is a safe and practicable measure to restore their efficiency..." (III, 870).

(51) "Pombal relied upon his despotic police as a security against all disaffection. It is surprising to what an extent the system of vigilance was carried in Brazil. One who had been Intendant of the Forbidden District in Minas Geraes, has said, that there was not a single inhabitant in the whole *Comarca* of Serro Frio of whom he had not some knowledge; and when he was *Ouvidor* of Sabara (a *Comarca*, according to his estimate, one hundred and forty leagues long, and one hundred wide), he knew every one of the inhabitants, in like manner. Nor was this the effect of any remarkable activity on his part; all the other Magistrates, he says, where equally well acquainted with their districts... How easily, and how efficaciously might this knowledge be applied to the purpose of enforcing good laws! But the Court of Brazil has yet to learn, that it is the first and most important duty of a Government to execute justice, and to maintain laws; and that the security which individuals enjoy for their persons and property, is the best pledge for the security of the state..." (III, 875).

(52). "The administration of Justice in criminal cases was scandalously remiss, and in all cases shamefully corrupt. Inasmuch as the ministers of justice were not liberally paid, the Government was culpable; and Government also was answerable for its encouragement to deeds of violence, which was given by the general impunity of the criminals. But the degree of purity with which the laws are administered, is one criterion of the standard of morals; and the test shows that they were at a low ebb in Brazil, and that the defect was not supplied in public men, by any sense of honour. A reformation in this point, while it obtained credit for the Government, would be among the surest means of improving the Character of the people..." (III, 871); "... the worst part of Pombal's administration had survived him: a character of oriental despotism had been given to the Government in all its branches, for which the Portuguese had been prepared by the maladministration of the laws, and by the yoke of the Inquisition. The subalterns of Government were entrusted with power which ought not to have been confided even to the most intelligent and virtuous of men; what wonder if it was frequently abused? Caprice held the place of law, and justice was sacrificed to any consideration of interest... Things might not possibly be worse in this respect in Brazil, than they were in the Mother Country. The oppression to which individuals were exposed, appear incredible to those whose happiness it is to live under the protection of good laws..." (III, 874).

(53) "The greatest restriction under which Brazil laboured, was the monopoly of its trade, which the Mother Country claimed and enforced so rigidly. The evil necessarily ceased upon the removal of the Court; and other evils will cease also..." (III, 877).

impostos por intermédio da arrematação a particulares⁽⁵⁴⁾, e de pôr fim ao bárbaro sistema de recrutamento militar⁽⁵⁵⁾. Além disso, e sobretudo, de rever a situação da Igreja com relação à coroa e ao Estado⁽⁵⁶⁾ e de concentrar todos os esforços do governo na obra de educação, de ilustração, do ensino e da integração das gentes dentro do corpo social (III, 875-6). Esperava, ademais, a regeneração da Igreja católica sob a influência benéfica da Igreja anglicana. Este seria um ponto de partida fundamental e o verdadeiro descerrar de uma nova era!

O otimismo do historiador fazia parte da missão sagrada que se acreditava destinado a desempenhar. Como vimos, não coincidia muito com o tom sombrio de sua correspondência particular.

Southey, que convivera com membros da feitoria inglesa em Lisboa, com os quais mantinha contatos na Inglaterra, não subestimaria o alcance do poder e da influência inglesa na metrópole e na colônia. Para Southey, fora o tratado de Utrecht, e pois, indiretamente, a consolidação da ascendência inglesa, que assegurara a enorme expansão territorial e o surto da civilização na colônia, no correr do século XVIII (III, 157). Na época de Pombal, "todo o comércio do Brasil funcionava com capitais e produtos ingleses" (III, 550). A fundação do novo império e a vinda da corte, a abertura dos portos e a nova era de reforma e de progresso que se abria para o Brasil, estariam também diretamente vinculadas à proteção e aos benefícios da presença inglesa no Brasil.

Southey defendia a Inglaterra das acusações de franceses, espanhóis, e dos próprios portugueses, de que "exercia completo

(54) "The system of farming the taxes was followed in Brazil, though the experience of European states might have shown, that by that system Governments at once lessen their revenue and their influence, and pay a dear price for unpopularity. The tax-farmers let out their districts in small portions; these were again subdivided; at every step a profit was to be made; and probably not half the sum, which was levied upon the people found its way to the state. Monopolies were in the same manner injurious to both parties..." (III, 871).

(55) "... the practice was in the last degree iniquitous and oppressive: and when a general recruiting was ordered in any populous Captaincy, the Country appeared almost in a state of civil war..." (III 873).

(56) "...There will yet remain the evil of an idolatrous and corrupt religion; necessarily intolerant, because of its claims to infallibility; necessarily hostile to improvement, because of its intolerance; and necessarily injurious to morals, because of the practice of confessions and the celibacy which it has imposed upon the clergy; ... a religion, which by its abuses provokes enquiring minds to infidelity and atheism, while it nurses up the ignorant in the grossest superstition. But even this evil, great and inveterate as it is, is not hopeless: the influence of Rome can never be felt in Brazil, as it has been in Portugal; the Inquisition has never been established there to draw down divine vengeance upon the land; and perhaps there is no part of the world in which that temperate reformation, which pious and judicious Catholics in all ages have desired, is so likely to begin: ... a reformation which might lead to the reform of Catholic Christendom, and render that reunion of the Church, which is so greatly to be wished, no longer an impossible project, and a vain desire. God, in his mercy, prepare the Brazilians for this happy change..." (III, 878-9).

domínio sobre Portugal, tratando-o como um Estado dependente e monopolizando seu comércio por intermédio de uma influência prepotente, extremamente nociva ao bem-estar dos domínios portugueses... Sobre este assunto (acrescenta) disponho da melhor e da mais completa documentação e posso assegurar aqui (o que provarei um dia, se viver para terminar a História de Portugal) que, em seu intercâmbio com Portugal, a Grã-Bretanha sempre obedeceu a princípios de perfeita equidade, e nunca praticou o menor deslize, a não ser quando, movida pelos mais honrosos sentimentos, foi levada a submeter-se a restrições injustas e injuriosas" (III, 551). Southey não esqueceria os direitos garantidos pelos tratados de 1654 e 1703 aos ingleses de comerciar no Brasil. A atitude tomada pelo governo inglês, quando Pombal criou as companhias privilegiadas, privando "injustamente" os ingleses de seus direitos adquiridos, demonstrava, a seu ver, o profundo respeito que tinha a monarquia britânica e a sua preocupação de nunca interferir "com os regulamentos que o rei de Portugal pudesse achar convenientes para seus próprios súditos e suas próprias colônias" (ibid.).

Além da missão civilizadora, do progresso material, que atribuíam ao predomínio inglês, Southey também desvendava forças internas capazes de consolidar a regeneração das colônias portuguesas, principalmente nas potencialidades de atuação de uma elite mais europeizada e ilustrada. Num ímpeto de crítica contra o seu próprio meio, observava que os portugueses, melhor do que os ingleses, tinham sabido formar uma elite de intelectuais conscienciosos e de grande visão (III, 830). No final das contas, a obra que ele mesmo escrevera, concedia o historiador (sem entretanto romper com seu etnocentrismo cultural de anglo-saxão), fora inspirada e elaborada com base em manuscritos preciosos, ricos de dados e de penetração, devidos a funcionários obscuros a serviço da coroa portuguesa, profundamente empenhados na reforma dos males que afligiam sua terra (III, 831).

Tinha a fé intelectualista no poder atuante de reformas racionais e dava largas ao seu idealismo moralista:

Nem devemos menoscabar a humanidade ao ponto de cuidarmos que os vícios, tão generalizados em toda a parte, sejam universais neste ou naquele lugar. Da própria natureza do mal é o manifestar-se e do bem o dissimular-se... No Brasil tudo se encaminhava para a melhora do povo; ela era desejada do governo, promovida pelo teor das leis e favorecida pelo espírito dos tempos... (ibid.)

Feita esta concessão à potencialidade das elites dirigentes no Brasil, apegava-se principalmente ao teor benéfico do “espírito dos tempos” que refletia a presença do comércio inglês na América do Sul. Apesar de ser um dos expoentes da reação romântica contra a industrialização da Inglaterra, Robert Southey acreditava na influência promissora do monopólio industrial dos ingleses nos trópicos. Consolava-o este papel regenerador distante. Como vimos, seria o seu modo de reconciliar-se com a sua própria terra, de cujos destinos mostrava-se pessimista e descrente. Não seria o último a arcar com as ambigüidades tão bem expressas na frase de Kipling, que dá nome a este livro, e das quais num sentido mais amplo e desvencilhado do contexto da sua conjuntura histórica, ainda partilhamos os revezes.

BIBLIOGRAFIA

Fontes Primárias Manuscritas

Fitz Park Museum (Keswick) Mss — Cartas para o Rev. Herbert Hill (1809-1823), ff 1-70; (1807-1838), ff 1-164.

British Museum Add. Mss

Eg. 2159, f 88 (Carta a William Gifford, de 16 de abril de 1829)

Eg. 2841 (Cartas de historiadores Robert Southey, John Allen, Hallam, Lingard etc. sobre a criação e organização do Record Office etc.)

18 204 (Coleção de autógrafos — Carta a John Adamson, 15 de outubro de 1811)

28 603, ff 1-89 (Cartas para General William Peachy, 1808-1837)

30 927, ff 1-281 (Cartas para Thomas Southey, 1794-1831)

30 928, ff 1-129 (Cartas a Charles Danvers, 1799-1813) — secção 8 a 10

47 888, 1.^a a 17.^a secção (Cartas a Sra. Edith Southey, 1799-1830)

8.^a a 12.^a secção (Cartas a sua filha Edith May)

13.^a secção, ff 1-20 (Cartas a seu genro J. W. Warter, 1829-1834)

47 890, 1.^a a 6.^a secção (Cartas para Thomas Southey, 1794-1804 e 1809-1837)

47 890, secção 8 a 12 (Cartas a Charles Danvers, 1800-1813)

secção 14.^a (Cartas a Mr. e Mrs. Browne, 1811-1813)

47 890, 18.^a secção (Cartas a John King, 1802-1815)

50 850 k (Carta ao General Sir Charles Williams Pasley, junho 1818)

Bristol Central Library Mss b 22 438

b 22 463

b 22 464

b 22 465

b 20 860

b 20 862

b 20 863

b 20 867

b 20 871

b 20 872 (Prospecto impresso das conferências de 1795 com uma lista manuscrita das fontes consultadas por Southey e Coleridge)

- Biblioteca Brotherton, Universidade de Leeds, Inglaterra*
 Coleção de cartas autógrafas de Robert Southey para John May e outros (1793-1833).
- National Library of Scotland,*
Mss 581, 582, 844, 845, 849, 868, 935, 1817 (Diversos)
Ms 853, ff 92-133 (Correspondência com Walter Scott)
Ms 2257, ff 212-220 (Cartas de Walter Scott, comentando a *História do Brasil*)
Mss 3878, ff 18-108; 3879; 3882 (Diversos)
 2528 (Correspondência com W. Gifford etc.)
- Edinburgh University Library* — Correspondência com David Laing (1808-1825)
- National Library of Wales (Aberystwyth)*
 Coleção Charles W. W. Wynn, *Mss* 4811 e seguintes (1794-1838)
- Bodleian Library (Oxford)*
Ms Eng. Letters c. 22 (Correspondência com G. G. Bedford — 1792-1796)
Ms Eng. Letters c. 23 (1797-1805)
Ms Eng. Letters c. 24 (1806-1812)
 c. 25 (1821-1825)
Ms don. d. 3. (Correspondência com Henry H. Southey, 1798-1816)
Ms don. d. 4 (1816-1826)
Ms don. d. 5 (1827-1839)
Ms don. d. 86 (Correspondência com Dr. Gooch)
Ms Eng. Letters d. 110 (Correspondência com Nicholas Lightfoot. (1796-1837)
- Yale University Library Mss* — Correspondência com John May (1808-1831)
- Hispanic Society of America (Nova York)*
 Notas manuscritas para a *História do Brasil*, maços 1-14.
 Notas manuscritas para a *História de Portugal*, maços 1-18.
 Cf. o restante da bibliografia nas notas de rodapé.